

A SABEDORIA ANTIGA
Exposição sintética da Filosofia
Teosófica

ANNIE W. BESANT

Tradução

Alcyr Anisio Ferreira

DEDICADO

COM GRATIDÃO, REVERÊNCIA E AMOR

À

H.P. BLAVATSKY

QUE ME MOSTROU A LUZ

PREFÁCIO

A finalidade deste livro é colocar nas mãos do leitor em geral um resumo dos ensinamentos teosóficos, suficientemente simples para atender o leitor comum, e suficientemente completo para estabelecer uma sólida fundação para o conhecimento posterior. Espera-se que possa servir como uma introdução às obras mais profundas de H.P. Blavatsky, e ser um adequado degrau para o seu estudo.

Aqueles que aprenderam um pouco da Sabedoria Antiga conhecem a iluminação, a paz, a alegria, a energia que as suas lições trouxeram para suas vidas. Que este livro possa atrair alguns para refletir sobre os seus ensinamentos e mostrar para eles o seu valor, é o anseio com que é apresentado ao mundo.

Agosto, 1897

ANNIE BESANT

SUMÁRIO

[Introdução](#)

[O Plano Físico](#)

[O Plano Astral](#)

[Kamaloka](#)

[O Plano Mental](#)

[O Devachan](#)

[Os Planos Búdico e Nirvânico](#)

[A Reencarnação I](#)

[A Reencarnação II](#)

[O Karma](#)

[A Lei do Sacrifício](#)

[A Ascensão Humana](#)

[A Construção de um Cosmo](#)

INTRODUÇÃO

A unidade fundamental de todas as religiões

O pensamento reto é imprescindível para uma reta conduta e para a reta compreensão do reto viver. Quer se nos apresente sob seu antigo nome sânscrito “Brahma Vidya”, ou sob a designação moderna tirada do grego “Teosofia”, a Sabedoria Divina nos auxilia na realização deste duplo objetivo. Apresenta-se ao mundo igualmente como uma filosofia adequada e como religião e moral universais. Um sincero devoto disse que nas Escrituras Cristãs havia passagens que uma criança poderia atravessar facilmente, e abismos onde um gigante seria obrigado a nadar. O mesmo podemos dizer da Teosofia, porque, de seus ensinamentos, uns são tão simples e práticos, que qualquer pessoa de inteligência mediana pode compreender e aplicar, enquanto que outros são tão elevados e profundos, que o espírito mais hábil curva-se exausto quando se obstina em devassar-lhe o sentido.

Esta obra é destinada a apresentar ao leitor uma exposição simples e clara da doutrina teosófica, mostrando que seus princípios gerais e seus ensinamentos formam uma concepção coerente do Universo e fornece os detalhes necessários a fazer sobressair o encadeamento destes princípios e suas ligações mútuas.

Uma obra clássica elementar não pode ter a pretensão de expor toda a ciência que se encontra nas obras mais complexas, mas deve deixar o estudante com idéias fundamentais sobre o assunto, com muito a acrescentar pelo estudo futuro e pouco para reformular. No quadro que um tal livro forma, o estudante poderá dispor os detalhes de suas investigações ulteriores.

É unânime a concordância de que uma análise cuidadosa das grandes religiões do mundo mostra que elas têm de comum muitas idéias religiosas, morais e filosóficas. Apesar dessa unanimidade, a explicação do fato gera muita controvérsia. Muitos pretendem que as religiões nasceram do solo da ignorância humana, cultivada pela imaginação, e que foram sendo gradualmente elaboradas, a partir das formas grosseiras do animismo e do fetichismo. As suas analogias são atribuídas aos fenômenos universais da Natureza, imperfeitamente observados e explicados de uma maneira caprichosa. Uma corrente de pensamento dá como chave universal o culto ao Sol e aos astros; para outra, a chave, não menos universal, é o culto fálico. O medo, o desejo, a ignorância e o assombro levaram o homem primitivo a personificar os poderes da Natureza e depois os sacerdotes exploraram os seus terrores e suas esperanças, suas imaginações obscuras e suas indagações desnorteadas; e os mitos foram se transformando em escrituras e os símbolos em fatos; e como a base deles era a mesma em toda a parte a semelhança dos resultados era inevitável.

Assim falam os doutores da “mitologia comparada” e, sob a avalanche de provas, as pessoas simples são levadas ao silêncio, embora não convencidas. Elas não podem negar as analogias, mas não deixam de se interrogar com uma vaga inquietação: “as mais sublimes concepções do homem, suas mais caras esperanças são apenas o produto dos sonhos do selvagem e das dubiedades da ignorância? Todos os grandes condutores da humanidade viveram, trabalharam, sofreram, e morreram na ilusão, pela simples personificação de fatos astronômicos, ou pelas obscenidades dissimuladas dos bárbaros?”.

A segunda explicação da base comum das religiões humanas postula a existência de um ensinamento original, sob a custódia de uma Fraternidade de grandes Instrutores espirituais. Estes Mestres, frutos dos ciclos passados da evolução, tiveram por missão instruir e guiar a humanidade infantil em nosso planeta. Transmitiram às suas raças e nações, sucessivamente, as verdades fundamentais da religião, sob a forma mais adaptada às necessidades especiais daqueles que deviam recebê-las. Segundo esta opinião, os fundadores das grandes religiões são membros desta Fraternidade Una, e foram ajudados, em sua missão, por uma plêiade de outros membros menos elevados que eles, iniciados e discípulos de diversos graus, eminentes por sua intuição espiritual, por seu saber filosófico, ou pela pureza de sua sabedoria ética. Estes homens dirigiram as nações nascentes, guiando-as no caminho da civilização e dotando-as de leis; monarcas, eles as governaram; filósofos, eles as instruíram; sacerdotes, eles as guiaram. Todos os povos antigos tem reminiscência destes homens poderosos, heróis e semideuses, e a arquitetura, a literatura e a legislação desses povos antigos conservam de tais homens

traços indeléveis.

Parece difícil negar a existência desses homens, diante da tradição universal, dos documentos escritos ainda existentes e dos vestígios pré-históricos, em ruínas em toda a parte, sem mencionar outras evidências que o ignorante recusaria. Os livros sagrados do Oriente são fiéis testemunhas da grandeza daqueles que os escreveram; pois quem, em dias posteriores, ou nos tempos modernos, pode mesmo aproximar-se da grandiosidade espiritual do pensamento religioso daqueles seres, do esplendor intelectual de sua filosofia, da amplitude e pureza de sua ética? E quando percebemos o que estes livros encerram sobre Deus, o homem e o Universo, ensinamentos em substância idênticos, sob uma múltipla variedade de aparência exterior, não parece irracional relacioná-los a um único corpo fundamental de doutrina, ao qual damos o nome de Sabedoria Divina, ou sob a forma grega: Teosofia.

Sendo como é origem e base de todas as religiões, a Teosofia não se opõe a nenhuma delas. Ao contrário, purifica-as, revelando a alta significação interior de inúmeras doutrinas, tornadas errôneas em sua forma exterior, pervertidas pela ignorância e superstição. Em cada uma destas formas a Teosofia se mostra e se afirma e procura em cada uma delas revelar sua sabedoria oculta. Para nos tornarmos um teósofo não há necessidade de deixarmos de ser cristão, ou budista ou hinduísta. Basta que o homem penetre mais profundamente no coração de sua própria fé, abraçando mais firmemente as suas verdades espirituais e analisando com um espírito mais amplo os seus ensinamentos sagrados. Depois de ter outrora dado nascimento às religiões, a Teosofia vem hoje justificá-las e defendê-las. É o bloco no qual todas foram talhadas, é como a escavação profunda da pedreira donde todas foram extraídas. Diante do tribunal da crítica moderna, ela vem justificar as mais profundas aspirações e as mais nobres emoções do coração humano. Confirma as esperanças que depositamos no homem e nos restitui, mais enobrecida, nossa fé em Deus.

A verdade desta asserção torna-se cada vez mais evidente, à medida que estudamos as diversas Escrituras sagradas do mundo e o que analisemos dentre a riqueza do material disponível basta para verificar o fato e guiar o estudante na investigação de novas provas.

As verdades espirituais fundamentais da religião podem resumir-se no seguinte:

I. Uma existência real, eterna, infinita, incognoscível;

II. Do Todo procede o Deus manifestado, desdobrando-se de unidade em dualidade, de dualidade em trindade;

III. Da Trindade manifestada procedem inumeráveis inteligências espirituais, guias da atividade cósmica;

IV. O homem, reflexo do Deus manifestado, se compõe, por isto, de uma trindade fundamental, sendo eterno o seu Ser interior e real, e forma uma unidade com o Ser do universo.

V. Ele evolui por encarnações repetidas para as quais é atraído pelo desejo; e das quais se liberta pelo conhecimento e sacrifício, tornando-se divino em realidade, como sempre o fora em potencialidade.

A China, cuja civilização está atualmente em estado retrógrado (1), foi outrora povoada pelos turanianos, a quarta subdivisão da quarta Raça-Raiz, a raça que habitou o continente desaparecido da Atlântida e que cobriu com suas ramificações a superfície do globo. Os mongóis, sétima e última subdivisão da mesma raça, vieram mais tarde reforçar a população desta região, de maneira que na China encontramos tradições de uma alta antigüidade, anteriores ao estabelecimento, na Índia, da quinta raça, a raça ariana.

No Ching Chang Ching ou Clássico da Pureza, encontramos um fragmento de uma antiga Escritura, de singular beleza, onde se sente este espírito de calma e de paz, tão característico do “ensinamento original”.

No prefácio de sua tradução (1) o Sr Legge diz que este tratado é atribuído a Ko Yüan ou Hsüan, um taoista da dinastia Wu (222- 227 D.C.). Conta-se que este sábio atingiu a condição de Imortal, título com que é geralmente designado. Representam-no executando milagres, dado também à intemperança e muito excêntrico em seus hábitos.

Tendo um dia naufragado, surgiu do fundo das águas sem que suas vestes estivessem molhadas e andou calmamente na superfície do mar. Finalmente subiu ao Céu em pleno dia. Todos estes relatos podem ser atribuídos a fantasias de época ulterior.

Tais narrativas são freqüentemente contadas sobre Iniciados de diferentes graus, e não são necessariamente invenções fantásticas, mas o que o próprio Ko Yuan diz com relação ao seu livro nos interessará ainda mais:

“Quando alcancei o verdadeiro Tao, eu tinha recitado este Ching (livro) dez mil vezes. Assim praticam os Espíritos Celestes, e este livro não foi comunicado aos eruditos deste mundo inferior. Foi-me dado pelo Divino Regente do Hiva

oriental; este o recebera do Divino Regente da Porta de Ouro; este último o recebera da Mãe Real do Ocidente”.

Ora, o título de “Divino Regente da Porta de Ouro” era o do Iniciado que governava o império tolteca na Atlântida, e o emprego deste título parece indicar que o Clássico da Pureza foi levado da Atlântida para a China, quando os turanianos se separaram dos toltecas. Esta idéia é corroborada pelo conteúdo deste curto tratado, que tem como assunto o Tao, literalmente o Caminho, nome que designa a Realidade Una na antiga religião turaniana e mongol. Assim lemos:

“O Grande Tao não tem forma corpórea, mas foi ele quem produziu e alimenta o Céu e a Terra”.

“O Grande Tao não tem paixões, mas é a causa das revoluções do Sol e da Lua. O Grande Tao não tem nome, mas é Ele quem mantém o crescimento e a conservação de todas as coisas” (i, l).

Tao é Deus manifestado como unidade, mas a dualidade se sucede:

“Agora Tao aparece sob duas formas, o Puro e o Impuro, e possui as duas condições de movimento e repouso. O Céu é puro e a Terra impura; o Céu move-se, mas a Terra está em repouso. O masculino é puro e o feminino é impuro ; o masculino move-se e o feminino está em repouso. O radical (Pureza) desceu e o resultado impuro se espalhou em todos os sentidos, e assim todas as coisas foram geradas”.

Esta passagem é particularmente interessante, porque põe em evidência os dois aspectos ativo e receptivo da Natureza, a distinção entre o Espírito, o gerador, e a matéria, a nutriente, distinção tão familiar em escritos posteriores.

No *Tao Teh Ching* o ensinamento tradicional com relação ao Não Manifestado e ao Manifestado ressalta claramente:

“O Tao que pode ser trilhado não é o Tao eterno e imutável. O nome que pode ser indicado não é o nome eterno e imutável. Não tendo nome algum, é Aquele que produziu o Céu e a Terra; quando possui nome, é a Mãe de todas as coisas... Sob estes dois aspectos, é, na realidade, o mesmo, mas à medida que se produz o desenvolvimento, recebe os diferentes nomes. Juntos, nós os chamamos de Mistério (1,2,4). Os que estudam a Cabala lembrar-se-ão de um dos Nomes Divinos, “O Mistério Oculto”. De novo:

“Havia algo indefinido e completo, vindo à existência antes do céu e da terra. E como era tranqüilo e sem forma, solitário e inalterável, estendendo-se por tudo e sem risco de se extinguir!. Pode ser considerado como a Mãe de todas as coisas. Eu não conheço o seu nome e o designo pelo termo Tao. Fazendo um esforço para dar-lhe um nome, eu o chamo o Grande. Grande, segue o seu curso como um fluxo contínuo. E ao passar, se afasta. E tendo se afastado, volta (xxv, 1-3)”

É extremamente interessante achar aqui esta idéia de emanção da Vida Una, tão familiar para nós na literatura hindu. O versículo seguinte também parece familiar:

“Todas as coisas que estão sob o Céu surgiram Dele como existentes (e com um nome); essa existência surgiu Dele como não-existente (e sem um nome)” (xl,2)

Para que um universo possa existir, o Não Manifestado deve emanar o Uno, de onde procedem a dualidade e a trindade :

“O Tao produziu UM; UM produziu DOIS; DOIS produziu TRÊS; os TRÊS produziram todas as coisas. Todas as coisas deixam atrás de si a Obscuridade (de onde elas vieram) e avançam para envolverem-se na Luz (na qual se desenvolvem) enquanto são mantidas em harmonia pelo Alento da Infinitude Espacial” (xlii, I). “O Alento do Espaço” seria uma melhor tradução . Tendo tudo saído d’Aquele, Aquele existe em tudo.

“O Grande Tao a tudo permeia . Encontrâmo-lo tanto à esquerda como à direita. Ele envolve todas as coisas como uma roupagem, mas, em absoluto, se arroga como seu senhor. Ele pode ser encontrado nas menores coisas. Todas as coisas retornam à sua raiz e desaparecem, sem saber que é Ele que rege o seu retorno. Ele pode ser encontrado nas maiores coisas (xxxiv, 1, 2)”.

Chwang-ze (quarto século antes de J.C.), em sua exposição dos ensinamentos antigos, faz alusão às Inteligências espirituais que procedem do Tao:

“Ele tem em si mesmo sua raiz e sua causa de existência. Antes que houvesse céu e terra, em tempos remotos, Ele existia infalivelmente. Dele proveio a misteriosa existência de espíritos, d’Ele, a misteriosa Existência de Deus (Livro vi, 1ª parte, sec.vi, 7)”.

Segue-se uma lista de nomes destas Inteligências. Mas o papel preponderante que representam esses seres na religião chinesa é de tal maneira conhecido, que se torna inútil multiplicar as citações sobre eles.

O homem é considerado como uma trindade. O Taoísmo, diz o Sr. Legge, reconhece nele o espírito, a mente e o corpo. Esta divisão aparece claramente no *Clássico da Pureza*, quando diz que o homem deve libertar-se do desejo de atingir a união com o Uno:

“Ora, o espírito do homem ama a pureza, mas sua mente o perturba. A mente do homem ama a tranqüilidade, mas seus desejos a afastam. Se ele pudesse evitar sempre os seus desejos, sua mente tornar-se-ia tranqüila. Que sua mente fique pura, e seu espírito torna-se-á puro ...A razão pela qual os homens são incapazes de atingir este estado é que suas mentes não estão perfeitamente puras e seus desejos não foram afastados. Se o homem consegue afastar os seus desejos, então ao contemplar a sua mente, ela não é mais sua; ao contemplar o seu corpo, ele não é mais seu; e quando volta seu olhar para mais longe, para as coisas de fora, nada há mais de comum entre eles e elas .” (i,3,4).

Em seguida, depois de expor as etapas do caminho que conduz interiormente para o “estado de perfeita tranqüilidade”, ele pergunta:

“Como poderá nascer algum desejo, neste estado de repouso, independente de lugar?. E quando nenhum desejo mais se manifesta, nascem a calma real e o verdadeiro repouso. Esta calma real torna-se uma qualidade constante e é impassível em relação às coisas exteriores. Na verdade, esta qualidade real e constante mantém domínio sobre a natureza. Nesta constante relação e constante tranqüilidade há a constante pureza e repouso. Quem possui esta absoluta pureza entra gradualmente na inspiração do verdadeiro Tao”.

As palavras “inspiração do”, acrescentadas pelo tradutor, tendem antes a velar o sentido do que em esclarecê-lo, porque penetrar no Tao está inteiramente de acordo com a idéia expressa e com outras escrituras sagradas.

O taoísmo insiste muito no aniquilamento do desejo; um comentarista do *Clássico da Pureza* observa que a compreensão do Tao depende da pureza absoluta e que:

“A aquisição desta pureza absoluta depende inteiramente da abdicação do desejo, o que é a lição insistente e prática deste tratado”

O *Tao Teh Ching* diz:

“Sem desejo sempre devemos nos achar

Se seu profundo mistério havemos de sondar;

Mas, se o desejo em nós sempre permanecer,

Dele apenas seu atraente gozo resta-nos perceber” (1,3)

A reencarnação não parece ter sido ensinada tão nitidamente como poderia se esperar, embora encontremos passagens que sugerem tacitamente esta idéia fundamental, e que se considera que o ser passa através de nascimentos, tanto animais como humanos. Assim, Chwang-ze conta-nos a história original e instrutiva de um moribundo, a quem seu amigo diz:

“Na verdade, o Criador é grande! Em que te transformará Ele agora? Onde te levará Ele agora? Fará de ti o fígado de um rato ou a pata de um inseto? Szelaiz responde: “Seja para onde for que um pai ordene a seu filho ir, para este, oeste, sul ou norte, o filho obedece simplesmente ... Suponhamos um grande fundidor ocupado em fundir o seu metal. Se o metal se levanta subitamente (no cadinho) e diz, “Quero ser modelado em uma espada semelhante ao Moysh”, o grande fundidor certamente acharia a coisa estranha. Assim, também, quando uma forma estiver sendo preenchida no molde da matriz, se ela exclama: “Quero ser um homem, quero ser um homem”, o Criador acharia certamente a coisa estranha. Uma vez que compreendamos que o Céu e a Terra é um grande cadinho de mistura e o Criador um grande fundidor, aonde tenhamos que ir não será isso adequado para nós? Nascemos como que de um tranqüilo sono e morremos para um calmo despertar.” (Livro vi.P.i, Sec.vi)

Tomemos a quinta raça, a raça ariana, encontramos os mesmos ensinamentos incorporados na mais antiga das religiões arianas, a religião bramânica. A Existência Eterna é proclamada no *Chandogyopanishad* como o “Uno apenas, sem um segundo” e está escrito:

“Pela vontade multiplicarei para o bem do universo” (VI, II, 1, 3).

O Supremo Logos, Brahman, é tríplice: Ser, Consciência e Bemaventurança, e é dito:

“Deste procedem a vida, a mente e todos os sentidos, o éter, o ar, o fogo, a água e a terra que suporta tudo (*Mundakopanishad*, ii, 3).

Em parte alguma se encontram descrições mais grandiosas do Ser Divino do que nas Escrituras hindus. Mas elas se tornam tão familiares que bastam algumas breves citações. Eis algumas das jóias preciosas que se encontram em

profusão:

“Manifestado, próximo, movendo-se em algum lugar secreto, morada imensa onde repousa tudo o que se move, tudo que respira e fecha os olhos. Sabei que é necessário adorar Aquilo, que é por sua vez ser e não-ser, o melhor, muito além da compreensão de todas as criaturas; luminoso, mais sutil que o sutil, n’Ele estão contidos os mundos com seus habitantes. Este é o imperecível Brahman. É também Vida, Voz e Mente ... Em sua nuvem de ouro mais elevada, é o imaculado, o indivisível Brahman. Aquilo, a pura Luz das luzes, conhecido daqueles que conhecem o Ser ... Este imperecível Brahman está à frente, Brahman também está atrás, Brahman está à direita e à esquerda, em cima e embaixo, permeante; este Brahman é, na verdade, o Todo. É o sublime “(*Mundakopanishad*, II,ii, 1,2,9,11)”.

“Muito além do universo, Brahman, o Supremo, o Grande, oculto em todos os seres, segundo seus corpos respectivos, o Alento único de todo o Universo, o Senhor, ao conhecerem-no, os homens tornam-se imortais. Eu conheço este poderoso Espírito, o Sol que brilha além das trevas ... Eu O conheço, o Indelével, o Antigo, a Alma de todos, onipresente por Sua natureza, a quem os conhecedores de Brahman chamam o não-nascido, a quem eles chamam o Eterno (*Shvetashvataropanishad*, iii, 7,8,21).

“Quando não há trevas, nem dia nem noite, nem ser nem não-ser, Shiva, subsiste ainda, solitário; Aquele, o indestrutível, Aquele que deve ser adorado por Savitri; d’Aquele surgiu a Sabedoria Antiga. Nem em cima, nem em baixo, nem no centro pode Ele ser compreendido. Nada existe comparável a Ele cujo nome é Gloria infinita. O olhar não pode precisar sua forma, ninguém pode com sua vista contemplá-IO. Aqueles que O conhecem pelo coração e pela mente e O trazem no coração, tornam-se imortais” (Ibid.Iv,18-20)

A idéia de que o homem, em seu Ser interior, é uno com o Ser do Universo - “Eu sou Aquilo” – impregna tão profundamente todo o pensamento hindu, que o homem é muitas vezes designado como sendo a “cidade divina de Brahman” (1) a “cidade de nove portas” (2) e que Deus mora na cavidade de seu coração (3)

“Há apenas uma única maneira de ver o Ser que não pode ser demonstrado, que é eterno, imaculado, mais sutil do que o éter, não nascido, a grande Alma Eterna ...Esta grande Alma, não nascida, é a mesma que mora como alma inteligente em todas as criaturas vivas, a mesma que mora como éter no coração (4), em latência; a todos sujeita e de todos é o Regente, o Soberano Senhor de todos; não se torna maior pelas boas obras, nem se diminui com as más. É O que tudo governa, Soberano Senhor de todos os seres, o Preservador

de todos os seres, a ponte e sustentáculo dos mundos, para que eles não caíam em ruínas”. (*Brihadaranyakopanishad*, IV, iv,20,22, tradução do Dr. E. Roer).

Quando Deus é considerado como o evolucionador do universo, seu tríplice caráter aparece nitidamente como Shiva, Vishnu e Brahma, ou ainda como Vishnu dormindo sob as águas, o Lótus elevando-se de seu seio e no lótus Brahma. O homem é igualmente tríplice e no *Mandukyopanishad* o Ser é descrito como condicionado pelo corpo físico, pelo corpo sutil e pelo corpo mental e, então, desvencilhando-se de todos eles, junta-se ao Uno “*sem dualidade*”. Da Trimurti (Trindade) procedem numerosos deuses encarregados de administrar o universo, aos quais o *Brihadaranyakopanishad* refere:

“Adorai-O, ó Deuses, por quem o ano executa o ciclo de seus dias, a Luz das luzes, como a Vida Imortal”. (IV, iv,16).

Torna-se supérfluo dizer que o bramanismo ensina a doutrina da reencarnação, pois que toda a sua filosofia sobre a existência repousa nesta peregrinação da alma através de muitos nascimentos e mortes, e livro algum poderia ser aceito se não confirmasse esta verdade.

O homem fica preso, por seus desejos, a esta roda que gira sem interrupção; eis porque deve libertar-se, pelo conhecimento, pela devoção e pelo aniquilamento dos desejos. Quando a alma conhece Deus, sente-se libertada (1). O intelecto purificado pelo conhecimento O contempla (2). O conhecimento ligado à devoção encontra a morada de Brahman (3). Todo aquele que conhece Brahman torna-se também Brahman (4). Quando cessam os desejos, o mortal torna-se imortal e obtém Brahman (5).

O budismo, tal como existe em sua forma no norte, está de perfeito acordo com as mais antigas fés; mas em sua forma no sul parece ter deixado escapar a idéia da Trindade Logóica, como a da Existência Una, de onde esta Trindade procede. O Logos em sua tríplice manifestação é designado como se segue: Amitabha, O Primeiro Logos, a Luz sem limites; Avalokiteshvara ou Padmapani (Chenresi), o Segundo; Manjusri, o Terceiro, “representando a Sabedoria criadora, e correspondendo a Brahma” (6).

O budismo chinês, aparentemente não contém a idéia de uma Existência primordial, além do Logos; mas o budismo do Nepal tem Adi-Budha, de quem Amitabha procede. Eitel considera Padmapani como representando a Providência Piedosa e corresponde, em parte, a Shiva, mas, como o aspecto da Trindade budista que produz as encarnações, parece antes representar a

mesma idéia que Vishnu, a quem está estreitamente associado pelos Lotos que traz na mão (o fogo e a água, ou o espírito e a matéria), como elementos primordiais do universo .

Quanto à reencarnação e ao Carma, são doutrinas no budismo de tal modo fundamentais, que se torna quase inútil insistir nisto, a não ser para assinalar o caminho da libertação e para ressaltar que, como o Senhor Buddha era um hindu pregando a hindus, as doutrinas brahmânicas são aceitas como verdadeiras em seu ensinamento, como seria de se esperar.

Ele foi um purificador e um reformador, e não um iconoclasta e procurou combater os acréscimos introduzidos pela ignorância, e não as verdades fundamentais que pertencem à Sabedoria Antiga.

“Os seres que seguem o caminho da Lei, que foi bem ensinada, atingem a outra margem do grande mar dos nascimentos e da mortes, tão difícil de se transpor” (Udanavarga, XXIX, 37).

É o desejo que prende o homem, e dele deve desembaraçar-se :

“Para aquele que esta preso pelas correntes do desejo, é duro libertar-se delas, diz o Bem-aventurado. O homem constante, que não se interessa pela felicidade que os desejos dão, rejeita seus laços e, em breve, atinge o Nirvana ... A humanidade não tem desejos duráveis: eles são transitórios para aqueles que os experimentam. Libertai-vos, portanto, daquilo que não pode durar e não vos conformeis com a morada da morte” (Ibid.ii,6,8).

“Aquele que aniquilou o desejo dos bens terrestres, a pecaminosidade, os grilhões da lascívia, que arrancou pelas raízes o desejo, ele, Eu o declaro, é um brahmane” (Ibid, XXXIII,68).

E o brahmane é o homem que “tendo perdido seu último corpo” (1), é definido como sendo aquele:

“Que, conhecendo suas moradas (existências) anteriores, percebe o céu e o inferno, o Muni (2), aquele que encontrou um meio de por fim aos nascimentos.” (Ibid. XXXIII, 55).

Nas Escrituras hebraicas exotéricas, a idéia da Trindade não aparece tão claramente, embora a dualidade se mostre, e o Deus a que se referem é obviamente o Logos e não o Uno Imanifestado.

“Eu sou o Senhor e outro não há absolutamente; Eu crio a Luz e formo a obscuridade; Eu faço a paz e crio o mal; Eu sou o Senhor que faz todas as coisas”. (Is.XLVII,7).

Filon, entretanto, expõe mais claramente a doutrina do Logos e encontramo-la também no quarto Evangelho:

“No princípio era o Verbo (Logos), e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus ...Todas as coisas foram feitas por Ele e nada que existe foi feito sem Ele”. (S. João, 1,1,3).

Na Cabala a doutrina do Uno, dos Três, dos Sete e do múltiplo se encontra claramente ensinada:

“O mais Antigo dos Antigos, o Desconhecido do Desconhecido tem uma forma e, ao mesmo tempo, não tem forma alguma. Ele tem uma forma pela qual o Universo se mantém. Ao mesmo tempo não tem forma alguma, pois que Ele não pode ser circunscrito. E quando no princípio Ele tomou esta forma (Kether, a Coroa, o Primeiro Logos) Ele permitiu saírem de Si nove Luzes brilhantes (a Sabedoria e a Voz, formando com Kether a Tríade e depois os Sete Sephiroth inferiores). É o Antigo dos Antigos, o Mistério dos Mistérios, o Desconhecido do Desconhecido. Tem uma forma que é parte d’Ele pela qual se nos mostra, como o Ancião acima de Tudo, como o Ancião dos Anciões, e como o Mais Desconhecido entre o Desconhecido. Mas, sob essa forma pela qual se faz conhecido, entretanto ainda permanece o Desconhecido”. (Zohar - A Cabala, por Isaac, Myer, pg.274-275).

Myer mostra que a “forma” não é “o Ancião de todos os Anciões”, que é Ain Soph. Mais adiante:

“Há no Altíssimo Três Luzes que se fundem numa única; elas são a base da Torah, e esta abre a porta a todos ... Vinde, vêde o mistério do Verbo! São estes três degraus e cada um existe por si mesmo e, no entanto, todos são Unos e confundem-se no Uno, nem estão separados um do outro ...Os três procedem do Uno, o Uno existe nos Três, é a força entre os Dois, os Dois nutrem o Uno, o Uno nutre a multiplicidade, assim o Todo é Uno” (Ibid., 373,375, 376).

É inútil dizer que os hebreus ensinavam a doutrina da pluralidade dos Deuses: “Quem é semelhante a Ti, oh Senhor, entre os Deuses? ”.

Eles consideravam também uma multidão de seres servidores, subordinados, os “Filhos de Deus”, os “Anjos do Senhor”, as dez “Hostes Angélicas”.

Com relação ao princípio do Universo, o Zohar ensina:

“No começo era a Vontade do Rei, anterior a toda existência manifestada por emanção desta Vontade. Ela modelou e gravou na Luz suprema e deslumbrante do Quadrante (a Tetractys ou Tétrade Sagrada) as formas de todas as coisas que, ocultas, deviam tornar-se visíveis e manifestadas”. (Myer, A Cabala, p.194,195).

Nada pode existir que não tenha a imanência da Divindade, e no que concerne à Reencarnação, é ensinado que a alma está presente na ideação divina, antes de vir à Terra. Se a alma permanecia completamente pura durante suas experiências e provações, escapava aos renascimentos; mas isto pode ter sido apenas uma possibilidade teórica, porque se diz:

“Todas as almas estão sujeitas aos ciclos (metempsicose, a'leen o'gilgoolah), mas os homens não conhecem os caminhos do Santíssimo; que Ele seja abençoado! Eles ignoram a maneira pela qual foram julgados em todos os tempos e antes de terem vindo a este mundo e após o terem deixado” (ibid., p.198).

Traços desta doutrina se encontram nas Escrituras exotéricas, tanto hebraicas como cristãs, como por exemplo, na crença da volta de Elias, e mais tarde, em sua reaparição como João Batista.

Se voltarmos nossas vistas para o Egito, encontramos ali, desde a mais remota antigüidade, a conhecida Trindade: Ra, Osíris-Isis como o Segundo Logos dual e Horus. Recordemos o hino grandioso a Amon-Ra:

“Os Deuses se inclinam diante da Tua Majestade exaltando as Almas d'Aquele que as gerou ... e eles Te dizem: Paz a todas as emanções do Pai inconsciente dos conscientes Pais dos Deuses ... oh, Gerador dos seres, nós adoramos as Almas que emanam de Ti. Tu nos gerastes, oh. Desconhecido, e nós Te saudamos, adorando cada Alma-Deus que descende de Ti e vive em nós” (citado na “A Doutrina Secreta”, III,p. 485, ed. 1893).

Os “conscientes Pais dos Deuses” são os Três Logos, o “Pai inconsciente” é a Existência Una, inconsciente não por ser menos, mas por ser infinitamente mais do que aquilo a que chamamos de consciência, uma coisa limitada.

Nos fragmentos do *Livro dos Mortos*, podemos estudar as concepções da reencarnação da alma humana, a sua peregrinação para o Logos e sua união

final com Ele. O famoso papiro do “escriva Ani, triunfante na paz”, está repleto de passagens que recordam ao leitor as Escrituras de outras crenças: sua viagem através do mundo inferior; sua esperança na reintegração em seu corpo (a forma como os egípcios entendiam a reencarnação); sua unificação com o Logos:

“Diz Osíris Ani: Eu sou o Grande Uno, filho do Grande Uno. Eu sou o Fogo, filho do Fogo ...EU remontei meus ossos, fiz-me inteiro e são, e me tornei moço ainda mais uma vez. Eu sou Osíris, o Senhor da Eternidade”. (XLIII, 1,4).

Na revisão do *Livro dos Mortos* por Pierret, encontramos esta notável passagem:

“Eu sou o ser de misteriosos nomes que para si mesmo prepara moradas para milhões de anos” (p. 22).

“Coração, que me vens de minha mãe, meu coração necessário à minha existência sobre a terra ... Coração, que me vens de minha mãe, coração tão necessário para minha transformação” (p. 113, 114).

Na religião de Zoroastro encontramos a concepção da Existência Una, idealizada como Espaço Ilimitado, de onde surgiu o Logos, Ahura Mazda, o criador.

“Supremo em onisciência e bondade, sem rival em esplendor: a região de luz é a morada de Ahura Mazda”. (Os Bundahis, Livros Sagrados do Oriente, v,3,4: v2).

É a Ele, no *Yasna*, a liturgia principal do Zoroastrianismo, que se homenageia em primeiro lugar.

“Anuncio que realizarei minha adoração (Yasna) a Ahura Mazda, o Criador, o radiante, o glorioso, o maior e o melhor, o mais belo (em nossa opinião), o mais firme, o mais sábio e o único de todos cujo corpo é o mais perfeito, que atinge seus fins do modo mais infalível, por graça de sua reta ordem, a Ele que retifica nossas mentes, que expande Sua graça geradora de alegria, que nos fez e nos modelou, que nos tem nutrido e sustentado, que é o Espírito mais generoso”. (Livros Sagrados do Oriente, XXXI, pp.195.196).

O fiel rende em seguida homenagem aos Ahmeshaspentas e a outros deuses, mas o Deus supremo manifestado, o Logos, não é aqui apresentado como trino. Tal como entre os hebreus, havia no culto exotérico uma tendência para perder-se de vista esta verdade fundamental. Felizmente, foi-nos possível encontrar o

traço do ensinamento original, embora tenha mais tarde desaparecido das crenças populares. O Dr. Haug, em seus *Ensaio sobre os Pársis*, traduzido em inglês pelo Dr. West, e constituindo o volume V da Coleção Oriental Trubner, diz que Ahura Mazda ou Ormuzd é o Ser Supremo e que d'Ele nasceram: “duas causas primordiais que, embora diferentes, estavam unidas, produzindo o mundo das coisas materiais, como também o mundo do espírito” (pág. 303).

Estes dois princípios eram chamados gêmeos e estão presentes em todas as coisas, em Ahura Mazda como no homem. Um gera a realidade e o outro a não-realidade e são dois princípios que no Zoroastrianismo posterior tornaram-se as duas essências antagônicas do bem e do mal. No ensinamento primitivo formavam certamente o Segundo Logos, cujo sinal característico é a dualidade.

O “bem” e o “mal” são simplesmente a Luz e as Trevas, o Espírito e a Matéria, os gêmeos essenciais do Universo, os dois procedentes do Uno.

Analisando esta última idéia, o Dr. Haug diz :

“Esta é a noção zoroastriana original dos Espíritos Criadores, os quais formam somente duas partes do Ser Divino. Mas, no decurso do tempo, em consequência dos erros e falsas interpretações, esta doutrina do grande fundador foi modificada e corrompida. Spentomanyush (“o espírito bom”) foi considerado como um nome do próprio Ahura Mazda e pela mesma razão Angromanyush (“o espírito do mal”), ao se tornar inteiramente separado de Ahura Mazda, foi considerado como seu perpétuo adversário; assim nasceu o dualismo de Deus e do Diabo “ (p. 205).

A opinião do Dr. Haug parece ser mantida pelo Gatha *Ahunavaiti*, dado com outros Gathas pelos “arcanjos” a Zoroastro ou Zarathustra:

“No princípio havia um par de gêmeos, dois espíritos, cada um de uma atividade particular, isto é, o bom e o mau ... esses dois espíritos unidos criaram a coisa primeira (as coisas materiais); um é a realidade, o outro a não-realidade ... E para fortalecer esta vida, (para aumentá-la), Armaiti vem com riqueza, a mente boa e verdadeira. Ela, a eterna, criou o mundo material ... Todas as coisas perfeitas, conhecidas como os melhores seres, são acolhidas na morada esplêndida da Boa Mente, a Sábia e a Justa” (Yas, xxx,3,4,7,10, trad. do Dr. Haug, ppl. 149-151).

Aqui se encontram os Três Logos! Ahura Mazda, o primeiro, a Vida Suprema; n'Ele e provindo d'Ele, os gêmeos, o Segundo Logos; depois Armaiti, a mente, o Criador do universo, o Terceiro Logos [\(1\)](#). Mais tarde aparece Mitra, que

obscurece, até certo ponto, na religião exotérica, a verdade primitiva. É dele que foi dito:

Ahura Mazda criou-o para conservar e dirigir todo este universo movente. Jamais dormindo, sempre vigilante, ele guarda a criação de Mazda” (Mihir Yast, XXVII, 103; *Os Livros Sagrados do Oriente*, XVIII).

Mitra era um Deus subordinado, a Luz do Céu, como Varuna era o próprio Céu, uma das grandes Inteligências dirigentes. Os mais eminentes entre estas Inteligências eram os seis Ahmeshaspentas, liderados por Vohuman, o Bom Pensamento de Ahura Mazda. São elas “que administram toda a criação material”. (*Os Livros Sagrados do Oriente*, V, pág. 10, nota).

A reencarnação não parece ter sido ensinada nas obras que se tem traduzido até agora, e a crença não se encontra entre os Pársis de agora. Mas encontramos neles a idéia de que o Espírito, no homem, é uma centelha cujo destino é o de tornar-se uma chama a unir-se de novo ao Fogo Supremo. Isto exige um contínuo desenvolvimento, para o qual os renascimentos são indispensáveis. De resto o Zoroastrianismo permanecerá incompreendido enquanto não forem descobertos os *Oráculos Caldeuse* outros escritos a eles ligados, porque neles está a sua verdadeira origem.

Dirigindo-nos ao ocidente, para a Grécia, encontramos o sistema órfico, do qual o Sr. G.R.S. Mead nos fala, com bastante erudição, em sua obra intitulada *Orpheus. A Inefável Obscuridade Três Vezes Desconhecida* era o nome dado à Existência Una.

“Segundo a teologia de Orfeu, todas as coisas tem sua origem em um princípio infinito, ao qual a débil e pobre concepção humana dá um nome, embora ele seja perfeitamente inefável, e na linguagem reverente dos egípcios, é uma *obscuridade três vezes desconhecida*, em cuja contemplação todo o conhecimento se sente ignorante”. (Thomas Taylor, citado em *Orpheus*, p.93.)

Desta procede a “Tríade Primordial”; o Bem Universal, a Alma Universal e a Mente Universal. Eis, pois, novamente, a Tríade Logóica. Mead fala-nos dela nos termos seguintes:

“A primeira Tríade que se manifesta ao intelecto é apenas um reflexo ou uma representação do Imanifestável. Suas hipóstases (2) são: a) o Bem, que é o superessencial; b) a Alma (a Alma do Mundo), essência autodeterminante; c) o Intelecto (ou a Mente), que é uma essência indivisível, imutável.” (Ibid. pág.94).

Vem depois uma série de Tríades sempre descendentes, reproduzindo com um esplendor decrescente as características da primeira, até chegar ao homem, que: “contém em si, potencialmente, a soma e a substância do Universo ... “A raça dos homens e dos deuses é uma só (Píndaro, que era pitagórico, citado por S. Clemente, *Stromata*, v,p.709) ... “Assim, o homem foi chamado o microcosmo ou pequeno mundo para distinguí-lo do Universo, ou o grande mundo”. (Ibid.pág. 271).

Ele tem o Nous, ou mente real, o Logos ou parte racional, o Alogos ou parte irracional, as duas últimas novamente formando uma Tríade e assim apresentando a mais elaborada divisão septenária. O homem era também considerado como tendo três veículos, o corpo físico, os corpos sutis, e o corpo “luciforme” ou algoeides . “Este é o “corpo causal” ou vestimenta cármica da alma, onde se acumula o seu destino ou, mais exatamente, os germes da causalidade. É o fio da alma, o corpo que subsiste de encarnação em encarnação”. (Ibid.pág.284).

Quanto à reencarnação:

“Como todos os filiados aos Mistérios em todos os países, os órficos acreditavam na reencarnação”. (ibid., p.284).

Mead cita em apoio de sua afirmação numerosos testemunhos, e mostra que esta doutrina foi ensinada por Platão, Empédocles, Pitágoras e outros. Somente pela virtude, poderiam libertar-se da “roda das vidas”.

Taylor, em seus comentários às *Obras Seletas de Plotino*, cita uma passagem de Damascio com relação aos ensinamentos de Platão sobre o Uno além do Uno, a Existência não manifestada:

“Na verdade, Platão talvez nos leve inexprimivelmente através *do uno* como intermediário, até ao inexprimível para além do *uno* que é agora o objeto de discussão; e isto por uma redução do *uno*, da mesma maneira que ele leva ao *uno* por uma redução de outras coisas ... O que está além do *uno* deve ser honrado no mais perfeito silêncio...Na verdade, o *uno* é ser por si mesmo, em total autonomia; mas o desconhecido que está além do *uno*, é completamente inexprimível, o que percebemos, nós nem conhecemos nem disso somos ignorantes, senão de que o desconhecido tem sobre si um véu de *incognoscibilidade*. Por isto, estando próximo deste véu, o *uno* é obscurecido; pois estando próximo do princípio infinito, se for assim cabível falar, o *uno* permanece como que no santuário interno do silêncio verdadeiramente místico ... O desconhecido está acima do *uno* e de *todas as coisas*, porque é mais simples do que qualquer um deles”. (pag341-343).

As escolas pitagórica, platônica, e neoplatônica têm tantos pontos de contato com o pensamento hinduísta e budista que sua origem de uma fonte única parece evidente. R. Garbe, em sua obra *Die Samkya Philosophie* (III, pag. 85-105), apresenta muitos desses pontos e sua opinião pode ser resumida no seguinte:

“O que há de mais notável é a semelhança, ou melhor a identidade, da doutrina do Uno e do Único nos Upanishads e na escola Eléia (1). O ensinamento de Xenófanes sobre a unidade de Deus e do Cosmo, e a imutabilidade do Uno, e ainda mais o de Parmênides, que sustentava ser a realidade atribuível somente ao Uno, incriado, indestrutível e onipresente, enquanto que tudo que é múltiplo e sujeito à transformação não é senão um fenômeno, e além disso, que ser e pensar são a mesma coisa - estas doutrinas são completamente idênticas ao conteúdo essencial dos Upanishads e da filosofia Vedanta que deles deriva. E mesmo ainda mais anteriormente, a opinião de Tales, de que tudo quanto existe saiu da Água, assemelha-se singularmente à doutrina védica, segundo a qual o Universo surgiu do seio das águas. Mais tarde, Anaximandro adotou como base de todas as coisas uma Substância eterna, indefinida, de onde procedem todas as substâncias definidas, e para onde voltam, hipótese idêntica à que se encontra como raiz da filosofia *sankhya*, isto é, Prakriti, da qual se desenvolveu todo o aspecto material do Universo.

E a sua célebre expressão “panta rhei” exprime a visão característica da *Sankhya*, de que todas as coisas se modificam continuamente sob a incessante atividade das três gunas (1). Por sua vez, Empédocles ensinou um sistema de transmigração e de evolução idêntico em tudo ao da *Sankhya*, e sua teoria de que nada pode vir à existência sem que já tenha existido antes, apresenta uma identidade ainda mais estreita com uma doutrina característica da filosofia *sankhya*.

As doutrinas de Anaxágoras e Demócrito apresentam também diversos pontos de estreita concordância, especialmente as idéias de Demócrito sobre a natureza e o papel dos deuses, e o mesmo se aplica a Epicuro, notavelmente em alguns pontos curiosos de detalhe. Mas é sobretudo nas doutrinas de Pitágoras que encontramos a mais estreita e a mais freqüente identidade de ensinamento e de argumentação. E a tradição explica estas analogias dizendo que Pitágoras visitou a Índia e ali aprendeu sua filosofia.

Em séculos posteriores, vemos certas idéias singularmente sankhyanas e budistas representarem um papel preponderante no pensamento gnóstico. A citação seguinte de Lassen, feita por Garbe (p. 97), mostra isso de modo

muito claro:

“O budismo em geral estabelece uma distinção muito nítida entre o Espírito e a Luz, e não considera absolutamente esta última como imaterial, mas há na Sankhya e no Budismo uma concepção da Luz que muito se aproxima daquela da doutrina gnóstica. De acordo com a mesma, a Luz é a manifestação do espírito na matéria; a inteligência, assim revestida de Luz, se relaciona com a matéria, na qual a Luz pode ser enfraquecida e, por fim, obscurecer-se totalmente, e neste caso, a inteligência acaba por cair na inconsciência completa. Em relação à suprema Inteligência, afirma-se que não é nem Luz nem Não-Luz, nem Obscuridade nem Não-Obscuridade, pois que todas estas expressões indicam relações da inteligência com a Luz, relações que não existem no começo. Foi somente mais tarde, que a Luz envolveu a Inteligência e veio servir-lhe de intermediária em suas relações com a matéria. Daí se conclui que a concepção budista atribui à Suprema Inteligência o poder de gerar de si mesma a luz e que, a este respeito, também há uma concordância entre o budismo e o gnosticismo”.

Garbe aqui demonstra que, nos pontos referidos, a concordância entre o gnosticismo e a filosofia *sankhya* é ainda mais completa do que com o budismo. Porque, enquanto esta maneira de encarar as relações entre a Luz e o Espírito pertence às fases mais recentes do budismo e não é, de modo algum, fundamental e nem o caracteriza, ao contrário, a filosofia *sankhya* ensina com clareza e precisão que o Espírito é Luz. Mais tarde ainda, a influência do pensamento da *sankhya* se encontra nitidamente assinalada nos escritores neoplatônicos, quando a doutrina do Logos ou Verbo, embora não sendo de origem sankhyana, mostra mesmo em seus detalhes que ela foi proveniente da Índia, onde a concepção de *Vach*, o Divino Verbo, desempenha um papel tão preponderante no sistema bramânico.

Passando à religião cristã, contemporânea dos sistemas gnóstico e neoplatônico, poderemos sem muita dificuldade encontrar nela a maior parte dos ensinamentos fundamentais com os quais agora devemos nos familiarizar.

O tríplice Logos aparece como a Trindade. O primeiro Logos, fonte de toda a vida, é o Pai. O segundo Logos dualístico, é o Filho, o Deus-Homem. O terceiro, a Mente criadora, é o Espírito Santo, que ao se mover sobre as águas do Caos, trouxe os mundos à existência. Depois vem “os sete Espíritos de Deus” (1) e as hostes dos arcanjos e dos anjos. Pouco se fala da Existência Una, de onde tudo procede e para onde tudo volta, cuja Natureza nenhum esforço pode descobrir. Mas os grandes doutores da Igreja Católica falam sempre da insondável Divindade, incompreensível, infinita e, por conseqüência, Una e indivisível. O homem foi feito “à imagem de Deus” (2). Ele é portanto, de natureza triplice:

espírito, alma e corpo (3). Ele é a morada de Deus” (4), o “templo de Deus” (5), o “templo do Espírito Santo” (6) - frases que são o eco fiel do ensinamento hinduísta. No *Novo Testamento* a doutrina da reencarnação está antes tacitamente admitida do que claramente ensinada. Assim, Jesus, falando de São João Batista, declara que é ele Elias “que devia vir” (7), fazendo alusão às palavras de Malaquias: “Eu vos enviarei Elias, o profeta” (8). E de novo, a uma pergunta sobre a vinda de Elias que devia preceder à do Messias, responde:

“Elias já veio e não foi reconhecido” (9).

Vemos os discípulos admitirem implicitamente ainda uma vez a reencarnação, quando perguntaram se é em punição de seus pecados que um homem nasce cego, e Jesus, em resposta, não rejeita a possibilidade do pecado pré-natal, mas apenas excluiu-a como a causa da cegueira naquele caso em particular (10).

A frase tão notável do *Apocalipse* (III,12): “Aquele que for vencedor, eu o farei uma coluna do templo de meu Deus, de onde não mais sairá” (11), foi considerada como significando libertar-se da reencarnação. Os escritos de alguns Padres da Igreja testemunham muito claramente em favor de uma crença corrente na reencarnação.

Alguns argumentam que eles ensinam unicamente a preexistência da alma, mas esta opinião não me parece corroborada pelos textos.

A unidade de ensino moral não é menos notável que a unidade das concepções do Universo e os testemunhos daqueles que, livres da prisão do corpo, atingiram a liberdade das esferas superiores. É claro que este corpo de ensino primordial estava confiado às mãos de guardiães competentes que ensinavam nas suas escolas a discípulos que estudavam as suas doutrinas. A semelhança dessas escolas e de sua instrução torna-se evidente quando estudamos seus ensinamentos morais, os requisitos exigidos de seus discípulos, e os estados mental e espiritual que atingiam.

No *Tao Teh Ching* encontramos uma distinção satírica entre as diversas categorias de estudantes.

“Os estudantes da classe mais elevada, quando ouvem falar do *Tao*, procuram sinceramente pô-lo em prática. Os estudantes da classe média, ao ouvirem falar dele, parecem ora segui-lo ora abandoná-lo. Os estudantes da classe inferior, quando dele ouvem falar, riem-se muito (*Livros Sagrados do Oriente*), XXXIX op. cit. XLI, 1).

No mesmo livro ainda lemos:

“O sábio esquece-se de si mesmo e no entanto, o encontramos sempre em evidência. Trata sua pessoa como se lhe fosse estranha, contudo esta pessoa é preservada. Será porque ele não tem nenhum objetivo pessoal e privado que tais fins acabam realizando-se?” (VII,2). “Porque não tem vaidade, brilha. Por não ser presunçoso o distinguem. Nunca se gaba e seu mérito é reconhecido. Sem manifestar arrogância, adquire sempre superioridade. E porque está assim livre de toda a luta, ninguém no mundo poderá lutar com ele”. (XXII, 2). “Não há maior crime do que alimentar a ambição. Não há maior calamidade do que estar descontente com sua sorte. Não há maior erro do que o desejo de posse”. (XLVI, 2). “Para aqueles que são bons para comigo, eu sou bom; para aqueles que não são bons para comigo, eu sou igualmente bom; assim todos acabam por serem bons. Para os que são sinceros para comigo, eu sou sincero, e para os que não são sinceros, eu sou igualmente sincero; assim todos acabam por serem sinceros”. (XLIX, 1).

“Aquele que possui em si, em abundância, os atributos do Tao, é semelhante a uma criancinha. Os insetos venenosos jamais o mordem, os animais mais ferozes não o agarram, as aves de rapina não o tocam nunca”. (LV, 1). “Eu possuo três coisas preciosas que estimo e guardo com firmeza. A primeira é docilidade; a segunda, a economia; a terceira, não querer nunca adiantar-me aos outros ...”. A docilidade é certa de vencer, mesmo na batalha, e firmemente mantém seu terreno. O céu salvará aquele que a possui, protegido por esta própria docilidade”. (LXII, 2, 4).

Entre os hinduístas havia discípulos escolhidos, considerados como merecedores de uma instrução especial, aos quais o Guru transmitia o ensinamento secreto, enquanto as regras gerais do correto viver se encontram nos *Preceitos* de Manu, nos *Upanishads*, no *Mahabharatae* em muitos outros tratados:

“Que ele diga sempre a verdade, o que é agradável, que não profira nenhuma verdade desagradável e nem falsidade agradável; tal é a lei eterna”. (Manu IV, 138). “ Por não fazer mal a criatura alguma, ele acumula, pouco a pouco, méritos espirituais”. (IV, 238). Pois este homem duas vezes nascido, que não exerce o menor mal contra as criaturas, não sofrerá o menor perigo na hora em que libertar-se de seu corpo”. (VI, 40). “Suporte pacientemente palavras duras e a ninguém insulte, e que ele, por causa deste corpo perecível, não se torne inimigo de quem quer que seja. Que não responda a cólera, a quem o atormenta, mas que bendiga a quem o maldiz”. (VI, 47, 48). “Libertos da paixão, do temor, e da cólera, seus pensamentos fixados em Mim, procurando em Mim

seu refúgio, purificados pelo fogo da sabedoria, muitos tem conseguido comungar com meu Ser”. (Bhagavad Gita IV, 10). “A suprema ventura está reservada ao iogue de mente pacífica e natureza passional calma, que é limpo de pecado e participa da natureza de Brahman”. (VI, 27). “O homem que não tem má vontade para com nenhum ser, que é amistoso e compassivo, sem apêgo nem egoísmo, equilibrado no prazer e na dor, pronto a perdoar, sempre contente, harmonizador, senhor de si, resoluto, tendo consagrado Manas (1) e Buddhi (2) a Mim, ele, Meu devoto, muito caro Me é na verdade”. (XII, 13, 14).

Passemos a Buddha. Encontrâmo-lo rodeado de seus Arhats (3), aos quais transmite seu ensino secreto. Por outro lado, sua doutrina pública nos ensina que:

“O sábio pela sinceridade, virtude e pureza, transforma-se em uma ilha que nenhum dilúvio pode submergir”. (Udanavarga, IV, 5). “O sábio, neste mundo, conserva cuidadosamente a fé e a sabedoria, e são estes seus maiores tesouros; rejeita qualquer outra riqueza”. (X, 9). “Todo aquele que manifesta rancor para os que têm rancor, não pode nunca tornar-se puro. Mas aquele que não sente rancor, pacifica aqueles que odeiam. Sendo o ódio uma fonte de misérias para a humanidade, o sábio não conhece o ódio”. (XIII, 12). “Triunfai sobre a cólera, não vos encolerizando; triunfai sobre o mal, praticando o bem; triunfai sobre a avareza pela liberalidade; triunfai sobre a mentira, com a verdade.” (XX, 18).

O zoroastriano aprende a louvar Ahura Mazda porque:

“O que é mais belo, mais puro e imortal, mais brilhante, tudo isso é bom. Honramos o bom espírito, honramos o bom reino, a boa lei e a boa sabedoria” (*Yasna*, XXXVII). “Que o contentamento, a bênção, a inocência e a sabedoria dos puros desçam sobre esta mansão”. (*Yasna*, LIX). “A pureza é o melhor bem. Feliz, feliz, é na verdade, o mais puro na pureza” (*Ashem-vohu*). “Todos os bons pensamentos, as boas palavras, as boas ações são executadas com conhecimento. Todos os maus pensamentos, as más palavras, as más ações não são executadas com conhecimento” (*Mispa Kumata*). (Extratos do *Avesta no Ancient Iranian and Zoroastrian Morals*, por Dhunjibhoy Jamsetjee Medhora.).

Os hebreus tinham suas “escolas de profetas” e sua Cabala, e nos livros exotéricos encontramos os ensinamentos morais aceitos:

“Quem, pois, subirá a montanha do Senhor e se conservará firme em Seu santo

lugar? Aquele que tem as mãos limpas e o coração puro, cuja alma não está contaminada pela vaidade, e que não profere falsos juramentos”. (Salmos, XXIV, 3,4). “Que exige de ti o Senhor senão agir com justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com teu Deus?” (Miquéias, VI, 8). “Os lábios verdadeiros viverão eternamente, mas uma língua mentirosa apenas dura um instante” (Prov. XII, 19).

“Por acaso não consiste nisto o jejum que escolhi: em romper os grilhões da iniquidade, em soltar as ataduras do jugo e pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo o jugo? Não consiste em repartires o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vê nu e em não te esconderes daquele que é tua carne ?” (Isaias, LVIII, 6 e 7).

O Mestre cristão tinha também Seu ensinamento secreto para Seus discípulos, aos quais Ele fazia esta recomendação:

“Não deis aos cães o que é sagrado, nem atireis aos porcos vossas pérolas”. (Mateus, VII, 6).

Para o ensinamento público, podemos recomendar as bemaventuranças do Sermão da Montanha, como também os seguintes preceitos:

“Mas eu vos digo: Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei os que maldizem, orai pelos que vos perseguem e vos caluniam ... Sede, pois, perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito”) Mateus, V, 44,48). “Aquele que acha a sua vida, a perderá, mas aquele que a perde por Mim a achará” (X, 39). Aquele que se tornar simples como uma criancinha, será o maior no reino dos céus” (XVIII,4). “O fruto do Espírito é o amor, a alegria, a paz, a paciência, a doçura, a bondade, a longanimidade, a mansuetude, a fé, a castidade; para quem possui estas qualidades não há lei”. (Gálatas V, 22 e 23). “Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama vem de Deus e conhece Deus.” (João, IV, 7).

A escola de Pitágoras e a dos neoplatônicos mantiveram a tradição da Grécia, e sabemos que Pitágoras adquiriu parte de seu saber na Índia, enquanto que Platão estudou e foi iniciado nas escolas do Egito. Sobre as escolas gregas possuímos informações mais precisas do que sobre outras; a de Pitágoras tinha discípulos juramentados, mas, também possuía uma disciplina externa e o círculo interno passava por três graus durante cinco anos de provas (ver *Orpheus*, por G.R.S. Mead, pág 263 e seguintes, para detalhes). A disciplina externa é descrita assim:

“Antes de tudo devemos abandonar-nos inteiramente a Deus. Quando um

homem ora, não deve nunca suplicar benefícios pessoais, pois receberá o que for justo e oportuno, de acordo com a sabedoria Divina, e não segundo o objeto dos desejos egoístas”. (Dio. Sic. IX, 41). “É unicamente pela virtude que o homem atinge a bemaventurança, privilégio este exclusivo do ser racional”.

“É unicamente pela virtude que o homem atinge a bemaventurança, privilégio este exclusivo do ser racional”. (Hippodamus, *De Felicitate*, II, Orelli, Opusc. Graecor. Sent. et Moral, II, 284). “Em si mesmo, por sua própria natureza, o homem não é nem bom nem feliz, mas a isso pode chegar pelo conhecimento da verdadeira doutrina”. (Hippo.ibid). “O mais sagrado dever é a piedade filial. “Deus faz chover bençãos sobre aquele que honra e venera o autor de seus dias”, diz Pampelus. (*De Parentibus*, Orelli, op.cit. II, pag. 345). A ingratidão para com os pais é o mais negro dos crimes, escreveu Perictione (ibid.pag.350), que se supõe ser a mãe de Platão. A pureza e a delicadeza de todas as obras pitagóricas eram notáveis. (Oelian, *Hist. Var.* XIV, 19). Em tudo o que se refere à castidade e ao casamento, seus princípios são da mais perfeita pureza. Em toda a parte o grande Mestre recomenda a castidade e a temperança. Mas ao mesmo tempo pede que os casados tornem-se pais antes de levar uma vida de absoluto celibato a fim de que os filhos possam nascer sob condições favoráveis para perpetuar a vida santa e a transmissão da ciência sagrada. (Jâmblico, *Vit.Pythag* e Hiérocles., ap.Stob.Serm.XLV, 14). Isto é extremamente interessante, pois encontramos a mesma recomendação no *Manava Dharma Shastra* (leis de Manu), o famoso código indiano...O adultério era condenado com a maior severidade (Jâmbli.ibid). Além disso, o marido devia tratar a sua mulher com a maior doçura, porque não a tinha ele tomado para sua companheira “diante dos Deuses?” (Ver Lascaulx, *Zur Geschichter der Ehe bei den Griechen*, Memórias da Academia da Baviera, vii. 107 e seguintes).

“O casamento não era uma união animal, mas um laço espiritual. Portanto, por sua vez, a mulher devia amar seu esposo mais do que a si mesma, e ser-lhe devotada e obediente em todas as coisas. De mais, é interessante observar que os mais belos caracteres de mulheres que nos apresenta a Grécia antiga, foram formados na escola de Pitágoras, e o mesmo também em relação aos homens. Os autores da antiguidade concordam em que esta disciplina conseguiu produzir os mais belos exemplos, não somente de castidade e do mais puro sentimento, mas também uma simplicidade de maneiras, uma delicadeza e um gosto sem precedentes, para as buscas elevadas. Isto é admitido mesmo pelos autores cristãos (ver Justino XX, 4)...Entre os membros da escola, a idéia da justiça presidia a todas as ações, enquanto observavam a mais estrita tolerância e compaixão em suas relações mútuas. Porque a Justiça é o princípio de toda a virtude, como nos ensina Polus (ap.Stob, Serm., viii, ed. Schow, p.232): “é a justiça que mantém a paz e o equilíbrio na alma; ela é a mãe da boa ordem em todas as comunidades, faz a concórdia entre esposo e esposa, cria o amor

entre o senhor e o servo.”

“Todo o pitagórico estava ligado por sua palavra. Enfim, o homem deve viver de modo a estar sempre pronto para morrer. (Hipólito, Filosofia, VI) (Ibid, pag.263-276).

A discussão das virtudes nas escolas neoplatônicas é interessante. Nelas existia uma distinção muito nítida entre a simple moralidade e o desenvolvimento espiritual. Em outros termos, como disse Plotino, “o esforço não é ser sem pecado, mas tornar-se um Deus” [\(1\)](#)

O primeiro grau consistia em tornar-se sem pecado, adquirindo as “virtudes políticas”, que tornavam o homem perfeito em sua conduta (as virtudes físicas e éticas estavam incluídas naquelas), a razão controlando e adornando a natureza irracional. Acima destas estavam as “virtudes catárticas”, concernentes exclusivamente à razão e que libertavam a alma dos laços da geração; depois, as “virtudes teóricas”, elevando a alma ao contato das naturezas superiores a ela; finalmente, as “virtudes paradigmáticas” que lhe davam conhecimento do ser real:

“Concluí-se daí que quem age segundo as virtudes práticas é um *homem digno*; mas aquele que age segundo as virtudes catárticas é um *homem demoníaco*, ou melhor, um *bom demônio* [\(2\)](#). “Aquele que age somente segundo as virtudes intelectuais, é *um Deus*. Mas aquele que age segundo as virtudes paradigmáticas é o *Pai dos Deuses*”. (Nota sobre a Prudência Intelectual, pag. 325-332).

Graças a práticas diversas, os discípulos aprendiam a abandonar seu corpo para elevarem-se a regiões superiores. Assim como uma folha de capim escapa de sua bainha, o homem interno devia escapar de seu invólucro carnal [\(3\)](#). O “corpo de luz” ou “corpo radiante dos hinduístas é o “corpo luciforme” dos neoplatônicos, por meio do qual o homem se eleva para encontrar-se com o Ser:

“Não percebido pela vista, nem por palavras, nem pelos outros sentidos, nem pela penitência, nem pelos ritos religiosos; somente pela sabedoria serena, pela pura essência é que se pode ver, na meditação, o Uno indivisível. Este Ser sutil só pode ser conhecido pela mente na qual a quántupla vida dos sentidos está adormecida. A mente de todas as criaturas está dominada por estas “vidas”; mas quando está purificada, o Ser nela se manifesta”. (Mundakopanishad, III,ii,8,9).

Somente então o homem pode entrar na região onde a separatividade não existe, onde “as esferas cessaram”. G.R.S. Mead, em sua introdução ao *Plotinus* de Taylor, cita uma passagem de Plotino descrevendo uma região que

evidentemente é a Turiya [\(1\)](#) dos hindus:

“Eles vêm igualmente todas as coisas, não aquelas apenas geradas, mas aquelas com as quais está presente a essência. E eles se percebem nos outros. Pois todas as coisas lá são diáfanas; e nada é escuro e resistente, mas todas as coisas são visíveis a todos, internamente e em todas as partes. Pois a luz em toda parte se encontra com a luz; visto que tudo contém todas as coisas em si e também vê todas as coisas dentro de uma outra. Assim todas as coisas estão em toda parte e todas é tudo. Cada coisa igualmente é todas as coisas. E lá o esplendor é infinito. Porque cada coisa lá é grande, visto que o mesmo aquilo que é pequeno é grande. O sol também que lá está é todas as estrelas, e de novo, cada estrela é o sol e todas as estrelas. Em cada , entretanto, uma propriedade diferente predomina, mas ao mesmo tempo todas as coisas são visíveis em cada uma. O movimento lá igualmente é puro, porque não é confundido por algo diferente dele e que se move”. (p.LXXiii).

Descrição totalmente insuficiente, porque esta região está fora do alcance de qualquer linguagem mortal, mas uma descrição que somente poderia ter sido escrita por alguém com olhos já abertos.

As concordâncias existentes entre as religiões do mundo encheriam facilmente um volume inteiro, mas o relato acima, embora imperfeito, é suficiente, como prefácio, ao estudo da Teosofia, que é uma nova exposição, mais completa, para o mundo, das antigas verdades com que sempre ele foi alimentado.

Todas estas semelhanças apontam para uma fonte única e esta é a Fraternidade da Loja Branca [\(1\)](#), a Hierarquia dos Adeptos [\(2\)](#) que velam sobre a humanidade e guiam a sua evolução e que conservaram estas verdades intactas; ocasionalmente, segundo as necessidades da época, eles as proclamam de novo aos ouvidos dos homens. Esses Adeptos vieram ajudar o nosso planeta, provenientes de outros mundos e de humanidades anteriores evoluídas por um processo semelhante ao da nossa humanidade, processo que nos será mais inteligível do que nos parece agora, quando completarmos o nosso estudo. Eles proporcionaram esse auxílio desde os mais remotos tempos até hoje, com a ajuda daqueles seres mais avançados da nossa humanidade. Ainda atualmente ensinam ardorosos discípulos, aos quais mostram o caminho e guiam os seus passos. E ainda hoje podem ser alcançados por todos aqueles que os procurem, levando em suas mãos, como oferenda inicial, o amor, a devoção, o desejo desinteressado de saber a fim de servir. Ainda prescrevem a antiga disciplina e desvendam os antigos Mistérios. As duas colunas de sua Loja são o Amor e a Sabedoria, e somente passam pela porta estreita os que deixaram cair de seus ombros o fardo do desejo e do egoísmo.

Pesada tarefa nos espera, e começando pelo plano físico, galgaremos

lentamente os degraus ascendentes. Mas, antes de entrar neste estudo detalhado do mundo que nos envolve, um golpe de vista rápido, lançado sobre a vaga da evolução e sua finalidade, poderá ser-nos útil.

Antes que nosso sistema tivesse começado a existir, um Logos o concebeu inteiramente em Sua mente como uma idéia; todas as forças, todas as formas, tudo que, ao longo do processo surgirá para a vida objetiva. O Logos circunscreveu então a esfera de manifestação no interior da qual Ele quis desenvolver Sua energia; Ele mesmo se limitou a fim de ser a vida de Seu universo. À medida que observamos, vemos desenhar-se gradualmente sete zonas sucessivas de densidades diferentes, até que sete vastas regiões distintas se tornam visíveis e nestes centros de energia surgem turbilhões de substância cósmica que se separam entre si; finalmente, terminada a separação e a condensação, pelo menos no que nos concerne atualmente, se nos apresenta aos olhos um sol central, o símbolo físico do Logos, e sete grandes cadeias planetárias, compostas cada uma de sete globos. Se agora limitarmos nosso campo de observação à cadeia da qual nosso globo faz parte, vêmo-la percorrida por vagas de vidas sucessivas, formando os reinos da Natureza: primeiramente os três reinos elementais (3), depois os reinos mineral, vegetal, animal e humano.

Ao restringirmos a nossa observação ao nosso globo e regiões circunvizinhas, deparamo-nos com a evolução humana e vemos o homem desenvolver a consciência própria por uma longa série de ciclos vitais sucessivos. Ao concentrar, enfim, o nosso olhar sobre um único indivíduo, podemos acompanhar o seu crescimento. Vemos que cada ciclo de vida apresenta uma tríplice divisão, e que está ligado a todos os ciclos passados, dos quais ele colhe os resultados e também aos ciclos futuros ao semear suas colheitas, e isto por uma lei inelutável. Assim, o homem pode subir a longa encosta, cada ciclo vital contribuindo para aumentar a sua experiência e elevando-o mais em pureza, em devoção, em inteligência, em capacidade de auxiliar, até que, enfim, atinja o nível onde se encontram Aqueles que chamamos de Mestres, capaz de prestar aos seus irmãos mais jovens o auxílio que recebeu deles.

Capítulo I

O Plano físico

Acabamos de ver que a Fonte da qual todo o Universo procede é um Ser Divino manifestado, a quem a Sabedoria Antiga, em sua forma moderna, atribui

o nome de Logos ou Verbo. Este nome é tirado da filosofia grega, mas exprime perfeitamente a idéia antiga, o Verbo que surge do Silêncio, a Voz, o Som, pelo qual os mundos vêm à existência.

Primeiramente, devemos procurar compreender a evolução do espírito-matéria a fim de que entendamos algo da natureza dos materiais com os quais temos que lidar no mundo ou plano físico. Porque a possibilidade de evolução jaz nas potencialidades ocultas ou imersas no espírito-matéria deste mundo físico. O processo de evolução, em sua totalidade, é um desenvolvimento interior e espontâneo, auxiliado exteriormente por seres inteligentes que podem retardar ou acelerar a evolução, sem jamais ultrapassar os limites inerentes aos materiais. É, pois, necessário, que façamos uma idéia destas etapas primordiais da evolução do universo, embora qualquer tentativa de elucidação detalhada nos levaria muito além dos limites que um tratado elementar como este impõe; devemos contentar-nos com um esboço rápido.

Saindo das profundezas da Existência Una, do Uno inconcebível e inefável, um Logos, impondo um limite a Si mesmo e circunscrevendo voluntariamente o âmbito de seu próprio Ser, torna-se o Deus manifestado. Ao traçar a esfera limite de sua atividade, Ele delimita ao mesmo tempo a área de Seu universo. É nesta esfera que o universo nasce, evolui e morre. É n'Ele que o universo vive e se move e n'Ele tem o seu ser. A matéria do universo é a emanção do Logos; as forças e as energias do universo são as correntes de Sua vida. Ele é imanente em cada átomo, a tudo permeia e desenvolve. É a sua fonte e o seu fim, a sua causa e o seu objeto, o seu centro e a sua circunferência e tem n'Ele o seu fundamento inabalável, é o espaço-ambiente no qual tudo respira. Está em todas as coisas, e todas as coisas estão n'Ele. Eis o que os guardiães da Sabedoria Antiga nos ensinaram sobre a origem dos mundos manifestados.

Nesta mesma fonte aprendemos a respeito do auto-desdobramento do Logos em uma tríplice forma: o Primeiro Logos, a raiz de todo Ser; deste procede o Segundo, manifestando um duplo aspecto, Vida e Forma, a dualidade primordial, constituindo os dois polos da Natureza, entre os quais será tecida a trama do universo: Vida-Forma, Espírito-Matéria, Positivo-Negativo, Ativo-Receptivo, Pai-Mãe dos mundos. Finalmente, o terceiro Logos, a Mente Universal em que existe o arquétipo de todas as coisas, fonte dos seres, origem das energias construtoras, tesouro onde estão guardadas todas as formas ideais que vão ser manifestadas e elaboradas em tipos inferiores de matéria durante a evolução do universo. Estes arquétipos são o fruto dos universos passados, trazidos para servir de germes ao universo presente.

O espírito e a matéria, manifestação fenomenal de um universo

qualquer, são, em extensão, finitos, e em duração, transitórios. Um profundo escritor disse que a raiz da matéria (1) é percebida pelo Logos como um véu cobrindo a Existência Una, o Supremo Brahman (1), segundo a denominação antiga.

O Logos reveste-se deste “véu” para produzir a manifestação servindo-se dele como um limite voluntariamente auto-imposto, tornando assim possível Sua atividade. É daí que Ele elabora a matéria de seu universo, sendo Ele próprio a sua vida modeladora, canalizadora e controladora (2).

Do que se passa nos dois planos mais elevados do universo, o sétimo e o sexto, não podemos fazer senão uma idéia muito vaga. A energia do Logos, como movimento turbilhonante de uma inconcebível rapidez, “cava buracos no espaço” nesta matéria-raiz, e este vórtice de vida, envolto por uma película de matéria-raiz forma o átomo primordial. Os átomos primordiais, em seus diversos grupamentos, espalhados pelo universo inteiro, formam todas as subdivisões de espírito-matéria do plano mais elevado, o sétimo. O sexto plano é formado por algumas das incontáveis miríades destes átomos primordiais, com o estabelecimento de um vórtice nas agregações mais densas do seu próprio plano e este átomo primordial, envolto em espiras das combinações mais densas do sétimo plano, torna-se a menor unidade de espírito-matéria, isto é, o átomo do sexto plano. Estes átomos do sexto plano e suas infinitas combinações formam as subdivisões do espírito-matéria do sexto plano. O átomo do sexto plano, por sua vez, estabelece um vórtice nas agregações mais densas de seu próprio plano e com essas agregações formando uma superfície delimitadora, torna-se a menor unidade de espírito-matéria, isto é, o átomo do quinto plano. Novamente, estes átomos do quinto plano e suas combinações formam as subdivisões do espírito-matéria do quinto plano. O mesmo processo se repete em seguida para formar sucessivamente o espírito-matéria dos planos quarto, terceiro, segundo e primeiro. Tais são as sete grandes regiões do universo, pelo menos no relativo à sua constituição material. Poderemos melhor compreender isto por analogia, quando viermos a conhecer profundamente as modificações do espírito-matéria do nosso próprio mundo físico.(3)

O termo “espírito-matéria” é propositalmente empregado. Significa que não existe matéria morta. Toda a matéria é viva e as partículas mais infinitesimais são vivas. A ciência diz uma verdade quando afirma: “Não há força sem matéria, nem matéria sem força”. Força e matéria estão entrelaçadas por uma indissolúvel união através de todas as eras da vida de um universo e nada pode separá-las. A matéria é a forma e não há forma que não expresse uma vida; o espírito é vida e não há vida que não seja limitada por uma forma. O próprio Logos, o Senhor Supremo, tem como Sua forma o universo, enquanto durar a

sua manifestação e assim para todas as vidas, até o minúsculo átomo.

Esta involução da vida do Logos, como força animadora em cada partícula, e seu revestimento sucessivo no espírito-matéria dos diferentes planos, de maneira que os materiais de cada plano guardem em estado latente, todas as possibilidades de forma e de força pertencentes aos planos superiores, como também aquelas que lhes são próprias, estes dois fatos tornam certa a evolução e dão às partículas mais ínfimas as potencialidades ocultas que as tornarão adequadas, quando se tornem poderes ativos, a serem utilizadas nas formas dos seres excelsos. De fato, a evolução pode ser resumida em uma única frase: são as potencialidades latentes tornando-se poderes ativos.

A segunda grande vaga de evolução, a da forma, e a terceira, a evolução da auto-consciência, serão consideradas mais tarde. Estas três correntes de evolução podem ser observadas na Terra em relação à humanidade: a elaboração dos materiais, a construção da casa e o crescimento do ser que aí reside; ou melhor, como se disse acima a evolução do espírito-matéria, a evolução da forma e a evolução da auto-consciência. Se o leitor pode perceber e guardar esta idéia, verá que ela é uma chave de grande auxílio para guiá-lo através do labirinto dos fatos.

Podemos agora passar ao exame detalhado do plano físico no qual existe o nosso mundo e ao qual pertencem nossos corpos.

O que nos impressiona, antes de tudo, quando examinamos os materiais deste plano, é a sua imensa diversidade. Os objetos que nos rodeiam são de uma infinita variedade: minerais, vegetais, animais, todos diferentes em sua constituição uns são duros, outros moles, transparentes ou opacos, quebradiços ou maleáveis, doces ou amargos, agradáveis ao paladar ou nauseabundos, coloridos ou não. Desta confusão surge, como classificação fundamental, os três estados da matéria: os sólidos, os líquidos e os gases. Um exame mais completo nos mostra que estes sólidos, líquidos ou gases, são constituídos por combinações de corpos muito mais simples, chamados pelos químicos de “elementos” e estes mesmos elementos podem existir em estado sólido, líquido ou gasoso, sem mudarem de natureza. Assim, o elemento químico oxigênio entra na composição da madeira, e em combinação com outros elementos, forma as fibras lenhosas sólidas; existe igualmente na seiva, formando com outro elemento uma combinação líquida, a água; finalmente, ainda se manifesta como gás.

Sob estas três condições permanece sempre como oxigênio. Ainda mais, o oxigênio puro pode ser reduzido do estado gasoso ao estado líquido e deste ao estado sólido, sem cessar de ser oxigênio puro. Da mesma forma para os demais elementos. Obtemos assim três subdivisões ou estados da matéria no plano físico: os sólidos, os líquidos e os gases. Levando ainda mais longe nossas investigações, deparamos com um quarto estado da matéria: o éter; e experiências ainda mais minuciosas revelam que este mesmo éter existe sob quatro estados, tão perfeitamente definidos, como os

três estados de sólido, líquido e gasoso. Consideremos ainda o oxigênio. Assim como pode ser reduzido de gasoso ao líquido e de líquido ao sólido, também pode ser levado a estados mais sutis, partindo do estado gasoso, através de quatro estados etéricos e cujo último é constituído pelo átomo físico último ou fundamental. Quando este átomo é decomposto, a matéria sai completamente do plano físico e passa ao plano imediatamente superior. Representando-se três corpos no estado gasoso e nos quatro estados etéricos, observa-se que a estrutura do átomo físico último é a mesma para todos e que a diversidade dos “elementos” é devida à diversidade das combinações que entre si formam estes átomos físicos últimos. Assim, a sétima subdivisão do espírito-matéria físico é formada de átomos homogêneos. A sexta é formada de combinações heterogêneas muito simples destes átomos, cada combinação comportando-se como uma unidade. A quinta e a quarta são formadas de uma complexidade de combinações cada vez mais crescente, cada combinação se apresentando sempre como uma unidade. A terceira se compõe de combinações ainda mais complexas, consideradas pelos químicos como átomos gasosos ou “elementos”. Nesta subdivisão um grande número de combinações tem recebido nomes especiais: oxigênio, hidrogênio, azoto, cloro, etc. e cada combinação que se descobre recebe igualmente um nome. A segunda subdivisão se compõe de combinações no estado líquido, umas consideradas como elementos, de que se tem exemplo o bromo, outras, como por exemplo, a água e o álcool. A primeira subdivisão abrange os sólidos, aqui também considerados, ou como elementos, por exemplo, iodo, ouro, chumbo, ou como compostos, no caso de madeira, pedra, giz, etc.

Para o estudante o plano físico pode servir de modelo, a partir do qual, por analogia ele pode conseguir uma idéia das subdivisões do espírito-matéria dos outros planos. Quando um teósofo fala de um plano, quer significar com isto uma região inteiramente composta de um espírito-matéria cujas combinações derivam de um conjunto específico de átomos. Estes átomos são, por sua vez, unidades complexas, organizadas de uma maneira análoga, cuja vida é a do Logos, velada por um variável número de envoltórios, conforme o plano considerado. Sua forma se compõe da matéria mais densa ou sólida do plano imediatamente superior. Um plano não é somente uma idéia metafísica, é também uma subdivisão da Natureza.

Até agora estudamos os resultados, em nosso mundo físico, da evolução do espírito-matéria em nossa divisão do primeiro plano, o mais inferior do nosso sistema. Por idades sem conta tem ocorrido a modelagem dos materiais, o fluxo da evolução do espírito-matéria, e vemos atualmente nos materiais do nosso globo, o resultado deste trabalho de elaboração. Mas quando começamos a estudar os seres que habitam o mundo físico, devemos tratar da evolução da forma, da construção de organismos com o auxílio desses materiais.

Quando a evolução dos materiais atingiu um grau suficientemente avançado, a segunda grande vaga de vida, proveniente do Logos, deu impulso à evolução da forma, e Ele se tornou a força organizadora de Seu universo (1) e teve como auxiliares para a preparação das formas, mediante o uso de combinações do espírito-

matéria, inumeráveis hostes de seres chamados Construtores (2). A vida do Logos, que reside no coração de cada forma, é para esta a energia central, que tudo regula e direciona. Esta preparação das formas nos planos superiores não pode ser adequadamente estudada aqui, em detalhe. Basta apenas dizer que todas as formas existem como idéias na Mente do Logos, e que nesta segunda vaga de vida elas são emitidas para servir de modelos aos Construtores. No terceiro e segundo planos, as primeiras combinações de espírito-matéria são planejadas de maneira a poderem facilmente assumir formas organizadas para agir como unidades e gradualmente aumentar a sua estabilidade quando participar de um organismo. O processo continua nos planos terceiro e segundo no que é chamado de três Reinos Elementais, e as combinações de matéria que aí se formam recebem o nome genérico de “essencia elemental”. Essa essência, por agregação, molda-se em formas que persistem um certo tempo para, em seguida, se desintegrarem. A vida que flui do Logos, ou Mônada, se expande através destes três reinos e atinge finalmente o plano físico, onde começa a agrupar, em torno de si, partículas do éter, mantendo-as em formas diáfanas, nas quais as correntes de vida atuam. Nestas formas as correntes de vida agrupam os materiais mais densos e constituem os primeiros minerais. Estes põem em evidência, de modo admirável, (consulte-se qualquer livro de cristalografia) os dados numéricos e geométricos que servem para a construção das formas e a partir deles pode-se reunir inúmeras evidências de que a vida atua em todos os corpos minerais, conquanto ela aí está em seu maior grau de restrição e limitação. O fenômeno da “fadiga de metais” mostra-nos que eles são seres vivos e é assim que a doutrina oculta os considera, pois ela conhece os já mencionados processos pelos quais a vida se envolveu neles. Quando muitos dos minerais atingiram uma grande estabilidade na forma, a Mônada, em expansão, elaborou uma maior plasticidade da forma no reino vegetal, combinando esta plasticidade com uma estabilidade de organização. Estes caracteres encontraram uma expressão de equilíbrio, ainda mais perfeita, no reino animal e atingiram seu completo equilíbrio no homem, cujo corpo físico é composto de elementos muito instáveis, permitindo, assim, uma grande adaptabilidade, e mantidos, no entanto, em seu conjunto, por uma força central de combinação que resiste à desagregação geral, embora o corpo esteja sob as mais diversas condições.

O corpo físico do homem tem duas divisões principais: o corpo denso cujos elementos são tirados dos três níveis inferiores do plano físico: sólidos, líquidos e gases, e o *duplo etérico*, de uma cor cinza violeta ou azulada, que interpenetra o corpo denso, e é composto de materiais tirados dos quatro níveis superiores do mesmo plano.

A função geral do corpo físico consiste em receber os contatos do mundo físico e transmitir ao interior os efeitos destes contatos a fim de que o ser consciente que reside no corpo os elabore e deles extraia o conhecimento. O duplo etérico tem também a função de agir como meio através do qual a energia vital

irradiada pelo Sol pode ser adaptada às necessidades das partículas mais densas. O Sol é para o nosso sistema o grande reservatório das forças elétricas, magnéticas e vitais, que as derrama em abundância. Estas correntes vivificadoras são assimiladas pelo duplo etérico dos minerais, vegetais, animais e homens, e transformadas nas diversas energias vitais necessárias a cada ser (1). O duplo etérico as absorve, especializando-as e distribuindo-as depois pelo corpo denso. Já se observou que, no estado de saúde perfeita, o duplo etérico transmuta uma quantidade de energia vital muito maior que a necessária para a manutenção do corpo físico. Este excesso irradia em volta do corpo e pode ser utilizado por organismos mais fracos. Atribui-se o nome técnico de aura de saúde à porção do duplo etérico que ultrapassa, em alguns centímetros e em todos os sentidos, o corpo físico. Podemos então, observar, sobre toda a superfície do corpo, linhas que irradiam para todas as direções, semelhantes aos raios de uma esfera.

Estas linhas se inclinam para o solo quando a vitalidade diminui e a saúde se enfraquece, mas quando as forças voltam, irradiam novamente com renovado vigor. É esta energia vital, especializada pelo duplo etérico, que o magnetizador emprega para reconstituir as forças ou curar as doenças, embora a misture, com frequência com correntes de um gênero mais sutil. Daí a exaustão de energia vital mostrada no esgotamento do magnetizador quando seu trabalho se prolonga em excesso.

O corpo humano é mais sutil ou mais grosseiro em sua contextura, conforme os materiais tomados ao plano físico para sua composição. Cada subdivisão de matéria fornece substâncias mais sutis ou mais densas. Comparai os corpos de um açougueiro e o de uma pessoa estudiosa: ambos contêm sólidos, mas como diferem suas qualidades! Demais, sabemos que um corpo grosseiro pode ser refinado e um corpo delicado pode tornar-se grosseiro. O corpo se transforma incessantemente. Cada partícula é uma vida, e as vidas vem e se vão. São atraídas por um corpo quando este vibra no mesmo diapásão que elas, e são repelidas por corpos de natureza oposta. Todas as coisas vivem em vibrações rítmicas; todas são atraídas pela harmonia e repelidas pela dissonância. Um corpo puro repele as partículas impuras, porque estas têm um modo de vibração incompatível com o seu. Um corpo grosseiro, ao contrário, as atrai pela concordância de suas vibrações. Daí se conclui que se um corpo muda seu modo de vibração, expelle gradualmente para fora dele os elementos constituintes que não podem vibrar em uníssono com o novo modo, e os substitui tomando à Natureza exterior novos elementos em harmonia consigo mesmo. A Natureza fornece materiais que vibram de todos os modos possíveis, e cada corpo exerce sua própria ação selecionadora.

Na primitiva constituição dos corpos humanos, esta ação selecionadora era

devida à Mônada da Forma (1). Mas o homem é agora um ser de consciência própria e rege por si mesmo a sua própria construção. É pelo seu pensamento que faz ressoar a tônica de sua harmonia individual e que determina os ritmos que são os fatores mais poderosos nas modificações contínuas, pelas quais passam, não só o corpo físico, como todos os outros corpos. À medida que aumenta o seu conhecimento, aprende a elaborar o seu corpo físico por meio de uma alimentação pura, e assim facilita a sua afinação. Aprende a viver de acordo com o axioma da purificação: “Alimentação pura, mente pura e um constante pensamento em Deus”. O homem, a mais elevada das criaturas que vivem no plano físico, é neste plano o vice-rei do Logos, responsável na amplitude de seus poderes, pela ordem, pela paz e pela boa harmonia. Dever este que ele não pode cumprir sem estes três requisitos.

O corpo físico, tomando seus elementos em todas as subdivisões do plano físico, está apto a receber dele impressões de toda a espécie e a responder às mesmas. Primeiramente afetam-no os contatos mais simples e grosseiros, e à medida que a vida interior responde ao estímulo exterior e coloca as suas moléculas em vibração simpática, desenvolve-se por todo o corpo o sentido do tato, a identificação de algo entrando em contato com eles. À medida que órgãos especializados se desenvolvem, destinados a receberem tipos especiais de vibração, o valor do corpo aumenta; torna-se mais apto a ser, um dia, no plano físico, o veículo de uma entidade de consciência própria.

Quanto mais ele possa responder a impressões, maior será sua utilidade porque somente as impressões às quais pode responder atingirão a consciência. Ainda hoje há em torno de nós, na Natureza física, uma infinidade de vibrações que nos escapam totalmente, porque nosso corpo físico é incapaz de as receber e vibrar com elas em uníssono. Belezas inimagináveis, sons delicados, sutilezas delicadas tocam os muros da nossa prisão e passam despercebidos. Ainda não está desenvolvido o corpo perfeito que vibrará em harmonia com todas as pulsações da Natureza, à semelhança de uma harpa eólia ao sopro da brisa.

As vibrações que o corpo pode receber, são transmitidas aos centros físicos pertencentes ao seu sistema nervoso altamente complexo. Assim também as vibrações etéricas, que acompanham todas as vibrações dos materiais mais densos, são recebidas pelo duplo etérico e transmitidas aos centros correspondentes. A maior parte das vibrações na matéria densa é transformada em calor químico e em outras formas de energia física. As vibrações etéricas ocasionam as ações magnéticas e elétricas, e também transmitem as vibrações ao corpo astral, de onde elas atingem a mente, como mais tarde veremos. É assim que as informações concernentes ao mundo exterior chegam ao ser consciente que habita o corpo ou ao Senhor do corpo,

como às vezes é chamado. À medida que as vias de informação se aperfeiçoam pelo exercício, o ser consciente se desenvolve, graças aos materiais que elas fornecem ao pensamento. Mas o homem está ainda tão pouco evoluído, que mesmo o duplo etérico ainda não apresenta a necessária perfeição para transmitir regularmente ao homem as impressões recebidas, independentemente do corpo denso, ou mesmo para infundí-las no cérebro.

Muitas vezes, entretanto, a transmissão se dá e temos assim a clarividência em sua forma mais inferior, a visão do duplo etérico de objetos físicos e visão de coisas cujo invólucro mais denso é um corpo etérico.

Como veremos, o homem mora em um conjunto de veículos, físico, astral e mental, e é importante saber e lembrar que, como estamos em uma evolução ascendente, o mais inferior dos veículos, o corpo físico denso é o primeiro que a consciência controla e racionaliza. O cérebro físico é o instrumento de consciência no estado de vigília no plano físico, e no homem pouco evoluído a consciência funciona de uma maneira mais efetiva no cérebro do que em qualquer outro veículo. Suas potencialidades são inferiores as dos outros veículos mais sutis, porém sua atração é maior, e o homem se reconhece como um “eu” no corpo físico, antes de se descobrir como tal nos outros. Mesmo quando é mais altamente evoluído do que a média das pessoas, ele não se revelará aqui senão nos limites permitidos por seu organismo físico porque a consciência somente pode manifestar-se no plano físico dentro da capacidade de suportar do veículo físico.

Em geral, o corpo denso e o corpo etérico não se separam durante a vida terrestre. Funcionam em conjunto, no estado normal como as cordas baixas e altas de um mesmo instrumento quando uma corda é tocada, mas também exercem funções distintas, conquanto coordenadas.

Nas condições de saúde fraca ou de superexcitação nervosa, o duplo etérico pode ser anormalmente projetado, em grande parte, para fora do corpo denso. Este fica, então, muito vagamente consciente, ou mesmo em estado de transe, conforme a maior ou menor quantidade de substância etérica projetada. Os anestésicos afastam a maior parte do duplo etérico, de forma que a consciência não pode, nem alterar o seu veículo denso, nem ser afetado por ele, estando interrompido o laço de comunicação. Nas pessoas de organização anormal chamadas mediuns, a separação do corpo etérico e do corpo denso se produz facilmente, e o duplo etérico, quando projetado, fornece em grande parte a base física necessária às “materializações”.

Durante o sono, quando a consciência abandona o veículo físico, que utiliza no estado de vigília, o corpo denso e o duplo etérico permanecem juntos. Mas na

vida de sonhos física, funcionam independentemente um do outro, até certo ponto. Impressões recebidas em vigília são reproduzidas pela ação automática do corpo, e o cérebro denso e o etérico ficam ambos povoados de imagens fragmentárias e incoerentes, onde as vibrações se confundem desordenadamente, produzindo as mais grotescas combinações. Vibrações exteriores também afetam os dois cérebros e as combinações frequentemente formadas no estado de vigília são facilmente trazidas à atividade, por correntes astrais de natureza análoga. As imagens produzidas em nossos sonhos, geradas espontaneamente ou suscitadas por uma força exterior, são em grande parte determinadas pela pureza ou impureza dos nossos pensamentos no estado de vigília.

Por ocasião do que se chama morte, o duplo etérico é retirado de sua contra parte densa pela consciência que se liberta. Rompe-se assim o laço magnético que havia entre ambos durante a vida terrestre, e a consciência permanece, durante algumas horas, envolta em sua roupagem etérica. Algumas vezes, neste estado, ela se manifesta às pessoas que lhe são mais chegadas, sob uma forma nebulosa, vagamente consciente e muda – o fantasma. O duplo pode igualmente ser visto, depois que o ser consciente dele se escapou, flutuando acima do túmulo onde a contraparte densa está sepultada e com o tempo vai lentamente se desagregando.

Quando se aproxima o momento de renascer, o duplo etérico é formado antecipadamente e o corpo físico se modela por ele em seu desenvolvimento pré-natal. Pode-se dizer que esses dois corpos determinam as limitações entre as quais o ser consciente será constrangido a viver e a trabalhar durante sua vida terrestre. Mas esta questão será melhor elucidada no Capítulo IX, tendo por assunto o Carma.

Capítulo II

O Plano Astral

O plano astral é a região do universo vizinha do plano físico, se se pode empregar neste sentido o termo vizinho. A vida é mais ativa ali do que no plano físico e a forma mais plástica. O espírito-matéria encontra-se ali mais altamente vitalizado e mais sutil do que em qualquer grau no mundo físico. Com efeito, segundo já vimos, o átomo físico último, constituindo o éter mais sutil, tem como

superfície envoltória inumeráveis agregados da matéria astral mais densa. Já disse que o termo “vizinho” é bastante impróprio porque sugere a idéia de que os planos do universo são dispostos em círculos concêntricos, como se o limite de um marcasse o início do próximo.

Mais exatamente são esferas concêntricas interpenetrantes, separadas entre si, não espacialmente, mas pela diferença de sua constituição. Assim como o ar penetra a água e o éter penetra o sólido mais denso, a matéria astral interpenetra todas as substâncias físicas. O mundo astral está acima de nós, por baixo de nós, ao redor de nós e através de nós. Vivemos e nos movemos nele, mas ele é intangível, invisível, inaudível e imperceptível porque estamos separados dele pela prisão do corpo físico, pois as partículas físicas são muito densas para vibrarem sob a ação da matéria astral.

Neste capítulo vamos estudar os aspectos gerais do plano, deixando de lado, para considerar isoladamente, aquelas condições especiais de vida no plano astral e que rodeiam os seres humanos que o atravessam quando vão da terra ao céu. [\(1\)](#).

O espírito-matéria do plano astral apresenta sete subdivisões, análogas às do plano físico que acabamos de estudar. Como no plano físico, ali se encontram inumeráveis combinações, formando os sólidos, os líquidos, os gases e os éteres astrais. Mas, a maior parte dessas formas materiais tem, quando as comparamos com as do nosso mundo, um brilho, uma translucidez que lhe valeram a designação de astrais ou estreladas, na verdade imprópria, mas já consagrada pelo uso e por isso não a alteramos. Como não existem nomes específicos para as subdivisões do espírito-matéria astral, podemos empregar as designações terrestres. A idéia essencial a compreender é que os objetos astrais são combinações de matéria astral, assim como os objetos físicos são combinações da matéria física, e que a paisagem do mundo astral assemelha-se em grande parte à da Terra, por ser formada em geral pelos duplos astrais dos objetos físicos.

Uma particularidade, entretanto, surpreende e desconcerta o observador pouco exercitado. Devido, em parte à translucidez dos objetos astrais, em parte à própria natureza da visão astral, pois a consciência sente-se menos entravada na matéria astral mais sutil do que quando envolta na terrestre, todas as coisas são transparentes, tudo é percebido por todos os lados ao mesmo tempo; o interior de um sólido é tão visível como o seu exterior, simultaneamente. É necessário uma certa dose de experiência para ver corretamente os objetos e quem desenvolveu a visão astral, sem estar ainda exercitado no seu emprego, verá tudo completamente invertido, cometendo os maiores disparates.

Uma outra característica notável, que muitas vezes desconcerta o principiante, é a rapidez com que as formas astrais mudam seus contornos, sobretudo quando não estão em relação com nenhuma matriz terrestre.

Uma entidade astral pode modificar seu aspecto completamente com a mais espantosa rapidez, porque a matéria astral toma forma a cada emissão do pensamento, e a vida remodela a cada instante estas formas para lhes dar novas expressões. Quando a grande vaga de vida da evolução da forma, em sua trajetória descendente pelo plano astral, ali constituiu o terceiro reino

elemental, a Mônada atraiu em torno de si combinações de matéria astral, dando a estas combinações, conhecidas pelo nome de essência elemental, uma vitalidade particular e a propriedade característica de responder e tomar forma instantaneamente, sob o estímulo das vibrações mentais. Esta essência elemental existe em inúmeras variedades em cada subdivisão do plano astral. Uma imagem para isso é como se o ar se tornasse visível aqui (na verdade ele pode ser visto em ondas vibrantes sob grande calor) e estivesse em constante movimento ondulatório, revestido de cores cambiantes como as da madrepérola. Esta vasta atmosfera de essência elemental responde continuamente às vibrações causadas por pensamentos, sentimentos e desejos, e havendo uma avalanche de qualquer um destes, se agita como as bolhas em água fervente. (1). A duração da forma assim gerada depende da força de impulsão inicial que lhe deu nascimento; a nitidez dos seus contornos depende da precisão do pensamento e a cor varia segundo a qualidade do pensamento, intelectual, devocional ou passional, etc.

Os pensamentos vagos e indefinidos que as mentes pouco desenvolvidas geram em grande quantidade acumulam em torno delas mesmas nuvens difusas de essência elemental, quando chegam ao mundo astral. Aí vagam sem direção, atraídas ora para aqui, ora para lá, por outras nuvens de natureza análoga, aderindo ao corpo astral das pessoas cujo magnetismo, bom ou mau, as atrai; finalmente se dissolvem após certo tempo, para voltar novamente à atmosfera geral de essência elemental. Enquanto conservam sua existência separada, são entidades vivas, tendo como corpo a essência elemental, e como vida animadora, os pensamentos. Recebem, então, o nome de elementais artificiais ou formas-pensamentos.

Os pensamentos claros e precisos têm formas definidas, de contornos firmes e seu aspecto pode variar ao infinito. Estas formas são modeladas pelas vibrações do pensamento de uma maneira semelhante às figuras que encontramos no plano físico e que são determinadas pelas vibrações do som. As “figuras vocais” são muito semelhantes às figuras mentais porque a Natureza, não obstante a sua infinita variedade, é no tocante a princípios,

verdadeiramente econômica e reproduz os mesmos processos operatórios sobre todos os planos sucessivos do seu império. Estes elementais artificiais, nitidamente delimitados, têm uma vida mais longa e mais ativa do que seus irmãos nebulosos, e exercem uma ação muito mais poderosa sobre os corpos astrais (e através destes, sobre as mentes) daqueles para os quais são atraídos. Pelo seu contato despertam nestes vibrações similares às suas, e assim os pensamentos se transmitem de mente para mente, sem nenhum meio físico. Ainda mais, podem ser dirigidos pelo pensador para qualquer pessoa que ele deseja atingir e a intensidade deles depende da força de vontade e da energia mental do pensador.

Nas pessoas comuns os elementais criados e pelo sentimento ou pelo desejo, são mais vigorosos e mais definidos que os criados pelo pensamento. Assim, uma explosão de cólera causará uma poderosa fulguração vermelha, com contornos bem definidos, e uma cólera mantida durante muito tempo, criará um perigoso elemental vermelho e pontiagudo, pronto a fazer o mal. O amor, conforme sua qualidade, determinará formas mais ou menos belas, quanto à coloração e quanto ao desenho, em todos os tons de carmesim até os matizes mais delicados e mais doces do rosa, semelhantes aos pálidos fulgores de um crepúsculo ou da aurora, de contornos enevoados ou firmes, ternos e protetores. Muitas vezes as preces amorosas de uma mãe vão pairar, como formas angelicais, em redor de seu filho, desviando dele as influências perniciosas que seus próprios pensamentos possam lhe atrair.

Um traço característico destes elementais artificiais é que, dirigidos pela vontade para uma certa pessoa, vão animados pelo impulso único de executar a vontade de seu criador. Um elemental protetor pairará em torno de seu objetivo, procurando todas as ocasiões para desviar o mal ou atrair o bem, não conscientemente, mas de modo automático, seguindo o impulso da vontade que o criou, como que encontrando ali a linha de menor resistência. Assim também, um elemental animado por um pensamento maligno irá corvejar em torno da vítima, procurando a ocasião favorável para

prejudicá-la. Mas nenhum deles produzirá a necessária impressão se, no corpo astral da pessoa para quem se dirigem, não houver elementos suscetíveis de vibrar em ressonância com eles, permitindo assim que se fixem. Se nessa pessoa não encontram matéria análoga à sua, então, por uma lei de sua própria natureza, recuam e voltam ao longo da trajetória já percorrida, seguindo o traço magnético que deixaram atrás de si e lançam-se sobre o seu próprio criador com uma forma proporcional à de sua projeção.

Conhecem-se casos em que o pensamento de ódio mortal, não podendo atingir aquele para quem era dirigido, causou a morte de quem o emitiu. Em

compensação, pensamentos de bondade dirigidos a uma pessoa indigna, recaem como uma benção sobre aquele que os produziu.

A compreensão, embora rudimentar, do mundo astral, agirá como um poderoso estimulante dos bons pensamentos e despertará em nós o sentimento de forte responsabilidade com relação aos pensamentos, emoções e desejos que projetamos nesse mundo. Qual vorazes animais de rapina, que despedaçam e devoram, são muitos os pensamentos com os quais os homens povoam o plano astral. Mas eles pecam por ignorância, não sabendo o que fazem. Um dos objetivos do ensinamento teosófico, ao levantar parcialmente o véu do mundo invisível, é dar aos homens uma base mais firme para a sua conduta, uma apreciação mais racional das causas cujos efeitos somente são visíveis no mundo terrestre. Destas doutrinas poucas são mais importantes, em seu alcance moral, do que a doutrina da criação e direção das formas-pensamentos, ou elementais artificiais. Por ela o homem fica sabendo que a sua mente não lhe diz respeito exclusivamente, que os seus pensamentos afetam, não apenas a ele próprio, mas que, a cada instante, põe em liberdade, na atmosfera humana, anjos ou demônios por cuja criação é o único responsável, e por cuja influência ele se torna responsável. Que os homens, pois, conheçam a lei e pautem por ela os seus pensamentos.

Se, em vez de considerar os elementais artificiais separadamente, os tomarmos em conjunto, facilmente compreenderemos o efeito colossal que eles exercem na produção dos sentimentos nacionalistas e racistas, e por consequência, predispondo as mentes ao fanatismo. Todos nós crescemos em uma atmosfera em que pululam elementais que corporificam certas idéias. Os preconceitos nacionais, a maneira nacional de considerar todas as coisas, os tipos de sentimentos ou pensamentos nacionais, tudo isso atua sobre nós, desde o nosso nascimento e mesmo antes.

É através dessa atmosfera que vemos tudo, cada pensamento é mais ou menos refratado por ela, e o nosso próprio corpo astral vibra de acordo com ela. Daí que a mesma idéia será apreciada de maneiras diferentes por um hindu, um inglês, um espanhol e um russo; alguns conceitos, fáceis para um, serão quase inabordáveis para outro, costumes instintivamente atraentes para um serão odiosos para outro. Todos nós somos dominados por nossa atmosfera nacional, isto é, por esta porção do mundo astral que mais proximamente nos envolve. Os pensamentos dos outros, fundidos todos no mesmo molde, agem sobre nós, despertando em nós vibrações sincrônicas. Reforçam os pontos sobre os quais estamos de acordo com o nosso meio e aplainam as divergências e esta incessante ação sobre nós, por intermédio do corpo astral, imprime em cada um de nós a característica nacional e abre canais para as energias mentais fluírem prontamente por eles. Dia e noite estas correntes influem sobre nós, e a nossa

inconsciência em relação à sua ação ainda as tornam mais efetivas. Como geralmente a maior parte das pessoas tem naturalmente mais receptividade do que iniciativa, reproduzem quase automaticamente os pensamentos que as atingem e assim, a atmosfera nacional é incessantemente alimentada e reforçada.

Quando uma pessoa começa a tornar-se sensível às influências astrais, acontece, às vezes, sentir-se oprimida, dominada por um pavor inteiramente inexplicável e aparentemente irracional, que se precipita contra ela com uma força capaz de paralizá-la. Toda resistência contra isto é vã, embora ela talvez se revolte. Provavelmente poucos são aqueles que não passaram por esta experiência, ao sentirem a presença de alguém.

Esta sensação surge, em parte, de uma hostilidade que anima o mundo elemental natural contra a raça humana, devida à reação no astral às forças destrutivas postas em jogo pela humanidade no mundo físico. Mas também pode-se atribuir a isto a presença de multidões de elementais artificiais de natureza hostil, reproduzidos pelo pensamento humano. Os pensamentos de ódio, inveja, vingança, pesar, suspeita e desgosto são produzidos aos milhões, de modo que no plano astral pululam elementais-artificiais animados por tais sentimentos. Quanta desconfiança e suspeitas indefinidas são derramadas pelo ignorante contra todos aqueles cujo aspecto e maneiras lhes são estranhos e pouco familiares! A estúpida desconfiança alimentada para com todos os estrangeiros, o desprezo grosseiro que existe em muitas localidades, mesmo contra os habitantes do distrito vizinho, tudo isso contribui ainda mais para as nocivas influências do mundo astral. Com toda a multiplicidade dessas coisas entre nós, criamos no mundo astral legiões cegamente hostis, e a repercussão disso em nosso corpo astral gera este sentimento de terror vago, resultado das vibrações antagônicas que sentimos sem compreender.

Além da espécie dos elementais-artificiais, o mundo astral encerra uma população densa, embora não incluindo nesse número os seres humanos desembaraçados do corpo físico pela morte. Encontramos aí inumeráveis legiões de elementais-naturais, ou espíritos da Natureza, divididos em cinco classes principais: os elementais do éter, do fogo, do ar, da água e da terra. Estes quatro últimos grupos receberam dos ocultistas da Idade Média os nomes respectivos de salamandras, silfos, ondinas e gnomos (existem ainda outras duas classes que completam o conjunto, mas estas não nos interessam por enquanto, porque ainda não se manifestaram).

São estes os verdadeiros elementais, ou criaturas dos elementos: terra, água, ar, fogo e éter, e eles estão encarregados de desenvolver atividades concernentes aos seus respectivos elementos. Constituem os canais através

dos quais as energias divinas operam nestes diversos meios. São, para cada elemento, a expressão viva da lei. À frente de cada uma dessas divisões se encontra um grande Ser, o chefe de uma poderosa hoste (1), a suprema inteligência diretora de todo aquele departamento da Natureza, que é ativado e energizado pela classe de elementais sob seu controle.

Assim, Agni, o Deus do Fogo é uma grande entidade espiritual, que preside as manifestações do fogo, em todos os planos do Universo, e exerce sua administração por intermédio de legiões de elementais do fogo. Pela compreensão da natureza destes seres ou conhecendo os métodos para controlá-los, pode-se produzir os chamados milagres ou trabalhos mágicos, que de tempos em tempos atraem a atenção da imprensa, sejam eles decididamente o resultado de artes mágicas, ou sejam feitos com a ajuda dos "espíritos", como no caso do falecido Sr. Home, que podia pegar tranquilamente um carvão ardente em um braseiro e mantê-lo na mão sem se queimar. O fenômeno da levitação, a suspensão de um corpo no ar sem nenhum suporte visível, e o de andar sobre a água são executados com o auxílio dos respectivos elementais do ar e da água, embora um outro método seja mais frequentemente empregado.

Como os elementos entram na constituição do corpo humano, e sempre algum deles predomina, conforme a natureza da pessoa, todo o ser humano se relaciona com estes elementais, e estes lhe são particularmente amistosos, conforme a predominância no ser humano do respectivo elemento. Os efeitos deste fato, frequentemente observados, são popularmente atribuídos à "sorte".

Diz-se que uma pessoa tem a "mão boa" para as plantas crescerem, para acender fogareiros ou achar águas subterrâneas, etc. A Natureza, por meio de suas forças ocultas, a cada instante nos faz vibrar, mas somos lentos em perceber suas indicações. Muitas vezes a tradição esconde, em um provérbio ou uma fábula, uma verdade, mas deixamos para trás todas essas "superstições".

Encontramos também no plano astral espíritos da Natureza (inadequadamente chamados de elementais) que se ocupam da construção das formas nos reinos mineral, vegetal, animal e humano. Há espíritos da Natureza que trabalham com os minerais, canalizam as energias vitais nas plantas, e que constroem os corpos, molécula por molécula, no reino animal; ocupam-se da construção do corpo astral dos minerais, das plantas e dos animais, como também dos respectivos corpos físicos.

São estes espíritos as tradicionais fadas e os elfos das lendas, as pequenas criaturas que representam tão grande papel no folclore das nações, os filhos

encantadores e irresponsáveis da Natureza, friamente relegados, pela ciência, ao âmbito infantil. Um dia virá em que lhes renderão justiça, devolvendo-lhes o lugar que eles ocupam na ordem natural. Mas enquanto esperamos, somente o poeta e o ocultista acreditam em sua existência: o poeta, pela intuição de seu gênio; o ocultista, pela visão de seus sentidos internos desenvolvidos. A multidão zomba de ambos, sobretudo do ocultista, mas isto pouco importa; um dia a Sabedoria será reabilitada por seus filhos.

A ativa circulação das correntes de vida no duplo etérico das formas minerais, vegetais e animais desperta, pouco a pouco, de seu estado latente a matéria astral que jáz oculta em seus constituintes atômicos e moleculares. A princípio, esta matéria começa a vibrar nos minerais, muito fracamente, e a Mônada da forma (1), exercendo o seu poder organizador, vai atraindo materiais do mundo astral com os quais os espíritos da Natureza elaboram uma forma vagamente constituída, o corpo astral do mineral.

No reino vegetal, os corpos astrais são um pouco melhor organizados, e sua característica especial, a “sensação”, começa a manifestar-se. Já se pode observar, na maioria das plantas, sensações vagarosas e difusas de bem-estar ou conforto, que são o resultado da atividade crescente do corpo astral. As plantas gozam vagamente do ar, do sol, da chuva, que procuram às apalpadelas, ao passo que se esquivam diante das condições nocivas. Algumas procuram a luz, outras a escuridade. Elas respondem aos estímulos e se adaptam às condições externas, mostrando algumas claramente um sentido de tato.

No reino animal, o corpo astral é mais desenvolvido e nos representantes mais elevados, atinge uma organização suficientemente perfeita para manter sua coesão durante certo tempo, após a morte do corpo físico e para levar uma existência independente no plano astral.

Os espíritos da Natureza, ligados à construção do corpo astral animal e humano, receberam o nome especial de elementais de desejo ou Kamadevas (deuses do desejo) (2), porque são poderosamente animados por toda espécie de desejos, e se introduzem continuamente na constituição dos corpos astrais humano e animal. Eles também usam as variedades de essência elemental análogas às que compõem os seus próprios corpos, para construir os corpos astrais dos animais, de modo que estes corpos adquirem, como parte integrante de sua estrutura, os centros de sensação e os das diversas atividades emocionais.

Estes centros são estimulados a funcionar pelas excitações que os órgãos

físicos densos recebem e transmitidas através dos órgãos etéricos físicos para o corpo astral. Enquanto o centro astral não é atingido pela excitação, o animal não experimenta prazer ou dor.

Uma pedra pode ser golpeada, mas não experimentará dor alguma. Ela possui moléculas físicas densas e etéricas, mas o seu corpo astral não está organizado. O animal, ao contrário, sente dor em consequência de um golpe, porque possui os centros astrais da sensação, integrados em sua natureza pelos elementais do desejo.

Como sabemos que, na construção do corpo astral humano, intervém uma consideração nova na operação desses elementais, vamos primeiramente terminar o nosso exame dos habitantes do plano astral, antes de passar ao estudo da forma astral humana, muito complexa.

Como já vimos, os corpos de desejo (1), ou corpos astrais dos animais, têm no plano astral, uma existência independente, embora efêmera, depois que a morte destrói o invólucro físico. Nos países “civilizados” estes corpos astrais dos animais contribuem muito para aumentar o sentimento geral de hostilidade de que falamos antes porque o massacre organizado e sistemático dos animais nos matadouros e nos esportes lança anualmente no mundo astral milhões destas criaturas cheias de horror, de espanto e de aversão pelos seres humanos.

O número comparativamente mínimo das criaturas que deixamos morrer em paz perde-se no meio da imensidão dos sacrificados, e as correntes que estes geram derramam, do mundo astral, sobre animais e homens, influências que tendem a aumentar este repúdio, porque produzem, de um lado, o temor e a desconfiança instintiva, e de outro, o prazer de inflingir crueldade.

Estes sentimentos têm sido fortemente intensificados nos últimos anos devido aos métodos de tortura científica friamente premeditados, conhecidos pelo nome de viviseção (2), método cuja crueldade sem nome têm introduzido novos horrores no mundo astral, pela reação sobre os culpados (3), e ao mesmo tempo isto aumenta o abismo entre o ser humano e seus “parentes pobres”.

Além do que podemos chamar de população normal do mundo astral, encontram-se no mesmo viajantes de passagem, que para lá vão por seu trabalho, e que não podemos deixar de mencionar, alguns deles vêm do nosso mundo terrestre, enquanto outros são visitantes vindos de regiões mais altas.

Entre os primeiros, muitos são Iniciados de diversos graus, alguns deles membros da Grande Loja Branca, a Fraternidade Tibetana, ou do Himalaia, como muitas vezes a chamamos (4), ao passo que outros pertencem às diferentes lojas ocultas, espalhadas pelo mundo, cuja coloração característica varia, desde o branco até o negro, passando por todos os matizes do cinzento (5). São seres humanos vivendo em corpo físico, e que aprenderam a abandonar o seu invólucro físico para agir conscientemente no corpo astral. Eles se situam em todos os graus de saber e de virtude, benfeitores e malfeitores, fortes e fracos, meigos e terríveis.

Além destes encontramos muitos aspirantes jovens, ainda não iniciados, que aprendem a servi-se de seu veículo astral e que são empregados em obras boas ou malignas, conforme o caminho em que se colocaram.

Encontramos igualmente neste plano os psíquicos, em diversos graus de desenvolvimento, uns sofrivelmente despertados, outros em estado de sonho ou torpor, vagando sem direção, enquanto os seus corpos físicos estão adormecidos ou em estado de transe.

Vem em seguida a multidão dos seres humanos comuns: milhões de corpos astrais que flutuam ao acaso, cujos corpos físicos estão profundamente adormecidos. Em cada uma destas formas astrais, a consciência humana concentra-se em si mesma, absorvida em seus próprios pensamentos, refugiada, por assim dizer, no interior de seu invólucro astral. Como veremos dentro em pouco, a consciência em seu veículo astral, desprende-se quando o corpo adormece e passa ao plano astral, mas fica inconsciente de tudo que a rodeia, até que o corpo astral esteja suficientemente desenvolvido para funcionar independente do corpo físico.

De vez em quando, pode-se ver neste plano, um discípulo (1) que passou pela morte, e se prepara para uma reencarnação quase imediata, sob a direção de seu Mestre. Ele goza evidentemente de sua plena consciência, e trabalha como outros discípulos que ainda apenas se afastam do corpo físico adormecido. Ao chegar a um determinado estágio, é permitido ao discípulo reencarnar-se pouco tempo após a morte e, nesse caso, ele deve esperar no plano astral uma ocasião favorável para renascer.

Os seres humanos a caminho da reencarnação, passam igualmente através do plano astral (2); eles serão mencionados mais tarde e não se ocupam com a vida geral do plano astral. Entretanto, os elementais do desejo, que tenham afinidade com eles devido às atividades emocionais e sensoriais de seu passado, reúnem-se em torno deles ajudando na construção do novo corpo

astral, para a próxima existência terrestre.

Passemos à consideração do corpo astral humano durante o período da existência física e estudemos sua natureza e sua constituição, como também as suas relações com o mundo astral. Para isto, tomaremos sucessivamente: a) o corpo astral de um homem pouco evoluído; b) o de um homem médio; c) o de um homem espiritualmente desenvolvido.

a) O corpo astral de um homem pouco evoluído é uma massa nebulosa imprecisamente organizada e vagamente delimitada de espírito-matéria astral contendo materiais, isto é, matéria astral e essência elemental, tirados de todas as subdivisões do plano astral, mas predominando neles, fortemente, substâncias do astral inferior. Por isso é de textura densa e grosseira, apto a responder a todos os estímulos que se prendem às paixões e aos apetites. As cores produzidas pelos ritmos vibratórios destes materiais são embaçadas, lamacentas e sombrias.

O pardo-escuro, o vermelho carregado, os verdes sujos, são suas nuances predominantes. Nenhum jogo de luz, nenhuma cintilação rápida de cores cambiantes em semelhante corpo astral, mas as diversas paixões se mostram sob a forma de ondas pesadas ou, quando são violentas, sob a forma de relâmpagos. Assim, a paixão sexual produzirá uma vaga de carmesim escuro; a cólera, um relâmpago vermelho e sinistro.

O corpo astral é maior que o corpo físico e se estende em torno dele em todos os sentidos a 25 ou 30 centímetros no exemplo que ora estudamos. Os centros dos órgãos sensoriais estão nitidamente assinalados e mostram atividades quando afetados pelo exterior; mas no estado de repouso, as correntes vitais são apáticas, e o corpo astral, não recebendo estímulo, nem do físico nem do mental, permanece inerte e indiferente (1). Uma característica constante do estado primitivo é que a atividade é mais estimulada pelo exterior do que pela consciência interna. Para que uma pedra se mova, é necessário o impulso; uma planta se move sob a atração da luz e da umidade; um animal torna-se ativo quando a fome o aguilha. O homem fracamente desenvolvido tem necessidade de ser excitado de uma maneira análoga. É necessário que a mente esteja parcialmente evoluída para que comece a tomar a iniciativa da ação. Os centros das faculdades superiores (2), relacionados com o funcionamento independente dos sentidos astrais, são dificilmente visíveis. Neste estado o homem tem necessidade, para sua evolução, de todas as espécies de sensações violentas, com o fim de sacudir sua natureza, excitando-o à atividade. Choques violentos, tanto de prazer como de dor, oriundos do mundo exterior são necessários para despertá-lo e conduzi-lo à ação. Quanto mais numerosas e violentas são as sensações, mais seu crescimento é favorecido. Neste estado primitivo, pouco importa a qualidade; a quantidade e o

vigor são as principais necessidades.

É no embate das paixões que nasce a moralidade do homem. Um leve movimento de abnegação em suas relações com a mulher, um filho ou amigo, constitui o primeiro passo na via ascendente, por provocar vibrações na matéria mais sutil do seu corpo astral, e atrair mais essência elemental de uma espécie adequada. O corpo astral renova constantemente seus materiais sob a influência das paixões e apetites, dos desejos e emoções. Todos os de boa qualidade fortificam as partes mais sutis deste corpo, expulsando alguns elementos grosseiros, fazendo entrar materiais mais delicados e atraindo em torno dele elementos de natureza benéfica, que auxiliam o processo de renovação. Aqueles de má qualidade produzem efeitos diametralmente opostos, tendentes a fortificar os elementos grosseiros, expulsando os mais sutis e fazendo com que entre no corpo astral mais material impuro, e atraindo elementais que ajudam o processo de deterioração.

No caso que ora consideramos os poderes morais e intelectuais do homem são ainda tão embrionários, que se pode dizer que, na realidade a construção e a modificação do seu corpo astral são executadas mais para ele do que por ele.

Estas operações dependem mais das circunstâncias exteriores que propriamente de sua vontade porque, como já dissemos, é característico de um baixo grau de evolução que o homem seja movido muito mais pelo exterior e pela ação do corpo e não interiormente e por sua mente. É indício de um progresso considerável quando um homem começa a agir por sua vontade, por sua energia auto-determinada, em vez de ser arrastado pelo desejo, isto é, por uma resposta a uma atração ou repulsão exterior.

Durante o sono, o corpo astral, servindo de invólucro à consciência, desliza fora do organismo físico, deixando juntos os corpos denso e etérico adormecidos. Mas, neste nível a consciência não está ainda despertada no corpo astral, porque ela não pode aí encontrar nada semelhante aos contatos violentos que a sacodem, quando está em sua forma física. Unicamente os elementais de natureza grosseira podem afetar o corpo astral, provocando no mesmo vibrações que se refletem no cérebro etérico e denso e induzem a sonhos de prazeres animais. O corpo astral flutua pouco acima do corpo físico, mantido por sua poderosa atração sem se poder afastar dele.

b) No homem medianamente desenvolvido na moralidade e no intelecto, o corpo astral manifesta um progresso imenso com relação ao tipo que acabamos de descrever. Suas dimensões são mais consideráveis, seus materiais estão mais equilibrados e a presença daqueles de espécies mais finas dão uma certa qualidade luminosa ao conjunto, enquanto que a expressão das emoções

superiores faz correr nele admiráveis ondulações coloridas. O seu contorno é claro e definido em vez de vago e oscilante, como no caso precedente, e reproduz a imagem de seu possuidor.

Este corpo astral está evidentemente tornando-se um veículo para o homem interno, com uma organização definida e estável, um corpo adequado e pronto para funcionar, capaz de manter-se por si mesmo, independente do corpo físico. Embora mantenha uma grande plasticidade, tem entretanto, uma forma habitual, à qual volta invariavelmente, quando cesse qualquer pressão que tenha causado mudança no seu contorno. Sua atividade é constante e, em consequência, está em contínua vibração, revestindo-se a todo instante de tons cambiantes. Também as "rodas" (chakras) são claramente visíveis, embora ainda não funcionem [\(1\)](#). Esta forma astral responde rapidamente a todos os contatos que lhe vêm através do corpo físico e é impulsionada pelas influências despejadas nela, procedentes do ser consciente interno.

A memória e a imaginação estimulam, portanto, o corpo astral, e este, por sua vez, impele o corpo físico à ação, em vez de ser exclusivamente movido por ele, como no caso precedente. A sua purificação segue sempre a mesma marcha: expulsão dos elementos inferiores por meio da produção de vibrações contrárias, e assimilação de materiais mais sutis em substituição daqueles inferiores. Mas, presentemente, o desenvolvimento moral e intelectual do homem coloca esta construção quase inteiramente em suas próprias mãos, porque não é mais levado cegamente pelos estímulos da natureza exterior, mas raciocina, julga, e resiste ou cede, conforme o caso lhe aprouver.

Pelo exercício do pensamento bem dirigido, pode afetar rapidamente o corpo astral e portanto o aperfeiçoamento deste pode ocorrer com uma rapidez crescente. E para chegar a este resultado, não é necessário que o homem compreenda exatamente o *modus operandi*, assim como um homem não tem necessidade, para ver, de conhecer as leis da óptica.

Durante o sono, este corpo astral bem desenvolvido se desprende de seu revestimento físico, mas não se mantém mais junto deste, como no caso precedente. Vagueia no mundo astral, levado sem direção pelas correntes astrais, ao passo que a consciência interior, incapaz ainda de dirigir seus movimentos, está desperta, ocupando-se em admirar e gozar suas próprias imagens e atividades mentais. Ele pode igualmente receber, através de seu invólucro astral, impressões que transforma em imagens mentais. Desta maneira, o homem pode ganhar conhecimentos fora do corpo físico e pode transmiti-los depois ao cérebro, sob a forma de sonhos ou visões nítidas, ou faltando este elo da memória, os conhecimentos adquiridos poderão infiltrar-se na consciência de vigília.

c)- O corpo astral de um homem espiritualmente desenvolvido compõe-se das partículas mais sutis de cada subdivisão da matéria astral, preponderando as mais elevadas. É portanto, uma bela forma em luminosidade e colorido e tonalidades desconhecidas em nosso planeta surgem, sob os impulsos procedentes da inteligência purificada. As "rodas de fogo" justificam agora o nome que possuem e seu movimento turbilhonário denota a atividade dos sentidos superiores. Um corpo assim é, na perfeita acepção do termo, um veículo de consciência porque no decurso da evolução foi vivificado em cada órgão e posto sob o controle absoluto do seu dono. Quando, neste invólucro, o homem deixa seu corpo físico, não ocorre a menor interrupção de consciência. Simplesmente rejeita o mais pesado dos seus revestimentos e sente-se desembaraçado de um grande peso. Pode mover-se em todos os sentidos nos limites da esfera astral com rapidez incrível, e já não é tolhido pelas estreitas condições da vida terrestre. Seu corpo obedece à sua vontade, refletindo e obedecendo o seu pensamento. Suas oportunidades de servir a humanidade são assim enormemente aumentadas, e seus poderes são guiados por sua virtude e beneficência. A ausência de partículas grosseiras em seu corpo astral o torna incapaz de responder aos estímulos dos objetos inferiores do desejo, os quais se desviam dele por não atraí-los mais. O corpo todo vibra somente em resposta às emoções mais elevadas, seu amor se expandiu até à devoção, a sua energia é equilibrada pela paciência. Meigo, calmo, sereno, cheio de poder, mas sem o menor traço de agitação, a um homem assim todos os *siddhis* estão prontos a servir [\(1\)](#).

O corpo astral é uma ponte lançada sobre o abismo que separa do cérebro físico a consciência. As impressões recebidas pelos órgãos sensoriais e transmitidas, como já vimos, aos centros denso e etérico, passam em seguida aos centros astrais correspondentes. Aí são elaboradas pela essência elemental e transformadas em sensações, para serem finalmente apresentadas ao homem interior como objetos em sua consciência; essas sensações despertam vibrações correspondentes nos materiais do corpo mental [\(2\)](#). Por meio destas gradações sucessivas na pureza do espírito-matéria as fortes impressões dos objetos terrestres podem ser transmitidas à entidade consciente. Por sua vez, as vibrações estabelecidas pelos seus pensamentos, podem passar pela mesma ponte até o cérebro físico e ali induzir vibrações físicas correspondentes às vibrações mentais. Este é o modo normal e regular, no qual a consciência recebe as impressões do exterior e envia em troca impressões para o exterior. É sobretudo por esta passagem contínua de vibrações, tanto em um como em outro sentido, que o corpo astral vai evoluindo. Esta dupla corrente atua sobre ele simultaneamente do interior e do exterior; desenvolve a sua organização e auxilia o seu crescimento geral.

Assim o corpo astral se expande, a sua textura refina-se, a sua forma exterior ganha em limpidez, e sua organização interna acentua-se. Treinado assim a responder à consciência, torna-se gradualmente apto a funcionar como seu veículo separado e a transmitir-lhe com precisão as vibrações recebidas diretamente do mundo astral. Muitos leitores terão tido alguma pequena experiência da recepção, pela consciência, de impressões que procedem do exterior, sem que se possa atribuí-las a qualquer contato físico, e que são muito rapidamente confirmadas por algum acontecimento externo. Muitas vezes estas são impressões recebidas diretamente pelo corpo astral e por ele transmitidas à consciência; tais impressões se mostram frequentemente sob a forma de previsões que em breve se confirmam. Quando o homem está muito evoluído, embora o grau varia muito conforme outras circunstâncias, estabelecem-se vínculos entre o corpo físico e o astral, e entre este e o mental, de modo que a consciência passa sem interrupção de um estado a outro, e a memória não apresenta mais estas lacunas que, no homem comum, interpõe uma fase de inconsciência na passagem de um ponto a outro. Então, o homem também pode exercer livremente seus sentidos astrais, enquanto sua consciência funciona no corpo físico, de modo que estas vias de informações mais amplas de conhecimento, tornam-se distintivas de sua consciência no estado de vigília. Os assuntos que eram outrora para ele questões de fé tornam-se questões de conhecimento, e pode verificar pessoalmente a exatidão de uma grande parte dos ensinamentos teosóficos com relação às regiões inferiores do mundo invisível.

+ + + + +

Quando o ser humano é analisado em relação aos "princípios", isto é, às modalidades de manifestação da vida, se diz que seus quatro princípios inferiores, designados pelo nome de "Quaternário Inferior", funcionam nos planos astral e físico. O quarto princípio é *Kama*, o desejo, a vida manifestando-se no corpo astral e por ele condicionada. É caracterizado pelo atributo da sensibilidade, seja sob a forma rudimentar da sensação ou sob a forma complexa da emoção, ou sob qualquer um dos graus intermediários. Tudo isso é resumido pelo termo "desejo", aquilo que é atraído ou repelido pelos objetos, conforme dão prazer ou dor ao "eu" pessoal. O terceiro princípio é *Prana*, a vida

especializada para a manutenção do organismo físico. O segundo princípio é o duplo etérico, e o primeiro é o corpo denso. Estes três últimos princípios funcionam no plano físico.

Em suas classificações posteriores, H.P. Blavatsky eliminou *Prana* e o corpo físico da lista de princípios, *Prana* por ser a vida universal, e o corpo físico denso por ser apenas a contraparte do etérico, e por ser formado de materiais sempre mutáveis, ligados a uma matriz etérica. Ao adotarmos esta maneira de ver, alcançamos a grandiosa concepção filosófica da Vida Una, do Ser Uno, manifestando-se como homem e apresentando aspectos diversos e transitórios conforme as condições que lhe impõem os corpos que vivifica. Essa Vida permanece íntegra no centro, embora se manifeste sob aparências diversas, quando a contemplamos de fora, conforme as espécies de matéria em um corpo ou outro. No corpo físico essa Vida é *Prana*, energizando, controlando e coordenando. No corpo astral é *Kama*, sensação, gozo e sofrimento. Encontramo-la ainda sob outros aspectos nos planos mais elevados, mas a idéia fundamental é a mesma em toda parte, e é uma daquelas idéias fundamentais da Teosofia, as quais, claramente compreendidas, servem de fios condutores através deste nosso mundo, tão complexo.

Capítulo III

Kamaloka

Este termo, que literalmente significa o lugar a morada do desejo, é como já foi indicado, uma parte do plano astral, não uma região separada do resto do plano, como se fosse uma localidade distinta, mas caracterizada pelas condições de consciência das entidades que ali se encontram (1). São aqueles seres humanos privados de seus corpos físicos pela morte, e destinados a passar por certas transformações purificadoras antes que possam entrar na vida pacífica e feliz que pertence ao homem propriamente dito, isto é, à alma humana. (2).

Esta região representa e engloba as condições atribuídas aos diferentes estados intermediários, infernos e purgatórios, que todas as grandes religiões consideram como a residência temporária do homem após o abandono de seu corpo físico e antes de atingir o “céu”. Não inclui nenhum lugar de tortura eterna, porque o inferno eterno, no qual acreditam alguns fanáticos, é apenas um pesadelo de ignorância, ódio e medo. Mas esta região compreende, na

verdade, condições de sofrimento, temporárias e purificadoras em sua natureza, experimentadas pelo homem quando elabora as causas postas em ação durante a sua vida física; essas condições são tão naturais e inevitáveis como quaisquer efeitos causados neste mundo pela nossa ação errada, porque vivemos em um universo de lei e cada semente deve frutificar conforme a sua natureza. A morte em nada altera a natureza mental e moral do homem, e a mudança de estado que se dá na passagem de um mundo para outro apenas elimina o corpo físico, sem tocar no resto de sua natureza.

A condição de Kamaloka se encontra em cada uma das subdivisões do plano astral, de forma que podemos considerar Kamaloka como tendo sete regiões a que chamaremos de primeira, segunda, terceira, e assim até a sétima, contando de baixo para cima (3). Já vimos que entram na composição do corpo astral materiais tirados de todas as subdivisões do plano, e é uma disposição especial destes materiais, a ser explicada depois, que separa as pessoas moradoras em uma região, daquelas de uma outra, ao passo que as de uma mesma região podem comunicar-se entre si. As regiões, cada uma sendo uma subdivisão do plano astral, diferem em densidade, e a densidade da forma exterior da entidade que ali mora determina a região à qual ela se encontra limitada. São estas diferenças no estado da matéria que impedem a passagem de uma região a outra. Os habitantes de uma região não podem entrar em contato com os de outra região, assim como o peixe das maiores profundidades do oceano não pode conhecer a águia. O meio necessário à vida de um seria fatal à vida do outro.

Quando o corpo físico é abatido pela morte, o duplo etérico, arrastando consigo *prana* e acompanhado de todos os outros princípios, isto é, o homem completo, com exceção do corpo denso, retira-se do “tabernáculo da carne”, termo que designa admiravelmente o invólucro exterior do ser. Todas as energias vitais que irradiavam para o exterior são reconduzidas para o interior e “recolhidas” por *prana*, e esse recolhimento se manifesta pelo entorpecimento que invade os órgãos físicos dos sentidos. Os órgãos estão lá, como sempre, prontos para entrar em atividade, mas o “Regente Interno” está indo, ele que, por meio deles, via, ouvia, tocava, sentia; entregues a si mesmos são simples agregados de matéria, matéria viva, é verdade, mas sem nenhum poder de ação perceptiva. Lentamente o senhor do corpo se retira, envolto no duplo etérico violeta cinza, e absorto na contemplação do panorama de sua vida passada, que se desenrola diante dele, na hora da morte, completo até nos menores detalhes.

Neste quadro estão todos os acontecimentos de sua vida, grandes e pequenos. Vê suas ambições realizadas ou falidas, seus esforços, triunfos, derrotas, amores e ódios. A tendência predominante do conjunto surge claramente, o pensamento diretor da vida se afirma e se imprime profundamente na alma,

assinalando a região onde passará a maior parte de sua existência póstuma. Solene é o momento em que o homem, frente a frente de sua vida, ouve sair dos lábios do seu passado o vaticínio de seu porvir. Durante um breve período de tempo, ele se vê tal qual é, reconhece a finalidade de sua vida e adquire convicção de que a Lei é poderosa, justa e boa. Em seguida, o laço magnético entre o corpo denso e o duplo etérico se rompe; assim se separam os dois associados de uma vida inteira, e salvo casos excepcionais, o homem cai numa plácida inconsciência.

A calma e o respeito devem marcar a conduta de todos os que se aproximam do leito de um moribundo, a fim de que um solene silêncio deixe ininterrupto este desenrolar do passado para a alma que parte. Os gritos, as lamentações ruidosas produzem uma impressão penosa e podem perturbar sua atenção. Não deixa de ser um ato impertinente e egoísta interromper, pelo desgosto de uma perda pessoal, a calma que deve ajudá-la e apaziguá-la. A religião age sabiamente quando prescreve orações para os agonizantes porque mantém a calma e provocam aspirações desinteressadas que auxiliam o moribundo, e que, como todo pensamento amoroso, dão-lhe proteção e abrigo.

Algumas horas após a morte, geralmente não excedem de trinta e seis, o homem se retira do corpo etérico, deixando-o, por sua vez, como um cadáver inerte que permanece próximo do cadáver denso e partilhando o mesmo destino. Se o corpo denso é enterrado, o duplo etérico flutua acima do túmulo, desagregando-se lentamente e a penosa impressão que muitas pessoas experimentam nos cemitérios é, em grande parte, devido à presença destes cadáveres etéricos em decomposição. Quando se queima o corpo, ao contrário, o duplo etérico se dissolve rapidamente porque perde seu ponto de apoio e seu centro de atração física e esta é uma razão, entre muitas, para que se prefira a cremação em vez do enterro, como meio de eliminar os cadáveres.

O afastamento do homem de seu duplo etérico é seguido da retirada de *prana* que então volta ao grande reservatório da vida universal, ao passo que o ser humano prestes a passar ao Kamaloka passa por uma recomposição de seu corpo astral, por meio da qual poderá submeter-se às transformações purificadoras que são necessárias para a libertação do próprio homem (1). Durante a vida terrestre, os diversos estados da matéria astral se misturam, formando o corpo astral, como fazem os sólidos, os líquidos e os gases no interior do corpo físico. A mudança na recomposição do corpo astral em seguida à morte consiste na separação destes materiais, por ordem de densidade, em uma série de invólucros ou capas concêntricas, a mais sutil por dentro e a mais densa por fora, sendo cada capa formada pela matéria de uma única subdivisão do plano astral. O corpo astral torna-se, portanto, um conjunto de sete camadas superpostas, um sétuplo envolvimento de substâncias astrais, onde o homem,

pode-se dizer, fica prisioneiro, pois que somente a ruptura destas camadas o tornará livre. Pode-se compreender agora a importância capital da purificação do corpo astral durante a vida terrestre. O homem fica retido em cada uma dessas subdivisões do Kamaloka, até que o invólucro de matéria dessa subdivisão fique suficientemente desagregado para lhe permitir passar à subdivisão seguinte. Além disso, a medida do trabalho feito pela sua consciência em cada espécie de matéria astral, determina se ele estará desperto e consciente em uma determinada região ou passará por ela inconsciente, “absorto em sonhos agradáveis”, e apenas retido durante o tempo necessário à desagregação automática do invólucro.

O homem espiritualmente desenvolvido, que purificou tanto o seu corpo astral de modo que os seus constituintes sejam provenientes somente do grau mais fino de cada divisão de matéria astral, apenas atravessa o Kamaloka sem aí se deter. Seu corpo astral se desvanece com extrema rapidez, e sem demora alcança o lugar que o destino lhe assinala, de acordo com a sua evolução. Um homem menos desenvolvido, mas cuja vida foi pura e sóbria, e que não se prendeu às coisas da terra, atravessará o Kamaloka num vôo menos rápido, mas sonhará pacificamente, inconsciente do que o rodeia, enquanto seu corpo mental vai abandonando sucessivamente as diferentes camadas astrais para despertar somente quando alcançar as camadas celestes. Outros, menos desenvolvidos ainda, despertarão depois de terem atravessado as regiões inferiores do plano astral, readquirindo a consciência na divisão que corresponder à sua atividade consciente durante a vida terrestre, porque a consciência desperta ao contato de impressões familiares, embora elas sejam agora recebidas diretamente pelo corpo astral, sem o auxílio do físico. Aqueles que viveram em meio às paixões animais, despertarão na região correspondente a estas paixões, pois cada homem se coloca exatamente “no lugar que ele mesmo escolheu”.

O caso de indivíduos atirados bruscamente para fora da vida física por acidente, suicídio, assassinato ou morte súbita, qualquer que seja ela, difere da morte normal em consequência do esgotamento das energias vitais pela velhice ou pela doença. Se eles forem puros e de tendências espirituais, serão objeto de uma proteção especial e passarão dormindo felizes até o final de suas vidas naturais. Mas, em outros casos, ficarão conscientes e incapazes de compreender que perderam seu corpo físico, e enredados durante algum tempo na cena terrestre fatal. Durante todo este tempo, permanecerão na região astral com a qual merecem estar em contato, conforme a zona mais exterior de seu corpo astral. Para essas almas, a vida regular no Kamaloka só começa depois de esgotado o período que deveria durar suas existências terrestres e são vividamente conscientes de ambos os ambientes, o astral e o físico.

Um assassino, executado pelo seu crime, continua, segundo o testemunho de um dos Mestres que instruiu a Sra. Blavatsky, vivendo e revivendo no Kamaloka a cena do assassinato e os acontecimentos subsequentes, sempre repetindo o seu ato diabólico e novamente experimentando todos os terrores da sua prisão e execução. Do mesmo modo, um suicida reproduzirá automaticamente os sentimentos de desespero e de temor que precederam o seu suicídio, e passará seguidamente pelo ato e agonia com uma persistência lúgubre. Uma mulher que morreu em meio às chamas, tomada de um pavor louco, depois de esforços desesperados para escapar, criou um tal turbilhão de emoções que, cinco dias depois, ainda lutava loucamente vendo-se sempre rodeada de chamas e repelindo violentamente todos os esforços que faziam para acalmá-la. Uma outra mulher, ao contrário, tragada pelas ondas numa tempestade, morreu tranquilamente e cheia de amor, comprimindo o seu filhinho contra seu seio. Do outro lado da morte pôde ser observada, dormindo num sono pacífico, sonhando com seu marido e seus filhos que lhe apareciam em visões felizes, tão perfeitas como a realidade.

Nos casos mais comuns, a morte por acidente é uma desvantagem real, resultado de alguma falta grave (1), pois o fato de estar perfeitamente consciente das regiões inferiores do Kamaloka, estreitamente ligadas à terra, traz consigo muitos inconvenientes e perigos. O homem fica absorto em projetos e nos interesses que o preocuparam durante a vida e tem consciência da presença das pessoas e coisas ligadas a ele. Sente-se quase irresistivelmente levado a fazer esforços para experimentar e influir nos negócios aos quais suas paixões e seus sentimentos ainda se prendem e liga-se ainda ao mundo físico, embora já tenha perdido todos os órgãos habituais de sua atividade.

O único meio para alcançar a paz consiste em desviar-se resolutamente da terra e fixar seu pensamento em coisas superiores, mas o número dos que têm coragem para fazer este esforço, é comparativamente, diminuto, apesar do auxílio que lhe oferecem sempre os auxiliares do plano astral, cuja tarefa consiste em ajudar e guiar os que deixam este mundo (1). Na maioria das vezes estas almas sofredoras, incapazes de suportar sua inação forçada, procuram o auxílio de sensitivos com os quais possam se comunicar, para ainda mais uma vez se ocuparem dos assuntos terrestres. Às vezes, procuram mesmo obsedar médiums disponíveis e assim utilizar corpos alheios para seus próprios fins, contraindo assim, grandes responsabilidades para o futuro. Não é sem uma razão oculta que a clérigos ingleses foi ensinada esta oração: "Da batalha, do assassinato e *de uma morte súbita* livrai-nos, Senhor!".

Podemos agora considerar, uma a uma, as subdivisões do kamaloka, para formarmos uma idéia das condições que o homem preparou para si, neste

estado intermediário, pelos desejos que cultivou durante sua vida física. Deve-se recordar que a quantidade de vitalidade em qualquer uma das "camadas", e por conseguinte o seu confinamento naquela camada, depende da quantidade de energia lançada durante a vida terrestre naquela espécie de matéria astral da qual a camada se formou. Se as paixões mais baixas foram as mais ativas, a matéria astral mais grosseira será muito vitalizada, e predominará pela quantidade. Este princípio aplica-se através de todas as regiões do Kamaloka, de forma que o homem, durante a sua vida terrestre, pode facilmente conceber previamente o futuro que o separa imediatamente à sua morte.

A primeira divisão, a mais inferior, apresenta as condições descritas em diversas escrituras hindus e budistas sob o nome de "infernos" de várias espécies. Deve-se compreender que o homem, ao passar por um destes estados purgatórios, não fica realmente desembaraçado das paixões e dos desejos vís que o conduziram para lá. Eles continuam como parte integrante de seu caráter, permanecendo latentes na mente, em estado germinal, para surgirem e formarem a sua natureza passional quando ele voltar a nascer no mundo físico (2). A sua permanência na mais baixa região do Kamaloka deve-se à presença, em seu corpo astral, de matéria pertencente àquela região, e lá fica prisioneiro até que a maior parte daquela matéria seja afastada para permitir ao homem entrar em contato com a região imediatamente superior.

A atmosfera deste lugar é sombria, pesada, triste, deprimente em seu grau inconcebível. Parece exalar todas as influências mais opostas ao bem, como o faz mesmo, devido às pessoas cujas más paixões levaram-nas para este triste lugar (1).

Todos os desejos, todas as sensações horrendas, encontraram ali materiais apropriados à sua expressão; é, de fato, o lugar mais miserável com todos os horrores que se ocultam à vista física e que ali se mostram em sua hedionda nudez. O caráter repelente desta região é largamente aumentado pelo fato de que no mundo astral o caráter se expressa como forma e o homem que está carregado de más paixões mostra-se, portanto, em todo esse conteúdo. Os apetites bestiais dão ao corpo astral um aspecto bestial, e as formas hediondas e terríveis, semi-humanas e semi-animais, são a expressão mais própria de almas humanas brutalizadas. Ninguém, no mundo astral, pode ser hipócrita, nem dissimular seus maus pensamentos sob o véu de aparências virtuosas. Tudo que o homem é, manifesta em sua forma e em seu aspecto exterior; irradiando beleza quando seus pensamentos são nobres; asqueroso e repelente, quando sua natureza é vil. Compreender-se-á facilmente porque os Instrutores como Buddha, a cuja visão infalível todos os mundos estão abertos, puderam descrever o que viam nestes infernos, numa linguagem de um realismo terrível que, por vezes, parece incrível aos leitores de hoje, apenas

porque esquecem que todas as almas, uma vez libertadas da matéria pesada e não plástica do mundo físico, aparecem sob o seu verdadeiro aspecto, mostrando o que são realmente. Mesmo neste baixo mundo, um facínora vil apresenta um aspecto repugnante. Que devemos, pois, esperar com a matéria astral mais plástica, que se molda a cada impulso dos seus desejos criminosos?

Convém recordar que a população, se esta palavra pode ser usada, da mais inferior das regiões, compõe-se da escória da humanidade: assassinos, bandidos, criminosos violentos de todas as espécies, libertinos; em uma palavra, tudo o que há de mais vil no gênero humano. Não há ninguém aqui com a consciência exata do que o rodeia, com exceção daqueles culpados de crimes brutais, ou de crueldade persistente e deliberada ou possuídos por uma tendência desprezível. As únicas pessoas que podem ser de um tipo geral melhor, e que estão aqui por algum tempo, são os suicidas, homens que pondo fim a seus dias, quiseram escapar a punição terrestre dos seus crimes. Assim agindo, não fizeram senão agravar sua situação. Nem todos os suicidas, fique claro, porque o suicídio pode ser cometido por motivos bem diversos, mas somente aqueles que, devido a algum crime, covardemente se matam para evitar as consequências.

Independentemente do ambiente lúgubre e dos companheiros abjetos que ali existem, o homem é por si mesmo o criador imediato de sua própria miséria. Não tendo passado por mudança alguma, senão a perda de seu véu corpóreo, as pessoas aqui manifestam suas paixões em toda a sua hediondez inata e sua brutalidade indisfarçada; cheio de apetites ferozes e insaciáveis, inflamados pela vingança, pelo ódio, pela concupiscências que não podem satisfazer por falta dos respectivos órgãos, as almas vagueiam, furiosas e ávidas, através dessa morada sombria. Elas se reúnem em torno dos piores lugares da terra, nas casas de prostituição onde campeia o vício, a embriaguez, excitando os frequentadores destes lugares aos atos mais vergonhosos e ações violentas, procurando oportunidades para obsedá-los e conduzi-los aos piores excessos. A atmosfera sufocante sentida em torno destes lugares é, em grande parte, devida à presença destas entidades astrais ligadas à terra, possuídas de paixões abjetas e desejos infames. Os médiuns, a não ser que eles tenham um caráter puro e nobre, são alvos especiais de seus ataques, e com muita frequência os mais fracos, debilitados ainda mais pelo abandono passivo de seu corpo para ocupação temporária por outras entidades desencarnadas, são obsedados por estas criaturas e arrastados à intemperança e à loucura. Os assassinos executados, possuídos de terror, de ódio e vingança, renovam sem cessar seu crime por um impulso maquinal, reproduzindo mentalmente os seus terríveis resultados e envolvem-se numa atmosfera de formas-pensamento selvagens e, atraídos para quem alimente tais sentimentos de ódio e vingança, incitam a cometer o mesmo crime em que estão remoendo. Vê-se, às vezes, nesta região, um assassino constantemente seguido de sua vítima, cuja obsedante presença não pode evitar, e que persegue seus passos com uma persistência inevitável, apesar dos esforços que

faz para desembaraçar-se dela. A vítima, a menos que não seja de um caráter vil, é inconsciente do fato, e esta inconsciência mesmo, parece aumentar o horror desta perseguição infernal.

Aqui também é o inferno do vivisseccionista, porque a crueldade atrai ao corpo astral os materiais mais grosseiros e as mais repugnantes combinações da matéria astral e ele vive cercado pelas formas de suas vítimas mutiladas, lamentosas, trementes, lançando gritos, vivificadas, não pelas almas dos animais, mas pela vida elemental fremente de ódio contra os sacrificadores. Este repete suas piores experiências com uma regularidade automática, consciente de todo o horror e, no entanto, imperiosamente levado ao auto-tormento pelo hábito estabelecido em sua vida terrestre.

Antes de deixar esta região sombria, recordemos mais uma vez que não há aqui punições arbitrariamente infligidas exteriormente, mas unicamente o efeito inevitável de causas postas em ação pela própria pessoa. Durante sua vida física, estes homens cederam aos impulsos mais vís, atraíram e assimilaram em seu corpo astral materiais que unicamente podiam vibrar em resposta àqueles impulsos. Agora, este corpo que eles mesmos construíram torna-se a prisão de sua alma, e deve cair em ruínas antes que ela possa evadir-se. Assim como inevitavelmente um bêbado deve viver aqui em seu corpo físico repelente, abrasado pelo álcool, do mesmo modo deve viver lá, em seu corpo astral igualmente repelente. Tudo o que se semeia, se colhe segundo sua espécie, tal é a lei, em todos os mundos, e nada pode a isso escapar. Na verdade, o corpo astral não é mais repugnante e horrível lá do que era quando o homem vivia na terra, e tornava fétida a atmosfera em torno dele com suas emanações astrais. Mas na terra as pessoas não percebem esta fealdade porque astralmente são cegas.

Contudo, ao contemplar estes infelizes que são nossos irmãos, podemos consolar-nos pensando que seus sofrimentos são apenas temporários e estão dando uma lição muito necessária na vida da alma. Sob a reação terrível das leis da Natureza que foram violadas aprendem que estas leis existem e a desgraça que advém por ignorá-las na vida e na conduta. A lição que não aprenderam durante a vida terrena, arrastados pela vaga de luxúria e desejos, pressiona sobre eles aqui e pressionará sobre eles em suas vidas sucessivas até que os males sejam erradicados e o indivíduo eleve-se à uma vida melhor. As lições da Natureza são dolorosas mas, no final de tudo, suas lições são misericordiosas porque levam à evolução da alma e guiam-na para a conquista da sua imortalidade.

Passemos a uma região menos sombria. A Segunda divisão do mundo astral pode ser considerada como a reprodução astral do mundo físico porque os

corpos astrais das coisas e de muitas pessoas são, em grande parte, compostos da matéria pertencente a esta divisão do plano astral e estão, portanto, mais estreitamente em contato com o mundo físico do que com qualquer outra parte do plano astral. A maior parte das pessoas permanece aqui durante algum tempo, e em grande número elas estão aí conscientemente despertas. São pessoas cujos interesses estiveram ligados a coisas fúteis e insignificantes, somente se interessam por ninharias, e outras se deixaram dominar por sua natureza inferior e morreram com apetites ainda vivos e desejosas de gozos físicos. Como direcionaram suas vidas em grande parte para exterioridades e construíram, em consequência, seu corpo astral com materiais que facilmente respondiam aos contatos físicos, elas são mantidas por esses corpos na vizinhança de suas atrações físicas. Estas pessoas são, na maioria, descontentes, ambiciosas, irrequietas, variando o sofrimento conforme a intensidade dos desejos que não podem satisfazer. Algumas sofrem, de fato, uma angústia real, e ficam retidas muito tempo antes de esgotarem seus anseios terrestres. Muitos prolongam inutilmente sua estadia, procurando comunicar-se com a terra, em cujos interesses estão enredadas, por intermédio de médiums, que lhes emprestam um corpo físico para esse fim. Deles provêm a banal tagarelice, muito conhecida dos que frequentam sessões espíritas públicas, um palavreado de cortiço e moralidade pouco exigente. Estas almas, presas à terra, são geralmente de fraca inteligência, e suas comunicações não têm mais interesse (para quem já está convicto da existência da alma após a morte) do que tinha a sua conversação na terra. De resto, como no plano físico, são tanto mais afirmativas quanto mais ignorantes, descrevendo todo o mundo astral com o conhecimento limitado que possuem dele. Lá, como aqui:

“Eles confundem o burburinho de sua aldeia

Com os sons do Universo”.

É desta região que as pessoas desencarnadas, com alguma preocupação procuram, muitas vezes, comunicar-se com seus amigos a fim de colocar em ordem o negócio terrestre que as preocupa. Se não conseguem ser vistas, ou transmitir seus desejos a algum amigo sob a forma de sonho, poderão ocasionar muitas contrariedades por pancadas ou outros barulhos destinados a atrair a atenção, ou inconscientemente provocados por seus impacientes esforços. Neste caso, uma pessoa competente fará um ato de caridade, comunicando-se com a entidade angustiada, para saber o que ela deseja, e assim ela se liberta daquela inquietação que a impedia de prosseguir no seu caminho. Enquanto estão nesta região as almas podem muito facilmente ter a sua atenção desviada para a terra, mesmo que espontaneamente não o fizessem, e este mau serviço lhes é quase sempre feito pelas lamentações veementes e pelo anseio de sua presença querida, partido dos amigos que

deixou na terra. As formas-pensamento geradas por estes sentimentos juntam-se em torno das almas, pressionando-as e conseguem, muitas vezes, despertá-las, se estão em sono pacífico, ou, quando já estão conscientes, a constrangê-las a voltar a sua atenção para a terra. É no primeiro caso, sobretudo, que este egoísmo inconsciente dos amigos que ficam, faz aos mortos amados tanto mal, que estes mesmos amigos seriam os primeiros a lamentar. Talvez a compreensão destes sofrimentos desnecessários sobre os que deixam a terra, leve alguns a reconhecer o caráter impositivo dos preceitos religiosos que prescrevem a submissão à lei divina e o domínio sobre uma dor excessiva e revoltada.

A terceira e quarta regiões do Kamaloka diferem pouco da segunda e poderiam ser consideradas como suas reproduções etéricas, a quarta sendo mais sutil do que a terceira, mas as características das três regiões são muito semelhantes. Encontramos aqui almas de um tipo um pouco mais elevado, e embora presas pelo invólucro formado pela atividade de seus interesses terrestres, a sua atenção dirige-se geralmente mais para a frente do que para trás, e se não forem pressionadas a se voltar para as coisas terrenas, prosseguirão o seu caminho sem atrasos. No entanto, permanecem ainda suscetíveis às impressões terrestres e o interesse cada vez mais fraco pelos negócios deste mundo pode ser despertado pelos clamores daqui. Um grande número de pessoas instruídas e reflexivas que se deixam absorver pelos assuntos mundanos, ficam perfeitamente conscientes nestes planos e podem ser levadas a comunicar-se por intermédio de médiums, e mais raramente a procurar por si mesmas essa comunicação. Suas palavras têm, naturalmente, um nível um pouco mais alto que as provenientes da segunda região, mas não têm características que as tornem mais valiosas do que afirmações feitas por pessoas ainda no corpo físico. Não é, pois, do Kamaloka que procede a iluminação espiritual.

A quinta subdivisão do Kamaloka oferece muitas características novas. Seu aspecto é claramente luminoso e radiante, muito atraente para quem está habituado apenas às cores sombrias da terra, e justifica a denominação de astral, “estrelada”, dada ao conjunto do plano. É aqui que se encontram todos os céus materializados que tão importante papel representam nas religiões populares do mundo inteiro. Os campos de caça felizes do índio pele-vermelha, o Walhalla do escandinavo, o paraíso do muçulmano repleto de ninfas, a Nova Jerusalem com portas de ouro e pedras preciosas do cristão, o céu cheio de liceus do reformador materialista, todos têm aqui os seus lugares. Homens e mulheres que se aferraram desesperadamente à “letra que mata” encontram aqui a satisfação literal de seus desejos. Por seus poderes de imaginação, alimentados pela casca estéril das escrituras do mundo, constróem inconscientemente na matéria astral os “castelos no ar” que tanto sonharam. As

crenças religiosas mais bizarras encontram aqui sua realização efêmera e utópica, e os interpretes literais de todas as religiões, exclusivamente desejosos de sua própria salvação no mais materialista dos céus, encontram satisfação neste lugar que lhes convém perfeitamente, rodeados como se acham das próprias condições às quais ajustaram sua fé.

Os religiosos e filântropos, que outra preocupação não tiveram senão executar seus próprios caprichos e impor ao próximo a sua maneira de ver, em vez de trabalharem desinteressadamente pela expansão da virtude e da felicidade humanas, estão aqui muito em evidência. Organizam casas de educação, asilos, escolas, com grande satisfação pessoal, rejubiliam-se em por, de vez em quando, sua mão astral em algum assunto ou questão terrestre por intermédio de um médium dócil, que prestigiam com a maior condescendência. Edificam astralmente igrejas, casas, escolas, reproduzindo os céus materiais que ambicionaram e, embora para uma visão mais aguçada estas construções possam parecer imperfeitas e muitas vezes, pateticamente grotescas, para eles nada deixam a desejar. Os sectários da mesma religião reúnem-se e cooperam entre si de maneiras diversas, formando comunidades que diferem entre si tanto como as comunidades análogas às da terra. Quando são atraídos para a terra, procuram, em geral, os correligionários e compatriotas, e isto não unicamente por afinidade natural, mas também porque as barreiras de idiomas continuam no Kamaloka, como se pode observar ocasionalmente nas mensagens espíritas. As almas desta região tomam, às vezes, vivo interesse nas tentativas feitas para estabelecer comunicação entre nosso mundo e o deles, e daí é da região imediatamente superior que provêm os “espíritos-guias” da maioria dos médiums. Estas almas sabem que há diante delas uma possibilidade de existência mais elevada e que estão destinadas a passar, cedo ou tarde, a outros mundos onde as comunicações com a terra não serão possíveis.

A sexta região do Kamaloka assemelha-se à quinta, mas é muito mais refinada e é grandemente povoada por almas de um tipo mais avançado que ficam a desgastar seu invólucro astral no qual muito das suas energias mentais se manifestaram durante a vida física. Sua demora aí é devida ao papel preponderante representado pelo egoísmo em suas vidas artísticas e intelectuais e à degradação de suas capacidades ao buscar, de uma maneira refinada e delicada, a gratificação de sua natureza sensorial. Tudo o que as cerca é o que há de melhor no Kamaloka porque o seu pensamento criador modela a substância luminosa deste habitat temporário em paisagens admiráveis e oceanos ondulantes, montanhas cobertas de neve e planícies férteis, cenas de uma beleza de contos de fada, mesmo comparadas a tudo que a terra possui de mais delicado. Encontram-se também aqui devotos de religiões, mas de um tipo um pouco mais elevado que os da subdivisão inferior, e tendo um sentimento mais justo de suas limitações. Todos esperam com

certeza deixar a sua região atual e passar a uma esfera mais elevada.

A sétima subdivisão do Kamaloka, a mais elevada, é ocupada quase exclusivamente pelos intelectuais, homens e mulheres, que foram na terra, de um materialismo pronunciado, ou que de tal forma se adaptaram aos meios pelos quais a mente inferior adquire conhecimentos no corpo físico, que continuam buscando tais conhecimentos, segundo o método antigo, porém com as faculdades mais desenvolvidas. Recordemos como instintivamente Charles Lamb era hostil à idéia de que no céu o conhecimento teria que ser ganho “por algum processo esquisito de intuição” e não por seus amados livros. Muitos estudiosos vivem durante longos anos, às vezes por séculos, segundo H.P. Blavatsky, literalmente dentro de uma biblioteca astral, consultando avidamente todos os livros sobre seu assunto preferido, e perfeitamente contentes com isso. Aqueles que concentraram toda sua energia sobre qualquer linha de investigação intelectual, e que perderam seu corpo físico sem ter saciado a sede de conhecimentos, continuam perseguindo seu objetivo com uma persistência infatigável, presos por esse apêgo às modalidades de estudo físico. Frequentemente, esses homens ainda se mostram céticos quanto às possibilidades superiores que os esperam, e recuam diante da perspectiva do que é praticamente uma segunda morte, a imersão na inconsciência que precede ao nascimento da alma na vida superior do céu. Políticos, estadistas, cientistas, moram algum tempo nesta região, despojando-se lentamente de seus invólucros astrais, presos ainda à existência terrestre pelo seu vivo interesse nos movimentos nos quais desempenharam papéis importantes, e pelo esforço que fazem para executar, no astral, alguns dos projetos que a morte impediu de realizar.

Para todos, entretanto, salvo para aquela minoria que não se sensibilizou na terra diante do amor inegoísta, de aspirações intelectuais, do reconhecimento de algo ou alguém superior a ela, cedo ou tarde, virá um tempo em que finalmente as amarras do corpo astral se desatam, enquanto a alma torna-se momentaneamente inconsciente de tudo que a rodeia, inconsciência semelhante à que se segue à morte física; em seguida é despertada por um sentimento de intensa felicidade, imensa, ilimitada, jamais sonhada, a felicidade do mundo celeste ao qual, por sua própria natureza, a alma pertence. Pode ter alimentado muitas paixões baixas e vis, muitos desejos triviais e sórdidos, mas ela teve lampejos de uma natureza mais alta, clarões vagos, esparsos, vindos de uma região mais pura e estes lampejos, como sementes, devem amadurecer até a sua colheita, e por mais pobres e poucos que sejam, devem produzir o seu justo retorno. O homem se adianta a fim de receber essa colheita para comer e assimilar os seus frutos [\(1\)](#).

O cadáver astral, como o chamam às vezes, ou a "concha" astral da entidade

que partiu, compõe-se de restos das sete camadas concêntricas precedentemente descritas, mantidos juntos pelo remanescente magnetismo da alma. Cada camada, por sua vez, já se desintegrou até o ponto em que restam fragmentos e esparsos, que ficam ligados por atração magnética às outras camadas que ainda subsistem, e quando todas já estão reduzidas a esta condição, incluindo a sétima que é a mais interior, o homem escapa, abandonando esses resíduos. A "casca" flutua sem direção, através do mundo astral, repetindo, embora fracamente e de maneira automática, suas costumeiras vibrações, e à medida que o magnetismo restante se dispersa, a "casca" dissolve-se cada vez mais, e acaba por decompor-se totalmente, restituindo seus materiais ao depósito comum de matéria astral, exatamente como o corpo físico restitui ao mundo físico os seus elementos.

Esta "casca" astral vagueia aqui e ali, ao sabor das correntes astrais, e se não estiver muito decomposta, pode ser vitalizada pelo magnetismo das almas encarnadas na terra, tornando-se assim, capaz de alguma atividade. Ela absorve o magnetismo assim como a esponja absorve a água, e se revestirá, então, de uma aparência ilusória de vida, repetindo mais vigorosamente as vibrações às quais estava acostumada. Estas vibrações são muitas vezes despertadas pelo estímulo de pensamentos comuns à alma desencarnada e aos amigos e parentes terrestres, e a "casca", assim vitalizada, pode parecer, de certo modo, uma inteligência comunicante. Entretanto, exceto pelo emprego da visão astral, ela é distinguível pela repetição automática dos pensamentos familiares e pela carência completa de originalidade e de quaisquer traços de conhecimentos que não possuísse durante a vida física.

Assim como as almas podem ser entravadas em seu progresso por amigos ignorantes e irrefletidos, assim também podem ser auxiliadas por esforços sábios e bem dirigidos. Eis porque todas as religiões que conservam alguns traços da sabedoria oculta dos seus Fundadores, prescrevem o emprego das "orações pelos mortos". Estas preces, assim como as cerimônias que as acompanham, são mais ou menos eficazes conforme o conhecimento, o amor e o poder da vontade que as animam. Elas se baseiam no princípio universal da vibração, pelo qual o universo é construído, modificado e mantido. As vibrações são estabelecidas pela pronúncia de sons que modelam a matéria astral em formas determinadas, animadas pelo pensamento que as palavras expressam.

Estas formas-pensamento são dirigidas para a entidade no Kamaloka, e agindo sobre o seu corpo astral, apressam a sua dissolução. Com a decadência do saber oculto, estas cerimônias tornaram-se cada vez menos eficazes, até serem de utilidade quase nula. Entretanto, quando executadas por alguém que tenha conhecimento, exercem a influência desejada. De mais, cada um pode ajudar seus mortos amados, enviando-lhes pensamentos de amor e de paz, fazendo

votos por seu progresso rápido, através do Kamaloka e de sua libertação dos entraves astrais.

Que nossos mortos nunca sigam solitários seu caminho, sem a assistência das hostes amorosas desses anjos da guarda, que são as nossas formas-pensamento, ajudando-os a avançar para a bemaventurança.

CAPÍTULO IV

O PLANO MENTAL

Como o seu nome indica, o plano mental é aquele em que a consciência trabalha como pensamento. É o plano da mente, não quando funciona por intermédio do cérebro, mas quando atua em seu próprio mundo, liberta dos entraves do espírito-matéria físico. Esse mundo é o mundo do ser humano real. A palavra inglesa *man* (homem) provém da raiz sânscrita *man*, raiz do verbo sânscrito que significa "pensar". Assim, *man* (homem) significa *pensador*. O ser humano é designado por seu atributo mais característico: a mente. Em inglês a palavra "mente" designa a consciência intelectual em si mesma e também os efeitos produzidos no cérebro físico pelas vibrações desta consciência. Mas devemos agora considerar a consciência intelectual como uma entidade, um indivíduo, um ser. As vibrações de sua vida são pensamentos e estes pensamentos são imagens e não palavras. Este indivíduo é *Manas*, ou Pensador (1). Ele é o Ser, revestido da matéria e funcionando sob as condições das subdivisões superiores do plano mental. No plano físico, sua presença revela-se pelas vibrações que estabelece no cérebro e no sistema nervoso; estes órgãos respondem às vibrações da sua vida por vibrações simpáticas. Mas, devido à densidade de seus materiais, podem reproduzir apenas uma pequena parte delas, e mesmo assim imperfeitamente. Assim como a ciência afirma a existência de uma série imensa de vibrações do éter, da qual nossa vista apenas percebe uma faixa, o espectro solar luminoso, porque ela pode vibrar apenas dentro de certos limites, também o aparelho físico do pensamento, o cérebro e o sistema nervoso, responde apenas numa estreita faixa da série imensa de vibrações mentais emitidas pelo Pensador em seu próprio mundo. Os cérebros muito receptivos respondem a um grau que costumamos chamar de grande potência intelectual. Os cérebros excepcionalmente receptivos, ao ponto a que chamamos de gênio. Finalmente os cérebros excepcionalmente inertes correspondem apenas ao grau chamado

idiotismo, mas cada um de nós envia ao seu cérebro milhões de ondas mentais, às quais este não pode responder, por causa da densidade de seus materiais, e os assim chamados poderes mentais de cada pessoa está em relação direta com esta sensibilidade do cérebro. Mas, antes de estudar o Pensador, será bom considerar o seu mundo, isto é, o plano mental. O plano mental é o que se segue imediatamente ao plano astral, e está separado deste apenas pela diferença de seus materiais, assim como o plano astral está separado do plano físico. De fato, podemos repetir, na comparação do plano mental e do astral, o que já dissemos, ao compararmos o plano astral e o físico. A vida no plano mental é mais ativa do que no astral, e a forma é mais plástica. O espírito-matéria dele é mais altamente vitalizado e mais sutil do que qualquer grau da matéria no mundo astral. O átomo-último de matéria astral contém inumeráveis agregados da matéria mental mais densa para a delimitação do mundo astral, e em consequência, a desintegração do átomo astral libera uma massa de matéria mental da espécie mais densa. Nestas circunstâncias compreende-se que a ação das forças vitais neste plano, cresça muito em atividade, porque a massa a ser posta em movimento é menor. A matéria está animada de um movimento contínuo e incessante, assumindo formas ao menor estremecimento de vida e, sem hesitação, se adaptando às menores alterações de movimento. A "substância mental",

como já a chamaram, faz parecer tosco, pesado e embaciado o espírito-matéria astral, o qual, entretanto, é tão delicado e luminoso quando comparado com o espírito-matéria físico. Entretanto, a lei da analogia é válida e nos dá uma chave para guiarnos através desta região acima do astral, a região que é o nosso lugar de nascimento e nosso lar, embora como, prisioneiros que somos numa terra estranha, não a conhecemos, e atentamos para as descrições que dela nos fazem com olhos de estrangeiros.

Aqui, como nos dois planos inferiores, as subdivisões do espírito-matéria são em número de sete. Igualmente, estas variedades formam inúmeras combinações de todos os graus de complexidade, constituindo os sólidos, os líquidos, os gases e os éteres do plano mental. A palavra "sólido" parece, sem dúvida, absurda, mesmo quando falamos das formas mais densas da matéria mental. Entretanto, como elas são densas em comparação com outros estados da matéria mental e como não temos outras palavras para descrevê-las, senão aquelas que se aplicam às condições físicas, usamo-la na falta de uma melhor. Basta-nos compreender que este plano obedece à lei e à ordem geral da Natureza, que é, para o nosso globo, a base setenária, e que as sete subdivisões de matéria são de densidades decrescentes, tais como os sólidos, líquidos, os gases e os éteres, sendo a sétima ou a mais elevada subdivisão, exclusivamente composta dos átomos últimos mentais.

Esta subdivisões são repartidas em dois grupos aos quais foram dados nomes pouco aplicáveis e à primeira vista ininteligíveis, de "sem forma" e de "com forma". (1). As quatro subdivisões inferiores, da primeira à quarta, constituem o grupo "com forma", e as três superiores, da quinta à sétima, o grupo "sem forma". Este agrupamento é necessário porque há uma perfeita distinção aí, embora difícil de distinguir, e as regiões correspondem, na consciência humana, às divisões da própria mente, como veremos mais claramente adiante. Talvez fosse melhor dizer que, nas quatro subdivisões inferiores, as vibrações da consciência dão nascimento a formas, imagens ou representações, manifestando-se cada pensamento como uma forma viva, ao passo que, nas três subdivisões superiores, a consciência, embora sempre emita vibrações, parece mais irradiá-las como uma poderosa onda de energia viva, que não se manifesta em imagens distintas, enquanto permanece nesta região superior, mas gera formas múltiplas, ligadas entre si por uma condição comum penetrar nos mundos inferiores. A analogia mais perfeita que posso achar para a idéia que tento expressar, é a dos pensamentos abstratos e concretos. A idéia abstrata de um triângulo não tem forma, mas serve para designar todas as figuras planas limitadas por três linhas retas, em que a soma dos ângulos internos equivale a dois ângulos retos. Uma idéia assim, com condições mas sem forma, projetada no mundo inferior, pode dar nascimento à uma variedade infinita de figuras, triângulos retos, isósceles, escalenos, de qualquer cor e tamanho, porém, todos satisfazendo as condições – triângulos concretos, cada um possuindo uma forma definida. A impossibilidade de mostrar claramente a diferença entre os modos de ação da consciência nas duas regiões é devida ao fato de que as palavras são símbolos de imagens e pertencem às operações do mental inferior no cérebro, e são exclusivamente baseadas nestas operações, enquanto que a região "sem forma" pertence à Razão Pura, que nunca opera dentro dos limites estreitos da linguagem.

O plano mental é o que reflete a Mente Universal na Natureza, é o plano que, em nosso pequeno sistema, corresponde ao Grande Mente no Cosmo (1). Em suas regiões superiores existem todas as idéias arquetípicas que estão atualmente em curso de evolução concreta, e nas regiões inferiores estas idéias são elaboradas em formas sucessivas, para serem devidamente reproduzidas em seguida nos mundos astral e físico. A matéria deste plano é susceptível de combinar-se sob o impulso das vibrações mentais, e pode dar origem a qualquer combinação que o pensamento possa construir. Assim como o ferro pode ser modelado em um arado para arar ou em uma espada para matar, a matéria mental também pode ser modelada em formas que beneficiem ou que prejudiquem. A vida do Pensador, em contínua vibração, modela a matéria que o cerca e assim edifica uma obra conforme sua vontade. Nesta região, o pensamento e a ação, a vontade e o feito, são única e mesma coisa – o espírito-matéria torna-se aqui o servo obediente da vida, adaptando-se a cada impulso

criador.

Pela sua velocidade e tenuidade, estas vibrações que modelam em formas-pensamentos a matéria do plano mental, também dão nascimento às cores mais delicadas e constantemente cambiantes, ondas de matizes variados como as nuances da madrepérola, etéreas e luminosas em um grau indescritível, envolvendo todas as superfícies e penetrando todas as formas, de maneira que cada uma delas apresenta uma harmonia de cores ondulantes, vividas, luminosas e delicadas, inclusive muitas jamais vistas na terra. As palavras não podem dar idéia da delicada beleza e brilho das combinações desta matéria sutil, plena de vida e movimento. Todos os videntes que a contemplaram, hinduítas, budistas, cristãos, falam dela deslumbrados com sua gloriosa beleza, e confessam sentir-se profundamente incapazes de descrevê-la. Parece que toda a descrição, por mais hábeis que sejam os termos não serve senão para rebaixá-la e diminuí-la.

As formas-pensamento representam naturalmente um papel considerável entre as criaturas vivas que funcionam no plano mental. Assemelham-se às que já encontramos no plano astral, apenas que são muito mais luminosas e de colorações mais brilhantes, mais fortes, persistentes e mais cheias de vida. À medida que as qualidades intelectuais superiores se acentuam, estas formas apresentam um contorno nitidamente mais definido e tendem para uma singular perfeição de formas geométricas, acompanhadas por uma singular pureza na luminosidade da cor. Entretanto, no estado atual da humanidade, as formas nebulosas e irregulares predominam largamente como um produto habitual das mentes mal treinadas da maioria.

Ali se encontram também pensamentos artísticos de rara beleza, e não é de admirar que os pintores, depois de terem captado em uma visão de sonho algum relance de seu ideal, se impacientam por não poderem exprimir tão deslumbrante beleza com as cores pobres deste mundo inferior. Estas formas-pensamento são constituídas pela essência elemental do plano. As vibrações do pensamento modelam a essência elemental em uma forma correspondente, da qual o pensamento constitui a vida animadora. Assim, de novo temos "elementais artificiais", criados de maneira idêntica aos daqueles das regiões astrais. Tudo que já dissemos no Cap. II, com relação à geração e importância dos elementais, pode ser repetido em relação aos do plano mental. Mas devemos levar em conta o acréscimo de responsabilidade de quem os criou em consequência da maior ação e da permanência maior, característica dos elementais deste mundo superior. A essência elemental do plano mental é formada pela Mônada no estágio de sua descida, imediatamente anterior à sua entrada no mundo astral, e constitui, nas quatro subdivisões inferiores do plano mental, o Segundo reino Elemental. As três subdivisões superiores, as "sem

forma", são ocupadas pelo Primeiro Reino Elemental e nele a essência elemental é projetada pelo pensamento em fulgurações brilhantes, jorros coloridos e relâmpagos de um fogo vivo, sem se incorporar em formas definidas. A essência elemental toma, por assim dizer, suas primeiras lições de atividade combinada, mas não assume ainda as limitações definidas das formas.

Nas duas grandes divisões do plano mental vivem inumeráveis Inteligências, cujos corpos mais inferiores são formados da matéria luminosa e da essência elemental do plano, os Seres Resplandecentes que dirigem os processos da ordem natural, supervisionando as hostes de entidades inferiores, das quais já falamos, e que se submetem, em suas diversas hierarquias, aos Senhores Soberanos dos sete elementos.(1). São Seres, como facilmente se percebe, de um vasto conhecimento, de grande poder, esplêndidos em seu aspecto; criaturas resplandecentes, de miríades de nuances, qual arco-iris, de cores celestes e cambiantes, de um porte régio e majestoso, externam uma energia calma, expressão de uma força à qual não se pode resistir. Aqui se apresenta ao espírito a descrição do grande vidente cristão, quando falou de um poderoso Arcanjo: "Trazia em sua cabeça um arco-iris; seu rosto assemelhava-se ao Sol, e seus pés a colunas de fogo. (1). Suas vozes são "como o som de muitas águas", como ecos da música das esferas. São os guias da ordem natural, dirigem legiões imensas de elementos do mundo astral, de modo que suas hostes executam incessantemente os processos da Natureza com uma regularidade e precisão infalíveis.

No plano mental inferior, encontram-se numerosos discípulos, trabalhando em seu corpo mental (2), libertos por algum tempo de sua vestimenta física. Quando o corpo físico está mergulhado em sono profundo, o Pensador, o homem verdadeiro, pode separar-se dele a fim de trabalhar livre de seus entraves, nessas regiões superiores. Dalí ele pode ajudar e confortar seu semelhantes, agindo diretamente em suas mentes, sugerindo-lhes bons pensamentos, apresentando-lhes nobres idéias de modo mais eficaz e mais rapidamente do que quando está preso ao corpo físico. Percebe mais claramente as necessidades deles e pode, portanto, remediá-las de uma maneira mais perfeitas, e é seu mais alto privilégio e alegria auxiliar os seus irmãos que lutam, sem que estes tenham conhecimento do seu serviço ou qualquer idéia dele como o braço poderoso que os ajudou a levantar o fardo, ou da voz doce que sussurra-lhes consolos nas suas aflições. Sem ser visto nem reconhecido, ele trabalha, ajudando os amigos e os inimigos, com a mesma alegria e liberdade, distribuindo aos seres humanos correntes de forças benéficas que fluem dos grandes Auxiliares das esferas mais altas. Encontramos também, às vezes, nesta região, as formas gloriosas dos Mestres, embora residam em geral numa subdivisão mais elevada do mundo "sem forma", e outros Grandes Seres podem vir também, quando alguma missão de

compaixão requer a manifestação neste nível inferior.

Entre os seres que funcionam conscientemente neste plano, humanos ou não, estejam em um corpo ou não, a comunicação é praticamente instantânea, porque se produz com "a rapidez do pensamento". As barreiras do espaço não têm aqui poder algum de separação, e qualquer alma pode entrar em contato com qualquer outra, basta dirigir sua atenção para ela. Não somente a comunicação é assim rápida, mas é igualmente completa, se as almas estão, mais ou menos, no mesmo grau de evolução. Aqui não há palavras que entrem ou demorem as comunicações, mas a totalidade do pensamento flui de um a outro, ou mais exatamente talvez, cada um vê o pensamento tal como é concebido pelo outro. As verdadeiras barreiras entre as almas são as diferenças de evolução existentes entre elas. A alma menos evoluída pode conhecer a mais evoluída, na medida em que é sensível a esta, e é evidente que, unicamente a mais evoluída sente esta limitação, pois a sua percepção ultrapassa a daquela. Quanto mais evoluída for uma alma, mais tem consciência de tudo que a rodeia, e mais se aproxima da realidade. Mas o plano mental tem também os seus véus de ilusão, não devemos esquecer nunca isso, embora sejam muito menos numerosos e mais sutis do que os do mundo astral e físico. Cada alma está sempre envolta em sua própria atmosfera mental, e como todas as impressões devem vir através desta atmosfera, são todas mais ou menos distorcidas e coloridas. Quanto mais límpida e pura a atmosfera e menos colorida pela personalidade, menos ilusões podem acontecer.

As três subdivisões superiores do plano mental são o habitat do Pensador, que reside em uma destas subdivisões, conforme seu grau de evolução. A imensa maioria vive no nível menos superior, em diversos graus de evolução. Um número de almas, comparativamente poucas e altamente intelectuais, habita o segundo nível. Empregando uma frase mais aplicável ao plano físico do que ao mental, diremos que o Pensador ascende à uma região quando a matéria mais sutil dela prepondera nele e, assim, tornando necessário esta mudança. Não há, naturalmente, "ascensão", nem mudança de lugar, apenas o Pensador recebe as vibrações desta matéria mais sutil e pode responder às mesmas, e ele mesmo é capaz de emitir forças que fazem vibrar as partículas mais tênues. É indispensável que o estudante se familiarize com o fato de que seu progresso na escala da evolução não implica nenhuma mudança de lugar, mas o torna simplesmente cada vez mais apto para receber impressões. *Todas as esferas estão em torno de nós*, a astral, mental, búdica, nirvânica, e outras ainda mais superiores, até a vida suprema de Deus. Nenhuma necessidade temos de mover-nos para as encontrar porque estão aqui. Mas a nossa incapacidade de recepção nos separa delas mais eficazmente do que o fariam milhões de quilômetros. Somos conscientes somente daquilo que nos afeta, que provoca vibrações em nós como resposta, e à medida que nos tornamos mais

receptivos, ao absorvermos matéria crescentemente sutil, entramos em contato com esferas cada vez mais sutis. Quando, pois, falamos de ascensão de um nível a outro, queremos dizer que estamos tecendo nossas vestimentas com materiais cada vez mais sutis, e podemos ter através delas contatos com os mundos mais sutis. E, interpretando ainda melhor, no Ser envolto nestas vestes mais divinas os poderes estão despertando da latência para o estado ativo e irradiando para o exterior as suas vibrações mais sutis de vida.

No estágio alcançado agora pelo Pensador, ele tem plena consciência de tudo que o rodeia, e possui a memória do seu passado. Conhece os corpos com que se reveste, por meio dos quais está em contato com os planos inferiores e pode atuar sobre eles e dirigí-los em uma grande medida. Prevê as dificuldades e os obstáculos que se aproximam, resultados de uma conduta negligente em vidas passadas, e se esforça para lhes infundir energias que os capacitem melhor para a execução de suas tarefas. A sua direção é, às vezes, sentida na consciência inferior como uma força imperiosamente compelidora que impõe a sua maneira e impele a uma linha de conduta cujas razões nem sempre aparecem claramente à visão confusa dos veículos astral e mental. Pessoas que executaram grandes ações, prestam, às vezes, testemunhos, afirmando terem sido conscientes de uma força interior irresistível que as impelia, colocando-as na impossibilidade de agir de modo diferente. É que estavam agindo como seres humanos reais; os Pensadores, que são as individualidades interiores, estavam agindo conscientemente através de seus corpos, que cumpriam, então, as suas funções específicas da individualidade. À medida que a evolução ocorre, todos atingirão esses altos poderes.

No terceiro nível, o mais elevado da região superior do plano mental, residem os Egos dos Mestres e dos Iniciados que são seus discípulos, tendo os Pensadores aqui uma preponderância da matéria desta região em seus corpos. É desta região das mais sutis energias mentais que os Mestres desenvolvem o seu trabalho beneficente para a humanidade, derramando, como ondas, nas regiões inferiores, os nobres ideais, os inspirados pensamentos, as aspirações devocionais, correntes de auxílio espiritual e intelectual para os seres humanos. Cada força ali gerada irradia em todas as direções, e as almas mais nobres e puras captam prontamente estas influências auxiliadoras. Uma descoberta lampeja subitamente na mente do pesquisador paciente dos segredos da Natureza, uma melodia nova encanta o ouvido de um grande músico, a solução de um problema há longo tempo estudado ilumina o intelecto do filósofo elevado, uma energia nova de esperança e amor vem revigorar o coração do filântropo infatigável. Ainda que os seres humanos se julguem abandonados e sem assistência, no entanto, suas frases, tais como "este pensamento ocorreu-me", "a idéia me veio", "a descoberta brilhou em mim", inconscientemente testificam a verdade que o Ser interno conhece, embora os olhos físicos sejam

cegos.

Passemos agora ao estudo do Pensador e seu veículo, tais como se apresentam nos seres humanos na terra. O corpo da consciência, chamêmo-lo de corpo mental e que a condiciona nas quatro subdivisões inferiores do plano mental, é formado de combinações da matéria destas subdivisões. Quando uma nova encarnação se prepara, o Pensador, o indivíduo, a Alma Humana, cuja formação será explicada no fim deste capítulo, primeiramente irradia uma porção de sua energia em vibrações que se estabelecem em torno dele e o envolve em matéria retirada das quatro subdivisões inferiores de seu próprio plano. A matéria atraída corresponde à natureza das vibrações emitidas. A matéria mais sutil responde às vibrações mais rápidas, e tomam forma sob sua influência, e a matéria mais densa responde às vibrações mais lentas, semelhante a uma corda que ressoa em resposta a outra, com o mesmo peso e a mesma tensão, mas que permanece muda em meio a um câro de notas soadas por cordas diferentes, quanto ao peso e a tensão; assim, as diferentes espécies de matéria se agrupam em resposta às diferentes espécies de vibrações. A natureza do corpo mental com que o Pensador se envolve será exatamente determinada pelas vibrações por ele emitidas, e este corpo mental é o que se chama de mente inferior, Manas Inferior, porque é o Pensador revestido da matéria das subdivisões inferiores do plano mental e sujeito às condições desta matéria em suas operações posteriores. Todas as energias do Pensador que são sutis demais para mover esta matéria, excessivamente rápidas para dela obter uma resposta, não podem exprimir-se através dela; ele é, portanto, limitado e condicionado por ela, restringido por ela em suas expressões. É esta a primeira das prisões em que se encerra durante a sua vida na terra, e enquanto suas energias estiverem atuando nela, permanece ele excluído de seu mundo mais elevado porque sua atenção está voltada para as energias em expansão e sua vida é projetada com elas no corpo mental, muitas vezes chamado de vestimenta, envoltório ou veículo, enfim, qualquer expressão servirá para fazer compreender que o Pensador não é o corpo mental, mas o formou e dele se serve para exprimir o máximo de si mesmo na região do mental inferior. É necessário não esquecer que as energias do Pensador, continuando o seu processo de exteriorização, atraem em torno dele a matéria mais densa do plano astral para formar o seu corpo astral, e que, durante a sua vida encarnada, as energias que se expressam através das espécies inferiores de matéria mental, são, desse modo, facilmente convertidas por esta em vibrações mais lentas, sincrônicas com as da matéria astral que os dois corpos estão vibrando juntos continuamente, e elas se interpenetram. Quanto mais grosseiras são as combinações de matéria assimiladas pelo corpo mental, tanto mais esta união se torna íntima, de tal modo que os dois corpos são, às vezes, classificados conjuntamente ou mesmo considerados como um veículo único.

(1). Quando abordarmos o estudo da reencarnação veremos que este fato tem

uma importância capital.

O tipo de corpo mental que o homem forma em sua descida a uma encarnação nova, é determinado pelo grau de evolução alcançado por ele, e podemos estudar, como o fizemos com relação ao corpo astral, os respectivos corpos mentais de três tipos de indivíduos:

a) um indivíduo não evoluído; b) um indivíduo de desenvolvimento médio; c) um indivíduo espiritualmente desenvolvido.

a) – No indivíduo não evoluído, o corpo mental; é pouco perceptível, porque é representado, apenas por uma pequena quantidade de matéria mental sem organização precisa, tirada sobretudo das mais baixas subdivisões do plano. A influência que recebe é quase exclusivamente dos corpos inferiores, e é posto a vibrar debilmente pelas tormentas astrais desencadeadas pelos contatos com os objetos materiais através dos órgãos dos sentidos. Quando não é estimulado por estas vibrações astrais, permanece quase inerte e, mesmo sob esses impulsos, responde com indolência à excitação. Não possui interiormente nenhuma atividade definida; somente os choques do mundo exterior podem despertar uma resposta distinta. E tanto mais concorrem para o progresso do indivíduo, quanto mais violentos forem, pois cada resposta vibratória apressa o desenvolvimento embrionário do corpo mental. Os prazeres tumultuosos, a cólera, o ódio, o sofrimento, o terror, todas estas paixões, que produzem turbilhões no corpo astral, suscitam fracas vibrações no mental, e gradualmente estas vibrações, ao provocarem um começo de atividade na consciência mental, levam-na a acrescentar alguma atividade própria às impressões causadas nela pelo exterior. Já vimos que o corpo mental é tão ligado com o astral, como se ambos agissem como um corpo único, mas as faculdades mentais nascentes acrescentam às paixões astrais uma certa força e uma certa qualidade que não são perceptíveis nestas quando atuam como qualidades puramente animais. As impressões sobre o corpo mental são mais permanentes que as produzidas sobre o astral, e o mental as reproduz conscientemente. Assim começam a memória e a faculdade da imaginação, e esta se organiza gradualmente, à medida que as imagens do mundo exterior atuam sobre a matéria do corpo mental e modelam a substância mental à sua própria semelhança. Estas imagens, nascidas dos contatos dos sentidos, atraem em torno delas a matéria mental mais densa e são reproduzidas pelos poderes nascentes da consciência. Esta reserva de imagens acumuladas tende a estimular a atividade gerada interiormente pelo desejo de experimentar de novo, através dos órgãos exteriores, as vibrações que deixaram uma recordação agradável e evitar as que provocaram um sofrimento.

O corpo mental começa, então, a estimular o corpo astral e a despertar nele os desejos que no animal dormitam enquanto não são despertados por uma excitação física. Eis por que encontramos no homem pouco evoluído uma contínua busca de satisfação dos sentidos nunca observada nos animais: a cobiça, a crueldade, uma astúcia que o reino inferior absolutamente não

conhece. Os poderes nascentes da mente, presos ao serviço dos sentidos, fazem do ser humano um bruto infinitamente mais perigoso e mais feroz do que qualquer animal, e quanto mais fortes e sutis as forças inerentes ao espírito-matéria mental, emprestam à natureza passional uma energia e uma

acuidade que não encontramos no mundo animal. Mas estes mesmos excessos levam, em si mesmos, à sua correção por causa dos sofrimentos que causam, e estas experiências resultantes agem sobre a consciência, despertando nela imagens novas, com as quais a imaginação trabalha. A consciência é assim levada a resistir a muitas das vibrações que lhe chegam do mundo exterior, por intermédio do corpo astral, e a exercitar a sua vontade ao reprimir as paixões, em vez de lhes dar livre curso. Estas vibrações de resistência se estabelecem internamente e atraem para o corpo mental combinações mais finas de matéria mental, e tendem também a expulsar dele as combinações mais densas que vibram em resposta às notas passionais que agitam o corpo astral.

Graças a esta luta entre as vibrações provocadas pelas imagens passionais e as vibrações contrárias provocadas pela reprodução desejada de experiências passadas, o corpo mental cresce e começa a desenvolver uma organização nítida, exercendo uma iniciativa cada vez maior diante das atividades exteriores. Enquanto na vida terrestre se passa a armazenar experiências, a vida intermediária é empregada em assimilá-las, como veremos em detalhe no capítulo seguinte, de modo que, em cada retorno à Terra, o Pensador tem um conjunto maior de faculdades para a construção de seu corpo mental. Assim, o homem não evoluído, cuja mente é escrava de suas paixões, se transforma em um homem medianamente evoluído, cuja mente é um campo de batalha onde as paixões e os poderes mentais lutam com probabilidades diversas, com forças mais ou menos iguais, mas o homem está evoluindo gradualmente para o completo domínio da sua natureza inferior.

b) – No homem medianamente evoluído, o corpo mental tem dimensões maiores, revela já uma certa organização e contém uma boa proporção de matéria tirada da segunda, terceira e quarta subdivisões do plano mental. A lei geral que preside toda a construção e modificação do corpo mental, pode ser aqui estudada com proveito, embora seja o mesmo princípio já visto em atuação nos reinos inferiores do mundo físico e astral. O exercício desenvolve, a inércia atrofia e acaba por destruir. Cada vibração estabelecida no corpo mental determina uma modificação em seus elementos constituintes. Na região afetada, a matéria que não pode mais vibrar em uníssono, é rejeitada e substituída por matérias convenientes, tiradas das reservas verdadeiramente inesgotáveis que se encontram ao redor. Quanto mais um conjunto de vibrações se repete, tanto mais se desenvolve a região do corpo mental afetada; daí, seja dito de passagem, o mal em fazer uma especialização

exagerada das energias mentais. Este erro de método na utilização das forças determina um desequilíbrio, um desenvolvimento desigual do corpo mental. Há tendência ao superdesenvolvimento na região continuamente excitada, e tendência à atrofia em outras regiões talvez tão importantes. O objetivo a alcançar é um desenvolvimento geral, harmonioso e proporcional, e para isso são necessários uma análise calma de si mesmo e um direcionamento preciso para os fins.

O conhecimento desta lei permite explicar certas experiências bem conhecidas e oferece uma segura esperança de um progresso. Quando um estudo novo é iniciado ou uma mudança se opera em favor de uma mais alta moralidade, as primeiras etapas estão repletas de dificuldades e, por vezes, o esforço é mesmo abandonado porque os obstáculos no caminho do sucesso parecem insuperáveis. No início de um novo empreendimento mental qualquer, todo o automatismo do corpo mental se opõe. Estes materiais, acostumados a vibrar de certa maneira, não podem adaptar-se aos novos estímulos, e a primeira fase consiste essencialmente em emitir impulsos de força que, a princípio, não conseguem modificar o automatismo do corpo mental, mas esses esforços são apenas a preliminar indispensável para estabelecer vibrações harmônicas porque expõem do mental os antigos materiais refratários e incorporam nele os simpáticos. Durante este processo o indivíduo não é consciente de nenhum progresso; apenas é consciente da frustração de seus esforços e da resistência inerte que encontra. Mas, no final de algum tempo, se ele persistir, os materiais recém atraídos começam a atuar e ele tem melhor sucesso em seus esforços e, por fim, quando todos os materiais antigos são expulsos e os novos já funcionam, o indivíduo sente-se bem sucedido de modo natural e seu objetivo se realiza. O período crítico está no primeiro estágio, mas se ele confia na lei, tão infalível em suas operações como todas as outras leis da Natureza, e se com persistência renova os seus esforços, ele terá sucesso, sem dúvida, e o conhecimento deste fato pode estimulá-lo quando, de outra maneira, ele se afundaria no desespero.

Assim pois, é como o homem medianamente desenvolvido pode prosseguir os seus esforços, descobrindo com alegria que, à medida que resiste firmemente às solicitações de sua natureza inferior, ele sabe que elas estão perdendo o poder sobre ele, porque expulsa de seu corpo mental todos os materiais passíveis de entrar em sintonia com aquelas solicitações. Assim, o corpo mental passa gradualmente a se compor das combinações mais sutis das quatro subdivisões inferiores do plano mental, até se tornar a forma irradiante e admiravelmente bela que é o corpo mental do homem espiritualmente desenvolvido.

c) – O ser humano espiritualmente desenvolvido; deste corpo todas a

combinações mais grosseiras já foram eliminadas, de modo que os objetos dos sentidos não encontram mais aí ou no corpo astral conectado com ele materiais capazes de responder simpaticamente às suas vibrações. Contém somente as combinações mais finas pertencentes a cada uma das quatro subdivisões do mundo mental inferior, e ainda mais, as substâncias do terceiro e quarto subplanos preponderam sobre as dos dois primeiros. Esse corpo é, pois, sensível a todas as operações superiores do intelecto, às impressões delicadas das artes mais elevadas, às puras vibrações das emoções mais sublimes. Um corpo assim permite ao Pensador que dele se reveste exprimir-se muito mais plenamente na região mental inferior e nos mundos astral e físico. Seus materiais são capazes de responder a uma escala muito mais extensa de vibrações sensíveis e os impulsos vindo de um nível mais alto modelam-no em um organismo mais nobre e sutil. Um corpo assim está se tornando rapidamente capaz de reproduzir todos os estímulos emitidos pelo Pensador, suscetíveis de expressão nas subdivisões inferiores do plano mental; é um corpo que se torna um instrumento perfeito para as atividades neste mundo mental inferior.

Uma compreensão nítida da natureza do corpo mental seria o bastante para modificar enormemente a educação moderna, tornando-a muito mais útil ao Pensador do que o é atualmente. As características gerais deste corpo dependem das vidas anteriores do Pensador na terra, como será amplamente compreendido quando tivermos estudado a reencarnação e o carma. O corpo é constituído no plano mental e os seus materiais dependem das qualidades que o Pensador acumulou em si mesmo, como resultado de suas experiências passadas. Tudo o que a educação pode fazer é proporcionar estímulos externos que despertem e encorajem o crescimento das faculdades úteis que o Pensador já possui e auxiliar na erradicação das más tendências. Provocar a manifestação destas faculdades inatas e não sobrecarregar a memória com uma massa de fatos, esse é o objetivo de uma verdadeira educação. A memória não tem necessidade de ser cultivada como uma faculdade distinta porque a memória depende da atenção, isto é, da concentração firme da mente sobre um determinado assunto que se estuda, bem como da afinidade natural entre este assunto e a mente. Se o assunto agrada, isto é, se a mente tem aptidões neste sentido, a memória não faltará, desde que a atenção seja mantida firme. Portanto, a educação deveria cultivar o hábito de uma firme concentração, de uma atenção sustentada e ser dirigida de acordo com as faculdades inatas do aluno.

Passemos agora às divisões “sem forma” do plano mental, a região que é o verdadeiro lar do ser humano, durante o ciclo de suas reencarnações. É lá que ele nasce, uma alma incipiente, um Ego criança, individualidade embrionária quando começa a sua evolução humana propriamente dita. (1).

A forma deste Ego, o Pensador, é ovóide, e por isso é que H.P. Blavastsky refere-se a este corpo de Manas, que persiste através de todas as encarnações humanas, como o Ovo Áurico. Formado da matéria das três subdivisões superiores do plano mental, é, no momento de sua aparição, de uma textura finíssima, espécie de véu extremamente tênue. À medida que se desenvolve, torna-se uma forma notavelmente radiante, de uma glória e beleza majestosas, o Uno luminoso, como o qualificam com toda a exatidão (2). Quem é esse Pensador? É, como já dissemos, o Ser divino, limitado ou individualizado por este corpo sutil constituído de matérias da região “sem forma” do plano mental (3). Esta matéria, condensada em torno de um raio do Ser, um raio vivo da Luz e Vida unas do universo, separa este raio de sua fonte, em tudo que se refere ao mundo exterior e o envolve num véu translúcido de si mesma, transformando-o assim em um “indivíduo”, cuja vida é a Vida do Logos, mas todos os poderes dessa Vida ficam latentes, ocultos; tudo ali é potencial, germinal, tal como a árvore no germe minúsculo da semente. Esta semente é lançada no solo da vida humana a fim de que suas forças latentes possam ser vivificadas pelo sol da alegria e pela chuva das lágrimas, para que possa ser alimentada pela seiva vital que chamamos de experiência, até que o germe se desenvolva em árvore possante, a imagem do Senhor que o gerou.

A evolução humana é a evolução do Pensador. Ele se reveste de corpos nos planos mental inferior, astral e físico, usa-os através da vida terrena, astral e mental inferior, despojando-se deles sucessivamente nos diversos períodos deste ciclo vital, à medida que passa de um mundo a outro, mas sempre acumulando em si mesmo os frutos colhidos com eles em cada plano. No começo, tão pouco consciente como o corpo de um bebê terrestre, ele permanece adormecido ao longo de vida em vida, até que as experiências, agindo sobre ele externamente, tenham despertado para a atividade alguma das suas forças latentes. Depois, gradualmente, participa cada vez mais da direção de sua vida, até que, alcançada a maturidade, toma a sua vida em suas próprias mãos, exercendo sobre seu futuro um domínio cada vez maior.

O crescimento do corpo permanente que, com a consciência divina, compõe o Pensador, é de uma lentidão extrema. Seu nome técnico é corpo causal porque acumula em si o resultado de todas as experiências, e estas atuam como causas, moldando as vidas futuras. O corpo causal é o único permanente entre todos os empregados durante a encarnação, sendo que os corpos mental, astral e físico são reconstituídos em cada nova reencarnação. À medida que cada um perece, transmite sua colheita ao corpo imediatamente superior, e assim todas as colheitas são finalmente armazenadas no corpo permanente. Quando o Pensador retorna à encarnação, exterioriza as suas energias, compostas destas colheitas, sobre cada plano sucessivo e atrai então, para

isso, em torno de si, um após outro, novos corpos condizentes com o seu passado. Quanto ao crescimento do corpo causal é, como já dissemos, extremamente lento, porque ele somente vibra em resposta aos impulsos que podem ser expressos na matéria profundamente sutil que o compõe, e com estes impulsos elabora a constituição de seu ser. Daí que as paixões, que representam um papel tão importante nos primeiros períodos da evolução humana, não podem, portanto, afetar diretamente o crescimento do corpo causal. O Pensador pode elaborar em si mesmo somente as experiências que podem ser reproduzidas nas vibrações do corpo causal e estas devem ocorrer na região mental e ser altamente intelectuais ou elevadamente morais em seu caráter; de outro modo a sua matéria sutil não vibra simpaticamente em resposta.

Uma pequena reflexão convencerá qualquer pessoa de como a sua vida diária proporciona tão pouco material adequado ao desenvolvimento deste corpo sublime, daí a lentidão da evolução e o pequeno progresso alcançado. Quando o Pensador se torna bastante poderoso para mais completamente manifestar-se em cada uma das vidas sucessivas, a evolução é acelerada rapidamente. A persistência no mal reage de uma maneira indireta sobre o corpo causal e faz mais dano do que o mero retardar do seu crescimento; se ela ocorre durante muito tempo parece causar uma certa incapacidade para responder à vibrações contrárias do bem, e assim é o crescimento retardado durante um período considerável, embora a prática do mal já tenha cessado. Para prejudicar diretamente o corpo causal é necessário uma perversidade altamente intelectual e refinado, o “mal espiritual”, como mencionam diversas escrituras do mundo. Felizmente o caso é raro, tão raro como o bem espiritual, e ambos se encontram somente nos seres altamente evoluídos, estejam eles no “caminho positivo” ou no “negativo”(1).

O habitat do Pensador, do Ser humano eterno, é o quinto subplano, o nível mais inferior da região “sem forma” do plano mental. A grande maioria da humanidade está aí, escassamente desperta, ainda na infância de sua vida. O Pensador desenvolve a consciência lentamente, à medida que as suas energias, agindo nos planos inferiores, aí ganham experiência que se mescla com as mesmas quando retornam para ele, carregadas da colheita de uma vida. Este Homem eterno, o Ser individualizado, é o ator em cada um dos seus corpos. É sua presença que dá o sentimento de “eu”, tanto ao corpo como à mente, o “eu” sendo aquele que possui consciência própria e que, por ilusão, se identifica com aquele veículo no qual centraliza mais ativamente energias. Para o homem sensual, o “eu” é o corpo físico e a natureza de desejos; extrai deles o seu gozo e considera-os como

se fossem ele próprio, porque sua vida está neles. Para o intelectual, o “eu” é a

mente, pois no seu exercício ele sente satisfação e nela está concentrada a sua vida. Um pequeno número pode elevar-se às alturas abstratas da filosofia espiritual e sentir este Homem Eterno como Ser, cuja memória se estende através de todas as vidas passadas, e cujas esperanças se estendem pelas futuras. Os fisiologistas nos dizem que a dor de um corte feito no dedo é realmente sentida, não no ponto de onde corre o sangue, mas no cérebro, e que a nossa imaginação projeta a sensação na parte ferida. A sensação de dor no dedo é, dizem eles, uma ilusão; é colocada pela imaginação no ponto de contato com o objeto que ocasiona o ferimento. Assim também uma pessoa sentirá dor em um membro amputado ou, mais exatamente, no espaço que este membro ocupava antes. De maneira análoga, o Ser uno, o Homem Interior, sente o sofrimento e a alegria nos corpos que o envolvem, naqueles pontos de contato com o mundo exterior, e sente o invólucro como sendo ele mesmo, ignorando que este sentimento é uma ilusão, e que ele é o único agente e experimentador em cada veículo.

Consideremos agora, sob este prisma, as relações entre a mente superior e a inferior, e suas ações sobre o cérebro. A mente, Manas, o Pensador, é uno e ele é o Ser no corpo causal, é a fonte de inumeráveis energias, de vibrações infinitamente diversas e que ele irradia em torno de si. Dentre estas, as mais elevadas e sutis manifestam-se na matéria do corpo causal, a única bastante delicada para responder a elas. Elas constituem o que chamamos de Razão Pura, cujos pensamentos são abstratos, e cujo método de ganhar conhecimento é pela intuição; a sua verdadeira “natureza é conhecimento”, e reconhece a verdade de imediato em plena harmonia consigo mesma. As vibrações menos sutis passam externamente, atraindo a matéria da região mental inferior, e estas vibrações constituem o Manas inferior ou mente inferior. O mental inferior é, portanto, constituído pelas energias mais densas do mental superior, expressas por meio de matéria mais densa. É a isto que chamamos intelecto, compreendendo a razão, o juízo, a imaginação, a comparação e outras faculdades mentais. Seus pensamentos são concretos e seu método é a lógica; discute, raciocina, deduz. Estas vibrações, agindo através da matéria astral sobre o cérebro etérico e, por este, sobre o cérebro denso no qual originam outras vibrações que são as reproduções pesadas e lentas delas mesmas, pesadas e lentas porque as energias perdem muito de sua rapidez ao terem que agitar matéria mais inerte. Este amortecimento de resposta quando uma vibração é iniciada em um meio sutil, e então passa para outro meio denso, é coisa familiar para todo estudante de física. Um sino é batido no ar e ele soará claramente; batido no hidrogênio, as vibrações neste se mostram tão fracas como ondas atmosféricas. As operações do cérebro, em resposta aos impactos rápidos e sutis da mente, são igualmente fracas, e, no entanto, é tudo o que a imensa maioria das pessoas conhece como sendo sua “consciência”.

A importância imensa das atividades mentais desta “consciência” física provém de ser ela o único intermediário, por onde o Pensador pode colher as experiências, graças às quais ele se desenvolve. Enquanto estiver dominada pelas paixões, é tumultuada e sem direção, e o Pensador é deixado sem alimento e portanto, incapaz de se

desenvolver; e enquanto estiver totalmente absorto em atividades mentais, relativas ao mundo exterior, não pode despertar senão as mais baixas energias do Pensador.

Somente quando ele for capaz de impressionar na consciência física o verdadeiro objeto de sua vida, ela começa a cumprir suas mais valiosas funções de colher o que despertará e nutrirá as energias superiores do Pensador. À medida que este se desenvolve, torna-se cada vez mais consciente de seus próprios poderes, e também das operações de suas energias nos planos inferiores e dos corpos que aquelas energias atraíram em torno dele. Por fim, passa a esforçar-se por influir nestes corpos, utilizando a memória do passado a fim de guiar sua vontade e estas impressões que chamamos de “consciência”, quando se referem à moral, e “relâmpagos de intuição” quando iluminam o intelecto. Quando estas impressões são bastante frequentes para poder ser consideradas normais, designamos seu conjunto pelo termo “gênio”.

A evolução superior do Pensador é assinalada por um domínio mais completo sobre seus veículos inferiores, pela crescente sensibilidade deles à sua influência e pela crescente contribuição deles para seu desenvolvimento. Aqueles que querem colaborar deliberadamente nessa evolução, podem fazê-lo por um treinamento cuidadoso da mente inferior e do caráter moral, por um esforço constante e bem dirigido. O hábito do pensamento calmo, firme e regular, dirigido para objetos não mundanos, o hábito da meditação e do estudo, desenvolvem o corpo mental, tornando-o um instrumento melhor. O esforço em cultivar o pensamento abstrato é também útil, porque aproxima a mente inferior da mente superior e atrai para ela os materiais mais sutis desta região. Graças a tais métodos, todos podem cooperar ativamente para sua evolução superior, cada passo à frente acelerando os passos seguintes. Nenhum esforço, mesmo o mais insignificante, se perde, mas é seguido por um amplo efeito, e toda contribuição obtida e assimilada é armazenada no tesouro do corpo causal, para uma aplicação futura. Assim, a evolução, embora lenta e vacilante, entretanto é sempre para a frente, e a Vida divina, sempre desabrochando em cada alma, lentamente conquista todas as coisas.

Capítulo V

O Devachan

Devachan é a designação teosófica para o céu, e traduzido literalmente, significa Terra Resplandecente, ou a Região dos Deuses (1). É uma região do plano mental, especialmente protegida, da qual a tristeza e o mal são inteiramente afastados pelas Inteligências Espirituais que presidem a evolução humana. É lá que residem, após sua passagem no Kamaloka, os seres humanos, despojados de seus corpos físicos e astral.

A vida devachânica compreende duas fases, das quais a primeira se passa nas quatro subdivisões inferiores do plano mental, onde o Pensador conserva ainda o corpo mental e está por ele condicionado, enquanto durar a assimilação dos materiais acumulados nesse corpo, durante a vida terrestre, que acaba de deixar. A segunda fase se passa no mundo “sem forma”, onde o Pensador, desembaraçado de seu corpo mental, goza livremente a vida que lhe é própria, na plena medida da autoconsciência e do conhecimento que tenha atingido.

A duração da vida no Devachan depende da quantidade de materiais próprios à existência devachânica, reunidos pela alma, durante sua vida terrestre. A colheita dos frutos a serem consumidos e assimilados no Devachan abrange todos os pensamentos e emoções puros gerados durante a vida terrestre, todos os esforços e aspirações intelectuais e morais, todas as memórias de trabalho útil e projetos formados para o serviço da humanidade, por tudo que é suscetível de ser convertido em faculdades mentais e morais a fim de ajudar a evolução da alma. Nenhum destes esforços se perderá, por mais fraco e efêmero que tenha sido, mas as paixões animais egoístas não são admitidas, pois não encontram aqui materiais próprios para sua expressão. Igualmente, todo o mal da existência passada, embora exceda de muito o bem, não impede a completa colheita do bem semeado, por mais insignificante que este tenha sido. A escassez da colheita pode tornar a vida celeste muito breve, mas o mais depravado indivíduo, se teve uma pequena aspiração para o bem ou demonstrações de ternura, deve ter no Devachan um período de existência, onde a semente do bem possa estender seus ternos brotos, onde a centelha da bondade possa expandir-se em minúscula chama.

Em outros tempos, em que os homens traziam no coração o desejo pelo céu, e organizavam suas vidas com o fim de gozar as alegrias celestes, a permanência no Devachan era muito longa, estendendo-se, por vezes, a vários milhares de anos. Atualmente, o espírito humano liga-se com tanta persistência às coisas terrestres, e tão poucos pensamentos tendem para a vida espiritual, que o período devachânico se torna comparativamente muito curto. Analogamente, a permanência nas regiões superiores e inferiores do plano mental respectivamente [\(1\)](#), é proporcional ao conjunto de pensamentos que haviam sido gerados correspondentemente nos corpos mental e causal. Todos os pensamentos que pertencem ao eu pessoal, à vida que acaba de se extinguir, com todas suas combinações, interesses, afeições, esperanças e temores, tudo isto tem a sua função no Devachan, na parte onde as formas ainda subsistem. Os pensamentos pertencentes à mente superior, às regiões do pensamento abstrato e impessoal, devem ser vividos e assimilados na região devachânica “sem forma”. A maior parte das pessoas apenas entra nesta região para abandoná-la imediatamente. Algumas passam lá grande parte de sua existência devachânica. Finalmente, raros vivem ali durante quase toda ela.

Antes de entrar em detalhes, procuremos compreender algumas idéias fundamentais que regem a existência devachânica porque ela difere de tal forma da vida física, que qualquer descrição pode desorientar devido a sua grande singularidade. As pessoas compreendem tão pouco de sua vida mental, mesmo como ela decorre no corpo físico, que diante de uma descrição da vida mental independente do corpo físico, perdem todo o senso de realidade e sentem-se como se tivessem sido transportadas a um mundo de sonhos.

A primeira idéia a compreender é que a vida mental é infinitamente mais intensa, mais ativa e mais próxima da realidade que a vida dos sentidos. Tudo o que vemos e tocamos, ouvimos, sentimos e manuseamos aqui embaixo, está demasiado afastado da realidade do que as coisas que percebemos no Devachan, e lá mesmo não vemos as coisas tais como são, e quanto às coisas que vemos no físico, elas têm dois véus de ilusão a mais, envolvendo-as.

Nosso senso de realidade aqui é totalmente ilusório. Nada conhecemos da verdadeira natureza das coisas e das pessoas, de como elas são; tudo o que conhecemos delas são as impressões que produzem sobre nossos sentidos, e as conclusões, quase sempre errôneas, que nossa razão deduz do conjunto dessas impressões.

Compare uma a uma as idéias que de um homem fazem seu pai, seu mais íntimo amigo, a filha que o adora, o seu rival nos negócios, o seu inimigo mais mortal, e um conhecido qualquer, e veja quanto estas imagens são disparatadas. Cada uma dessas pessoas apenas transmite a impressão produzida sobre a mente dela, e quão distantes estas impressões estão do que aquele homem é realmente, quando visto pelos olhos que atravessam todos os véus e o contemplam em sua totalidade! De cada um de nossos amigos conhecemos apenas as impressões que produzem sobre nós, e que estão estritamente limitadas por nossa faculdade de perceber. Uma criança pode ter por pai um grande homem de Estado, dotado de altos ideais e grandiosos objetivos, mas este guia dos destinos de uma nação é para o filho apenas o seu alegre companheiro de brinquedos, um meigo contador de histórias. Vivemos em meio a ilusões, mas temos o sentimento da realidade, e isto basta para contentar-nos. No Devachan ainda estaremos cercados por ilusões e, embora, como disse, há dois véus entre nós e a realidade, ali teremos também um sentimento semelhante de realidade que nos satisfará plenamente.

As ilusões terrestres não são anuladas no céu inferior, apesar de enfraquecidas ali, embora o contato seja mais real e imediato. Não devemos jamais esquecer, com efeito, que este céu faz

parte de um grande esquema de evolução e que, enquanto o ser humano não encontrar seu Ser real, a sua irrealidade o faz sujeito às ilusões. Um fato, todavia, que produz o sentido de realidade na vida terrestre e o da irrealidade quando estudamos o Devachan, é que observamos a vida terrestre a partir de nosso interior, submetidos à plena preponderância de suas ilusões, ao passo que contemplamos o Devachan exteriormente, livres, por enquanto de seu véu de mâyá.

No Devachan o processo se reverte e os seus habitante sentem que sua vida é a única real, e consideram a vida terrestre repleta das mais evidentes ilusões e equívocos. Em suma, eles estão mais próximos da verdade do que os críticos da sua morada celestial.

Notemos em seguida que o Pensador, revestido exclusivamente de seu corpo mental, cujos poderes pode livremente utilizar, manifesta a natureza criativa destes poderes de um modo e em uma extensão que dificilmente podemos conceber aqui embaixo. Na terra, o pintor, o escultor, o músico, arquitetam sonhos de surpreendente beleza, criando suas visões pelo poder da mente; mas quando procuram corporificá-las nos materiais densos da terra, a obra fica muito aquém da criação mental. O mármore é demasiado resistente para tomar a forma perfeita; a tinta, muito embaciada para refletir a cor perfeita. No céu, tudo o que eles pensam se traduz diretamente em formas, porque a matéria refinada e sutil do mundo celestial é a própria substância mental, o meio onde atua normalmente a mente quando liberta de paixões, e esta matéria toma forma à menor vibração do pensamento. Daí se conclui que, na realidade, cada homem cria seu próprio céu, e pode aumentar indefinidamente a beleza que o envolve, conforme a riqueza e energia de sua mente. À medida que a alma desenvolve seus poderes, o seu céu torna-se cada vez mais sutil e delicado; todas as limitações no céu são engendradas pela pequenez da alma, e o céu se expande e se aprofunda com a expansão e aprofundamento da alma. Enquanto a alma for fraca e egoísta, tacanha e subdesenvolvida, a vida celeste participa de sua mesquinhez, mas é sempre o que há de melhor na alma, por mais que seja. À medida que o homem evolui, sua vida no Devachan se torna mais plena e rica, cada vez mais completa, e as almas elevadas entram já em contato cada vez mais próximo entre si e sua comunhão é mais ampla e mais profunda. Uma vida terrestre estreita, débil, insípida e mesquinha gera uma existência comparativamente da mesma natureza no Devachan onde somente a qualidade mental e moral sobrevive. Não podemos receber mais do que aquilo que somos e a nossa colheita é proporcional à nossa sementeira. “Não vos enganéis; ninguém escarnece em vão de Deus, porque o que o homem houver semeado, colherá”, nem mais, nem menos. Nossa indolência e nossa avidez desejariam receber o que jamais semeamos, mas neste universo de lei, a Boa Lei, misericordiosamente justa, dá a cada um precisamente o salário de seu

trabalho.

No Devachan seremos dominados pelas impressões ou quadros mentais que formamos de nossos amigos. Em torno de cada alma volteiam os que ela amou na terra, e cada imagem dos seres amados, conservadas intactas no coração, torna-se uma companhia viva da alma no céu. Lá, não há absolutamente alterações naqueles que amamos. Serão para nós o que foram aqui, nem mais, nem menos. A aparência externa de nosso amigo, tal como aqui impressionava nossos sentidos, nós a reproduzimos no Devachan, graças aos poderes criativos da mente; o que era aqui um quadro mental, também é lá como na verdade era aqui, embora o desconhecêssemos – uma forma objetiva na substância mental viva, participando de nossa atmosfera mental, apenas que o que aqui é pesado e vago, lá é forçosamente palpitante e vivente. E então, o que será a verdadeira comunhão, aquela entre almas! É mais íntima, mais próxima e mais amorosa do que é conhecido por nós aqui porque, como vimos, não existem barreiras entre almas no plano mental; exatamente proporcional à realidade da vida da alma em nós é a realidade da comunhão das almas naquele plano. A imagem mental do nosso amigo é criação nossa; sua forma é como a conhecêramos e amáramos; e sua alma se manifesta a nós através desta forma, na medida em que a sua alma e a nossa pulsam em uníssono. Mas não podemos ter contato algum com aqueles que conhecemos na terra se os vínculos foram apenas astrais e físicos, ou se eles e nós éramos desarmônicos na vida interior. Assim, em nosso Devachan, nenhum inimigo pode entrar, pois o que assegura o encontro das pessoas ali é a harmonia de mentes e corações. A separação de corações e mentes implica separação na vida celeste, porque tudo que é inferior ao coração e à mente não pode encontrar nela meios de expressão. Com aqueles que em muito nos excedem em sua evolução, entramos em contato apenas na medida em que podemos responder a eles; os seus níveis elevados de existência se estendem fora de nosso alcance; mas compartilhamos de tudo que pudermos atingir. Além disso, estes irmãos mais velhos podem nos ajudar, e efetivamente nos ajudam na vida celeste, sob condições que mais tarde estudaremos, ajudam-nos a crescer, e nos elevar até eles, até podermos receber cada vez mais. Não há, portanto, separação pelo espaço ou pelo tempo, mas pela ausência de simpatia, pela discordância entre corações e mentes.

Vivemos, pois, no céu, com todos os que amamos e com todos os que admiramos, e a nossa comunhão com eles é determinada pelos limites de nossa capacidade, ou da deles, se formos nós os mais adiantados. Nós os encontramos sob as formas em que os amamos na terra, com a recordação perfeita das nossas relações terrestres porque o céu é a florescência de tudo o que não pode desabrochar na terra, e os amores débeis ou frustrados desta vida ali surgem com toda a sua força e beleza. Por ser direta a comunhão,

jamais surgirá um mal-entendido de palavras ou pensamentos. Cada qual vê o pensamento que seu amigo cria, ou, pelo menos na medida em que pode responder ao mesmo.

O Devachan, o mundo celeste, é um lugar de felicidade, de inefável alegria. Mas é muito mais do que isto, mais que um simples repouso para o peregrino fatigado, porque é no Devachan que se produz a elaboração e a assimilação de tudo que foi valioso nas experiências mentais e morais do Pensador em sua vida passada, e estas experiências vão sendo gradualmente transmutadas em faculdades mentais e morais, em poderes que ele trará consigo na sua próxima encarnação. Ele não elabora em seu corpo mental a lembrança do passado, porque o corpo mental se desintegrará quando chegar a sua hora. A recordação do passado apenas subsiste para o Pensador, que atravessou este passado e vive na imortalidade. Mas os fatos das experiências passadas são transmutados em aptidões mentais, de modo que, se um homem estudou profundamente uma questão, os efeitos daquele estudo será a criação de uma faculdade especial para alcançar e ter mestria naquela questão, quando ela surgir numa encarnação futura. Nascerá com aptidões especiais para aquele gênero de estudos, e facilmente será bem sucedido neles. Tudo que o homem pensar na terra é assim utilizado no Devachan: todas as aspirações são transformadas em poderes, todos os esforços frustrados se tornam faculdades e aptidões, as lutas e as derrotas reaparecem como materiais que são elaborados como instrumentos de vitória; os sofrimentos e os erros brilham como metais preciosos que serão modelados em vontades sábias e fortes. Os projetos de beneficiência que naufragaram no passado por falta de poder e habilidade são elaborados pelo pensamento no Devachan e executados, por assim dizer, etapa por etapa e o poder e a habilidade necessários são desenvolvidos sob a forma de faculdades da mente, para uso em uma vida futura na terra, quando o estudante inteligente e esforçado renascerá como gênio, quando o devoto renascerá como um santo. A vida celeste não é, pois, um simples sonho, um paraíso de lazer inútil. É um lugar em que a mente e o coração se desenvolvem, libertos da matéria densa e dos cuidados triviais, onde são forjadas nossas armas para os rudes combates da terra, onde o progresso do futuro é assegurado.

Quando o Pensador tenha consumido em seu corpo mental todos os frutos que lhe pertencem de sua vida terrestre, abandona-o, liberta-se dele e vai viver em sua verdadeira morada. Todas as faculdades mentais que se expressam nos níveis inferiores, são recolhidas ao interior do corpo causal – assim como os germes da vida passional, que foram recolhidos no corpo mental, quando este abandona a casca astral em sua dissolução no Kamaloka – e tais faculdades tornam-se latentes por algum tempo, dentro do corpo causal, forças que permanecem ocultas por ausência de material nos quais se manifestam [\(1\)](#).

O corpo mental, o último dos envoltórios temporários do verdadeiro ser humano, se desagrega, e seus materiais voltam ao oceano comum da matéria mental, de onde foram tirados na última descida do Pensador à encarnação. O corpo causal é, pois, o último que subsiste, o receptáculo e porta-tesouros de tudo que foi assimilado da vida que cessou. O Pensador acaba de executar um ciclo de sua longa peregrinação, e vem repousar por um certo tempo em seu país natal.

A sua condição em relação à consciência depende inteiramente do ponto que alcançou na evolução. Nos primeiros estágios de sua vida, o Pensador apenas dorme, inconsciente, depois de ter perdido os corpos que lhe serviam de veículos nos planos inferiores. Em seu seio a vida palpita docemente, assimilando os poucos resultados colhidos na existência terrestre, e suscetíveis de serem incorporados, mas não tem consciência do meio que o envolve. Porém, à medida que se desenvolve, este período de sua vida torna-se cada vez mais importante, ocupando uma maior parte de sua existência celeste. Adquire auto-consciência e, portanto, consciência de seu ambiente, do não-eu, e a sua memória desenrola diante dele o panorama de sua vida, que se estende através de todas as eras do passado. Vê as causas que produziram seus efeitos na sua última existência terrena, e estuda as novas causas geradas nesta última encarnação. Ele assimila e elabora, na contextura do corpo causal, tudo o que houve de mais nobre e sublime no capítulo encerrado de sua existência, e, por sua atividade interior, desenvolve e coordena os materiais em seu corpo causal. Entra em contato direto com grandes almas, encarnadas ou não, e em sua comunhão com elas, recebe ensinamentos de alta sabedoria e longa experiência. As vidas celestes, que se sucedem, são cada vez mais ricas e mais profundas, e à medida que o poder receptivo do Pensador se desenvolve, o saber o invade em ondas cada vez mais ricas. Cada vez mais ele compreende as operações da Lei e as condições do progresso evolutivo. Assim, todas as vezes que volta à vida terrestre, traz maior conhecimento, um poder mais firme, numa visão mais clara do objetivo da vida e um discernimento mais nítido do caminho que a ele conduz.

Para cada Pensador, por menos evoluído que seja, há um momento de clarividência, precisamente no instante em que deve voltar à vida dos mundos inferiores. Neste instante contempla seu passado e vê as causas que nele agem preparando o futuro, e o plano geral de sua próxima encarnação se desenrola diante de seus olhos. Em seguida, surgem nuvens de matéria inferior em torno dele, e a sua visão se obscurece e começa, então, o ciclo de uma nova encarnação, com o despertar dos poderes da mente inferior, e suas vibrações organizam os materiais da região correspondente para a formação do novo corpo mental, abrindo o primeiro capítulo de um novo ciclo. Este assunto

será melhor tratado nos capítulos consagrados à reencarnação.

Tínhamos deixado a alma adormecida (1), despojada dos últimos restos de seu corpo astral, e prestes a passar do Kamaloka ao Devachan, do purgatório ao céu. A consciência, então adormecida, desperta com um sentimento de inefável alegria, de incomensurável felicidade e paz, que excede a toda compreensão. As mais doces melodias soam em torno dela, os mais delicados matizes encantam a sua visão nascente, o próprio ambiente parece constituído de músicas e cores; o próprio ser se sente inundado de luz e harmonia. Depois, através de um nevoeiro de ouro, aparecem docemente os semblantes dos que na terra amou; idealizados na beleza que as suas mais nobres e amorosas emoções exprimem, sem um traço sequer das paixões e preocupações dos mundos inferiores. Quem poderá narrar a felicidade deste despertar, a glória desta primeira aurora da existência celeste?

Vamos agora estudar pormenorizadamente as condições que distinguem as sete subdivisões do Devachan, recordando que, nas quatro subdivisões inferiores estamos no mundo das formas, ou melhor, num mundo onde cada pensamento se apresenta imediatamente como forma. Este mundo da forma pertence à personalidade, e cada alma ali se encontra cercada de todos os elementos de sua vida passada que se incorporaram à sua mente e podem ser expressos em pura substância mental.

A primeira região, a mais baixa, é o céu das almas menos evoluídas, cuja emoção mais alta na terra foi um amor estreito, sincero e por vezes inegoísta pela família e pelos amigos. Ou pode ser que tenham sentido admiração fervorosa por alguém que encontraram na terra, uma pessoa mais pura e melhor do que elas, ou que tenham aspirado levar uma vida mais elevada, ou sentido alguma passageira aspiração de expansão mental e moral. Quase não há ainda nelas materiais que possam servir para construir suas faculdades, e por isso, suas vidas caminham numa lenta progressão. Suas afeições familiares serão alimentadas ou mesmo acrescidas, e elas renascerão pouco depois com uma natureza emocional um pouco melhorada e com mais tendência a reconhecer e responder a um ideal superior. Enquanto isto, vão gozando no Devachan de toda felicidade que podem alcançar. A sua taça é pequena, mas está cheia até a borda de felicidade e elas desfrutam de tudo que podem conceber como céu. A pureza e harmonia delas atuam sobre as suas faculdades embrionárias e as pressionam para se tornarem ativas, e seus primeiros estremecimentos interiores começam a se fazer sentir, precursores indispensáveis de toda a manifestação.

O grau seguinte da vida devachanica compreende os fiéis de todas as religiões, cujos corações, durante a vida terrestre, se sentiram inundados de

devoção e amor a Deus, qualquer que seja, qualquer que seja a forma que lhe tenham dado. Esta forma pode ter sido estreita, mas seus corações elevaram-se pela aspiração, e aí encontraram o objeto de sua amorosa adoração. O Ser Divino os espera, tal como eles o conceberam na terra, mas revestido da glória refulgente de substância do Devachan, mais belo e mais sublime do que os seus sonhos mais veementes o puderam figurar. O Ser Divino limita-se para ficar ao alcance intelectual de seu adorador, e qualquer que tenha sido a forma sob a qual Ele tenha sido amado e adorado, é sob esta mesma forma que Ele se apresentará aos olhares ansiosos do adorador, envolvendo-se na doçura de Seu correspondente amor. As almas sentem o transporte do êxtase religioso, adorando o Uno sob as formas que sua piedade preferiu na terra, perdidas no deslumbramento da devoção, em comunhão como o Objeto adorado. Na mansão celeste, devoto nenhum se sente abandonado, pois o Ser Divino se apresenta sob a forma familiar a cada um. À luz radiosa desta presença, as almas crescem em pureza e devoção, e quando voltam à terra, estas qualidades se apresentam extraordinariamente aumentadas. Não se deve imaginar que toda sua existência celeste decorre neste êxtase devoto, pois elas têm plena oportunidade de desenvolver todas as outras qualidades que possuam no coração e na mente.

Passando à terceira região, aí encontramos os seres nobres e sinceros que foram na terra servidores devotados da humanidade e que empregaram generosamente seu amor por Deus, sob a forma de trabalho para a humanidade. Eles colhem o fruto de suas boas obras ao desenvolverem poderes mais amplos para auxiliar e uma expansão de sabedoria no uso desses poderes. Na mente do filantropo desenvolvem-se projetos de uma beneficência mais ampla, e semelhante a um arquiteto, traça o plano do edifício futuro que construirá na sua volta à terra; aperfeiçoa os esquemas que desenvolverá então na forma de ações, e como um Deus criador, planeja o seu universo de beneficência que se manifestará na matéria densa, quando os tempos estiverem maduros. Estas almas surgirão como os grandes filantropos em séculos futuros, e se encarnarão com os dons inatos do amor desinteressado e com o poder de realização.

De todos os céus, o quarto é provavelmente o que mais variedades apresenta, porque é aqui que se manifestam os poderes das almas mais adiantadas, na medida em que possam ser expressos no mundo das formas. É aqui que encontramos os reis das artes e das letras, exercendo todos os seus poderes da forma, cor, harmonia, e elaborando faculdades maiores com as quais nascerão ao voltarem à terra. A música mais nobre, indiscutivelmente arrebatadora, ressoa dos mais poderosos monarcas da harmonia que a Terra já conheceu, como Beethoven, aqui não mais surdo, que projeta a sua alma magestosa em acordes de inigualável beleza, tornando o mundo celestial ainda

mais harmonioso à medida que atrai das esferas mais altas melodias que espalha, vibrantes, através das regiões celestes.

Encontramos aqui também os mestres da pintura e da escultura, descobrindo novos matizes de cores, novas curvas de harmonia ainda não sonhadas. Outros aqui vivem também, que foram malsucedidos, apesar de suas grandes aspirações, e que agora se ocupam em transmutar seus anseios em poderes, seus sonhos em faculdades que serão suas em outra vida. Os pesquisadores da Natureza aqui estão, aprendendo os seus segredos ocultos. Diante dos seus olhos, sistemas de mundos se desdobram com todos os seus mecanismos ocultos, com a trama sucessiva de elaborações de inimaginável delicadeza e complexidade. Eles voltarão à terra como grandes "descobridores", com infalíveis intuições dos processos misteriosos da Natureza.

Encontramos ainda neste quarto céu, estudantes do conhecimento mais profundo, discípulos ansiosos e reverentes que procuraram encontrar os Instrutores da raça e aspiraram encontrar-se com um Mestre; estudantes que estudaram com paciência todos os ensinamentos de qualquer dos grandes guias espirituais da humanidade. Aqui as suas aspirações se realizam, e Aqueles que eles procuravam, aparentemente em vão, são agora seus Instrutores. Essas almas buscadoras bebem avidamente a sabedoria celeste, e atentas às instruções do seu Mestre, crescem e progridem rapidamente. Elas voltarão à terra para instruir e iluminar, distinguindo-se pela elevada missão de instrutores.

Inúmeros estudantes na terra, inconscientes destas elaborações sutis, preparam um lugar no quarto céu enquanto se encontram com uma real devoção sobre páginas de algum instrutor ou gênio, sobre os ensinamentos de alguma alma elevada. Estão formando, sem que o saibam, entre eles e o Mestre que veneram, um elo que se manifestará no mundo celeste, atraindo-os a uma mútua comunhão.

Assim como o Sol, cujos raios penetram simultaneamente em vários compartimentos de um grande edifício, e cada compartimento recebe a claridade conforme sua capacidade receptora, também no mundo celeste estas grandes almas resplandecem em centenas de imagens mentais delas mesmas, criadas por seus fiéis discípulos, suprindo-as com vida, com a sua essência, de forma que cada estudante tem seu mestre como instrutor, sem que este deixe de iluminar com sua vida todos os outros que o veneram.

Os seres humanos residem, pois, nestes mundos celestes da forma durante longos períodos determinados proporcionalmente pela quantidade de material colhido na terra. Tudo que na última vida pessoal pôde colher de bom, encontra

aqui seu perfeito desenvolvimento, sua inteira realização até nos menores detalhes. Depois, como já vimos, quando tudo estiver esgotado, quando a última gota do cálice da alegria tenha sido bebida, quando a última migalha do festim celeste estiver consumida, tudo que possui um valor permanente e se transformou em faculdade, é absorvido no interior do corpo causal e o Pensador se descarta dos últimos vestígios do corpo mental, o qual lhe permitiu manifestar-se no níveis inferiores do mundo celeste. Sem o seu corpo mental, vive então em seu próprio mundo, a fim de assimilar tudo o que, de sua colheita possa achar como matéria adequada para expressão em tão elevada região.

Um vasto número de almas contatam apenas por um momento o nível mais baixo do mundo sem forma, tomando um breve refúgio ali, pois que todos os seus veículos inferiores se dissolveram. Porém, o seu estado é tão embrionário que não têm ainda nenhum poder ativo, que as capacite a funcionar independentemente nesta região e essas almas tornam-se inconscientes quando o corpo mental entra em dissolução. Mas, por um instante, sua consciência é reanimada e um relâmpago de memória ilumina todo o seu passado, tornando visíveis todas as causas que o geraram. Um lâmpo de presciência ilumina o seu futuro, e elas podem ver os efeitos que vão manifestar-se na próxima existência. Essa é a única experiência do mundo sem forma que a maior parte dos seres humanos consegue, porque aqui, como sempre, a colheita é proporcional ao que se semeia, e como poderiam aqueles que nada semearam para essa região sublime, esperar colher algo ali ?

Entretanto, muitas são as almas que, durante sua vida terrestre, graças aos pensamentos profundos e uma nobre conduta, lançaram inúmeras sementes cuja colheita ocorre nesta quinta região celeste, a mais inferior das três do mundo sem forma. Grande é agora sua recompensa por se colocarem assim tão acima da servidão da carne e das paixões, e elas começam a sentir a vida real do ser humano, a existência sublime da alma, livre das vestimentas que pertencem aos mundos inferiores. Aprendem as verdades pela visão direta, e vêem as causas fundamentais das quais os objetos concretos são os efeitos. Estudam a harmonia subjacente que, nos mundos inferiores, é mascarada pela variedade de detalhes irrelevantes. Obtêm assim um profundo conhecimento da lei e aprendem a reconhecer, em suas operações imutáveis nos mundos inferiores, efeitos que parecem os mais desconexos. Eis como se gravam, no corpo que subsiste indestrutível, convicções firmes e inabaláveis que, depois na vida terrestre, se revelarão como certezas intuitivas e profundas da alma, acima e além de todo o raciocínio. Aqui também o homem estuda seu passado, descobrindo com cuidado as causas que criou e percebendo suas interações, as consequências que daí resultam e vê quais serão seus efeitos nas futuras existências.

No sexto céu encontramos almas mais adiantadas que, em sua vida física, pouca atração tiveram pelas coisas terrenas e que devotaram todas as suas energias à vida superior, intelectual e moral. Para elas o passado não tem véus e sua memória é perfeita e ininterrupta. Planejam a manifestação, em sua próxima vida, de energias destinadas a neutralizar um grande número de forças retardadoras e a reforçar as que trabalham na direção do Bem. Esta memória nítida lhes permite estabelecer determinações precisas e enérgicas com relação ao que devem fazer e ao que devem evitar, e poderão imprimir essa força de vontade sobre seus veículos inferiores, em sua próxima existência, tornando impossíveis certos tipos de males incompatíveis com esta natureza íntima que o ser sente em si, e também tornando inevitável certo tipo de bem, como demanda irresistível de uma voz que será ouvida. Estas almas nascem no mundo físico com altas e nobres qualidades que tornam impossível uma vida grosseira, e caracterizam a criança, desde o berço, como um dos pioneiros da humanidade.

O ser humano que atingiu este sexto céu vê desenrolar-se diante dele os imensos tesouros da Mente Divina em sua atividade criadora, e pode estudar os arquétipos de todas as formas que estão gradualmente surgindo nos mundos inferiores. Nesse céu ele se banha no insondável oceano da Sabedoria Divina, e compreende os problemas relativos ao desenvolvimento destes arquétipos, percebendo o bem parcial que parece um mal na visão limitada dos seres humanos ainda presos à carne.

Neste panorama imenso, os fenômenos tomam seu valor relativo, e o homem vê a justificação dos caminhos divinos, que cessam de ser para ele insondáveis, pelo menos no que se referem à evolução dos mundos inferiores. As questões sobre as quais ele ponderou na terra, cujas respostas sempre escaparam à sua inteligência ávida, são aqui resolvidas por uma intuição que atravessa os véus fenomênicos e vê os elos que compõem a cadeia de evolução. Aqui também a alma goza da presença imediata e da plena comunhão com as grandes almas que completaram sua evolução em nossa humanidade, e liberta dos grilhões que constituem o "passado" na terra, ela desfruta do "eterno presente" de uma vida imortal e contínua. Aqueles a quem chamamos aqui os "mortos ilustres", naquele céu são os vivos gloriosos, e a alma humana inebriada pela sua presença, cresce à semelhança deles à medida que a poderosa harmonia desses gloriosos seres afina a vibrante natureza da alma com a sua tônica.

Mais sublime, mais admirável ainda, brilha o sétimo céu, lar intelectual dos Mestres e dos Iniciados. Nenhuma alma ali reside se na terra não passou pelo portal da iniciação, a porta estreita que conduz à vida eterna [\(1\)](#). Este mundo é a fonte dos mais poderosos estímulos intelectuais e morais que se derramam sobre a terra; dele se difundem, em correntes revigoradoras da mais sublime

energia. A vida intelectual do mundo tem nele a sua raiz e é dele que o gênio recebe suas inspirações mais puras. Para as almas que lá residem, pouco importa que estejam ou não, ligadas a veículos inferiores, pois sua elevada superconsciência jamais sofre interrupção, como também sua comunhão com aqueles que as cercam. Quando estão "encarnadas", podem infundir esta consciência em seus veículos inferiores, na medida em que podem recebê-la e quando julguem necessário; enfim, podem canalizá-la ou retirá-la, a seu critério.

Suas vontades são cada vez mais guiadas pela vontade dos Grandes Seres, cuja vontade é una com a vontade do Logos, a vontade que procura sempre o bem-estar dos mundos. Aqui, os últimos vestígios da separatividade (1) estão sendo eliminados em todos que ainda não atingiram a emancipação final, isto é, que ainda não são Mestres; e à medida que estes vestígios desaparecerem, a vontade humana cada vez mais se harmonizará com a Vontade que dirige os mundos.

Eis aí, pois, um esboço das sete regiões celestes, onde em uma ou outra o ser humano passa a sua existência na ocasião devida, depois da mudança a que chamamos morte. Porque a morte é apenas uma transformação que dá à alma uma libertação parcial, quando se livra da mais pesada de suas cadeias. É um nascimento numa vida mais ampla, em que a alma volta ao seu lar real, depois de um breve exílio na terra, a passagem de uma prisão para a livre atmosfera das alturas. A morte é a maior das ilusões terrestres, não há absolutamente morte, mas apenas transformações nas condições da vida. A vida é contínua, sem interrupção, sem nascimento, eterna, imortal e constante, não desaparece quando morrem os corpos com que se reveste. Admitir a morte da alma, quando o corpo se desfaz em pó, seria admitir que os céus se aniquilassem porque se quebrou um vaso de argila (2).

O plano físico, o astral e o mental formam os três mundos nos quais se passa a peregrinação da alma e que tantas vezes se repete.. É nestes três mundos que gira a roda da existência humana, e as almas estão ligadas a esta roda em sua longa evolução e são por ela levadas a cada um destes mundos sucessivamente. Estamos agora em condições de traçar um completo período de vida da alma e o conjunto desses períodos constitui a sua existência total, e podemos também discernir claramente a diferença entre a personalidade e a individualidade.

Quando sua estada no mundo "sem forma" do Devachan termina, a alma começa um novo ciclo de vida, emitindo energias que vão agir na região formal do plano mental, energias estas resultantes dos ciclos de vida anteriores. Estas energias, ao se exteriorizarem, agem progressivamente nas quatro regiões mentais inferiores, reunindo em torno delas os materiais convenientes à sua

manifestação, e assim o novo corpo mental para o próximo nascimento é formado. A vibração destas energias mentais desperta as energias que pertencem à natureza do desejo, as quais começam a vibrar. À medida que despertam e pulsam, atraem da matéria do mundo astral os materiais em consonância à sua natureza, formando assim o novo corpo astral do ser humano para a próxima encarnação. Eis como o Pensador se reveste dos seus invólucros mental e astral, que exprimem exatamente as faculdades desenvolvidas durante os estádios anteriores de sua existência. Em seguida é atraído por forças, que serão estudadas mais tarde [\(1\)](#), para a família que lhe deve fornecer o invólucro físico apropriado e é ligado a este invólucro por intermédio do corpo astral. Durante a vida pré-natal, o corpo mental tende gradualmente a unificar-se com os veículos inferiores, e nos primeiros anos de infância esta conexão se torna cada vez mais íntima, até que, no sétimo ano, os inferiores ficam tão estritamente ligados ao Pensador, quanto o seu grau de evolução o permitir. O Pensador começa então, se for bastante desenvolvido, a influenciar levemente os seus veículos, e o que chamamos de consciência é a sua voz aconselhadora.

De qualquer modo ele ganha experiência, por intermédio destes veículos, e durante sua vida terrestre conserva a experiência colhida no veículo apropriado, no corpo correspondente ao plano ao qual pertence a experiência. Quando termina a vida terrestre, o corpo físico é descartado e com ele, o poder de relacionar-se com o mundo físico. As energias do Pensador ficam, portanto, limitadas aos planos astral e mental. O corpo astral, por sua vez, decompõe-se, e a expansão vital do Pensador fica reduzida ao plano mental, tendo as faculdades astrais sido absorvidas e postas em reserva no corpo mental, sob a forma de energias latentes. Uma vez mais, chegada a sua hora, o corpo mental desagrega-se, após ter terminado o seu trabalho de assimilação. Suas energias, por sua vez, tornam-se latentes, absorvidas pelo Pensador, que se retira completamente para a vida do mundo celeste “sem forma”, o seu habitat natural.

De lá, após todas as experiências de seu ciclo de vida nos três mundos terem sido transmutadas em faculdades e poderes, que ele recolhe consigo, para uso futuro, o Pensador, mais rico em saber e poder, põe-se em marcha para a peregrinação de um novo ciclo.

A personalidade compõe-se dos veículos transitórios, através dos quais o Pensador age nos mundos físico, astral e mental inferior e em todas as atividades que a eles se relacionam. Estas atividades são ligadas entre si pelos elos de memória, gerados pelas impressões feitas sobre os três corpos inferiores, e o “eu” pessoal surge da identificação espontânea do Pensador com seus veículos. Nos estádios inferiores da evolução, este “eu” se acha localizado

nos veículos físico e astral, onde manifesta maior atividade, e mais tarde, passa ao veículo mental, que então adquire predominância. A personalidade, com os seus sentimentos, desejos e paixões transitórios, forma, desta maneira, uma entidade quase independente, embora receba todas as suas energias do Pensador, que a envolve. E como suas tendências, pertencentes ao mundo inferior, estão muitas vezes em oposição direta com os interesses permanentes “daquele que reside no corpo”, surgem uma luta, em que a vitória, ora pende para o prazer temporário, ora para o princípio permanente. A vida de uma personalidade começa quando o Pensador forma o seu novo corpo mental, e persiste até a dissolução deste corpo, quando termina a sua passagem na região formal do Devachan.

A individualidade é o próprio Pensador, a árvore imortal que projeta todas estas personalidades como folhas que perduram ao longo da primavera, do verão e do outono da vida humana. Tudo que as folhas absorvem e assimilam enriquece a seiva que circula nos seus vasos; quando vem o outono, esta seiva se refugia no tronco gerador, e a folha seca morre e cai. Só o Pensador vive para sempre, ele é aquele para quem “a hora jamais soará”, o eterno adolescente que, segundo diz o *BhagavadGita*, toma seus corpos e em seguida os abandona, como vestimentas usadas que despimos para nos revestir de novas. Cada personalidade é um novo papel para o imortal Ator, que entra em cena inúmeras vezes. Mas, neste drama da vida, cada um dos personagens que ele encarna é filho daqueles que o precederam e é pai dos que virão, de forma que o drama da vida é uma história contínua, a história do próprio Ator que representa os papéis sucessivamente.

A vida do Pensador limita-se aos três mundos que acabamos de estudar, enquanto ele percorre os primeiros estágios da evolução humana. Na evolução da humanidade haverá uma época futura em que a sua existência transcorrerá em níveis mais elevados e a reencarnação será apenas uma recordação. Mas, enquanto girar a roda dos nascimentos e das mortes, e os seres humanos permanecerem ligados a ela pelos desejos relativos aos três mundos, é nestes que a sua vida transcorre.

Podemos agora dirigir nossas vistas para os reinos que se estendem além dos três planos descritos, embora pouco pode-se dizer deles que seja útil ou inteligível. Entretanto, as poucas palavras que se diga sobre eles são indispensáveis para o delineamento da Sabedoria Antiga.

CAPÍTULO VI

OS PLANOS BÚDICO E NIRVÂNICO

Vimos que o homem é um ser inteligente autoconsciente, o “Pensador”, revestido de envoltórios ou corpos pertencentes aos planos mental inferior, astral e físico. Resta-nos estudar, agora, o Espírito que é o seu Ser mais interno, a fonte de onde ele procede.

O espírito Divino, um raio emanado do Logos e que de Seu Ser essencial participa, tem a tríplice natureza do próprio Logos, e a evolução do ser humano como tal, consiste na manifestação gradual destes três aspectos que se desenvolvem do estado latente ao estado ativo, reproduzindo assim, em miniatura, no ser humano, a própria evolução do Universo. Eis por que ele é chamado de microcosmo, sendo o Universo o macrocosmo; também é chamado de espelho do Universo, a imagem ou o reflexo de Deus (1). Finalmente, o axioma antigo: “Como acima, é embaixo”, exprime a mesma correspondência. É nesta Divindade que está a garantia da vitória final do ser humano. Esta é a força motriz que torna a evolução, ao mesmo tempo, possível e inevitável; a força ascensional que lentamente domina todos os obstáculos e todas as dificuldades. Ela é a “Presença” que Matthew Arnold percebia vagamente quando escreveu que “é do Poder, e não de nós mesmos, a tendência para a perfeição”, mas ele se enganava ao pensar “não de nós mesmos”, porque o mais íntimo de todos os Seres, não os nossos seres separados, é na verdade o nosso Ser. (2)

Este Ser é o Uno, eis por que o chamamos de Mônada (3), e devemos nos lembrar que esta Mônada é a vida projetada do Logos, contendo em si, em germe, ou em estado de latência, todos os poderes e atributos divinos. Estes poderes vão se manifestando pelos choques provenientes do contato com os objetos do Universo, no qual a Mônada é projetada. Do atrito produzido nascem respostas vibratórias da Vida submetida aos seus estímulos, e as energias desta vida passam, uma a uma, do estado latente ao estado ativo. A Mônada humana, assim chamada para distinguí-la, apresenta, como já dissemos, os três aspectos da Divindade, porque ela é a imagem perfeita de Deus; no ciclo humano estes três aspectos desenvolvem-se sucessivamente. Estes aspectos são os três grandes atributos da Vida Divina, como se manifestam no Universo: a existência, a bemaventurança e a inteligência (4) que os Três Logoi (5) manifestam respectivamente com toda a perfeição possível, dentro dos limites da manifestação. No ser humano estes aspectos se desenvolvem em ordem inversa: a inteligência, a bemaventurança e a existência, a existência implicando a manifestação dos poderes divinos. Até o presente, em nosso estudo da

evolução humana, temos observado o desenvolvimento do terceiro aspecto da Divindade oculta, em que a consciência se apresenta como inteligência.

Manas, o Pensador, a alma humana, é a imagem da Mente Universal, do Terceiro Logos, e toda a sua longa peregrinação nos três planos inferiores é consagrada à evolução deste terceiro aspecto, o lado intelectual da natureza divina do ser humano. Enquanto esta evolução ocorre, podemos considerar que as outras energias divinas, a fonte oculta de sua vida, estão como que mais em preparação, pairando sobre o ser humano do que desenvolvendo ativamente suas forças dentro dele. Elas atuam entre si, imanifestas. No entanto, a preparação destas forças para a sua manifestação prossegue lentamente, elas estão sendo gradualmente despertadas dessa vida imanifestada, que chamamos de latência, pela energia sempre crescente das vibrações da inteligência. O aspecto de bemaventurança começa a emitir suas primeiras vibrações, as tênues palpitações de sua vida manifestada fazem-se vagamente sentir. Esse aspecto de bemaventurança é chamado "Buddhi" na terminologia teosófica.

Este nome é derivado do termo sânscrito que significa sabedoria, e o princípio assim designado pertence ao quarto plano do Universo, o plano búdico, onde a dualidade ainda subsiste, mas onde não há mais separatividade. Em vão, busco palavras para exprimir esta idéia, pois elas pertencem aos planos inferiores, onde a dualidade e a separatividade estão sempre ligadas, embora uma concepção aproximada possa ser atingida. É um estado em que cada um de nós se sente uma individualidade, com uma nítida e viva intensidade que não pode ser alcançada nos planos inferiores, e onde cada um, no entanto, sente que encerra em si todos os seres, que é uno com todos eles, de modo inseparável (1). O que mais se aproxima disto na terra é a condição de duas pessoas unidas por um amor puro, intenso, que as faz sentirem-se enlaçadas como uma só pessoa, de forma tal que pensam, sentem, agem e vivem como uma só pessoa, sem enxergarem barreira alguma, nenhuma diferença, nem o "meu" nem o "teu", nenhuma separação (2). É uma longínqua ressonância deste plano que faz com que os seres humanos procurem a felicidade na união entre eles e o objeto de seus desejos, qualquer que seja este objeto, o isolamento completo é a perfeita miséria. Achar-se nu, despojado de tudo, suspenso no abismo do espaço, numa solidão total nada mais havendo senão o indivíduo solitário; sentir-se isolado de tudo, encerrado no seu "eu" separado... não pode a imaginação conceber horror mais intenso. A antítese deste inferno é a união, e a união perfeita é a perfeita felicidade.

Quando este aspecto de bemaventurança do Ser começa a emitir suas

vibrações, estas, como nos planos inferiores, atraem a matéria do plano em que funcionam, e assim se forma gradualmente o corpo búdico ou corpo de bemaventurança, como é chamado mais propriamente (1). A única maneira pela qual o ser humano pode contribuir para a elaboração desta forma gloriosa é cultivar o amor puro, desinteressado, universal e beneficente, o amor que nada pede para si, isto é, que nem é parcial, nem procura algo em troca do amor. Esta efusão espontânea de amor é o mais característico dos atributos divinos que nada pede. O puro amor trouxe o universo à existência, o puro amor o mantém, o puro amor o eleva para a perfeição, para a bemaventurança. E cada vez que o ser humano irradia amor sobre todos os que dele necessitam, sem fazer nenhuma diferença, sem preocupação de recompensa, na alegria pura e espontânea dessa efusão, desenvolve o aspecto de bemaventurança da Divindade que nele reside, e prepara esse corpo de beleza e alegria inefáveis com o qual se elevará o Pensador, liberto dos entravés da separatividade, consciente de sua própria identidade e sentindo-se, no entanto, uno com tudo que vive. Esta é “a morada que não foi feita por mãos, eterna nos céus”, de que fala São Paulo, o grande iniciado cristão. Ele exaltava a caridade, o amor puro, acima de todas as outras virtudes, porque somente desse modo pode o ser humano contribuir na terra para a edificação desta gloriosa morada. Por uma razão análoga, os budistas chamam a separatividade a “grande heresia”, e a “união” é o objetivo a que se propõem os hindus. Atingir a libertação é desprender-se das limitações que nos dividem e o egoísmo é a raiz do mal, o qual uma vez destruído é a destruição de toda dor.

O quinto plano, o nirvânico, é o plano do mais alto aspecto humano do Deus que está em nós, e este aspecto é chamado pelos teosofistas de Atma ou o Ser. É o plano da existência pura, dos divinos poderes em sua plena manifestação em nosso quádruplo universo. O que existe mais além, no sexto e sétimo planos, está oculto na inconcebível Luz de Deus. Esta consciência átmica ou nirvânica é a que atingem os Grandes Seres, as primícias de nossa humanidade, que concluíram o ciclo da evolução humana, recebendo, então, o nome de Mestres (1). Eles resolveram por si mesmos o problema que consiste em aliar a essência da individualidade à ausência de toda a separatividade, e vivem como Inteligências imortais, perfeitas em sabedoria, amor e poder.

Quando a Mônada humana emerge do seio do Logos é como se, do luminoso oceano de Atma, um minúsculo fio de luz se destaca de tudo o mais por uma película de matéria búdica, e do qual pende uma centelha que fica encerrada em um invólucro ovóide de matéria pertencente aos níveis sem forma do plano mental. “A centelha pende da chama pelo fio mais tênue de Fohat”. (2). À medida que a evolução prossegue, este ovo luminoso se torna maior e mais opalescente, e o fio tênue se transforma em um canal de largura crescente,

através do qual flui, cada vez mais abundante, a vida átmica. Finalmente, estes três elementos se fundem: o terceiro no segundo, e estes dois assim em conjunto, no primeiro e permanecem unidos como chamas que se confundem, sem que seja possível mais distinguí-los.

A evolução humana, no quarto e quinto planos, pertence a um período futuro de nossa raça, mas os que escolhem o caminho árduo do progresso mais rápido, podem fazê-lo agora, conforme será explicado mais tarde. (3). Neste caminho, o corpo de bemaventurança evolui rapidamente e o homem começa a viver conscientemente nesta região sublime e conhece a felicidade produzida pela ausência das barreiras exclusivistas, a sabedoria que o invade quando desaparecem as limitações da inteligência. A alma fica, então, liberta da roda que a liga aos mundos inferiores e pode assim antegozar a liberdade perfeita do plano nirvânico.

A consciência nirvânica é a antítese do aniquilamento. É a existência elevada a uma realidade e intensidade inconcebíveis para quem apenas conhece a vida dos sentidos e da mente. Comparar a consciência nirvânica à do homem ligado à terra é pôr o esplendor do sol do meio-dia ao lado do clarão de um pavio de vela. Querer confundir a consciência nirvânica com aniquilamento, sob o pretexto de que no Nirvana os limites da consciência terrestre desaparecem, é assemelhar-se a alguém que, tendo apenas contemplado candeeiros, afirma que nenhuma luz pode existir sem ser produzida por uma mecha imersa em cera. O Nirvana existe e Aqueles que ali entraram e participam desta gloriosa vida, deram testemunho, outrora, nas escrituras do mundo e hoje continua esse testemunho por outros da nossa humanidade, que já transcederam a escala sublime da humanidade perfeita e ficam em contato com a terra a fim de que a nossa humanidade, em sua ascensão possa, sem vacilações vencer todas as dificuldades.

No Nirvana residem os Seres poderosos que concluíram a sua evolução humana em universos anteriores, e surgiram com o Logos, quando Ele se manifestou para trazer à existência o nosso universo. Eles são Seus ministros no governo dos mundos, os agentes perfeitos de Sua Vontade. Os Senhores de todas as hierarquias dos Deuses e os seres, que servem sob suas ordens e que vimos trabalhar nos planos inferiores, têm aqui sua residência, porque o Nirvana é o coração do Universo, de onde irradiam todas as suas correntes da Vida cósmica. Daqui o Grande Alento emerge, a vida de todas as coisas, e aqui este Alento imergirá quando o Universo atingirá o seu termo. Nirvana é a Glória perfeita, sem nuvens e sem véus, o Fim Supremo.

A Fraternidade da Humanidade, ou melhor, a Fraternidade de todos os seres, encontra nos planos espirituais, átomico e búdico, a sua base verdadeira porque somente neles existe a unidade e somente neles existe a afinidade perfeita. O

intelecto é, no ser humano, o princípio separativo, que distingue o “eu” do “não-eu”, que tem a consciência de si mesmo, e considera tudo o mais como exterior e estranho, o princípio combativo que luta e se afirma e, a partir do plano do intelecto o mundo nos apresenta um cenário de conflitos, tanto mais ásperos quanto maior for a parte que o intelecto tomar. A natureza passional não atua espontaneamente, mas quando é instigada pela sensação do desejo e se depara com algo que se coloca entre ela e o objeto de seu desejo; ela torna-se crescentemente agressiva à medida que a mente inspira sua atividade, porque, então, procura assegurar a gratificação de desejos futuros e busca apropriar-se cada vez mais das reservas da Natureza. Já o intelecto é espontaneamente combativo, é próprio de sua natureza essencial afirmar-se diferente dos outros, e aqui encontramos a raiz da separatividade, a fonte inesgotável das dissensões humanas.

Mas a unidade é percebida imediatamente quando o plano búdico é atingido, é como se passássemos de um raio isolado, divergente em relação a todos os outros, para o próprio Sol, fonte única de todos os raios. Supondo um ser vivendo no Sol, inundado de sua luz e tendo por missão espalhar essa luz, ele não sentiria nenhuma diferença entre os diversos raios, mas derramaria a luz de modo equânime em todas as direções. Assim também para o ser humano que atingiu conscientemente o plano búdico, Ele se sente como sendo a fraternidade que para os outros é um ideal apenas verbal, e ele se irradia para qualquer pessoa que necessita assistência, dando-lhe auxílio mental, moral, astral ou físico, conforme a necessidade. Considera todos os seres como sendo ele mesmo e sente que tudo que possui é deles na mesma medida ou, em muitos casos, mais deles, porque necessitam mais por serem mais fracos. É assim que numa família os mais velhos suportam todos os encargos, protegendo os mais novos dos sofrimentos e das privações.

Pelo espírito da fraternidade, a fraqueza é um reclamo à assistência e à proteção amorosa e não uma oportunidade de opressão. E por terem atingido este estado e outros mais elevados, os grandes fundadores das religiões sempre se caracterizaram por sua perene ternura e compaixão, atendendo as carências físicas, como também as espirituais das pessoas, conforme as necessidades individuais. A percepção desta unidade interna, o reconhecimento do Ser Uno, que reside igualmente em todos, é o único fundamento seguro da Fraternidade. Qualquer outra base é frágil.

Esta percepção, além disso, é acompanhada pelo conhecimento de que o nível de evolução de cada ser, humano ou não, depende principalmente do que podemos chamar sua idade. Alguns começam a sua peregrinação através dos tempos, muito mais tarde do que outros e, embora as potencialidades sejam as mesmas em todos, alguns as desenvolveram de modo mais completo do que

outros, e isto apenas porque tiveram mais tempo do que seus irmãos jovens. Censurar e menosprezar as almas germinais ou infantis que nos cercam por não terem atingido o nosso grau de evolução é o mesmo que menosprezar e censurar a semente por não ser ainda flor, o broto por não ter dado fruto, a criancinha por não ser já adulto. Nós não nos repreendemos por não sermos semelhantes aos Deuses e sabemos que com o tempo alcançaremos o grau que ocupam hoje nossos irmãos mais Velhos. Então, por que censurar as almas mais jovens que ainda não são semelhantes a nós? O termo fraternidade implica, pois, identidade de origem e desigualdade de desenvolvimento e, portanto, representa exatamente o laço que existe entre todas as criaturas do Universo, o da identidade da vida essencial e diferenças de grau na manifestação desta vida. Somos unos em nossa origem, unos no método de nossa evolução, unos em nosso objetivo, e as nossas diferenças de idade e de nível não podem senão encorajar a formação dos laços mais delicados e íntimos. Tudo que um homem fizer por seu irmão carnal, a quem ama mais que a si mesmo, deve fazer a todos os que com ele partilham da Vida Una. Os seres humanos excluem os seus irmãos de seus corações por diferenças de raça, de classe, de país, mas quem é sábio pelo amor, coloca-se acima de todas essas diferenças mesquinhas. Vê que a vida de todos os homens flui da mesma Fonte e considera a todos como membros de sua própria família.

A percepção intelectual desta Fraternidade, e o esforço para vivê-la praticamente, estimulam a tal ponto a natureza superior do homem, que se tornou o único objetivo obrigatório da Sociedade Teosófica, o único artigo de crença que devem aceitar todos os que queiram associar-se a ela. Viver esta fraternidade, mesmo em uma pequena medida, purifica o coração e aclara a visão, e vivê-la perfeitamente seria apagar todas as manchas da separatividade, fazendo irradiar em nós, como através de um cristal sem mácula, a pura luz do Ser.

Jamais esqueçamos que esta fraternidade existe, mesmo que os seres humanos a ignorem ou a neguem. A ignorância humana não muda as leis da Natureza, nem pode alterar sua marcha contínua e irresistível na medida da espessura de um fio de cabelo. Suas leis esmagam todos que se opõem a elas, destruindo tudo que não está em harmonia com elas. Eis por que nenhuma nação pode subsistir se ultrajar a fraternidade, nenhuma civilização pode perdurar se basear-se em sua antítese. A fraternidade não está para ser feita, ela existe. Depende de nós harmonizarmos as nossas vidas com ela, se quisermos que nós e nossas obras não pereçam.

Pode parecer estranho a alguns que o plano búdico, para eles algo vago e irreal, influenciasse assim todos os planos inferiores a ele, e que suas forças reduzissem a pedaços tudo o que não pode se harmonizar com elas nos

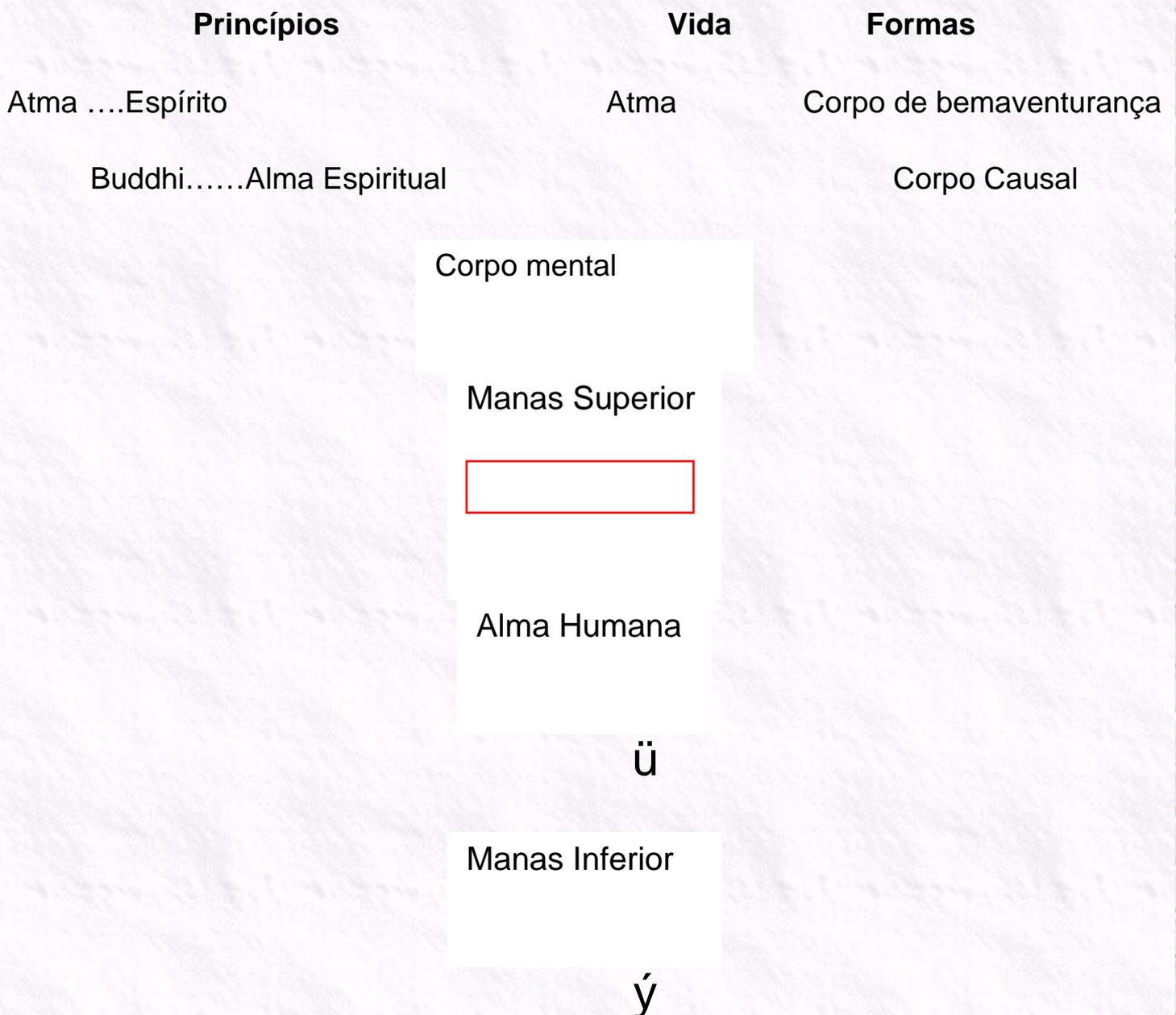
mundos inferiores. Entretanto, é assim porque este universo é uma expressão de forças espirituais, e elas são as energias reguladoras e modeladoras que a tudo permeiam e que, lenta, mas seguramente, trazem todas as coisas sob seu domínio. Daí se conclui que esta Fraternidade, que é uma unidade espiritual, é muito mais real que qualquer organização exterior. Não é uma forma, mas uma vida que “com sabedoria e doçura, ordena todas as coisas”. Pode revestir-se de inumeráveis formas, adequadas às épocas, mas a vida é una. Felizes os que veem a sua presença e se tornam os canais de sua força vivificadora.

O estudante tem agora diante de si os componentes da constituição humana e as regiões às quais esses componentes pertencem, respectivamente. Uma recapitulação resumida lhe possibilitará ter uma idéia nítida deste conjunto complexo.

A Mônada humana é Atma-Budhi-Manas, que se traduz algumas vezes pelos termos Espírito, Alma Espiritual e Alma do ser humano. O fato de que estes três são os aspectos do Ser, torna possível a existência imortal do ser humano e, embora estes três aspectos se manifestem separada e sucessivamente, a sua unidade substancial permite à Alma imergir na Alma Espiritual, dando à última a essência preciosa da individualidade e permite a esta Alma Espiritual individualizada imergir no Espírito, matizando-o, se assim posso exprimir-me, com as nuances oriundas da individualidade, sem prejudicar sua unidade essencial com todos os outros raios do Logos e com o próprio Logos. Estes três aspectos são o sétimo, sexto e quinto princípios do ser humano e os materiais que os limitam ou que os envolvem, isto é, que tornam possível sua manifestação e sua atividade, são retirados, respectivamente, do quinto (nirvânico), quarto (búdico) terceiro (mental) planos do nosso universo. O quinto princípio toma para si um corpo inferior no plano mental a fim de entrar em contato com os mundos fenomênicos, e assim se entrelaça com o quarto princípio, a natureza de desejos, ou kama, pertencente ao segundo plano, o astral. Chegando, enfim, ao primeiro plano, o físico, temos o terceiro, segundo e primeiro princípios, isto é, a vida especializada, ou Prana, sendo o duplo etérico o seu veículo; o corpo físico, que se põe em contato com os materiais mais densos do mundo físico.

Já vimos que Prana nem sempre é considerado como sendo um princípio, e os corpos mental e kâmico entrelaçados são classificados em conjunto sob o nome de Kama-Manas; a mente pura é chamada Manas superior, e a mente desvinculada do desejo, é chamada de Manas inferior. A concepção mais adequada do ser humano é a que talvez apresente mais exatamente os fatos em relação à vida una permanente e as diversas formas nas quais essa vida una atua e que condicionam as suas energias, causando a variedade na manifestação. Temos, então, o Ser e a Vida una, fonte de todas as energias, e suas formas são os corpos búdico, causal, mental, astral e físico (etérico e denso). (1)

Estabelecendo a comparação entre estas duas maneiras de examinar a mesma coisa, podemos construir o seguinte quadro:



b

Kama.....Alma Animal	Corpo astral
Linga Sharira (2)	Duplo Etérico
Sthula Sharira	Corpo físico

Veremos que a diferença é simplesmente questão de nomes, e que o sexto, quinto, quarto e terceiro princípios são somente Atma agindo nos corpos búdico, causal, mental e astral, enquanto o segundo e o primeiro princípios são os próprios dois corpos mais inferiores. Esta brusca mudança na nomenclatura pode causar confusão na mente do estudante, e como H.P.Blavastsky, nossa veneranda instrutora, expressou muita insatisfação com a nomenclatura então aceita, considerando-a confusa e desorientadora, desejou que outros, inclusive eu, tentassem melhorá-la, assim os nomes acima são aqui adotados como descritivos e simples e expressam os fatos.

Os diversos corpos sutis do homem, cujo estudo acabamos de terminar, formam em seu conjunto o que geralmente é chamado a aura do ser humano. Esta aura tem a aparência de uma nebulosidade luminosa de forma ovóide, no meio da qual se acha o corpo físico denso, e devido ao seu aspecto, tem sido muitas vezes considerada como sendo apenas uma nuvem. O que geralmente se chama de aura é aquela parte dos corpos sutis que se estendem além dos limites do corpo físico, cada corpo possuindo por si mesmo uma forma completa e penetrando os que são mais densos do que ele, e seu tamanho é maior ou menor, conforme o seu desenvolvimento. Todas as suas partes que excedem a superfície do corpo físico compõem, pois, o que é chamado de aura, ou seja, o conjunto que contém parte do duplo etérico, do corpo astral, do corpo mental e do corpo causal e, em raros casos, do corpo búdico iluminado pela irradiação de Atma.

A aura é, ora impura, espessa e manchada, ora magnificamente resplandecente no tamanho, no brilho e cor. Seu aspecto depende inteiramente do grau de evolução atingido pelo ser humano, do desenvolvimento de seus diversos corpos, do caráter moral e mental que desenvolveu. Todas as suas paixões cambiantes, desejos e pensamentos manifestam-se nela como forma,

cor e luz, um conjunto que pode ser visto e compreendido pelo observador, se tiver capacidade para isso. O caráter está estampado nela, assim como as alterações passageiras, e nenhuma dissimulação é possível nela, como o é na máscara que chamamos de corpo físico. O crescimento da aura em tamanho e beleza é o índice inconfundível do progresso do ser humano e testemunha o desenvolvimento e a purificação do Pensador e dos seus veículos.

CAPÍTULO VII

A REENCARNAÇÃO

Estamos agora em condições de estudar uma das doutrinas essenciais da Sabedoria Antiga, a doutrina da reencarnação. A idéia que fizemos desta doutrina será tanto mais clara e mais conforme à ordem natural, quanto mais considerarmos universal a reencarnação, em princípio, para em seguida passarmos ao caso particular da reencarnação da alma humana. Ao estudá-lo, ele é geralmente destacado de seu lugar na ordem natural, e estudado à parte como um fragmento isolado, o que prejudica muito a sua compreensão porque toda a evolução consiste de uma vida que se expande, que passa de forma em forma à medida que se desenvolve e acumula em si todas as experiências alcançadas por meio das formas. A reencarnação da alma humana não é a introdução de um princípio novo na evolução, mas a adaptação do princípio geral a condições novas, resultantes da individualização da vida em contínua evolução.

O Sr. Lafcadio Hearn [\(1\)](#) expressou-se bem a respeito desta questão ao tratar da influência exercida pela idéia da pré-existência sobre o pensamento científico do Ocidente. Diz ele:

“Com a aceitação da doutrina da evolução, velhas formas de pensamento se esfacelaram. De todas as partes, idéias novas surgiram para tomar o lugar dos dogmas desgastados e vemos agora o espetáculo de um movimento intelectual geral em direções curiosamente paralelas à filosofia oriental. A rapidez sem precedente e a diversidade do progresso científico durante os últimos cinquenta anos, não podiam deixar de produzir, fora dos meios científicos, uma excitação intelectual igualmente sem precedente. Que os organismos mais elevados e complexos evoluíram a partir dos mais elementares e mais simples; que uma base física comum de vida é a substância de todo o mundo vivo; que nenhuma linha de separação pode ser estabelecida entre o animal e o vegetal; que entre a vida e a não-vida há somente uma diferença de grau, e não uma diferença

específica; que a matéria não é menos incompreensível que a mente, sendo ambas apenas as manifestações variáveis de uma única realidade desconhecida, todas estas noções tornaram-se afirmações comuns da nova filosofia. Após o primeiro reconhecimento, mesmo pela própria teologia, da evolução física, foi fácil predizer que o reconhecimento da evolução psíquica não poderia ser por muito tempo retardada, porque a barreira levantada pelo velho dogma de impedir as pessoas de olharem para trás já fora derrubada. E hoje, para quem estuda a psicologia científica, a idéia da preexistência passou do domínio da teoria para o dos fatos, mostrando que a explicação budista do mistério universal é tão plausível como qualquer outra. “Só um espírito superficial”, escreveu o falecido professor Huxley (1), “rejeitaria esta teoria como absurda. Como a doutrina da própria evolução, a da transmigração tem suas raízes no mundo da realidade, e ela pode reclamar este apoio para si que o grande argumento da analogia é suscetível de fornecer”(Huxley, Evolução da Ética, pag. 61. ed . 1894) (2).

Consideremos a Mônada da forma, Atma-Budhi. Esta Mônada, alento da vida emanada do Logos, contém em si todos os poderes divinos, mas como já vimos, em vez de manifestados e ativos, eles estão latentes. Serão despertados gradualmente pelos impactos externos, pois é da própria natureza da vida agitar-se em resposta às vibrações que atuam sobre ela. Como a Mônada contém em si todas as possibilidades de vibrações, qualquer uma que a afete despertará nela o poder vibratório correspondente, e deste modo todas as suas forças passarão, uma após outra, do estado latente ao estado ativo, e nisto está o segredo da evolução.(3) O ambiente atua sobre a forma da criatura viva – e todas as coisas vivem, não nos esqueçamos. E esta ação, transmitida através da forma-invólucro para a vida, a Mônada interna, gera como resposta, vibrações que se irradiam da Mônada para o exterior através do invólucro, projetando as suas partículas, por sua vez, em vibrações e redispondo-as em uma configuração correspondente ou adaptada ao impacto inicial. Este é o fenômeno da ação e reação entre o organismo e o ambiente, reconhecido por todos os biólogos e considerado, por alguns, como uma explicação mecânica satisfatória da evolução. Seja como for, as observações pacientes e meticulosas dos biólogos em torno destas ações e reações absolutamente não explicam por que o organismo assim responde aos estímulos do exterior, e neste ponto, a Sabedoria Antiga é necessária para desvendar o segredo da evolução e mostrando o Ser no íntimo de todas as formas, como a mola real oculta de todos os movimentos da Natureza. (4).

Uma vez compreendida esta idéia fundamental de uma vida que contém a possibilidade de responder a toda as vibrações que a atingem, vindas do universo exterior, sendo a resposta efetiva provocada pela atuação de forças externas sobre ela, teremos que captar uma outra idéia fundamental, a

continuidade da vida e das formas. As formas transmitem suas características a outras formas por elas geradas, sendo estas um fragmento da substância daquelas, separadas a fim de terem uma existência independente. Por cissiparidade, por meio de rebentos, por meio de esporos, pelo desenvolvimento da progênie no seio materno, a continuidade física se mantém, derivando cada nova forma da precedente, da qual reproduz as características (1). A ciência agrupa estes fatos sob o nome de hereditariedade e as suas observações sobre a transmissão da forma são dignas de atenção, porque tornam evidente o modo como a Natureza opera no mundo fenomenal. Mas é necessário recordar que esta lei apenas se aplica à construção do corpo físico, no qual entram os materiais fornecidos pelos pais. As operações mais secretas desta mesma Natureza, aquelas operações da Vida, sem as quais a forma não poderia existir, foram inteiramente desprezadas, por não serem acessíveis à observação física, e esta lacuna só pode ser preenchida pelos ensinamentos da Sabedoria Antiga, dados por aqueles Seres, que desde a mais alta antiguidade, empregaram poderes superfísicos de observação, gradualmente verificáveis por todos os discípulos que estudam pacientemente em Suas escolas.

A mesma continuidade existe tanto para a vida como para a forma, e é a vida contínua, com uma proporção sempre crescente de suas energias latentes se tornando ativas pelos estímulos recebidos através das sucessivas formas, e que assimila as experiências adquiridas nas formas. Com efeito, quando a forma perece, a vida conserva o registro dessas experiências nas energias expandidas despertadas por elas, e levando consigo esta reserva de energia acumulada, está pronta a animar novas formas derivadas das antigas. Enquanto ocupava a forma anterior, atuava nela, adaptando-a para expressar cada nova energia despertada. A forma transmite estas adaptações, entretecidas em sua substância, para a parte de si mesma separada, que chamamos sua progênie, a qual, provindo de sua substância, deve necessariamente reproduzir suas características.

É nesta descendência que a vida se transfunde com todos os seus poderes despertados e a molda ainda mais, em um processo contínuo de expansão.

A ciência moderna está demonstrando de modo muito claro que a função da hereditariedade decresce de uma maneira contínua na evolução das criaturas superiores, e que as qualidades mentais e morais não se transmitem de pais a filhos, e quanto mais elevadas as qualidades, mais evidente se torna este fato. O filho do gênio é muitas vezes idiota, e vemos pais comuns dar nascimento a um gênio. Deve, pois, aí existir um substrato contínuo, ao qual as qualidades mentais e morais são inerentes a fim de que possam aumentar; de outro modo, a Natureza, na parte mais importante de sua obra, mostraria uma ação disparatada e irregular, em lugar da regular continuidade sempre manifestada. Neste assunto a ciência mostra-se muda, mas a Sabedoria Antiga nos ensina

que este substrato contínuo existe, chamado Mônada, que é o receptáculo de todos os resultados, reserva onde todas as experiências são acumuladas sob a forma de poderes crescentemente ativos.

Com estes dois princípios firmemente compreendidos, o da mônada com potencialidades que se transformam em poderes, e o da continuidade da vida e da forma, podemos passar ao estudo detalhado de suas operações e veremos que eles dão a solução de inúmeros problemas que perturbam a ciência atual, assim como de outros ainda mais perturbadores para os filósofos e sábios.

Consideremos inicialmente a mônada no momento em que fica sujeita aos primeiros impactos vindo dos níveis sem forma do plano mental, quando começa a evolução da forma. As primeiras vibrações, fracamente perceptíveis, que a Mônada emite em resposta a estes contatos, atraem em torno dela um pouco da matéria daquele plano, e temos aí a evolução gradual do primeiro reino elemental, já mencionado (1). Há sete tipos fundamentais de Mônada, que muitas vezes são representados como análogos às sete cores do espectro solar (2), derivadas das três cores primárias. Cada um destes sete tipos tem sua “coloração” própria que o caracteriza, e esta persiste através do ciclo eônico de sua evolução, afetando toda a sequência das formas vivas animadas pela Mônada. Começa aqui o processo de subdivisão em cada um dos tipos de Mônada, processo que se acentua e se diversifica até que se chega ao indivíduo.

O impulso estabelecido pelo primeiro despertar das energias da Mônada em cada um desses sete tipos tem apenas breve existência com forma, e é suficiente estudar apenas um desses tipos, sendo os outros seis semelhantes no princípio. Entretanto, qualquer experiência que seja ganha por meio dessas breves existências na forma, traduz-se por uma crescente sensibilidade à vida por parte da Mônada, ela que é a fonte e causa dessas experiências. E como esta vida estimulável consiste, muitas vezes, em vibrações incompatíveis entre si, por causa da diversidade das excitações que as determinam, nasce na Mônada uma tendência à separação. As forças que vibram harmonicamente agrupam-se para agir em conjunto, até que diversas “subMônadas”, se se pode usar o termo, estejam formadas e dotadas da mesma característica fundamental, mas diferindo entre si pelos detalhes, como matizes de uma mesma cor.

Estas Mônadas secundárias, sob a ação de vibrações dos níveis inferiores do plano mental, transformam-se nas Mônadas do Segundo Reino Elemental, pertencente à região da forma daquele plano. E assim, neste desenvolvimento, as Mônadas aumentam incessantemente seu poder vibratório de resposta, cada Mônada sendo a vida animadora de inumeráveis formas, através das

quais recebe as vibrações e, à medida que estas formas se desagregam, ela vai animando constantemente formas novas. Este modo de subdivisão prossegue em decorrência da causa já descrita.

Cada Mônada encarna-se, pois, constantemente, nas formas e colhe e conserva em si, sob a forma de poderes ativos, todos os resultados obtidos por meio das formas que anima. Podemos, apropriadamente, considerar estas Mônadas como as almas de grupos de formas, e à medida que a evolução prossegue, estas formas revelam atributos cada vez mais numerosos que são os poderes da alma-grupo monádica manifestados por intermédio das formas nas quais esta alma se encarna.

As inumeráveis “submônadas” deste Segundo Reino Elemental acabam por atingir um estágio de evolução no qual começam a responder às vibrações da matéria astral, portanto a atuar no plano astral, tornando-se as Mônadas do Terceiro reino Elemental, e repetindo, neste mundo mais denso, todos os processos já desenvolvidos no plano mental. Elas tornam-se cada vez mais numerosas como almas-grupo monádicas, com uma diversidade crescente no detalhe de suas atividades, ao passo que o número de formas que cada uma delas anima decresce à medida que se acentuam as características especiais. E durante todo este tempo, seja dito de passagem, a eterna corrente de efusão da vida do Logos gera ininterruptamente novas Mônadas da forma nos planos superiores, de maneira que a evolução continua incessante, e à medida que as Mônadas evoluídas se encarnam nos mundos mais inferiores, são substituídas pelas Mônadas recém-emanadas.

Por meio deste contínuo processo de reencarnação, nos níveis astrais, das Mônadas ou almas-grupo monádicas, a evolução prossegue, até que se tornem capazes de responder às vibrações da matéria física. Se nos recordarmos que a superfície envolvente dos átomos-últimos de cada plano se compõe da matéria mais densa do plano imediatamente superior, fácil será compreender como as Mônadas tornam-se capazes de responder aos estímulos sucessivos de plano após plano. Uma vez habituada, no Primeiro Reino Elemental, a responder às vibrações daquele plano, a Mônada começa logo a responder, por meio das formas mais densas daquela matéria, às vibrações recebidas da matéria do plano imediatamente inferior. Assim revestida de formas onde entram os materiais mais densos do plano mental, tornar-se-á suscetível às vibrações da matéria atômica astral. Mais tarde, encarnada em formas compostas da matéria astral mais densa, perceberá, do mesmo modo, os movimentos do éter atômico físico, cujas superfícies envolventes compõem-se dos mais densos materiais astrais. Finalmente, então, a Mônada atinge o plano físico, e aí começa, ou mais exatamente, todas estas almas-grupo monádicas começam a encarnar-se em formas físicas diáfanas, ou seja, nos duplos etéricos dos futuros minerais

densos do mundo físico. É nestas formas etéricas que os espíritos da Natureza elaboram os materiais físicos mais densos e assim se formam os minerais de todas as espécies, os veículos mais rígidos onde a vida evolvente se encasula e nos quais os seus poderes ficam muito limitados. Cada alma-grupo monádica manifesta-se através de formas minerais que lhe são próprias, nas quais se encarna e a especialização alcança um alto grau. Estas almas-grupo monádicas são, às vezes, chamadas coletivamente de “Mônada mineral ou a Mônada encerrada no reino mineral”.

A partir deste momento, as energias despertadas na Mônada vão representar, em sua evolução, um papel menos passivo. Uma vez excitada sua atividade, estas energias começam, em certa medida, a procurar um meio de manifestação ativa, capaz de exercer uma influência firme sobre a construção das formas que lhes servem de invólucro. À medida que a sua vida crescente se torna incompatível com a rigidez do mineral, as formas mais plásticas do reino vegetal começam a manifestar-se e, durante toda a sua peregrinação pelos reinos físicos, recebem a ajuda dos espíritos da Natureza. No reino mineral, nota-se já uma tendência acentuada para a organização definida da forma, o estabelecimento de certas linhas ao longo das quais o crescimento se processa [\(1\)](#). Esta

tendência preside desde então toda a construção das formas e é a causa da perfeita simetria dos objetos naturais, familiar a todos os observadores. No reino vegetal as almas-grupo monádicas dividem-se e subdividem-se com uma rapidez crescente, por causa da maior variedade dos estímulos a que estão sujeitas. A evolução das famílias, gêneros, espécies, é devida a este processo invisível de subdivisão. Quando qualquer gênero, com sua alma-grupo monádica genérica, é submetida a condições muito cambiantes, isto é, quando as formas que lhe são ligadas recebem impactos muito diferentes, uma nova tendência a subdividir-se se instala na Mônada, e várias espécies são então desenvolvidas, cada uma tendo a sua alma-grupo monádica específica.

Quando a Natureza age por si mesma, este processo é relativamente lento, embora os espíritos da Natureza trabalhem bastante para produzir a diferenciação das espécies. Mas quando o ser humano surge e inicia os seus sistemas de cultivo artificial, estimulando a ação de um conjunto de forças e impedindo a de outras, então esta diferenciação é consideravelmente acelerada, de modo que as espécies novas surgem mais rapidamente. Enquanto uma divisão efetiva não é produzida na alma-grupo monádica, a sujeição das formas a influências similares pode novamente erradicar a tendência à separação, mas quando essa divisão se tenha completado, as novas espécies ficam definitivamente estabelecidas e prontas por sua vez a ramificar-se.

Nos representantes do reino vegetal, dotados de uma longa vida, o elemento de personalidade começa a manifestar-se, pois a grande estabilidade do organismo torna possível este prenúncio de individualidade. Na árvore que vive muitas vezes séculos, a recorrência das condições análogas reforça esses estímulos, as estações repetindo-se ano após ano, as consecutivas modificações internas que elas ocasionam, a subida da seiva, o rebento das folhas, o contáto do vento, do sol, da chuva, todas estas influências exteriores, com sua progressão rítmica, suscitam vibrações correspondentes na alma-grupo monádica, e como a sequência se imprime pela contínua repetição, o retorno de uma vibração conduz à uma tênue expectativa de sua sucessora que sempre se repete. Na Natureza nenhuma qualidade evolui subitamente, e estes são os primeiros esboços daquilo que um dia será a memória e a expectativa.

No reino vegetal aparece também o antegosto da sensação, evoluindo nos seus representantes mais elevados o que o psicólogo ocidental poderia denominar sensação “maciça” do prazer ou da dor (1). Devemos recordar que a Mônada agrupou em torno de si matéria de cada um dos planos, através dos quais desceu, e que pode, por consequência, entrar em contato com as vibrações desses planos, das quais as primeiras que se fazem sentir são as mais fortes e as que se ligam às formas mais grosseiras da matéria do plano. (2). O calor do sol e o frio que sua ausência produz, acabam por afetar a consciência monádica, e seu invólucro astral, envolto em tênues vibrações, dão nascimento à vaga sensação maciça de que já falamos. As chuvas e a seca, que afetam a própria constituição da forma e seu poder de transmitir as vibrações à Mônada animadora, constituem um destes “pares de opostos”, cuja atuação desperta o reconhecimento de diferença que é a raiz similar de toda a sensação e, mais tarde, de todos os pensamentos. Assim, por encarnações repetidas, as almas-grupo monádicas evoluem através do reino vegetal, até que aquelas que animam os membros mais elevados do reino estejam prontas para uma nova etapa.

Esta etapa as conduz ao reino animal, onde começam lentamente a desenvolver, em seus veículos físico e astral, uma personalidade bem definida. O animal, com liberdade de movimento, submete-se a uma variedade muito maior de experiências que a planta não pode experimentar, sempre fixa em um mesmo ponto, e esta diversidade, como sempre, vem apressar a diferenciação. Entretanto, a alma-grupo monádica, que anima os animais selvagens de uma mesma espécie ou subespécie, não se diferencia senão lentamente, porque as experiências adquiridas, embora muito diversas, repetem-se constantemente e são partilhadas por todos os membros do grupo.

Estes contatos do ambiente ajudam o desenvolvimento dos corpos físico e

astral e graças a eles a alma-grupo monádica adquire muita experiência. Quando a forma de um membro do grupo morre, a experiência adquirida por meio dessa forma é acumulada na alma-grupo monádica e comunica-lhe como que uma certa coloração. A vida da alma-grupo, ligeiramente ampliada por este fato, e que está ligada a todas as formas que compõem o seu grupo, imprime em todas elas a experiência continuamente repetidas, acumuladas na alma-grupo monádica, aparecem como instintos, “experiências hereditárias acumuladas” nas novas formas. Assim, tendo inumeráveis passarinhos sido vítimas do gavião, por isso os filhotes, recém-saídos do ovo, abrigam-se rápido ao aproximar-se o inimigo hereditário porque a vida encarnada neles conhece o perigo, e o instinto inato é a expressão desse conhecimento. (1). Este é o modo de formação dos maravilhosos instintos que protegem os animais contra os inumeráveis riscos habituais, ao passo que um perigo novo os encontra na impossibilidade de se defenderem, desnorteando-os.

À medida que os animais ficam sob a influência humana, a alma-grupo monádica evolue com rapidez muito maior, e é assim que a subdivisão da vida que se encarna é prontamente precipitada graças a causas que são semelhantes àquelas que afetam as plantas quando domesticadas. A personalidade, que nos degraus inferiores pode ser considerada um aglomerado, começa a desenvolver-se e a se acentuar. Um rebanho inteiro de animais selvagens agirá sempre como se fora movido por uma única personalidade, tão completo é o domínio das formas pela alma comum, que por meio delas, recebe os estímulos do mundo exterior. Os animais domésticos superiores, o elefante, o cavalo, o gato, o cão, mostram uma personalidade mais individualizada. Dois cães, por exemplo, podem ter comportamentos muito diferentes nas mesmas circunstâncias. A alma-grupo monádica encarna-se em um número decrescente de formas, à medida que se aproxima gradualmente do ponto em que a individualização completa será alcançada. O corpo de desejos ou veículo kâmico toma um desenvolvimento considerável e persiste durante certo tempo após a morte do corpo físico, levando uma existência independente no Kamaloka.

Finalmente, o número decrescente das formas animadas por uma alma-grupo monádica chega até a unidade, e anima uma sucessão de formas simples, condição que não difere da reencarnação humana, senão pela ausência de Manas, com seus corpos mental e causal. A matéria mental acumulada anteriormente pela alma monádica, em sua descida através do plano mental, começa a tornar-se sensível às vibrações deste plano, e o animal está então pronto para receber a terceira grande efusão de vida do Logos – o tabernáculo está preparado para receber a Mônada humana.

A Mônada humana é, como já vimos, tríplice em sua natureza, seus três

aspectos sendo designados respectivamente pelos termos: Espírito, Alma espiritual e Alma humana, ou seja, Atma, Budhi e Manas. Sem dúvida que, no curso de eons (2) de evolução, a Mônada da forma em ascensão, poderia fazer evoluir Manas por um crescimento progressivo, mas para a raça humana no passado, como para os animais atuais, esse não foi o curso da Natureza. Uma vez pronta a casa, o morador desceu: dos planos superiores do Ser, a vida átmica desceu, velando-se em Budhi, semelhante a um fio de ouro, e seu terceiro aspecto, Manas, manifestando-se nos níveis superiores da região sem forma do plano mental, surgiu, incipiente na forma, e o corpo causal embrionário resultou desta projeção. Foi assim que se produziu a individualização do espírito, o seu envolvimento na forma. Este espírito, envolto no corpo causal, constitui a alma, o indivíduo, o ser verdadeiro. É nesse momento que ele nasce, pois embora sua essência seja eterna, sem nascimento e sem morte, a sua entrada no tempo como um indivíduo é assim determinada.

Ainda mais, esta efusão de vida atinge as formas que evoluem, não diretamente, mas por intermediários. Quando a raça humana conseguiu atingir o grau de receptividade apropriado, alguns grandes Seres chamados os Filhos da Mente (3), projetaram nos seres humanos a centelha monádica de Atma-Budhi-Manas, necessária à formação da alma nascente. E alguns destes grandes Seres chegaram a encarnar-se em formas humanas, a fim de atuarem como guias e instrutores da humanidade recém-nascida. Estes Filhos da Mente já tinham completado sua evolução intelectual em outros mundos, e vieram a este mundo mais jovens, com o fim de auxiliar, assim, a evolução da raça humana. São verdadeiramente os pais espirituais da grande massa da nossa humanidade.

Outras inteligências, muito inferiores às que acabamos de mencionar, seres humanos que evoluíram em ciclos anteriores, em outro mundo, encarnaram-se entre os descendentes dos que acabavam de receber suas almas nascentes, como foi descrito.

À medida que esta raça evoluía, os tabernáculos humanos se aperfeiçoavam, e milhares de almas, que esperavam a oportunidade de se encarnarem a fim de prosseguir na sua evolução, vieram a nascer entre os filhos da terra. Estas almas, já parcialmente evoluídas, são também mencionadas nas antigas tradições como sendo “Filhos da mente”, porque eram dotadas de mentalidade, embora em graus comparativamente restrito. Podemos chamá-las almas jovens, para distinguí-las igualmente das almas embrionárias da massa humana, bem como das almas dos grandes Instrutores. Estas almas jovens, em razão de sua inteligência mais evoluída, formaram os tipos dirigentes do mundo antigo, as classes dotadas de mais alta mentalidade, e portanto, de maior poder de adquirir o conhecimento. Foram estes os dominadores, na antiguidade, dos

seus irmãos menos evoluídos. Esta é a origem das diferenças enormes de capacidade mental e moral que separam as raças mais evoluídas das mais atrasadas, e que, mesmo dentro dos limites de uma mesma raça, distanciam o profundo pensador filosófico do tipo quase animal dos mais retardados de sua própria nação.

Entretanto, são apenas diferenças no grau da evolução, na idade das almas e sempre foram reconhecidas através de toda a história da humanidade em nosso globo. Por mais longe que possamos retroceder no curso da história conhecida, encontramos sempre, lado a lado, a sublime inteligência e a brutal ignorância, e os registros ocultos, remontando ainda mais longe, contam-nos uma história análoga com relação aos primeiros milênios da humanidade. Isto não deve nos afligir, como se uns tivessem sido injustamente favorecidos e outros em contrário da luta pela existência. A alma mais elevada teve a sua infância e juventude, em mundos anteriores, onde outras almas a excediam amplamente, assim como hoje ela excede, por sua vez, sua irmãs mais novas. A alma mais rudimentar atingirá o nível em que nossos superiores estão, e outras almas, ainda por nascer, virão ocupar seu atual lugar na escala da evolução. As coisas nos parecem injustas porque destacamos o nosso mundo do lugar que ocupa no conjunto geral da evolução, considerando-o isoladamente, como se não tivesse nem predecessores nem sucessores. É a nossa ignorância que vê injustiça. Os caminhos da Natureza são iguais: a cada um de seus filhos ela proporciona sucessivamente a infância, a mocidade e a maturidade. A culpa não é sua, se a nossa tolice exige que todas as almas ocupem, ao mesmo tempo, o mesmo estágio de evolução e se a chamamos de injusta porque nossas pretensões não se realizam.

Teremos mais facilidade em compreender a evolução da alma se a tomarmos no ponto em que a havíamos deixado, isto é, no momento preciso em que o homem animal estava pronto a receber, como veio a receber, a sua alma embrionária. Para evitar uma incompreensão, é necessário observar que desse ponto em diante não haveria duas Mônadas no ser humano: a que edificou o tabernáculo humano e a que desceu para habitá-lo, e cujo aspecto mais inferior foi denominado por nós "alma humana". Tomemos mais uma vez uma comparação de H.P. Blavatsky, no sentido de que, assim como dois raios de sol podem passar por um orifício de uma janela, para em seguida se mesclarem em um único raio, embora tenham sido dois, assim também ocorre o mesmo com estes dois raios do Sol Supremo, o divino Senhor do nosso universo. O segundo raio, ao entrar no tabernáculo humano, funde-se com o primeiro, imprimindo-lhe um acréscimo de energia e brilho novo, e a Mônada humana, como uma unidade, começa sua tarefa gigantesca de desenvolver no ser humano os poderes superiores dessa Vida Divina, de onde surgiu.

A alma embrionária, o Pensador, tinha no início, como corpo mental embrionário, o invólucro de substância mental que a Mônada da forma tinha trazido consigo, mas não havia ainda se organizado para qualquer possibilidade de funcionamento. Não passava de um germe de um corpo mental, ligado a um simples germe de um corpo causal, e por muitas vidas a potente natureza-desejo se impunha à alma, arrastando-a ao longo da estrada de suas próprias paixões e apetites e lançando-a contra todas as furiosas vagas de sua descontrolada animalidade. Por mais repugnante que à primeira vista possa parecer a alguém esta vida primitiva da alma, quando olhada do nível mais elevado que agora já atingimos, não deixou de ser indispensável à germinação dos princípios mentais.

A noção de diferença, a percepção de que uma coisa é diferente de outra constitui uma fase preliminar, sem a qual nenhum pensamento poderia existir. E a fim de despertar esta percepção na alma, até então incapaz de pensar, foi necessário que ela recebesse o choque de contrastes enérgicos e violentos, capazes de lhe fazer sentir, à força, as diferenças. Eis por que se sucedem, golpes após golpe, os prazeres desregrados e as dores brutais. O mundo exterior vem martelar a alma através da natureza do desejo, até que se despertem as percepções lentas que, após repetições sem número, acabam por ficar registradas na memória. O Pensador armazena, como já vimos, a pouca experiência adquirida em cada vida, e assim o lento progresso se faz. Progresso muito lento, sem dúvida, porque quase nada foi ainda pensado e, por consequência, quase nada ainda foi feito para a organização do corpo mental. Enquanto numerosas percepções não forem registradas no corpo mental como imagens mentais, não haverá materiais suficientes para servirem de base à atividade mental interiormente gerada. Esta atividade começa a manifestar-se quando duas ou mais imagens mentais foram agrupadas e quando se conseguiu tirar delas uma inferência qualquer. Por mais elementar que seja, esta inferência foi o início do próprio raciocínio, o germe de todos os sistemas de lógica gerados ou assimilados depois, pelo intelecto humano. Esta atividade inicial do raciocínio fica, antes de tudo, exclusivamente a serviço da natureza do desejo, para aumentar o prazer e diminuir a dor, mas cada nova operação vem aumentar a atividade do corpo mental e estimulando-o a um funcionamento mais rápido.

Facilmente se vê que o homem, neste período de infância, não possui a menor noção, nem do bem nem do mal. Para ele o certo e o errado não existem. O certo é o que está de acordo com a vontade divina, o que contribui para o progresso da alma, o que tende ao mesmo tempo a fortificar a natureza superior do homem e a educar e subjugar a inferior. O errado é o que retarda a evolução, o que prende a alma nos estágios inferiores, depois que aprendeu as lições que estes têm para lhe ensinar; é o que tende a firmar o domínio da

natureza inferior sobre a superior, o que leva o homem a nivelar-se com o bruto a quem deve deixar para trás, e não com Deus que ele deve fazer manifestar em si. Antes que o homem possa distinguir o bem do mal, é necessário que descubra a existência da Lei, e isto ele só pode descobrir buscando tudo o que o atrai no mundo exterior, apegando-se a todos os objetos desejáveis, e então aprendendo pela experiência, doce ou amarga, se o seu prazer estava em harmonia ou em conflito com a Lei. Tomemos um exemplo palpável, tal como o desejo de um alimento agradável, e vejamos como o homem primitivo poderia aprender com isso sobre a existência de uma lei natural. No primeiro momento, o alimento aplaca a fome e satisfaz o gosto e daí resulta apenas o prazer, porque o ato se harmoniza com a lei. Em outra ocasião, desejando aumentar o prazer, ele come excessivamente e sofre as consequências, porque transgrediu a lei. Uma perturbadora experiência para a inteligência incipiente, como o agradável se torna doloroso pelo excesso! Depois de muitas vezes o desejo conduzi-lo ao excesso e, em cada uma delas, sofrer as consequências dolorosas, o homem, finalmente, aprende a moderação, isto é, aprende a ajustar seus atos corporais em harmonia com a lei física, porque ele descobre que há certas condições que o afetam, sem que possa dominá-las e que somente observando-as pode assegurar a felicidade física. Experiências do mesmo gênero constantemente o atingem, trazidas pelos diversos órgãos corporais, com uma infalível regularidade. Seus desejos impetuosos trazem-lhe o prazer ou a dor, se se ajustaram ou não às leis da Natureza e sua experiência gradualmente acrescida, começa a guiar seus passos e a influir na sua escolha. Não lhe é necessário começar de novo sua experiência em cada vida porque em cada novo nascimento já traz consigo faculdades mentais ligeiramente aumentadas, uma reserva que sempre se expande.

Já disse que nestes primeiros tempos, o crescimento era muito lento porque havia apenas o alvorecer da atividade mental e, quando o homem deixava seu corpo físico pela morte, passava a maior parte do seu tempo no Kamaloka, e entrando em sonolência no breve período devachânico para assimilação inconsciente de algumas pequenas experiências mentais, ainda não desenvolvidas suficientemente para uma existência celeste mais ativa. Seja como for, o corpo causal, indestrutível, estava lá para servir de receptáculo às qualidades do homem, e para transmití-las à sua vida terrestre seguinte, onde continuará o seu desenvolvimento.

O corpo causal representa no homem o mesmo papel que a alma-grupo monádica preenche nos graus anteriores da evolução, e em ambos os casos é esta entidade permanente que torna possível a evolução. Sem ele, o acúmulo de experiências mentais e morais, que se mostram como faculdades, seria tão impossível como o seria a acumulação das experiências físicas que se exprimem pela características de raça e família sem a continuidade do

protoplasma físico. As almas surgiriam bruscamente do nada, para a existência, sem terem um passado de qualidades mentais e morais nitidamente acentuadas, o que formaria uma concepção tão monstruosa como monstruoso seria admitirmos crianças surgindo bruscamente à existência, vindas de parte nenhuma, sem ligações com quem quer que seja, mostrando, porém, tipos familiares e raciais bem nítidos.

Nem o homem, nem o seu veículo físico são desprovidos de causas, ou gerados pelo poder criador direto do Logos. Aqui, como em muitos outros casos, as coisas invisíveis são claramente percebidas por sua analogia com as visíveis, sendo estas, na verdade, nada mais do que imagens, os reflexos das invisíveis. Sem uma continuidade no plasma físico, não haveria nenhum meio para a evolução das peculiaridades físicas. Sem a continuidade da inteligência, não haveria base para a evolução das qualidades mentais e morais. Em ambos os casos, sem continuidade, a evolução deter-se-ia no primeiro estágio, e o mundo seria um caos de infinitos e isolados começos, em vez de um cosmo em contínuo desenvolvimento.

Não devemos deixar de salientar que nesses tempos primitivos o ambiente que rodeava o indivíduo contribuía para muita variedade no tipo e na natureza do progresso individual. Basicamente, a totalidade das almas deve desenvolver todos os seus poderes, mas a ordem em que elas se desenvolvem depende das circunstâncias em que a alma é colocada. O clima, a fertilidade ou a esterilidade da Natureza, a vida na montanha ou na planície, na floresta continental ou nas margens do oceano, estes elementos e muitos outros ainda, impelem à atividade este ou aquele grupo especial de energias mentais nascentes. Uma vida de extrema privação, de incessante luta com a Natureza, desenvolverá poderes muito diferentes daqueles surgidos em meio a exuberante riqueza de alguma ilha tropical. Estes dois grupos de poderes são igualmente necessários, porque a alma deve conquistar todas as regiões da Natureza, mas diferenças notáveis podem assim se desenvolver em almas da mesma idade, e uma pode parecer mais adiantada que outra, conforme o observador apreciar mais os poderes “práticos” ou aqueles mais “contemplativos” da alma, as energias ativas voltadas para a ação exterior ou as faculdades calmas de reflexão, voltadas para o interior. A alma perfeita possui todas as faculdades, mas a alma em caminho da perfeição deve desenvolvê-las sucessivamente, e assim surge uma outra causa da infinita diversidade que entre si apresentam os seres humanos. Novamente, pois, é necessário recordar que a evolução humana é individual. Quando um grupo de seres é animado por uma alma-grupo monádica única, todos os representantes do grupo têm os mesmos instintos porque esta alma-grupo monádica é o receptáculo das experiências, e ela difunde a sua vida em todas as formas que dela dependem. Mas cada ser humano, ao contrário, tem um veículo físico particular e apenas

um de cada vez, e o receptáculo de todas as experiências é o corpo causal, que transfunde a sua vida no seu único veículo físico, porque somente com esse está conectado. Eis porque encontramos entre os indivíduos humanos diferenças que não se observam nunca entre os animais estreitamente ligados, e por que, também, a evolução das qualidades não pode ser estudada no conjunto total da humanidade, mas somente na individualidade contínua.

A ciência, não tendo em seu poder meios necessários para penetrar em tal estudo, é incapaz de nos explicar, porque alguns indivíduos pairam muito acima de toda a sua raça, com verdadeiros gigantes intelectuais e morais. A ciência é incapaz de acompanhar a evolução intelectual de um Sankaracharya ou de um Pitágoras, a evolução moral de um Buda ou de um Cristo.

Consideremos agora os fatores na reencarnação, pois uma clara compreensão deles é indispensável para a explicação de algumas das dificuldades em que vem esbarrar quem não estiver familiarizado com esta idéia, e entre outras a objeção bem conhecida da perda da lembrança das outras vidas. Vimos que o homem, em sua passagem através da morte física, no Kamaloka e no Devachan, perde um após outro, seus diversos corpos, físico, astral e mental. Todos eles se desintegram, e suas partículas combinam-se com os materiais dos planos respectivos. A conexão do homem com seu corpo físico é inteira e definitivamente rompida, mas os corpos astral e mental transmitem ao ser propriamente dito, ao Pensador, os germes das faculdades e das qualidades que resultaram das atividades da vida terrestre, e estes germes são recolhidos no corpo causal e fornecerão a semente dos corpos mental e astral da próxima encarnação. Neste estágio, então, o homem propriamente dito subsiste só, à semelhança de um lavrador que trouxe para casa a sua colheita e se sustenta dela até que ela termine. Em seguida, a alvorada de uma nova vida se levanta, e ele é obrigado a voltar ao seu antigo labor até a noite.

A nova vida tem seu início pela vivificação dos germes mentais. Estes germes valem-se dos materiais dos níveis inferiores do plano mental, até que um corpo mental seja formado deles e que represente exatamente o estágio mental atingido pelo homem e que exprima, sob a forma de órgãos, todas as suas faculdades mentais. As experiências do passado não existem como imagens mentais neste novo corpo porque, como imagens mentais, foram dispersadas com a morte do antigo corpo mental e somente sua essência e seus efeitos permanecem na faculdade mental. Foram o alimento da mente, os materiais com que ela elaborou a base dos novos poderes, e que no corpo mental em formação reaparecem na forma desses poderes, determinando a qualidade de seus materiais e a perfeição de seus órgãos. Quando o homem, o Pensador, se reveste de um novo corpo para sua próxima vida nos níveis mentais inferiores, prossegue vivificando os germes astrais para construir para si um novo corpo

astral para sua vida no plano respectivo. E este corpo representa exatamente a natureza de seus desejos, reproduzindo fielmente as qualidades evoluídas no corpo astral da vida anterior, assim como a semente que reproduz a árvore que a produziu. Eis, pois, o homem perfeitamente equipado para a sua próxima encarnação, a única recordação dos acontecimentos passados subsiste em seu corpo causal, que é a sua forma individual permanente, o único de seus corpos que fica intato de vida em vida.

Enquanto isto, e independentemente de sua vontade, diversas medidas são tomadas para lhe assegurar um corpo físico apropriado à expressão de suas qualidades. Nas vidas passadas, o homem estabeleceu ligações com outros seres humanos, contraiu dívidas com eles e estas afinidades preexistentes determinarão, em parte, o lugar de seu nascimento e sua família. (1). Foi, para outros, uma causa de felicidade ou de sofrimento e este é um fator determinante das condições de sua nova vida. Sua natureza passional pode ter sido bem disciplinada, ou turbulenta e desregrada. Isto será levado em consideração na hereditariedade física do novo corpo. Se cultivou certas faculdades mentais, talentos artísticos, por exemplo, deverá isso ser levado em conta porque aqui de novo a hereditariedade é um fator importante, pois a delicadeza da organização nervosa e a sensibilidade tátil são necessárias para a expressão dos seus talentos. E assim sucessivamente, na infinita variedade dos casos individuais. O homem pode ter e certamente terá em si características inconvenientes, tanto que somente algumas podem achar expressão num corpo que seria disponível, e um grupo de suas potencialidades possíveis para expressão simultânea deve ser selecionado. Todo este trabalho é executado por algumas poderosas Inteligências Espirituais (2), chamadas os Senhores do Karma, porque a sua função é superintender o desdobramento das causas que constantemente são geradas pelos pensamentos, desejos e ações dos seres humanos. Esses seres manobram os fios do destino que cada pessoa gera e guiam aquele que está se reencarnando, para o ambiente determinado por seu próprio passado.

A raça, a nação, a família, sendo assim determinadas, estes Grandes Seres oferecem o que podemos chamar o modelo do corpo físico, adequado à expressão das qualidades do homem e para a eclosão das causas postas em movimento por ele, e um molde do novo duplo etérico é construído no corpo materno por um elemental, tendo como poder animador o pensamento dos Senhores do Karma. É neste duplo etérico que o corpo físico se forma, molécula por molécula, seguindo exatamente o projeto etérico traçado, e aqui a hereditariedade física representa todo o seu papel, imprimindo-se nos materiais empregados. Além disso, os pensamentos e as paixões do meio familiar, sobretudo do pai e da mãe, constantemente presentes, influem no trabalho do elemental construtor por serem individualidades com as quais o ser

reencarnante formou laços em encarnações passadas, e por isso influem nas condições físicas que se preparam para sua nova existência terrestre. Bem no começo deste estágio o novo corpo astral se conecta com o novo duplo etérico e exerce sobre sua formação uma considerável influência, e através dele o corpo mental age sobre a organização nervosa, preparando-a para se tornar no futuro um instrumento de expressão conveniente. Esta influência, iniciada na vida pré-natal, de forma que, desde o nascimento a organização cerebral da criança revela a extensão e o equilíbrio de suas faculdades mentais e morais, persiste após o nascimento; esta formação do cérebro e dos nervos, assim como a sua correlação com os corpos astral e mental, prosseguem até o sétimo ano da infância, época em que a conexão do ser humano com o seu corpo físico se completa, e desde então pode se dizer que ele age através do seu veículo físico mais do que sobre ele.

Até esta idade, a consciência do Pensador está mais no plano astral do que no físico, e isso se confirma muitas vezes pelas faculdades psíquicas despertadas nas crianças de pouca idade. Elas vêem companheiros invisíveis e ambientes de fadas, ouvem vozes inaudíveis aos adultos e captam do mundo astral fantasias encantadoras e delicadas. Esses fenômenos desaparecem em geral quando o Pensador começa a trabalhar efetivamente por meio de seu veículo físico e a criança sonhadora torna-se o menino ou a menina comum, muitas vezes para a tranquilidade dos pais confusos, que não compreendem a causa das esquisitices de seus filhos. A maioria das crianças tem, pelo menos, algo desta esquisitice, mas aprendem depressa a dissimular essas visões e fantasias diante do acolhimento pouco simpático dos pais velhos, temendo a repreensão de "inventar histórias" ou o que ela mais teme, o ridículo. Se os pais pudessem contemplar os cérebros de seus filhos, palpitantes sob uma inextricável mistura de estímulos físicos e astrais que as próprias crianças não podem distinguir, e recebendo algumas vezes um choque, tão plásticos são, mesmo das mais altas regiões, dando um visão de beleza etérica e de heróicos feitos, seriam mais pacientes, mais compreensivos com a tagarelice confusa dos pequenos quanto tentam traduzir em palavras inabituais os clarões fugitivos que atravessam suas consciências, e que elas procuram captar e reter.

A reencarnação, aceita e compreendida, aliviaria a vida da criança de seu aspecto mais especial, nessa luta desacompanhada da alma para conquistar controle sobre seus novos veículos e para conectar-se plenamente com o seu corpo mais denso sem perder a capacidade de impressionar os veículos mais rarefeitos de forma a habilitá-los a transmitir ao mais denso suas vibrações mais sutis.

CAPÍTULO VIII

A REENCARNAÇÃO – II

Os estágios ascendentes da consciência, através dos quais o Pensador passa, à medida que ele reencarna durante o seu longo ciclo de vidas, nos três mundos inferiores, estão nitidamente traçados, e a óbvia necessidade de muitas vidas para que nelas o homem possa percorrer todos estes estágios, para que se desenvolva plenamente, pode trazer às mentes mais reflexivas a mais clara convicção da verdade da reencarnação.

O primeiro destes estágios é aquele em que todas as experiências são sensoriais, sendo a única contribuição feita pela mente a de reconhecer que o contato de certos objetos é seguido por uma sensação de prazer, enquanto que com outros é uma sensação de dor. Esses objetos formam imagens mentais, que em breve começam a agir, incitando o homem a procurar os objetos associados com o prazer quando estes estiverem ausentes, e nisso principiam a fazer a sua aparição os germes da memória e da iniciativa mental. Esta primeira divisão sumária do mundo exterior é seguida pela aplicação, ao prazer e à dor, da noção de quantidade, a que já fizemos alusão.

Neste estágio da evolução a memória é efêmera, em outros termos, as imagens mentais são muito passageiras. A idéia de prever o futuro com base no passado, mesmo do modo mais simples, ainda não despontou no Pensador incipiente, e suas ações são guiadas pelo mundo exterior, pelos impactos que o alcançam vindos de fora, ou quando muito, pelas exigências imperiosas provenientes de seus desejos, paixões, apêgos e gratificação. Em troca de uma satisfação imediata, ele despreza qualquer coisa, por mais indispensável que seja ao seu bem-estar futuro; a necessidade do momento se sobrepõe a qualquer outra consideração. Podemos encontrar, nas narrações de viagens, numerosos exemplos de almas humanas ainda neste estado embrionário, e a necessidade de muitas vidas sucessivas fica patente a qualquer pessoa que estude a condição mental dos selvagens menos evoluídos, e a compare, mesmo com a da humanidade mediana atual.

Nesse ponto é óbvio que a capacidade moral não é mais evoluída que a capacidade mental. A idéia do bem e do mal ainda não pode ser alcançada, nem é mesmo possível passar para a mente totalmente primitiva qualquer noção rudimentar de bem ou mal. Bom e agradável são para o homem primitivo termos correlatos, permutáveis, como no exemplo, aliás bem conhecido, do

selvagem mencionado por Charles Darwin. Impelido pela fome, esse homem prostrou com um golpe de lança a criatura que se acha mais próxima, e que nesse caso era a sua própria mulher. Um europeu censurou-lhe a crueldade do ato cometido, mas não conseguiu abalá-lo de modo algum porque o selvagem estava na suposição de que, ao ser repreendido por ter comido sua mulher, o estrangeiro apenas julgava pouco apetitosa ou indigesta a carne dela. E, ao terminar a refeição, procurando tranquilizar o europeu, com um sorriso de sossegada indiferença e acariciando o ventre com ar satisfeito, exclamou: “Ela estava excelente”. Comparemos mentalmente a distância moral entre esse homem e São Francisco de Assis, e veremos que deve haver, ou uma evolução das almas como há a dos corpos, ou de outra maneira no reino da alma deve ocorrer um incessante milagre, criações sem nexos.

Dois caminhos existem, segundo os quais o homem pode emergir gradualmente desta condição mental embrionária. Pode ser governado diretamente por seres mais evoluídos do que ele, ou pode ser abandonado a um crescimento lento e sem auxílio. Neste último caso incontáveis milênios se passariam, porque sem exemplo e sem disciplina, submetido às influências mutáveis dos objetos exteriores e ao confronto com os seus semelhantes, tão pouco evoluídos quanto ele, as suas energias interiores só muito lentamente poderiam ser despertadas. Na verdade, é pelo caminho do preceito e dos exemplos diretos, e também da disciplina, que o homem tem evoluído.

Como vimos, quando a humanidade, em seu conjunto, recebeu a centelha divina de onde nasce o Pensador, muitos dos mais elevados Filhos da Mente encarnaram-se como Instrutores, e que também uma longa sucessão dos menos elevados Filhos da Mente, em diferentes graus de evolução, entram em encarnação para formar, na maré montante da nossa humanidade, a grande onda da vanguarda. Estes últimos, sob a inspiração benfazeja dos grandes Instrutores, governam os seres humanos menos evoluídos, e a obediência, imposta por meio de regras elementares do reto viver, muito elementares no começo, apressou em muito o desenvolvimento das faculdades mentais e morais nas almas embrionárias. Independentemente de todos os outros registros, os restos gigantescos de civilizações há muito tempo desaparecidas (testemunhando uma grande habilidade mecânica e concepções intelectuais bem superiores a todas as possibilidades da massa humana então em sua infância), bastam para provar que houve na Terra seres com mentes com grande capacidade de planejamento e realização.

Voltemos ao estudo do estágio inicial da evoluçãoda consciência. A sensação era senhora total da mente, e os primeiros esforços mentais eram estimulados pelo desejo. Isto levou o homem, lenta e inabilmente, a prever e a planejar. Começou a reconhecer uma definida associação de certas imagens mentais, e

quando uma dentre elas aparecia, esperava ver surgir aquela outra que sempre invariavelmente a seguia. Começou a inferir, e progresso notável, a tomar mesmo uma iniciativa tendo por base suas inferências. Começou igualmente a hesitar, de vez em quando, antes de ceder aos impulsos violentos do desejo, porque observou, muitas e muitas vezes, que a satisfação, exigida pelo desejo, associava-se na mente com a produção de um sofrimento subsequente. Esta mudança de atitude era poderosamente acelerada pela pressão exercida sobre ele pelas leis expressas oralmente, defrontava-se com a proibição de gozar certas satisfações e lhe era dito que toda desobediência seria seguida de sofrimento. Quando conseguia algo que lhe dava satisfação e descobria que o sofrimento sucedia logo ao prazer, a obediência à advertência produzia em sua mente uma impressão mais forte do que aquela produzida por um acontecimento não previsto e que ele atribuiria ao acaso. Nascia, então, um conflito incessante entre a memória e o desejo, e a mente crescia mais ativa nesta luta, o que a impulsionava a atuar mais ativamente. De fato, este conflito marcou a transição para o segundo grande estágio.

Neste segundo estágio, começa a surgir o germe da vontade. O desejo e a vontade guiam as ações do homem. A própria vontade foi definida como sendo um desejo que emerge triunfante do conflito dos desejos, mas esta é uma concepção primitiva e superficial, que nada explica. O desejo é a energia do Pensador se exteriorizando, determinada sua direção pela atração dos objetos externos. Vontade é a energia do Pensador se exteriorizando, determinada em sua direção pelas conclusões tiradas pela razão de suas passadas experiências, ou pela direta intuição do próprio Pensador. Em outros termos, o desejo é guiado pelo exterior, a vontade, pelo interior. No início da evolução humana, o desejo é soberano absoluto e arrasta o homem em todas as direções. Na fase média, o desejo e a vontade estão em conflito perpétuo, e ora um tem vitória, ora o outro. No final o desejo morre, e a vontade governa com autoridade absoluta e incostestável. Até que o Pensador esteja suficientemente desenvolvido para ver diretamente, dirigirá sua vontade por intermédio da razão, e como a razão pode tirar conclusões apenas do conjunto de imagens mentais, que formam a sua experiência, e como este conjunto é limitado, a vontade dirige a todo instante ações errôneas. O sofrimento que resulta destas ações errôneas aumenta o conjunto de imagens mentais e provê a razão com um conteúdo mais rico, do qual tira as suas conclusões. Assim se efetua o progresso e a sabedoria nasce.

O desejo frequentemente se mistura com a vontade, de forma que o que parece ser movido pelo interior é, na realidade, largamente determinado pelos apegos da natureza inferior aos objetos que lhe trazem satisfação. Em lugar de um conflito aberto entre as duas correntes, é o inferior que se insinua sutilmente na corrente superior, e a desvia de seu curso. Vencidos em confronto direto, os

desejos da personalidade conspiram, então, contra o vencedor, obtendo quase sempre por astúcia o que não puderam obter pela força. Durante todo este segundo e grande estágio da evolução, em que as faculdades da mente inferior estão em pleno curso de desenvolvimento, o conflito é a condição normal, conflito entre o império das sensações e o império da razão.

O problema a ser resolvido na humanidade é colocar um fim ao conflito, conservando o livre-arbítrio, orientar a vontade inevitavelmente para o melhor, sendo este uma questão de escolha. O melhor deve ser escolhido, mas por ato de vontade espontânea que se produzirá com toda a convicção de uma necessidade prestabelecida. A convicção de uma lei imperativa deve ser obtida por meio de inumeráveis volições, e cada uma destas deixada livre para determinar a sua própria trajetória. A solução deste problema é simples, uma vez conhecida, embora à primeira vista a contradição pareça insolúvel. Que o ser humano seja livre para escolher as suas ações, mas que se compreenda que toda ação é acompanhada de um resultado inevitável. Que transite livremente entre todos os objetos de prazer e tome o que quiser, mas receberá todos os resultados de sua escolha, sejam deliciosos ou penosos. Chegará um momento que rejeitará, também, livremente, os objetos cuja posse foi para ele causa de sofrimentos. Não os desejará mais, uma vez plenamente convencido, pela experiência adquirida, de que sua posse conduz à dor. Embora todos os seus esforços sejam para conservar o prazer e para evitar o sofrimento, nem por isso evitará a ação fatal da lei, e a lição se repetirá tantas vezes quantas necessário. A reencarnação se desdobrará em tantas vidas quantas forem julgadas indispensáveis ao mais indolente dos alunos. Pouco a pouco, o desejo de um objeto que acarreta o sofrimento vai se extinguindo, e quando este objeto se apresentar com todo o seu brilho sedutor, será rejeitado, não mais por compulsão, porém por livre escolha. Não é mais desejável, perdeu seu poder de sedução. E assim com todas as coisas, cada vez mais a escolha se harmoniza com a lei, “os caminhos do erro são muitos, o caminho da verdade é só um”. Quando todos os caminhos do erro foram percorridos, quando se reconhece que conduzem todos ao sofrimento, a determinação de percorrer o caminho da verdade é inevitável porque é baseada no conhecimento. Os reinos inferiores funcionam harmoniosamente compelidos pela lei. O reino humano é um caos de vontades conflitantes, em rebelião e luta contra a lei. Mas, por fim, este caos se transforma em unidade mais nobre, uma escolha harmoniosa de voluntária obediência que, pelo fato de ser voluntária, baseada no conhecimento e na recordação dos frutos da desobediência, é estável, e nenhuma tentação jamais a perturbará. Ignorante e inexperiente, o homem esteve sempre à beira do abismo. Tornando-se Deus, conhecendo por experiência o bem e o mal, a sua determinação para o bem eleva-se acima de todas as vacilações.

No domínio da moral, a vontade recebe geralmente o nome de consciência e

está sujeita às mesmas dificuldades neste campo, como em suas outras atividades. Enquanto se tratar de ações muitas e muitas vezes repetidas, cujas consequências são familiares à razão e ao Pensador, a consciência fala rapidamente e com firmeza. Mas quando sobrevêm problemas pouco habituais, cuja solução a experiência não pode dar, a consciência já não fala com a mesma certeza. Recebe da razão, que apenas possui conclusões duvidosas, uma resposta hesitante, e o Pensador nada pode dizer, se a sua experiência não abrange as circunstâncias que agora se apresentam. Daí que a consciência muitas vezes decide erradamente, isto é, que a vontade, não recebendo nenhuma indicação nítida, seja da razão, seja da intuição, dirige as ações equivocadamente. Não podemos também deixar de considerar a influência que exercem do exterior sobre a mente as formas-pensamento de outras origens: amigos, família, comunidade, nação. Todas estas influências envolvem e impregnam a mente com sua atmosfera própria, deformando a aparência de todas as coisas e falseando todas as proporções. Muitas vezes a razão, influenciada desta maneira, não consegue julgar com calma, de acordo com a sua própria experiência, mas extrai conclusões falsas porque examina as coisas através de um meio que as deforma.

A evolução das faculdades morais é largamente estimulada pelas afeições, por mais egoístas e animais que sejam, durante a infância do Pensador. Os mandamentos de moralidade são formulados pela razão iluminada, que discerne as leis pelas quais a Natureza se manifesta, guiando a conduta humana em harmonia com a Vontade divina. Mas o impulso para obedecer estes mandamentos, quando nenhuma outra força compele, tem suas raízes no amor, nesta divindade que se oculta no coração de cada ser humano, sempre pronta a se irradiar e se doar aos outros. A moralidade começa no Pensador incipiente quando, pela primeira vez, é movido ao amor pela esposa, filho ou amigo, a fazer alguma ação que sirva ao ser amado sem nenhum pensamento de recompensa. É a primeira conquista sobre a natureza inferior, cuja submissão completa constitui o atingimento da perfeição moral. É, pois, essencial nunca procurar destruir ou enfraquecer as afeições, como fazem muitas formas inferiores de ocultismo. Por mais impuras ou grosseiras que possam ser as nossas afeições, oferecem sempre possibilidades de evolução moral, da qual se exclui aquele que é frio de coração e que se isola. É uma tarefa muito mais fácil purificar o amor do que criá-lo, e é por isso que os “pecadores” foram considerados pelos grandes Instrutores como estando mais perto do reino dos céus do que os escribas e fariseus.

O terceiro grande estágio de evolução da consciência apresenta o desenvolvimento das faculdades intelectuais superiores. A mente já não se entrega exclusivamente à imagens mentais obtidas das sensações, já não raciocina somente sobre objetos puramente concretos, e não se interessa mais

sobre os atributos que os faz diferentes uns dos outros. Como o Pensador já aprendeu a discernir claramente entre os objetos, concentrando a sua atenção sobre as suas diferenças, começa agora a agrupá-los em torno de algum atributo comum que se apresenta em um certo número de objetos dissemelhantes, e estabelece uma ligação entre eles. Ele extrai e separa seus atributos comuns e classifica à parte os objetos que os possuem, daqueles que os não possuem. Assim ele desenvolve o poder de reconhecer a identidade no meio da diversidade, um passo adiante para o ainda remoto reconhecimento do Uno subjacente na multiplicidade. Assim o Pensador classifica tudo que o cerca, adquirindo a faculdade de síntese, e aprendendo a construir como também a analisar. Pouco depois dá mais um passo e consegue representar o atributo comum como uma idéia, independente de todos os objetos nos quais este atributo aparece e assim constrói uma imagem mental de ordem mais elevada do que a de um objeto concreto – a imagem de uma idéia que não tem existência fenomenal nos mundos da forma, mas que existe nas regiões superiores do mundo mental e fornece uma base com a qual o próprio Pensador possa trabalhar. A mente inferior eleva-se até à idéia abstrata pela força do raciocínio, e nesta ascensão executa o seu vôo mais alto, chega ao limiar do mundo sem forma e vendo vagamente o que jaz além. O Pensador vê estas idéias e vive normalmente no meio delas, e quando o poder do raciocínio abstrato é desenvolvido e exercido, o Pensador vem a se tornar poderoso em seu próprio mundo, e está começando sua vida de ativo funcionamento em sua esfera de existência. Estes seres humanos não têm mais apego à vida dos sentidos, cuidam menos da observação puramente exterior ou da aplicação de seu poder mental às imagens dos objetos externos. Suas potencialidades são introspectivas, não procurando mais satisfações externas. Eles se estabelecem tranquilamente dentro de si mesmos, absortos nas questões filosóficas e nos aspectos mais profundos da vida e do pensamento. Procuram compreender as causas, em vez de se preocuparem com os efeitos e aproximam-se crescentemente da percepção do Uno oculto nas infinitas modalidades da Natureza exterior.

No quarto estágio de evolução da consciência, este Uno é visto. Uma vez transpostas as barreiras estabelecidas pelo intelecto, a consciência amplia-se até abranger o Universo, vendo todas as coisas em si mesma e como partes de si mesma, vendo-se como um raio do Logos, e por consequência uno com Ele. E o Pensador, onde ele está? Ele tornou-se Consciência, e enquanto a Alma espiritual pode utilizar, à vontade, qualquer um dos seus veículos inferiores, ele, o Pensador, não está mais limitado a eles, nem deles necessita para esta vida plena e consciente. Libertou-se completamente da reencarnação obrigatória e venceu a morte, conquistando a sua vida eterna. Tornou-se “uma coluna no templo do meu deus, do qual jamais sairei”.

Para completar esta parte do nosso estudo, é necessário compreender a vivificação sucessiva dos diferentes veículos de consciência e como são, um após outro, despertados à vida ativa para serem instrumentos harmoniosos da Alma humana.

Vimos que o Pensador, desde a origem de sua vida separada, possuiu vestimentos de matéria mental, astral, etérica e física. Estas vestimentas constituem os meios por meio dos quais a sua vida vibra para o exterior, formando o que podemos chamar “a ponte” de consciência por onde os impulsos vindos do Pensador podem atingir o corpo físico denso e, inversamente, os impactos do mundo exterior podem ser transmitidos ao Pensador. Mas esta utilização geral dos diversos corpos, como partes de um conjunto coordenado é coisa bem diferente da vivificação de cada um deles, sucessivamente, para servir como veículo específico de consciência, independentemente dos corpos inferiores, e é esta vivificação dos veículos que agora precisamos abordar.

O veículo mais inferior, o corpo físico denso, é o primeiro a ser organizado de modo a funcionar harmoniosamente. Para isto, o cérebro e o sistema nervoso devem ser cuidadosamente trabalhados, de maneira a tornarem-se aptos a responder fielmente a cada impulso que esteja dentro da escala de sua potência vibratória. Nos primeiros estágios, quando o corpo físico denso é composto de matéria das regiões mais densas, esta escala é muito restrita, e o órgão físico da mente pode responder somente às vibrações mais lentas emitidas pelo Pensador. Este mesmo órgão responde muito mais prontamente, como é natural, aos impactos do mundo exterior que provêm de objetos de constituição análoga à sua. Sua vivificação como veículo de consciência consiste em torná-lo mais sensível às vibrações que procedem do interior, e a rapidez desta vivificação depende da cooperação da natureza inferior com a superior, de sua subordinação leal e voluntária ao serviço do seu regente interno. Quando, depois de um número imenso de ciclos de vida, a natureza inferior começa a compreender que existe para as necessidades da alma, que todo seu valor depende inteiramente da ajuda que pode trazer à alma, e que pode ganhar a imortalidade somente imergindo-se na alma, então a sua evolução progride a passos de gigante. Antes disso, a evolução processa-se inconscientemente. De início, a vida tinha por fim a gratificação da natureza inferior, e embora esta fosse uma fase preliminar indispensável para o despertar das energias do Pensador, em nada contribuía diretamente para fazer do corpo um veículo de consciência. O trabalho direto sobre o corpo físico começa quando a vida do homem estabelece seu centro no corpo mental, e quando o pensamento começa a dominar a sensação.

O exercício das faculdades mentais atua sobre o cérebro e o sistema nervoso, e

os materiais mais grosseiros são gradualmente expulsos para dar lugar aos mais sutis, suscetíveis de vibrar em uníssono com as vibrações mentais que lhes são transmitidas. O cérebro torna-se mais delicado na constituição, ao mesmo tempo aumentado em circunvoluções cada vez mais complexas, a superfície disponível para o revestimento da substância nervosa apta a responder às vibrações mentais. O sistema nervoso torna-se mais delicadamente equilibrado, mais sensitivo, respondendo melhor à mais leves vibrações da atividade mental. Quando, finalmente, como já ficou dito, o homem reconhece, por meio de seu cérebro físico, a sua função como instrumento da alma, começa então a cooperar ativamente com esta. A personalidade começa a disciplinar-se e a colocar os interesses permanentes da individualidade imortal acima das suas próprias satisfações transitórias. O tempo que teria empregado em prazeres inferiores, consagra agora à evolução das faculdades mentais. Cada dia reserva um certo tempo ao estudo sério e o cérebro é entregue espontaneamente à direção interior e não mais às influências externas. Ele é treinado a responder ao pensamento lógico e ensinado a não mais exteriorizar imagens incoerentes, provenientes de impressões passadas. Também é treinado a permanecer em repouso quando o seu dono não mais tem necessidade dele, e a responder às vibrações, em vez de iniciá-las. (1)

Além disso, algum cuidado e discernimento serão exercidos quanto à escolha dos alimentos, que fornecem ao cérebro sua base material. O uso de alimentos mais grosseiros, tais como a carne, o sangue e o álcool, deve ser evitado, pois que somente uma alimentação pura pode construir um corpo puro. Gradualmente, as vibrações inferiores não encontrarão mais materiais que possam vibrar em resposta a elas, e assim o corpo físico vai se tornando um veículo de consciência cada vez mais perfeito, respondendo a todas as vibrações mentais, e delicadamente sensível às vibrações emitidas pelo Pensador. O duplo etérico segue tão intimamente a constituição do corpo físico, que não é necessário estudar separadamente a sua purificação e vivificação. Em condições normais ele não é empregado como um veículo separado de consciência, mas funciona entrosado com o seu companheiro físico, e quando se separa deste, por acidente ou pela morte, responde muito fracamente às vibrações emitidas do interior. Na verdade a função do duplo etérico é de servir, não como veículo da consciência mental, mas como veículo do prana, a força-vida especializada, e o seu deslocamento em relação às partículas mais densas, para as quais transmite as correntes da vida, é sempre perturbador e pernicioso.

O corpo astral é o segundo veículo de consciência a ser vivificado, e já vimos as modificações por que ele passa no decorrer de sua organização gradual (1). Quando se completa a sua organização, a consciência, que até então trabalhou dentro dele, ali aprisionada, deixa o corpo físico durante o sono deste, e vai

vagar a esmo no mundo astral, e então começa não somente a receber impressões causadas por objetos astrais que formam a assim chamada consciência de sonho, mas também a perceber objetos astrais por meio dos seus sentidos, isto é, começa a relacionar as impressões recebidas com os objetos que originam aquelas impressões.

Estas percepções são, a princípio, confusas, como as que a mente obtém por intermédio de um corpo novo de criança, e em um e outro caso, devem ser corrigidas pela experiência. É necessário que o Pensador descubra gradualmente os novos poderes que pode usar por meio deste veículo mais sutil, com os quais poderá dominar os elementos astrais e defender-se dos perigos desse plano. Ele não fica abandonado, sem assistência, em presença deste mundo novo, mas é ensinado e protegido até que esteja em estado de manter-se por si mesmo, por aqueles que tem mais experiência que ele nas coisas do mundo astral. Pouco a pouco, o novo veículo de sua consciência fica inteiramente sob seu controle e a vida no plano astral lhe parece tão natural e tão familiar como a do plano físico.

É muito raro que o terceiro veículo da consciência, o corpo mental, seja vivificado para uso independente sem a assistência direta de um Instrutor, na verdade o seu aperfeiçoamento é próprio da vida do discípulo no atual estágio da evolução humana (2).

Como já dissemos, este corpo é recomposto (3) para que funcione independentemente no plano mental, e aqui ainda a experiência e o treinamento são indispensáveis antes que o veículo venha a ficar sob o controle de seu possuidor. Há algo comum a todos estes três veículos de consciência em relação aos mais sutis do que aos mais densos porque disso nos esquecemos geralmente, embora essa lembrança ocorra em relação ao mais denso. É o fato de que esses veículos estão sujeitos à evolução e que, à medida que eles se refinam nessa evolução, os seus poderes de receber e responder às vibrações aumentam. A vista exercitada percebe muito mais nuances de cor que escapam à visão comum. O ouvido exercitado percebe inúmeros sons harmônicos onde o ouvido comum apenas percebe a nota fundamental. À medida que os sentidos físicos se tornam mais aguçados o mundo se amplia crescentemente, e onde o camponês tem apenas consciência do arado e do sulco aberto na terra, a mente cultivada percebe a agitação da brisa atravessando as cercas vivas em flor, a deslumbrante melodia da cotovia, o zumbido das asas dos insetos no bosque próximo, a fuga assustada dos coelhos sob a folhagem rendada das samambaias, e as brincadeiras dos esquilos nos ramos das faias, todos os movimentos graciosos das coisas silvestres, todos os suaves odores dos campos e dos bosques, os esplendores cambiantes dos céus manchados de nuvens, e a sucessão de luz e sombra que matiza as encostas das colinas.

Ambos, o camponês e o homem culto, têm olhos, ambos têm cérebro, mas quanta diferença no poder de observação, quão diferentes na capacidade de receber impressões! Assim também em outros mundos.

Quando os corpos astral e mental começam a funcionar como veículos separados de consciência, estão, por assim dizer, no grau de receptividade do camponês, e apenas alguns fragmentos do mundo astral e do mental, com os seus fenômenos estranhos e enganosos são percebidos. Mas estes veículos evoluem rapidamente, abrangendo um campo de observação cada vez mais vasto e levando à consciência reflexos cada vez mais perfeitos do seu ambiente. Aqui, como em qualquer outra parte, temos de lembrar-nos que nosso conhecimento não marca o limite dos poderes da Natureza, e que nos mundos astral e mental, como no físico, não passamos de crianças apanhando um pouquinho das conchas que as vagas lançaram à praia, enquanto os tesouros ocultos no oceano continuam inexplorados.

A vivificação do corpo causal, como veículo de consciência, acompanha de perto o desenvolvimento do corpo mental, e o homem vê abrir-se em si um estado de consciência ainda mais maravilhoso, que se estende para trás, através do passado infinito, e para diante, nos horizontes intérminos do futuro. Então o Pensador não somente possui a lembrança do seu passado, como pode acompanhar o seu próprio desenvolvimento através de toda a existência, encarnada e desencarnada, como ainda explorar, à vontade, o vasto passado da terra e aprender as lições acumuladas da experiência mundial. Pode estudar as leis ocultas que regulam a evolução e os profundos segredos da vida, ocultos no seio da Natureza. Neste veículo sublime de consciência, ele pode chegar até à Isis velada e levantar uma ponta do véu que encobre os seus mistérios, porque, neste estado, pode contemplá-la face a face, sem se sentir ofuscado pelo brilho do seu olhar. No esplendor que dela se irradia, ele pode perceber as causas da miséria do mundo e a sua cessação com o coração piedoso e compassivo, mas não mais torturado pela dor e impotente. A força, a calma, a sabedoria, são apanágios dos que empregam o corpo causal como veículo de consciência e podem contemplar com os próprios olhos a glória da Boa Lei.

Quando o corpo búdico é vivificado, a ponto de servir de veículo de consciência, o homem entra na bemaventurança da não-separatividade, onde lhe aparece, como uma intensa e viva realidade, a sua unidade com tudo o que existe. No corpo causal a característica essencial do estado de consciência é o conhecimento que, finalmente, conduz à sabedoria, e no corpo búdico é a bemaventurança e o amor. O primeiro estado distingue-se sobretudo pela serenidade da sabedoria, enquanto que o segundo irradia a mais terna e inesgotável compaixão. E quando a tudo isto se junta a força divina e inalterável que caracteriza o funcionamento de Atma, a humanidade é

coroadada com a divindade. Manifesta-se, então, o Homem-Deus, em toda a plenitude de seu poder, de sua sabedoria e de seu amor. A infusão nos veículos inferiores desta parte da consciência pertencente aos veículos superiores, na medida em que podem recebê-la, não se segue imediatamente à vivificação destes veículos. Nesta questão há grandes diferenças entre os indivíduos, conforme as suas circunstâncias e o seu trabalho, porque esta vivificação dos veículos acima do corpo físico se produz raramente antes de que se atinja o discipulado probacionário (1), e então os deveres a serem cumpridos variam segundo as necessidades da época. O discípulo, e mesmo o aspirante ao discipulado, aprendem a por os seus poderes inteiramente a serviço da humanidade, e a participação da consciência inferior no conhecimento da consciência superior é determinada, em grande parte, pelas necessidades dos trabalhos aos quais o discípulo está consagrado. É indispensável que ele tenha um perfeito uso dos seus veículos de consciência nos planos superiores, porque uma grande parte de seu trabalho só pode ser executada neles, mas pouco importa que o conhecimento deste trabalho seja ou não transmitido ao corpo físico, pois este em nada contribuiu para ele. A sua transmissão ou não é geralmente determinada pela influência que em qualquer caso poderá haver sobre a eficiência do trabalho do discípulo no mundo físico. No estágio atual de sua evolução, o corpo físico experimenta uma grande tensão quando a consciência o obriga a vibrar em sintonia com ela, e a menos que as circunstâncias exteriores sejam muito favoráveis, esta tensão pode ocasionar perturbações nervosas, uma superexcitação da sensibilidade, com todos os males que daí decorrem. Eis por que a maior parte dos que estão em plena posse dos veículos superiores de consciência vivificados, cujo trabalho mais importante se produz fora do corpo físico, vivem afastados do turbilhão das cidades quando desejam projetar, em sua consciência física, o conhecimento do qual fazem uso nos planos superiores, preservando desse modo o seu veículo físico sensível da rudeza e do tumulto da vida comum.

Eis aqui as providências essenciais, que permitem ao corpo físico responder às vibrações da consciência superior:

-Eliminar os materiais grosseiros que este corpo encerra, por meio de uma alimentação e vida puras; subjugar inteiramente as paixões e cultivar sempre um equilíbrio emocional e mental que não seja afetado pelo turbilhão e vicissitudes da vida exterior. Acostumar-se à meditação calma sobre assuntos elevados, desviando a mente dos objetos dos sentidos, assim como das imagens mentais deles derivadas, para fixá-la em coisas superiores. Evitar toda a pressa, e sobretudo esta excitação febril do pensamento, que obriga o cérebro a trabalhar continuamente, saltando de um assunto para outro. Desenvolver um amor sincero pelas coisas do mundo superior, que as torna mais atraentes que as do inferior, de modo que a mente descanse em sua companhia como na de um amigo querido. De fato, estas providências são semelhantes às que se necessitam para que a alma se separe conscientemente do corpo, e que já foram assim descritas:

“O estudante deve começar pela prática de uma extrema ponderação em todas as coisas, cultivando um estado equânime e sereno da mente. Sua vida deve ser limpa e os seus pensamentos puros, trazendo o seu corpo numa constante submissão à alma, e sua mente treinada a se ocupar com assuntos nobres e elevados. Deve fazer da compaixão e da simpatia um hábito constante, sempre disposto a ir em auxílio dos outros sem se preocupar com as contrariedades e satisfações que o afetam pessoalmente. Deve cultivar a coragem, a constância e a devoção. Em resumo, deve viver a religião e a ética que, para outras pessoas, é apenas verbal.

“Tendo aprendido, por uma aplicação perseverante, a governar a sua mente até certo ponto, de modo a mantê-la fixa, durante algum tempo, em uma mesma linha de raciocínio, deve iniciar para ela um treinamento mais rígido ainda, por uma prática diária de concentração sobre algum assunto difícil ou abstrato, ou sobre algum objeto de elevada devoção. Esta concentração significa a firme fixação da mente em um ponto único, sem oscilar, sem distrair-se com objetos exteriores ou com a atividade dos sentidos, ou mesmo com a da mente. Ela deve ser mantida com fixidez e energia inflexíveis, até que, finalmente, aprenda assim a retirar sua atenção tão completamente do mundo exterior e do próprio corpo, que os sentidos possam permanecer calmos e tranquilos, enquanto a mente está intensamente ativa, com todas as suas energias concentradas para o interior e dirigidas sobre um único ponto de pensamento, o mais elevado que lhe seja possível alcançar. Uma vez que ela seja capaz de manter-se assim com certa facilidade, está pronta para mais um passo: por um esforço poderoso, mas calmo da vontade, a mente lançar-se-á além do mais elevado pensamento que possa atingir enquanto funcionar no cérebro físico, e nesse esforço se elevará e se unirá com a consciência superior e achando-se livre de seu corpo físico.

“Quando isto for conseguido, não se experimenta nenhuma impressão de sono ou de sonho, nem de qualquer perda de consciência. O homem acha-se fora de seu corpo, com a sensação de sentir-se aliviado de um fardo pesado, e não de haver perdido qualquer parte de si mesmo. Não está realmente privado do corpo, apenas elevou-se fora de seu corpo físico para um corpo de luz que obedece aos seus mínimos pensamentos e lhe serve como um belo e perfeito instrumento para a execução de sua vontade. Revestido deste corpo, pode percorrer à vontade os mundos sutís, mas as suas faculdades necessitarão de uma educação longa e cuidadosa, antes de poderem trabalhar, de maneira confiável, nestas condições novas.

“Pode-se chegar a libertar-se do corpo ainda por outros métodos: pelo êxtase intenso de devoção, ou por métodos especiais que um grande Instrutor pode comunicar ao seu discípulo. Qualquer que seja o método, o fim é o mesmo: a

libertação da alma plenamente consciente, capaz de examinar seus novos ambientes que se situam em regiões inacessíveis ao homem de carne. Pode retornar à vontade ao corpo e nele entrar, e nestas condições, pode imprimir no cérebro físico e transmitir ao estado de vigília a lembrança das experiências que adquiriu”.

Aqueles que captaram as idéias principais esboçadas nas páginas anteriores, sentirão que estas idéias são por si mesmas o mais concludente argumento para demonstrar que a reencarnação é um fato na Natureza. Ela é necessária a fim de que a vasta evolução implícita na frase “a evolução da alma” possa ocorrer. Se afastarmos por um momento a idéia materialista de que a alma é apenas um conjunto de vibrações de uma espécie particular de matéria física, a única alternativa possível é que cada alma é uma criação nova, formada quando a criança nasce, e dotada de tendências virtuosas ou viciosas, de inteligência ou estupidez, pelo capricho arbitrário do poder criador. Como diria o maometano, o seu destino lhe é ligado em torno do pescoço ao nascer, porque o destino de um homem depende do seu caráter e do meio que o cerca, e uma alma recentemente criada e lançada no mundo deve estar fadada à felicidade ou à miséria, conforme as circunstâncias que a rodeiam, e o caráter que ela traz impresso. Na falta da reencarnação, não temos outra alternativa senão a predestinação, sob a forma mais repugnante. Ou bem consideramos os seres humanos como evoluindo lentamente, de modo que o selvagem brutal de hoje, com o tempo, adquirirá as nobres qualidades do santo e do herói, e assim vendo no mundo um processo de evolução admiravelmente concebido e sabiamente dirigido, ou somos obrigados a ver nele um caos de seres sensitivos tratados da maneira mais injusta, tendo como partilha a felicidade ou a miséria, o conhecimento ou a ignorância, a virtude ou o vício, a riqueza ou a pobreza, o gênio ou o idiota, tudo decretado por uma vontade arbitrária e externa, que não tem por guia nem justiça nem a compaixão, um verdadeiro pandemônio irracional e sem nexos. E querer admitir-se que um tal caos seja a parte “superior” de um cosmo, em cujas regiões inferiores se manifestam todas as operações admiravelmente reguladas e belas de uma lei que incessantemente transforma os seres rudimentares e simples em formas mais complexas, isso nos conduz obviamente para a perfeição, para a harmonia e para a beleza!

Se, por outro lado, admitirmos que a alma do selvagem é destinada a viver e a evoluir, que ele não é condenado para toda a eternidade ao estado de infância em que se acha atualmente, mas que a sua evolução prosseguirá depois da morte em outros mundos, então o princípio da evolução anímica é admitido, restando apenas resolver onde a evolução ocorre. Se todas as almas na terra estivessem no mesmo grau de evolução, muito teríamos a dizer em favor da teoria que pretende que outros mundos sejam necessários para que as almas evoluam além do seu estado infantil. Mas temos em torno de nós almas muito desenvolvidas, e que nasceram com sublimes qualidades mentais e morais. O mesmo raciocínio deve nos levar a admitir que estas almas evoluíram em outros mundos, antes de seu nascimento neste que ora habitamos, e não podemos

deixar de conjecturar porque um planeta que oferece condições diversas, podendo convir ao mesmo tempo, tanto a almas rudimentares como a almas avançadas, deveria receber apenas uma rápida visita de almas em graus diversos de desenvolvimento, almas que depois acabariam de evoluir em outros mundos semelhantes ao nosso, igualmente capazes de proporcionar todas as condições necessárias para evoluir as almas em diferentes estágios de evolução, com os quais nos deparamos quando elas nascem aqui. A Sabedoria Antiga ensina, na verdade, que a alma progride através de inúmeros mundos, mas também ensina que ela renasce, muitas vezes, em cada um desses mundos, até o completo esgotamento das possibilidades de evolução que aí ela encontra. Os próprios mundos, de acordo com o seu ensinamento, formam uma cadeia evolutiva, cada um deles desempenhando a sua parte como campo para determinados estágios de evolução. O nosso próprio mundo oferece um campo propício ao desenvolvimento dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, e por consequência, a reencarnação, coletiva ou individual, se produz nele, em todos estes reinos. É verdade que graus ulteriores de evolução nos esperam em outros mundos, mas na ordem divina, eles não estão acessíveis senão depois que aprendermos e dominarmos as lições que o nosso mundo atual tem a nos ensinar.

Ao estudarmos o mundo que nos cerca, somos conduzidos por muitas linhas de pensamento para a mesma meta da reencarnação. As imensas diferenças que existem entre os seres humanos já foi explicada como implicando em um passado evolutivo detrás de cada alma, e salientou-se que elas diferenciam a reencarnação individual de seres humanos - todos pertencentes a espécies simples - da reencarnação coletiva das almas-grupo monádicas nos reinos inferiores. As diferenças comparativamente pequenas dos corpos físicos humanos, todos reconhecíveis exteriormente como seres humanos, oferecem um contraste com as imensas diferenças das capacidades mentais e morais, entre o homem primitivo e o tipo humano mais nobre. Os selvagens primitivos são muitas vezes esplêndidos em seu desenvolvimento físico, possuindo um crânio de dimensões consideráveis, mas quanto à mente, como difere da de um filósofo ou de um santo!

Por outro lado, se quisermos considerar as altas capacidades mentais e morais como sendo os resultados acumulados da vida civilizada, defrontamo-nos, então, com o fato de que os homens atuais de mais valor são sobrepujados pelos gigantes intelectuais do passado, e que ninguém modernamente atinge o nível moral de qualquer dos santos históricos. Notemos mais que o gênio não vem de uma linhagem, aparecendo subitamente, em vez de ser como o ponto culminante de uma família gradualmente aperfeiçoada, e é geralmente estéril, ou se deixa filhos, eles o são de seu corpo e não do seu espírito. Fato ainda mais significativo, um gênio musical nasce quase sempre em uma família de

músicos, porque este tipo de gênio exige para sua manifestação uma organização nervosa especial e que se situa no âmbito da lei da hereditariedade. Entretanto, com muita frequência, nesse caso, a família fica em um segundo plano, eclipsada pelo gênio a qual deu um corpo! Daí em diante ela vacila como uma lâmpada prestes a extinguir-se e desaparece em algumas gerações na obscuridade da humanidade comum. Onde estão os descendentes de Bach, Beethoven, Mozart, Mendelsshon, a igualar seus antepassados? O gênio, na verdade, não se transmite de pai para filho, como o tipo físico da família dos Stuarts e Bourbons.

Na falta da reencarnação, como explicar as “crianças prodígios”? Por exemplo, a criança que foi mais tarde o Dr. Young [\(1\)](#), o descobridor da teoria ondulatória da luz, um homem a quem ainda não se rendeu a devida justiça em nossos dias. Com a idade de dois anos já lia com notável facilidade, e antes de quatro anos, já havia lido a Bíblia duas vezes, do começo ao fim. Aos sete anos entrou no campo da Aritmética, e antes de ter atingido com o seu preceptor a metade da matéria da obra “*Tutor’s Assistant*”, de Walkingham, já conhecia a obra inteiramente. Alguns anos mais tarde, continuando os cursos ordinários da escola, dominou com sucesso o latim, o grego, o hebraico, a matemática, escrituração comercial, o francês, o italiano, tornearia e construção de telescópios, e encantando-se com a literatura oriental. Aos quatorze anos devia estudar sob a direção de um preceptor particular em companhia de um menino um ano e meio mais novo do que ele, mas como o preceptor contratado não se apresentou, Young é quem instruiu o outro.

Sir William Rowan Hamilton [\(2\)](#) mostrou-se ainda mais precoce. Começou aprendendo o hebraico quando tinha apenas três anos e com sete, um dos professores adjuntos do Trinity College, em Dublin, declarou que ele tinha mostrado um conhecimento mais profundo do idioma do que muitos candidatos a uma bolsa de estudos. Na idade de treze anos já dominava bastante, pelo menos, treze línguas, as quais, além das clássicas e as línguas européias modernas, incluíam o persa, árabe, sânscrito, hindustani e mesmo o malaio. Na idade de quatorze anos escreveu uma carta de boas-vindas ao embaixador da Pérsia que fora visitar Dublin, e este declarou que jamais supusera encontrar no Reino Unido alguém capaz de escrever um tal documento em língua persa. Um dos seus parentes disse: “ainda hoje o vejo, menino de seis anos, respondendo a uma difícil pergunta de matemática para, em seguida, se afastar alegremente correndo com seu carrinho. Aos doze anos

concorreu com Colburn, um menino americano que calculava, na época se exibindo em Dublin, como curiosidade, e muitas vezes conseguiu vencê-lo”. Aos

dezoito anos, em 1823, o Dr. Brinkley [\(1\)](#), astrônomo real da Irlanda, disse dele: “não digo que esse jovem será, mas digo que ele é o primeiro matemático de seu tempo”. “No colégio, a sua carreira foi talvez, sem precedentes. Entre numerosos concorrentes de um mérito acima do comum, foi sempre o primeiro em todos os assuntos e em todos os exames”. (North British Review, set.1866).

O leitor estudioso, refletindo sobre estes garotos e comparando-os com um jovem semi-deficiente, ou mesmo comum, notará como, começando com tais vantagens eles se tornam expoentes no pensamento, e então não pode deixar de conjecturar que essas almas têm um longo passado atrás delas.

As semelhanças físicas de família são geralmente atribuídas à lei da hereditariedade, mas diferenças de caráter mental e moral são sempre encontradas no âmbito de uma família, e para elas não se acha explicação. A reencarnação explica as semelhanças pelo fato de que uma alma reencarnante é dirigida para uma família capaz de fornecer, por sua hereditariedade física, um corpo adequado para a expressão de suas características. Explica também as dissemelhanças ao atribuir o caráter mental e moral ao próprio indivíduo, enquanto que nos mostra que laços estabelecidos no passado levaram-no a nascer em consequência de relação com algum dos membros da mesma família. Um fato significativo com relação aos gêmeos, é que muitas vezes na infância é impossível distingui-los entre si, mesmo ao olhar agudo da mãe ou de quem cuida deles. Porém, mais tarde, na vida, Manas, o princípio mental, atua nos seus invólucros físicos e os modifica a tal ponto que as semelhança físicas vão diminuindo e as diferenças de caráter se imprimem nos traços móveis do semblante. A semelhança física com a dissemelhança mental e moral parecem indicar o encontro de duas linhas de causalidade diferentes.

As diferenças notáveis que pessoas de poder intelectual mais ou menos igual apresentam entre si quando se trata de assimilar certos ensinamentos especiais, fornecem um novo argumento em favor da reencarnação. Uma verdade é reconhecida imediatamente por uma, enquanto a outra nem chega a compreendê-la, mesmo depois de longa e cuidadosa consideração. O contrário poderá acontecer quando outra verdade de natureza diferente lhes é apresentada, e a segunda a compreende, ao passo que escapará à primeira. “Duas pessoas sentem-se atraídas pela Teosofia e começam a estudá-la. No fim de um ano, uma está familiarizada com as concepções fundamentais da doutrina e em condições de aplicá-las, ao passo que a outra nem mesmo conseguiu percebê-las com clareza. Para aquela, cada princípio parecia familiar à primeira vista, e para esta, tudo é novo, ininteligível, estranho. Quem

admite a reencarnação compreende que o ensinamento é antigo para uma e novo para outra. Uma aprende depressa “porque se lembra”, apenas está recuperando conhecimentos antigos. A outra aprende lentamente porque a sua experiência ainda não abrange estas verdades da

Natureza, ela as adquire penosamente pela primeira vez” (2). Assim também a intuição comum é “simples reconhecimento de um fato que foi familiar em alguma vida passada, embora seja encontrado pela primeira vez na existência atual” (3), sendo mais um indício do caminho que a individualidade seguiu no passado.

A principal dificuldade que se opõe, em muitas pessoas, à aceitação desta doutrina, é a própria ausência da recordação do seu passado. E, entretanto, essas pessoas diariamente percebem que vão esquecendo uma grande parte da existência transcorrida no próprio corpo atual, que a lembrança da infância é vaga, existindo um vazio completo em relação aos primeiros anos. Devem saber, ainda mais, que os acontecimentos do passado, totalmente esquecidos em sua consciência normal, permanecem, contudo, ocultos nas profundezas obscuras da memória e podem, ser recordadas com uma grande nitidez em certas formas de doença, ou sob a influência do hipnotismo. É conhecido o caso de um moribundo falar uma língua ouvida por ele somente em sua infância, e desconhecida dele na maior parte de sua vida, e no delírio, fatos há muito tempo esquecidos apresentam-se na consciência com intensa nitidez. Nada é, na verdade, esquecido, mas existem inúmeras coisas ocultas à visão limitada de nossa consciência de vigília, que é a forma mais limitada de nossa consciência, embora essa consciência seja a única reconhecida pela imensa maioria das pessoas. Assim como a lembrança de uma parte da vida atual esteja recolhida, fora do alcance desta consciência de vigília, e se faz conhecida somente quando o cérebro se torna hipersensitivo, capaz, por conseguinte, de responder a vibrações que geralmente passam despercebidas, o mesmo ocorre com a recordação das vidas passadas, armazenada fora do alcance da consciência física. Somente o Pensador a possui inteiramente, ele, o único que sobrevive e persiste de vida em vida. O livro do passado está ao seu alcance, porque ele é o único ser que passou por todas as experiências ali registradas. Além disso, ele pode transmitir suas lembranças do passado ao cérebro físico, desde que este esteja suficientemente purificado para responder às suas vibrações rápidas e sutis, e então pode o homem encarnado participar de seu conhecimento do passado acumulado.

A dificuldade desta recordação não está na falta de memória física, pois que o veículo inferior, o corpo físico, jamais atravessou as vidas anteriores daquele que o habita; está na observação da personalidade por tudo que a

cerca, e na grosseira insensibilidade à vibrações delicadas, única linguagem pela qual a alma pode se exprimir. Aqueles que quiserem se lembrar do passado não devem ter os seus interesses concentrados no presente, devem purificar e refinar o corpo até que se torne capaz de receber as impressões das esferas mais sutis.

Seja como for, bom número de pessoas possui atualmente a lembrança de suas existências passadas porque seus organismos físicos atingiram a necessária sensibilidade, e para tais pessoas a reencarnação não é mais evidentemente uma teoria, mas uma questão de conhecimento pessoal. Elas aprenderam o quanto a vida se torna mais rica quando a ela se junta a memória das existências passadas, quando os amigos desta viagem tão breve são reconhecidos como amigos de um passado distante, e antigas recordações vêm reforçar os laços de um presente efêmero. A vida ganha tranqüilidade e dignidade quando é contemplada em meio a um longo panorama por detrás dela e quando nas afeições de hoje reaparecem as amizades de ontem. A morte se situa em sua dimensão exata, como um simples episódio na vida, apenas uma mudança de cenário, análoga a uma viagem que afasta os corpos, mas não pode verdadeiramente separar o amigo do amigo.

As ligações do presente são reconhecidas como fazendo parte de uma cadeia de ouro que se estende ao longe no passado, e o futuro pode ser encarado com uma alegre tranqüilidade, com a certeza de que estes laços se manterão ao longo do tempo, e compõem uma corrente inquebrável.

De vez em quando encontramos crianças que narram as recordações do seu passado imediato, principalmente quando morreram, pela última vez, ainda pequenos, o que os leva a renascer quase imediatamente. No Ocidente esses casos são mais raros que no Oriente porque as primeiras palavras de uma criança como essa encontram incredulidade, e ela não tarda em perceber a confiança em suas recordações pessoais. No Oriente, onde a crença na reencarnação é quase universal, as narrações da criança são ouvidas e, se as circunstâncias favorecem, podem ser comprovadas.

Uma outra consideração relativa a este assunto merece atrair a nossa atenção. A lembrança dos acontecimentos passados subsiste, como já vimos, somente na memória do Pensador, mas os resultados daqueles acontecimentos, incorporados como faculdades adquiridas, ficam ao serviço do homem encarnado. Se o conjunto desses acontecimentos fosse projetado no cérebro físico, como um vasto amontoado de experiências sem ordenação e sem nexos, o homem não poderia ser guiado pela resultante do passado, nem utilizá-la como auxílio no presente. Obrigado a fazer uma escolha entre duas linhas de conduta, ele teria que selecionar entre os fatos descoordenados do

seu passado, os acontecimentos de natureza análoga ao caso atual, acompanhá-los em suas conseqüências e chegar, enfim, depois de um estudo longo e penoso, a alguma conclusão – conclusão que poderia estar viciada pelo esquecimento de algum fator importante, e que seria talvez alcançada muito tempo depois da sua necessidade. Todos os acontecimentos, triviais e importantes, de algumas centenas de existências, formaria, na verdade, um acúmulo informe e caótico, impossível de ser consultado em um caso que reclamasse uma pronta decisão. A Natureza, muito mais prática em seu plano, deixa com o Pensador a lembrança dos acontecimentos, e proporciona ao corpo mental um longo período de existência desencarnada durante o qual os acontecimentos são ordenados e comparados, e os seus resultados classificados. Estes resultados são em seguida incorporados sob a forma de faculdades, as quais servirão para formar o próximo corpo mental do Pensador. Dessa maneira, as faculdades ampliadas e aperfeiçoadas se prestam a um uso imediato, e como os resultados do passado aí se acham incorporados, uma decisão, de acordo com esses resultados, pode ser tomada sem demora. A intuição clara e viva e a decisão imediata não são mais do que os resultados da experiência do passado, que se manifestam sob uma forma eficaz e prática; são instrumentos mais úteis, certamente, do que o amontoado de experiências não assimiladas, entre as quais seria necessário, em todas as ocasiões, antes de uma decisão, escolher e comparar as que se referissem ao caso presente, a fim de tirar delas conclusões aplicáveis.

Seja como for, depois de ter seguido todas estas diferentes linhas de pensamento, a nossa mente volta-se para a necessidade fundamental que representa a reencarnação, se quisermos que a vida se nos apresente inteligível, e se a injustiça e a crueldade cessem de ultrajar a impotência humana. Com a reencarnação, o homem é um ser digno e imortal, evoluindo para um fim divinamente glorioso. Sem ela, é apenas um pedaço de palha, arrastado pela corrente das circunstâncias do acaso, irresponsável por seu caráter, por suas ações, por seu destino. Com ela, pode encarar o futuro, com destemida esperança, por mais humilde que seja o seu lugar na escala da evolução, porque nela ele caminha para a divindade, e a conquista do vértice é apenas uma questão de tempo. Sem ela, ele não pode ter fundamento algum de certeza quanto ao progresso do futuro, na realidade, nenhuma certeza quanto a qualquer futuro. Por que uma criatura sem passado poderia voltar-se para um futuro? Não é senão uma gota de água no oceano do tempo. Lançado do nada no mundo, com qualidades boas ou más, ligadas ao seu ser sem razão nem mérito, para que necessita ele esforçar-se para daí tirar o melhor partido possível? O futuro, se o tem, não será como o presente, isolado, sem causa nem conexão? Excluindo a reencarnação de suas crenças, o mundo moderno arrebatou de Deus a Sua justiça e ao ser humano a tranqüilidade; ele pode ser feliz ou infeliz, mas a força e a dignidade que a confiança em uma Lei imutável

dá ao ser humano, lhe são arrancadas e ele fica abandonado, impotente e ao sabor das vagas de um inavegável oceano da vida.

Capítulo ix

O carma

Após termos acompanhado a alma humana ao longo da reencarnação, estamos agora em condições de estudar a grande lei da causalidade, que preside os renascimentos, chamada a lei do Carma. Carma é uma palavra sânscrita que significa literalmente ação. Dado que todas as ações são efeitos de causas anteriores, e como cada efeito se torna a causa de efeitos futuros, esta noção de causa e efeito é um elemento essencial na idéia de ação, e a palavra ação ou carma, é portanto, empregada no sentido de causalidade ou para designar a série ininterrupta e encadeada de causas e efeitos de que se compõe toda a atividade humana. Daí a frase que muitas vezes é empregada ao se falar de um acontecimento: “este é o meu carma”, isto é, “este acontecimento é efeito de uma causa posta em movimento por mim no passado”. Nenhuma existência está isolada, cada uma é o fruto de todas as que a precederam, o germe de todas as que vão se seguir, no conjunto total das vidas de que se compõe a existência contínua da individualidade humana. Não existe nem o acaso nem o acidente, cada acontecimento está ligado à uma causa antecedente e a um efeito subsequente, todos os pensamentos, ações e circunstâncias têm uma relação de causa com o passado, e de modo causal influenciarão o futuro. Como a nossa ignorância esconde de nossa visão igualmente o passado e o futuro, os acontecimentos nos parecem sair de repente do nada e ser “acidentais”, mas esta aparência é ilusória, e é devida exclusivamente à nossa falta de conhecimento. Assim como o selvagem, que ignora as leis do universo físico, considera os acontecimentos naturais como destituídos de causas, e os resultados de leis físicas desconhecidas como “milagres”, assim muitas pessoas, ignorando as leis mentais e morais, consideram como desvinculadas de causas os acontecimentos mentais e morais e explicam o que de tais leis resulta como boa ou má sorte.

Quando, pela primeira vez, esta idéia de uma lei inviolável e imutável, em um domínio até então vagamente atribuído ao acaso, desponta na mente, tende a resultar em um sentimento de impotência, quase de paralisia mental e moral. O homem parece preso pela mão de ferro de um destino inflexível e o “kismet” resignado do muçulmano parece ser a única expressão filosófica. Exatamente assim poderia o homem primitivo sentir-se quando a idéia de lei

física surge pela primeira vez em sua inteligência, e ele aprende que cada movimento de seu corpo e todos os movimentos da Natureza exterior se executam sob a ação de leis imutáveis. Mas, depois percebe, pouco a pouco, que as leis naturais apenas estabelecem condições sob as quais todas as ações devem ocorrer, mas não as prescrevem, de modo que o homem permanece sempre livre no centro, embora limitado em suas atividades exteriores pelas condições do plano no qual aquelas atividades são desenvolvidas. Ele aprende mais tarde que, enquanto as condições o dominam elas frustram constantemente seus mais vigorosos esforços, na medida em que não as conhece, mas ao conhecê-las, luta contra elas, dominando-as e elas se tornam suas servas e auxiliares porque ele as compreende, conhece suas direções e calcula seu poder.

Na verdade, a ciência somente é possível no plano físico porque as leis deste plano são invioláveis e imutáveis. Se não existissem leis naturais, ciência nenhuma poderia existir. Um investigador faz certo número de experiências e pelos seus resultados ele aprende como a Natureza opera. Uma vez atingido este conhecimento, ele pode calcular como alcançar determinado resultado, e se ele não consegue aquele resultado, sabe que foi por ter esquecido alguma condição necessária ou, então, porque o seu conhecimento das leis é ainda imperfeito, ou por ter se enganado em seus cálculos. Volta aos seus estudos, revisa os seus métodos, retoma seus cálculos com toda a serenidade, e perfeitamente convencido de que se ele apresenta corretamente a sua questão, a Natureza responderá como uma invariável precisão. O hidrogênio e o oxigênio não lhe dão hoje água e, amanhã, ácido prússico, e o fogo que o queima hoje, não o gelará amanhã. Se a água pode ser líquida hoje e um sólido amanhã, é porque as condições do meio foram alteradas e o restabelecimento das condições originais dará o resultado anterior.

Cada nova informação sobre as leis da Natureza constitui, não uma restrição nova, mas um novo poder, porque todas as energias da Natureza tornam-se forças utilizáveis nas mãos do homem, à medida que ele consegue compreendê-las. Daí o provérbio: “saber é poder”, porque exatamente na proporção do seu conhecimento é que ele pode utilizar estas forças. Escolhendo as que deseja utilizar, equilibrando-as entre si, neutralizando as energias contrárias que impedem o seu objetivo, ele pode previamente determinar o resultado, provocando a realização do que calculou. Compreendendo e manipulando as causas, ele pode predizer os efeitos, e assim a própria rigidez da Natureza que, à primeira vista, parece paralisar a ação humana, pode ser empregada para produzir resultados infinitamente variados. A fixidez perfeita em cada força torna possível a perfeita flexibilidade em suas combinações. Porque as forças sendo de toda a espécie, movendo-se em todas as direções e todas calculáveis, pode ser feita entre elas uma

cuidadosa escolha, e as forças escolhidas, combinadas de maneira a produzir qualquer resultado desejado. Ao se determinar o resultado a ser atingido, ele pode ser alcançado mediante um cuidadoso equilíbrio de forças na combinação atuante como causa. Mas, deve-se lembrar que o conhecimento é condição indispensável para que se atinja os resultados desejados. O ignorante caminha tropeçando, impotente, chocando-se com as leis imutáveis e vendo os seus esforços falharem, enquanto o homem de saber vai metodicamente para a frente, prevendo e causando certos efeitos, evitando uns e corrigindo outros, conseguindo o que deseja, não porque tem sorte, mas porque compreende. Um é o joguete, o escravo da Natureza, arrastado pelas suas forças; o outro é senhor delas, utilizando as suas energias para conduzi-las para onde a sua vontade determina.

O que é verdade para o domínio da lei física, é igualmente verdade nos mundos moral e mental, mundos regidos também por leis. Aqui ainda o ignorante é escravo e o sábio, rei. Aqui também a inviolabilidade e a imutabilidade, consideradas, à primeira vista, como paralisantes, são reconhecidas como condições indispensáveis de um progresso certo e de uma direção claramente divisada do futuro. O homem pode tornar-se o senhor do seu destino unicamente porque este destino se situa em um reino de leis, onde o conhecimento pode edificar a ciência da alma, e colocar nas mãos dele o poder de reger seu futuro, determinando igualmente seu futuro caráter e suas circunstâncias futuras. O conhecimento da lei do Carma, que parece conduzir à uma paralisia do esforço, torna-se uma força que inspira, sustenta e eleva.

O Carma é, portanto, a lei da causalidade, a lei de causa e efeito. Ela foi claramente enunciada pelo iniciado cristão São Paulo: “Não vos iludais; de Deus não se zomba. O que o homem semear, isso colherá” [\(1\)](#). O homem projeta, continuamente, forças em todos os planos em que atua, e estas forças são, por si mesmas, quantitativa e qualitativamente, efeitos de suas atividades passadas, são causas que ele põe em ação em cada um dos mundos que habita. Produzem certos efeitos determinados, tanto sobre o próprio homem como sobre outros, e à medida que estas causas se irradiam dele, por todo o campo de sua atividade, ele é responsável pelos resultados que originam. Assim como um ímã possui o seu campo magnético, uma área na qual todas as suas forças atuam, grandes ou pequenas, conforme a própria potência, assim também cada ser humano possui um campo de influência dentro do qual agem as forças por ele emitidas, e que se transmitem em linhas curvas e que retornam para aquele que as emite, atingindo o centro de onde emanaram. Como este assunto é muito complexo, nós o subdividiremos para mais facilmente o estudarmos, parte por parte.

Em sua vida comum, o ser humano emite três espécies de energias

pertencentes respectivamente aos três mundos em que ele habita. No plano mental, as energias mentais dão origem a causas que chamamos pensamentos; energias de desejo no plano astral dão origem ao que chamamos desejos; energias físicas geradas pelos desejos e atuantes no plano físico dão origem às causas que chamamos ações. Devemos estudar cada uma destas espécies de energias em suas operações e compreender a espécie de efeitos que cada uma delas origina, se quisermos perceber de modo inteligente a parte que cada uma desempenha nas combinações desconcertantes e complexas que pomos em ação, e que em seu conjunto são chamadas nosso carma. Quando um homem, ao adiantar-se aos seus semelhantes, ganha a habilidade de funcionar em planos mais elevados, torna-se, então, um centro de forças superiores, mas por enquanto, podemos deixar de lado estas forças para limitar-nos à humanidade comum, que segue o seu ciclo de reencarnação nos três mundos.

Estudando as três espécies de energias, temos que estabelecer uma distinção entre seus efeitos sobre o homem que as gera e os seus efeitos sobre outras pessoas que se encontram na sua esfera de influência. Por não ser este ponto sempre bem compreendido, o estudante fica embaraçado em meio a uma perplexidade desconcertante.

Devemos então lembrar-nos de que cada força age em seu próprio plano e reage nos planos inferiores proporcionalmente à sua intensidade, e o plano no qual é gerada confere-lhe suas características especiais, e reagindo sobre os planos inferiores, provoca vibrações na matéria mais ou menos sutil ou grosseira destes planos, de acordo com a sua natureza original. O motivo que gera a atividade determina o plano ao qual a força pertence.

Em seguida, é necessário distinguir entre o carma maduro, isto é, pronto para manifestar-se na vida presente sob a forma de acontecimentos inevitáveis; o carma do caráter, que se manifesta pelas tendências resultantes de experiências acumuladas, suscetíveis de serem modificadas na vida presente pelo mesmo poder (o Ego) que as criou no passado; e, finalmente, o carma que está sendo formado agora, e que dará origem a acontecimentos futuros e ao caráter futuro [\(1\)](#).

Além disso, devemos levar em conta o fato de que, na determinação mesma de seu carma individual, o homem estabelece relações com outras pessoas, tornando-se, assim, membro de grupos diversos – família, nação, raça – e participa, como membro, do carma coletivo de cada um desses grupos.

Pode-se perceber que o estudo do carma é um dos mais complexos, contudo, pela percepção dos princípios fundamentais de seu modo de operar, expostos acima, pode nos dar uma idéia coerente de seu processo geral, sem

muita dificuldade, e os detalhes podem ser estudados mais demoradamente sempre que a oportunidade se apresentar. Não importa que os detalhes sejam compreendidos ou não, o essencial é não esquecer jamais que cada ser humano é quem gera o seu carma, criando igualmente suas capacidades e suas limitações e que, trabalhando constantemente com as capacidades que criou e dentro das limitações que a si mesmo impôs, ele permanece sempre como um indivíduo, a alma vivente, com o poder de aumentar as suas capacidades ou diminuí-las, de aumentar as suas limitações ou restringí-las.

Ele mesmo forjou as cadeias que o prendem, mas pode enfraquecê-las ou torná-las mais firmes. Ele mesmo construiu a casa em que habita e pode, à vontade, melhorá-la, deteriorá-la, ou reconstruí-la. Incessantemente trabalhamos na argila plástica que podemos modelar conforme nossa imaginação, mas a argila endurece e torna-se como o ferro, conservando a forma que lhe havíamos dado. É isto que exprime um provérbio do *Hitopadesha*, que Sir Edwin Arnold assim traduziu:

“Vede! a argila ao fogo endurece e torna-se ferro, mas o
oleiro foi quem modelou a argila;

O destino, hoje, é quem domina. O homem, ontem, é quem
dominou.

Assim somos todos senhores do nosso futuro, por mais obstáculos que encontremos hoje como frutos do nosso passado.

Vamos agora retornar, na ordem iniciada, as divisões estabelecidas mais acima, para facilitar o estudo do carma.

Três classes de causas, com seus efeitos sobre o seu criador e sobre aqueles que ele influencia. A primeira destas classes compõe-se de nossos pensamentos. O pensamento é o mais importante fator na criação do carma humano, porque manifesta a operação das energias do Ser na matéria mental, matéria cujas modalidades mais sutis formam o veículo da individualidade e mesmo em suas modalidades mais grosseiras responde rapidamente a cada vibração de autoconsciência. As vibrações que chamamos de pensamento, a conseqüência direta da atividade do Pensador, dão nascimento a formas de substância mental, ou imagens mentais, que modelam e organizam, como já vimos, o corpo mental do Pensador. Cada pensamento modifica esse corpo mental, e as faculdades mentais, em cada vida sucessiva, são elaboradas pelos

pensamentos das vidas passadas. Nenhum poder de raciocínio, nenhuma habilidade mental existe que não tenha sido criada pelo próprio homem com o auxílio de pensamentos pacientemente repetidos. Por outro lado, nenhuma imagem que ele criou assim é perdida, todas contribuem para a formação das faculdades, e o agregado de qualquer grupo de imagens mentais entra na formação de uma faculdade que se torna mais forte com cada pensamento adicional ou pela criação de uma imagem mental da mesma natureza. Conhecendo esta lei, o homem pode gradualmente construir para seu uso o caráter mental que deseja, e ele pode fazê-lo com tanta precisão e certeza como um pedreiro pode levantar uma parede. A morte não interrompe esse trabalho, ao contrário, libertando-o dos entraves do corpo, facilita o processo de elaboração das imagens mentais em um órgão definido que chamamos faculdade. O homem traz consigo esta faculdade quando volta ao plano físico, ao renascer, e parte do cérebro do novo corpo é moldada para servir de órgão para esta faculdade, em um processo que será explicado logo adiante. Todas estas faculdades, em seu conjunto, constituem o corpo mental com o qual começa a sua nova vida na terra, e seu cérebro e seu sistema nervoso são conformados de modo a fornecer a esse corpo mental os meios de expressão no plano físico. Assim, as imagens mentais criadas em uma vida aparecem em outra como características e tendências mentais. Eis por que lemos em um dos Upanishads: “O homem é uma criatura de pensamento; naquilo em que ele pensa nesta vida, ele se torna na seguinte”. (1). Essa é a lei e ela coloca completamente em nossas mãos a construção do nosso caráter mental. Se nós o construirmos bem, as vantagens e o crédito serão nossos; se o construirmos mal, o dano e a reprovação serão nossos. O caráter mental é, portanto um exemplo perfeito do carma individual em sua ação sobre o indivíduo que o criou.

Este mesmo indivíduo que estamos considerando, afeta igualmente outros pelos seus pensamentos porque as imagens mentais que formam seu corpo mental, estabelecem vibrações, e assim se reproduzem em formas secundárias. Estas geralmente, estando mescladas com desejo, revestem-se de alguma matéria astral. Em outro livro dei a estas formas-pensamento secundárias o nome de imagens astro-mentais. (2). Estas formas se destacam do seu criador e levam uma vida quase independente, permanecendo, contudo, em ligação com ele por meio de um laço magnético. Entram em contato com outros indivíduos, sobre os quais atuam, estabelecendo com isso laços cármicos entre estes e aquele, e influem, portanto em larga escala, sobre o ambiente futuro do seu criador. Forjam-se assim, laços que em vidas posteriores, vão juntar certas pessoas, para o bem ou para o mal, laços que nos envolvem com parentes, amigos e inimigos, colocando em nosso caminho os que são destinados a ajudar-nos ou a nos dificultar, nossos benfeitores ou aqueles que nos procuram prejudicar. Eis por que uns nos amam, sem que nesta vida tenhamos feito, para isso, coisa alguma, enquanto outros nos odeiam

sem que, também, fizéssemos qualquer coisa para merecer o ódio. Ao estudarmos estes resultados, visualizamos um princípio fundamental: “ao mesmo tempo que nossos pensamentos, agindo sobre nós mesmos, geram o nosso caráter mental e moral, também contribuem para atrair no futuro pessoas para junto de nós devido à ação desses mesmos pensamentos sobre as outras pessoas”.

A segunda grande classe de causas é composta de nossos desejos, que nos levam a buscar objetos que nos atraem no mundo exterior. Como um elemento mental sempre se mescla nos desejos humanos, podemos ampliar o termo “imagens mentais” para incluir os desejos, embora estes se manifestem, principalmente, na matéria astral. Os desejos, agindo sobre aqueles que lhes deu nascimento, moldam e formam o seu corpo de desejos ou corpo astral, e delineam o seu destino quando ele passa para o Kamaloka depois da morte, determinando a natureza do seu corpo astral na próxima encarnação. Quando os desejos são bestiais, intempelantes, cruéis, imundos, são a causa fecunda de moléstias congênitas, de cérebros fracos e doentios, que produzem a epilepsia, a catalepsia e doenças nervosas de toda espécie, de malformações e deformidades físicas, e em casos extremos, de monstruosidades. Os apetites bestiais de natureza ou de intensidade anormal podem estabelecer no mundo astral laços que prendem no Kamaloka, por muito tempo, os Egos, cujos corpos astrais contiverem em si tais apetites, aos corpos astrais de animais aos quais esses apetite, pertencem normalmente e, em conseqüência, fica a reencarnação desses Egos retardada. Quando o indivíduo escapa a uma tal sorte, seu corpo astral de aspecto bestial deixa assinaladas suas características no corpo físico da criança em formação, durante o período pré-natal. Tal é a origem dos monstros semi-humanos que surgem ocasionalmente.

Os desejos, por serem forças de exteriorização que se prendem aos objetos externos, atraem sempre o ser humano para um meio onde possam encontrar satisfação. O desejo pelas coisas terrestres, ao ligar a alma ao mundo exterior, a atrai para o lugar onde estes objetos ambicionados sejam mais fáceis de obter. Eis porque se diz que o homem nasce segundo os seus desejos. [\(1\)](#) . Os desejos são uma das causas do lugar da reencarnação.

As imagens astro-mentais causadas pelos desejos atuam sobre as pessoas como o fazem aquelas geradas pelos pensamentos. Os desejos, pois, nos ligam também a outras almas, e muitas vezes por laços poderosos de amor e de ódio, porque, no grau atual da evolução humana, os desejos de um homem comum são geralmente mais fortes e mais firmes do que os seus pensamentos, e porisso influenciam grandemente na formação do grupo de pessoas que se ligarão a ele nas vidas futuras, e podem levá-lo ao encontro de certas pessoas e influências, de cuja conexão consigo ele é totalmente

inconsciente. Suponhamos que um homem, ao emitir um pensamento ardente de vingança e ódio, tenha contribuído para impulsionar outro homem a um assassinato. O criador desse pensamento está ligado por seu carma ao autor do crime, muito embora jamais se tenham encontrado no plano físico; e o mal feito a este homem, compelindo-o ao crime, retornará sob a forma de algum dano, em cuja inflição o criminoso de outrora terá a sua parte. Muitas vezes um acontecimento inesperado, que é considerado totalmente imerecido, é o efeito de uma causa dessa natureza, e enquanto a consciência inferior se revolta sob o sentimento de uma injustiça, a alma aprende e registra uma lição. Nada de injusto pode ferir o homem, mas a sua ausência de memória não invalida a lei. Aprendemos, portanto, que nossos desejos, agindo sobre nós mesmos, formam a nossa natureza astral e influem amplamente, por meio dela, sobre o corpo físico de nossa próxima encarnação, e representam um papel importante na determinação do nosso lugar de nascimento; e, pelo seu efeito sobre outras pessoas, concorrem para atrair em torno de nós, em vidas futuras, seres humanos com os quais estaremos ligados.

A terceira grande classe de causas manifesta-se no plano físico sob a forma de ações, produzindo muito carma por seus efeitos sobre as pessoas, mas afetando pouco o Homem Interior. Essas ações são efeitos dos pensamentos e dos desejos do passado, e o carma que elas representam fica na maior parte esgotado, à medida que acontecem. Podem afetar o homem indiretamente na medida em que ele é movido por elas para pensamentos, desejos e emoções novos, mas o impulso gerador destes é secundário, enquanto que o impulso primário está nas ações geradas pelos pensamentos e desejos da vida passada. É igualmente verdadeiro que as ações, freqüentemente repetidas, estabelecem no corpo físico um hábito, cujo efeito é limitar a expressão do Ego no mundo exterior, mas esse hábito perece com o corpo, e o carma da ação, quanto ao seu efeito sobre a alma, fica assim restringido a uma única encarnação. Mas tudo isto é diferente quando chegamos a estudar o efeito de nossas ações sobre os outros, a felicidade e a infelicidade causadas por elas, e a influência que exercem pelo fato de serem exemplos. Elas nos ligam aos nossos semelhantes devido a esta influência e constituem, por consequência, um terceiro fator na formação futura do grupo de pessoas de nosso convívio, e são o principal fator na determinação do que pode ser chamado nosso ambiente não humano. De maneira geral, o ambiente material favorável ou desfavorável, no qual nascemos, depende do efeito que nossas ações passadas exerceram no meio, levando às pessoas a felicidade ou a infelicidade. Os efeitos físicos produzidos sobre os outros por atos no plano físico resultam carmicamente no envolvimento do agente físico com ambientes bons ou maus em uma vida futura. Se ele tornou as pessoas fisicamente felizes com o sacrifício de riqueza, tempo e esforços, esta ação traz-lhe carmicamente circunstâncias físicas favoráveis, conducentes à felicidade material. Se ele

causou às pessoas uma miséria física profunda, ele colherá carmicamente, pela sua ação, circunstâncias físicas infortunadas, conducentes ao sofrimento físico. Em qualquer caso, as conseqüências das ações físicas se sucedem, sejam quais forem as suas motivações, o que nos leva a considerar a seguinte lei:

Cada força opera em seu próprio plano.

Se um homem semeia, no plano físico, a felicidade para os outros, colherá condições favoráveis à sua felicidade neste plano, e o seu motivo para essa ação não intervirá absolutamente no resultado. Um homem pode semear trigo com o fim de especulação, para levar a ruína ao seu vizinho, mas o seu motivo perverso não fará nascer dente-de-leão no lugar do trigo. O motivo é uma força mental ou astral, conforme procede da vontade ou do desejo, e reage respectivamente sobre o caráter mental e moral, ou sobre a natureza astral. Causar a felicidade física por uma ação é uma força física e opera sobre o plano físico.

“O homem, por suas ações, afeta seus semelhantes no plano físico; espalha em torno de si a felicidade ou a miséria, aumentando ou diminuindo a soma do bem-estar humano. Este acréscimo ou diminuição de felicidade pode ser devido a motivos muito diversos, bons, maus ou mistos. Um homem pode fazer uma ação que dá ampla satisfação, por uma simples benevolência, por um anseio de dar felicidade aos seus semelhantes. Suponhamos que impulsionado por um motivo como esse, ele dá como presente um parque para a cidade para livre uso dos habitantes. Um outro pode executar o mesmo ato por simples ostentação ou pelo desejo de atrair a atenção daqueles que podem conceder distinções sociais, por exemplo, obter um título de nobreza. Um terceiro, enfim fará a mesma ação por um motivo misto, parte por desinteresse, parte por egoísmo. Os motivos afetarão diferentemente o caráter destes três homens em suas futuras encarnações, para o progresso, para o amesquinamento ou de modo secundário. Mas o efeito que esta ação produz, levando a felicidade a um grande número de pessoas, não depende do motivo do doador. O povo desfruta igualmente do parque, qualquer que tenha sido a causa da doação, e este desfrute, devido à ação do doador, torna a Natureza uma devedora cármica, o que lhe será escrupulosamente pago. Nascerá em um meio confortável, ou mesmo luxuoso, conforme a alegria que derramou. O seu sacrifício de bens físicos lhe trará a recompensa devida ao fruto cármico de sua ação, e este é seu direito. Mas o uso que fará de sua posição, a felicidade que encontrará em sua riqueza e no meio que o cerca, dependerão essencialmente do seu caráter, e aqui mais uma vez receberá a devida recompensa, porque cada semente produz frutos segundo a sua espécie” (1).

Na verdade, os processos do Carma são justos. O Carma não recusa ao

mau a exata recompensa de uma ação que espalha felicidade, mas dá-lhe também o caráter aviltado que merece, por seus motivos perversos, de forma que, no meio de sua riquezas, permanece descontente e infeliz. O homem bom não escapará também do sofrimento físico se espalhar a miséria física por ações errôneas, embora feitas com bom motivo. A miséria que ocasionou lhe trará miséria em seu ambiente físico, mas o seu motivo bom, ao melhorar o seu caráter, lhe dará uma fonte de eterna felicidade interior, de forma que será paciente e se sentirá satisfeito no meio de sua desventura. Inúmeros enigmas podem ser resolvidos pela aplicação destes princípios aos acontecimentos à nossa volta.

Estas respectivas diferenças de motivo e dos resultados ou frutos das ações são devidas ao fato de que cada força possui as características do plano onde foi gerada, e quanto mais elevado for o plano, mais poderosa e mais persistente será a força. Daí que o motivo é mais importante, e uma ação errada, feita com um bom motivo, traz mais bem ao agente do que uma ação bem escolhida, feita com um mau motivo. O motivo, reagindo sobre o caráter, dá origem a uma longa série de efeitos porque as ações futuras, determinadas por este caráter, serão todas influenciadas por seu progresso ou por sua determinação. A ação, ao contrário, trazendo ao seu autor a felicidade ou a desgraça física, conforme o efeito por elas produzido sobre os outros, não possui em si nenhuma força geradora, e se esgota em seus efeitos. Quando um conflito de deveres evidentes faz com que seja difícil reconhecer o caminho da reta ação, o conhecedor do Carma esforça-se por escolher o melhor caminho, tirando todo o partido possível de sua razão e critério. Ele é absolutamente cuidadoso quanto ao seu motivo, eliminando todas as considerações egoístas e purificando seu coração; então ele age sem temor, mas se a sua ação se mostrar errada, aceitará pacientemente o sofrimento dela resultante como uma lição que será útil no futuro. Entretanto, o seu motivo digno anobreceu para sempre o seu caráter.

Este princípio geral de que a força pertence ao plano no qual é gerada, tem um alcance imenso. Se a força emitida tem por motivo a obtenção de objetos materiais, atua no plano físico e prende a este plano o seu criador; se visa objetos celestiais, opera no plano devachânico e liga o seu autor a este plano; se não tem outro motivo a não ser o serviço divino, fica liberada no plano espiritual e, portanto, não pode vincular o indivíduo, porque este nada está pedindo.

As três espécies de Carma

O Carma maduro é o que está pronto para ser colhido, portanto é inevitável. De todo o carma do passado, há uma certa parte que pode ser

esgotada no decorrer de uma existência; há certas espécies de carma de tal forma incompatíveis entre si que não poderiam ser cumpridas em um único corpo físico, mas necessitam, para seu esgotamento, de vários corpos de tipos diferentes. Há dívidas contraídas para com outras almas, e todas estas almas não estarão simultaneamente encarnadas na mesma época. Há carma que deve ser esgotado em uma determinada nação ou em uma certa posição social, ao passo que o mesmo indivíduo tem outro carma que exige um ambiente inteiramente diferente. Por isso, o homem apenas pode saldar, numa determinada encarnação, uma parte de seu carma total, e esta parte é escolhida pelos grandes Senhores do Carma, de quem falaremos depois; a alma é levada a encarnar-se em uma família, nação, lugar e corpo, apropriados ao esgotamento do agregado de causas que podem ser trabalhadas em conjunto. Este agregado de causas determina a duração daquela encarnação, e dá ao corpo suas características, seus poderes e limitações, levando ao encontro do indivíduo as almas encarnadas nessa época, com as quais contraiu obrigações, colocando-o em meio a um ambiente de familiares, amigos e inimigos. Planeja as condições sociais no meio das quais o indivíduo nasce, com as correspondentes vantagens e desvantagens; seleciona as energias mentais que poderá manifestar, organizando a constituição cerebral e nervosa que lhe servirá de instrumento; colocam juntas as causas que resultam em dificuldades e alegrias em sua vida profissional, e que podem ser aportadas a uma só vida. Tudo isso é o carma maduro e pode ser decifrado no horóscopo por um astrólogo competente. O homem não tem, neste tipo de carma, nenhum poder de escolha, tudo está fixado pelas escolhas que ele fez no passado, e nada mais lhe resta senão pagar as suas dívidas até o último centavo.

Os corpos físicos, astral e mental, com que a alma se reveste para a sua nova existência terrestre, são, como já vimos, o resultado direto de seu passado e formam, no Carma maduro, uma das mais importantes partes. Eles limitam de todos os lados a alma do homem, e seu passado levanta-se diante dele para julgá-lo, estabelecendo as limitações que a si mesmo impôs. O homem sábio compreende que não pode escapar a estas condições, aceita-as alegremente e faz todos os esforços para melhorá-las gradualmente.

Há uma outra espécie de carma maduro, que é de importância muito séria, o das ações inevitáveis. Toda ação é a expressão final de uma série de pensamentos. Tirando da química uma comparação, obtemos um solução saturada de pensamento juntando sucessivamente pensamentos da mesma natureza, até que um outro pensamento, ou mesmo um simples impulso, uma vibração de fora, basta para produzir a cristalização do conjunto, isto é, a ação que exprime estes pensamentos. Se reiterarmos com persistência pensamentos da mesma espécie, por exemplo, de vingança, atingiremos finalmente o ponto de saturação, e qualquer impulso cristalizará esses

pensamentos em uma ação, e resulta um crime. Se alimentarmos persistentemente pensamentos de auxílio para alguém, até o ponto de saturação, eles, sob o impulso de uma ocasião favorável, cristalizar-se-ão em um alto heroísmo. Um homem pode trazer consigo, ao nascer, algum carma maduro deste gênero, e a primeira vibração que entrar em contato com este amontoado de pensamentos prestes a transformarem-se em ação bastará para precipitá-lo inconscientemente, sem repetir a vontade, na execução do ato. Não tem tempo de pensar, está em um estado em que a menor vibração do mental provoca a ação, pois em uma posição de equilíbrio instável, o menor choque o desequilibra. Em tais circunstâncias vemos muitas vezes o homem admirar-se de ter podido cometer um tal crime ou um ato de tão sublime devotamento. “Eu o fiz sem pensar”, exclama, ignorando que pensou tantas vezes no ato que este se tornou inevitável. Quando um homem tenta repetidas vezes fazer uma ação, sua vontade acaba por ficar irrevogavelmente fixada, e o momento da realização não é mais que uma questão de circunstâncias.

Enquanto lhe sobra tempo para pensar, sua liberdade de escolha permanece, porque pode opor ao antigo pensamento um pensamento novo, destruindo gradualmente a tendência primitiva pela renovação constante de pensamentos contrários; mas quando a próxima vibração da alma, em resposta a um estímulo significa ação, então o poder de escolha não mais existe.

É aqui que reside a solução do antigo problema do determinismo e do livre-arbítrio: o homem, pelo exercício de seu livre-arbítrio, vai gradualmente criando determinismos para, e entre estes dois extremos situam-se todas as combinações de livre-arbítrio e de determinismo, de onde resultam as lutas internas dentro de nós e das quais temos consciência. Criamos continuamente hábitos pela repetição de ações deliberadas, movidas pela vontade; depois, o hábito torna-se uma limitação e executamos a ação automaticamente. Pode ser que então sejamos levados a concluir que o hábito é mau, e procuremos laboriosamente destruí-lo por pensamentos de natureza oposta. Depois de inúmeras quedas inevitáveis, a nova corrente de pensamentos domina, e retomamos a nossa inteira liberdade, com a qual, com freqüência, forjamos novos grilhões. Assim, as formas-pensamento antigas persistem e limitam nossa capacidade de pensar, mostrando-se sob a forma de preconceitos individuais e nacionais. As pessoas, em sua maioria, ignoram que estão desse modo limitadas e permanecem serenamente em seus agrilhoamentos, inconscientes de sua servidão. Aqueles que aprendem a verdade relativa à sua própria natureza tornam-se livres. A constituição de nosso cérebro e de nosso sistema nervoso estão entre os determinismos mais acentuados na vida, e nós os tornamos inevitáveis por nossos pensamentos passados, mas agora nos limitam e nos irritam com freqüência com eles. Estes órgãos podem ser melhorados lenta e gradualmente e estas limitações podem desaparecer, mas

é impossível libertar-nos delas bruscamente.

Outra forma deste carma maduro apresenta-se quando os maus pensamentos do passado formaram em torno do indivíduo uma couraça de hábitos maus, que o aprisiona e força a uma vida perversa. Estas ações são as conseqüências inevitáveis de seu passado, como foi explicado, e ficaram como que suspensas, talvez durante várias vidas porque estas não ofereciam oportunidades para a sua manifestação. No entanto, a alma progrediu e desenvolveu nobres qualidades. Em uma determinada vida esta couraça de malignidade do passado encontra ocasião propícia de manifestar-se, e por isso a alma não consegue demonstrar o seu desenvolvimento posterior. À semelhança de um filhote de ave, pronto para nascer, libertando-se da casca do ovo, a alma sente-se envolvida na camada espessa que a aprisiona, e que é unicamente visível ao olhar externo. Após certo tempo, este carma esgota-se, e por algum acontecimento aparentemente devido ao acaso, como a palavra de um grande Instrutor, um livro ou uma conferência, parte-se a casca e a alma emerge subitamente livre. Estas raras e súbitas “conversões”, mas permanentes, são chamadas os milagres da graça divina de que ouvimos falar, porém são perfeitamente compreensíveis para quem conhece o carma, e se situam no reino da lei.

O carma acumulado, que se manifesta como caráter, está sempre, ao contrário do que acontece ao carma maduro, sujeito a modificações. Pode-se dizer que consiste de tendências, fortes ou fracas, conforme a força mental que contribuiu para a sua formação, e estas tendências podem ser reforçadas ou atenuadas por novas correntes de força mental que atuam a favor ou contra elas. Se descobrimos em nós tendências que desaprovamos, podemos dedicarnos a trabalhar pela sua eliminação. Muitas vezes, arrastados pela onda impetuosa do desejo, somos impotentes para vencer a tentação, porém, quanto mais tempo conseguimos resistir-lhe, mesmo que ao final sejamos dominados mais perto da vitória estaremos. Cada revés desta natureza é um passo para o sucesso, porque a resistência que opusermos destrói parte da energia maléfica, e conseqüentemente sua atuação diminui no futuro.

O carma que está sendo formado já foi estudado antes.

Carma coletivo – consideremos a ação do carma sobre um grupo de pessoas. As forças cármicas que agem sobre cada indivíduo, na sua qualidade de membro do grupo, introduzem um fator novo em seu carma individual. Sabemos que, quando um certo número de forças atua sobre um ponto, o movimento do ponto não é na direção de qualquer uma destas forças, mas na direção resultante de sua combinação. Assim, o carma de um grupo é a resultante das forças interativas dos indivíduos que o compõem, e todos os

indivíduos são levados ao longo da direção dessa resultante. Um Ego é atraído por seu carma individual a uma certa família, em consequência de ligações estabelecidas em vidas passadas, que o ligam estreitamente a outros Egos que formam a família. A família herdou propriedades de um avô e tornou-se rica. Um herdeiro apresenta-se, descendente de um irmão mais velho do avô, irmão que se supunha morrera, sem deixar filhos, e assim a fortuna passa para esse herdeiro, ficando o pai da família sobrecarregado de dívidas. É muito possível que o Ego de quem estamos falando jamais tivesse tido a menor relação no passado com este herdeiro, com quem o pai da família contraiu no passado certas obrigações que o levaram a esta desgraça. Apesar disto, ele está ameaçado de participar do sofrimento, porque se acha comprometido no carma da família. Se existir, em seu passado alguma falta suscetível de ser eliminada pelo sofrimento causado por este carma de família, ele permanece ligado; mas não sendo assim, será afastado por alguma “circunstância imprevista”, talvez por uma pessoa estranha e caridosa, que se sente impelida a adotá-lo e a educá-lo, alguém que tem para com ele alguma dívida contraída no passado.

Uma situação como essa se mostra bem evidente quando analisamos as catástrofes, tais como acidentes em estrada de ferro, naufrágios, inundações, ciclones, etc. Ocorre um desastre com um trem, tendo a catástrofe por causa imediata o descontentamento dos maquinistas, condutores, administradores e empregados da vida férrea, os quais, julgando-se mal remunerados, dirigem em conjunto, sobre toda a organização pensamentos de desagrado e ódio. Os que tiverem em seu carma acumulado, mas não necessariamente em seu carma maduro, a dívida de uma vida bruscamente cortada, podem ser levados a se envolverem neste acidente, a fim de pagarem a sua dívida; um outro, tendo a intenção de tomar o trem, mas não tendo em seu passado nenhuma dívida deste gênero, será “providencialmente” salvo, por ter chegado muito tarde.

O carma coletivo pode envolver um indivíduo nas desgraças resultantes de uma guerra que atinge o seu país, e também pode o indivíduo saldar certas dívidas de seu passado, que não faziam parte do carma maduro de sua vida presente. Em caso nenhum o homem pode sofrer pelo que não praticou, mas, se aparece uma oportunidade imprevista de se livrar de uma obrigação passada, é bom que o faça livrando-se para sempre deste encargo.

Os Senhores do Carma são as grandes Inteligências espirituais que conservam os registros do carma, ordenando e dispondo as operações complexas da lei cármica. Foram mencionados por H.P. Blavatsky na Doutrina Secreta como os Lipika ou Registradores do Carma, e os Maharajas e suas hostes, sendo estes os agentes do carma na terra.

Os Lipika são Aqueles que conhecem o registro cármico de todos os seres humanos, e que com uma sabedoria oniciente, escolhem e combinam parte deste registro para delinear o plano de uma determinada existência terrestre. Fornecem “a idéia” do corpo físico que será a roupagem da alma reencarnante, e que servirá para a expressão de suas capacidades e limitações. Esta idéia é tomada pelo Maharajas e elaborada na forma de um modelo detalhado que eles transmitem a um dos seus agentes inferiores para ser copiado. Esta cópia é o duplo etérico, a matriz do corpo físico, sendo os materiais de um e de outro tirados da própria mãe e, por isso, sujeitos à hereditariedade física. A raça, o país, os pais, são escolhidos conforme a capacidade que tenham de prover ao corpo físico do Ego reencarnante os materiais adequados e de propiciar, em sua juventude, as circunstâncias mais favoráveis. A hereditariedade física da família proporciona certos tipos e desenvolveu algumas combinações materiais especiais: doenças hereditárias e sensibilidade hereditária do sistema nervoso implicam em combinações específicas da matéria física, suscetíveis de transmissão. Um Ego que desenvolveu, em seus corpos mental e astral, certas particularidades, exigindo, para sua expressão no plano físico, características especiais do corpo físico, será levado para pais cuja hereditariedade física corresponde às condições requeridas. Assim, um Ego dotado de faculdades artísticas musicais, de ordem elevada, será levado a encarnar-se em uma família de músicos, onde os materiais que servem para a construção do duplo etérico e do corpo denso foram elaborados previamente e podem prestar-se às suas necessidades, e o tipo hereditário do sistema nervoso lhe fornecerá o delicado aparelho indispensável para a expressão de suas faculdades. Um Ego de caráter perverso será conduzido a uma família grosseira e malévola, em que os corpos encerram condições grosseiras e que proporcionará um corpo capaz de vibrar com os impulsos de sua natureza mental e astral.

Um Ego que se deixou arrastar pelos excessos de seu corpo astral e mental inferior, que se abandonou à embriaguez, por exemplo, será conduzido a encarnar-se em uma família onde o sistema nervoso esteja enfraquecido pelos excessos; pais alcoólicos lhe fornecerão, para seu invólucro físico, materiais malsãos. É assim que a orientação dos Senhores do Carma harmoniza os meios com os fins e assegura a execução da justiça. O Ego traz consigo suas posses cármicas de faculdades e desejos, e recebe o corpo físico que lhe convém para ser o seu veículo.

Como a alma deve voltar à terra até que tenha se libertado de todas as suas dívidas, esgotando assim todo o seu carma individual, e como seus pensamentos e desejos, em cada vida, geram novo carma, pode apresentar-se na mente a seguinte pergunta: “Como eliminar de vez esta constante renovação de encadeamentos”? Como pode a alma atingir a sua libertação?

Chegamos, assim, à questão da cessação do carma e temos de investigar como isto pode acontecer.

Antes de tudo, é indispensável compreender claramente qual é, no carma, o elemento que nos prende. A alma, dirigindo suas energias para o exterior, é atraída para algum objeto, e é por esta ligação que retorna ao lugar onde essa atração possa ocorrer pela união com o objeto desejado. Enquanto a alma se prender a um objeto qualquer, será necessário que volte ao lugar em que poderá desfrutar desse objeto. O bom carma liga a alma tanto quanto o mau, porque todo desejo, seja por coisas daqui ou do Devachan, deve atrair a alma para o lugar de sua satisfação.

A ação é incitada pelo desejo, um ato é executado, não por si mesmo, mas com o fim de obter, por meio dele, o objeto desejado, visando conseguir os seus resultados, ou em termos técnicos, o seu desfrute. Os homens trabalham, não por desejarem cavar a terra, construir, tecer, mas porque aspiram aos frutos que resultam dessas atividades, sob a forma de dinheiro ou bens materiais. Um advogado pleiteia não porque procure expor os detalhes áridos de uma questão, mas porque deseja riquezas, fama e distinções. Em torno de nós vemos todos trabalharem por alguma coisa, e o incentivo para suas atividades está no fruto que elas lhes trazem, e não no trabalho. O desejo pelos frutos da ação os leva à ação, e o gozo destes resultados recompensa os seus esforços.

O elemento que nos prende no carma é, portanto, o desejo, e quando a alma nada mais deseja sobre a terra ou nos céus, rompe o laço que a prendia à roda das reencarnações, que gira através dos três mundos. A ação, em si mesma, não tem poder algum sobre a alma, porque uma vez concluída, ela se desvanece no passado. Mas o desejo pelos frutos, incessantemente renovado, incita constantemente a alma para novas atividades, e assim novos encadeamentos estão sendo sempre forjados.

Também não devemos lamentar quando vemos as pessoas constantemente impelidas à ação pela excitação do desejo, porque o desejo se sobrepõe à negligência, à preguiça, à inércia, incitando os homens à atividade, que lhes traz experiências [\(1\)](#). Veja-se o selvagem que dormita, estendido preguiçosamente na relva. É levado à atividade pela fome, porque deseja o alimento, e para poder satisfazer este desejo, vê-se obrigado a cultivar a paciência, a habilidade e a persistência. É assim que ele desenvolve as suas qualidades mentais, mas, uma vez aplacada a fome, recai novamente no estado de letargia, entorpecido pela guna. Pode-se conceber, pois, a função preponderante que a instigação do desejo representa na evolução das qualidades mentais e como úteis se mostram os desejos de fama e glória

póstumas. Até que chegue às proximidades da sua divinização, o homem tem necessidade das excitações dos desejos, e estes se tornam mais refinados e menos egoístas à medida que o homem se eleva. Mas, apesar disto, eles o prendem sempre à roda do nascimento, e para sua completa redenção, deve destruí-los.

Quando um homem começa a aspirar à libertação, ele é ensinado a praticar a “renúncia aos frutos da ação”, isto é, a suprimir gradualmente em si mesmo o desejo de possuir qualquer objeto. A princípio, priva-se deliberada e voluntariamente do objeto, e assim se habitua a estar contente sem ele. Depois de certo tempo, o objeto não lhe faz mais falta e também percebe que o próprio desejo se desvanece em sua mente. Neste estágio deve tomar grande cuidado para não negligenciar algum trabalho que seja seu dever, sob o pretexto de que se tornou indiferente ao resultado que o mesmo lhe traga, e ele se exercita em cumprir cada dever com firme atenção, mas permanecendo indiferente aos frutos que dele resultem. Uma vez tendo atingido esta perfeição, não tendo mais desejos nem antipatia por objeto algum, o homem não mais criará carma. Cessando de pedir algo da terra ou do céu (Devachan), não será mais atraído para nenhum destes mundos. O que estes mundos lhe poderiam proporcionar já não mais deseja, pois partiu todas as cadeias que o ligavam a eles. Esta é a cessação do carma individual, pelo menos no que se refere à produção de carma novo.

Mas a alma não deve somente cessar de forjar novas cadeias, deve também desembaraçar-se das antigas, e deve-se deixar que estas se enfraqueçam gradualmente ou sejam quebradas deliberadamente. Para romper estas algemas é indispensável possuir conhecimento, um conhecimento capaz de contemplar o passado a fim de ver as causas que aí entraram em ação e agora produzem seus efeitos. Suponhamos que uma pessoa, vendo suas vidas passadas, descobre certas causas destinadas a conduzi-la a um acontecimento que está ainda no futuro. Suponhamos mais que estas causas sejam pensamentos de ódio para alguém que lhe fez mal, e que estes pensamentos devem, dentro de um ano, produzir sofrimentos ao autor deste mal. A pessoa que consideramos poderá introduzir uma nova causa para mesclar-se com as causas do passado, e ele poderá neutralizá-las por fortes pensamentos de amor e boa vontade, que as dissolverão, impedindo assim que desencadeiem aquele evento, inevitável de outro modo, e que, por sua vez, geraria uma nova dificuldade cármica. Assim, essa pessoa pode neutralizar as forças procedentes do passado, opondo-lhes forças iguais e contrárias, e pode, deste modo, “queimar seu carma pelo conhecimento”. De maneira análoga, ele pode anular o carma gerado em sua vida atual, e que normalmente produziria seus efeitos em futuras existências. O homem pode ainda ser impedido por obrigações contraídas para com outras almas no passado, por males feitos às

mesmas, ou por deveres a cumprir para com elas. Utilizando o seu conhecimento, ele pode encontrar estas almas, estejam no mundo físico ou em um dos outros dois, e procurar oportunidades de lhes ser útil. Uma alma pode ter se encarnado ao mesmo tempo que ele, com quem contraiu alguma dívida cármica; pode procurá-la e salda sua dívida, libertando-se assim de um elo que, abandonado ao curso dos acontecimentos, teria exigido a sua própria reencarnação, ou o dificultaria em uma vida futura. Isto permite explicar a linha de conduta estranha e inexplicável adotada muitas vezes por um ocultista. Se, por exemplo, um homem de valor interior se liga estreitamente a alguma pessoa considerada pelas pessoas ignorantes de seu círculo como de todo indigna de sua companhia, é que ele, como ocultista, está calmamente libertando-se de uma dívida cármica que, de outro modo, dificultaria e retardaria seu progresso.

Os que não possuem os conhecimentos necessários para passar em revista suas vidas anteriores podem, contudo, anular as numerosas causas que puseram em atividade na sua atual existência. Podem examinar com cuidado tudo de que ainda se recordam e notar todas as circunstâncias em que produziram ou sofreram danos, desvanecendo as causas da primeira categoria ao emitir pensamentos de amor e proteção, e executando, no plano físico, atos de serviço à pessoa lesada, todas as vezes que houver ocasião; as causas da segunda categoria serão neutralizadas por pensamentos de perdão e de boa vontade. É assim que todos podem aliviar suas dívidas cármicas e apressar o dia da libertação.

Pessoas piedosas que ao mal respondem com o bem, conforme o preceito de todos os grandes Instrutores religiosos, esgotam inconscientemente o carma produzido no presente e que, de outra maneira, produziria seus efeitos no futuro. Ninguém jamais conseguirá tecer para elas um laço de ódio, se elas se recusam a contribuir com quaisquer fios de ódio para essa tecedura e persistentemente neutralizam cada pensamento de cólera com um pensamento de amor. Que uma alma irradie em todos os sentidos o amor e a compaixão, e o pensamento de ódio não pode encontrar algo em que se prenda. “O Príncipe deste mundo vem, e não encontrará em mim nada que lhe pertença”. Todos os grandes Instrutores conheciam a Lei e sobre ela basearam Seus ensinamentos, e os que, pela reverência e devoção para com Eles, obedecem aos Seus preceitos, beneficiam-se sob a lei, embora não conheçam absolutamente os detalhes de suas operações. Um homem ignorante, que segue fielmente as instruções dadas por um cientista, pode obter resultados ao trabalhar com as leis da Natureza, muito embora estas leis lhe sejam desconhecidas, e o mesmo princípio aplica-se aos mundos hiperfísicos. Muitas pessoas que não têm tempo para estudar, e que se vêem obrigadas a seguir as regras prescritas pelos mais experientes, as quais devem orientar a sua conduta diária na vida, podem, assim, inconscientemente saldar as suas dívidas cármicas.

Nos países em que a reencarnação e o carma são admitidos pelo mais modesto camponês e operário, a crença difunde uma aceitação definida e calma dos males inevitáveis, que contribui muito para a tranquilidade e o contentamento da vida comum. O homem oprimido pelos infortúnios não se enfurece nem contra Deus, nem contra seus semelhantes, mas considera as suas desgraças como resultados dos seus erros e ações maléficas do passado. Aceita-as com resignação e delas tira o melhor partido possível, poupando-se assim às inquietações e às ansiedades que, para o homem que ignora a lei, vêm agravar uma situação já muito penosa em si mesma. Compreende que as suas vidas futuras dependem dos seus próprios esforços, e que a lei que lhe traz o sofrimento, lhe dará também com igual certeza a felicidade, desde que lance à terra a semente do bem.

Daí decorrem uma grande paciência e uma concepção filosófica da vida que tendem diretamente a assegurar a estabilidade social e o contentamento geral. O pobre e o ignorante não estudam a metafísica sutil e profunda, mas percebem plenamente estes princípios simples de que cada homem renasce na terra muitas e muitas vezes, e cada vida sucessiva é modelada e organizada por todas as que a precederam. Para estes, o renascimento é tão certo e inevitável como o nascer e o pôr do sol, faz parte da ordem natural das coisas, contra a qual é tolice queixar-se ou revoltar-se. Quando a Teosofia houver restaurado estas antigas verdades em seu devido lugar no pensamento ocidental, elas abrirão caminho, pouco a pouco, entre todas as classes da sociedade no cristianismo, difundindo a compreensão da natureza da vida e a aceitação do resultado do passado. Então, também desaparecerá este descontentamento incansável que principalmente provém do sentimento impaciente e desesperançado de que a vida é ininteligível, injusta e incontrolável, e esse sentimento será substituído por uma força e paciência calmas, frutos de um intelecto iluminado e de um conhecimento da lei, e que caracteriza a atividade ponderada e equilibrada daqueles que sentem estar construindo e trabalhando para a eternidade.

CAPÍTULO X

A LEI DO SACRIFÍCIO

O estudo da Lei do Sacrifício segue-se naturalmente ao estudo da Lei

do carma, e a compreensão da primeira, como foi salientado por um Mestre, é tão necessária para o mundo como a compreensão da última. Por um ato de auto-sacrifício o Logos tornou-se manifesto com a emanção do universo, e pelo sacrifício este universo é mantido e é pelo sacrifício que o homem atinge a perfeição (1). Daí se conclui que toda a religião nascida da Antiga Sabedoria tem como ensinamento fundamental o sacrifício, e algumas das mais profundas verdades do ocultismo têm suas raízes na lei do sacrifício.

Procurando compreender, embora imperfeitamente, a natureza do sacrifício do Logos, poderemos evitar o erro muito generalizado de considerar o sacrifício como coisa essencialmente penosa, e ver que, em sua essência, o sacrifício é uma efusão espontânea e jubilosa da vida para que outros possam compartilhá-la. A dor somente aparece quando há discórdia na natureza do sacrifício, entre o superior, cuja alegria está em dar, e o inferior, cuja satisfação está em tomar e reter. É somente esta discórdia que introduz o elemento de dor, e na Perfeição suprema, no Logos, discórdia alguma poderá nascer. O Uno é o acorde perfeito do Ser, de infinitas melodias consonantes que se consubstanciam em uma única nota, na qual a Vida, a Sabedoria e a Bemaventurança se fundem na tônica da Existência.

O sacrifício do Logos acha-se na Sua voluntária limitação de Sua infinita vida a fim de que Ele possa se manifestar. Simbolicamente, no oceano infinito da luz, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma, surge uma esfera imensa, plena de luz viva, um Logos, e a superfície da esfera é a Sua vontade de limitar-se para que Ele possa tornar-se manifesto, é o seu véu, no qual se envolve para que no seu interior um universo possa tomar forma (2). Aquilo para o qual o sacrifício é feito não existe ainda, o seu futuro ser repousa no “pensamento” do Logos. É a Ele que deve sua concepção, é também a Ele que mais tarde vai dever sua vida múltipla e infinita. A diversidade não poderia surgir no “indivisível Brahman”, a não ser por este sacrifício voluntário da Divindade que impõe a si mesma uma forma, a fim de emanar miríades de formas, cada uma dotada de uma centelha de Sua Vida, e portanto, com o poder de evoluir até fundir-se em Sua imagem.

Foi dito: “O sacrifício primordial de onde procede o nascimento dos seres é chamado ação (carma) (1), e esta passagem, da bemaventurança do perfeito repouso do Todo Único para a atividade, foi sempre reconhecida como o sacrifício do Logos (2). Este sacrifício persiste durante toda a duração do universo, porque a vida do Logos é o único sustentáculo de cada “vida” separada, e Sua vida fica limitada em cada uma das miríades de formas, às

quais dá nascimento, suportando todas as restrições e limitações implícitas em cada forma. De qualquer uma destas formas Ele poderia irromper em qualquer momento, como Senhor Supremo, enchendo com Sua glória o universo, mas somente por uma sublime paciência e uma expansão lenta e gradual, pode cada forma ser levada a ascender até se tornar, como Ele, um centro independente de ilimitado poder. Eis por que Ele se encerra nas formas, suportando todas as imperfeições, até que a perfeição seja atingida e a Sua criatura se torne semelhante a Ele e una com Ele, mas conservando consigo o seu fio de memória. Assim, esta efusão de Sua vida nas formas faz parte do sacrifício original, e traz em si a bemaventurança do Eterno Pai emitindo os Seus filhos sob a forma de vidas separadas, de modo que cada uma destas possa desenvolver uma identidade imperecível e contribuir com a sua nota individual, em harmonia com todas as outras, para reforçar o hino eterno de bemaventurança, inteligência e vida. Isto caracteriza a natureza essencial do sacrifício, não importa que outros elementos venham se incorporar na idéia central. É a efusão espontânea de vida para que outros possam dela participar, trazer outros para ela e sustentando-os nela até que possam se tornar independentes por si mesmos, e esta é uma das expressões da divina alegria. Há sempre alegria no exercício da atividade que é a expressão do poder daquele que age: o pássaro faz vibrar com alegria seu canto e sente os transportes de sua alegria, o pintor se regozija na criação de seu gênio, ao corporificar a sua idéia. A atividade essencial da vida divina deve se mostrar no ato de dar, porque acima dela nada existe que se possa receber. Para que seja de qualquer maneira ativa, e toda vida manifestada é movimento ativo, deve difundir-se por si mesma. Daí que a característica do espírito é a de dar, porque o espírito é a vida divina em todas as formas.

Por outro lado, a atividade essencial da matéria consiste em receber. É recebendo os impulsos vitais que ela se organiza em formas. É pela continuidade destes impulsos que as formas são mantidas. Quando estes cessam, elas se fragmentam. Todas as atividades da matéria têm este caráter receptivo, e somente recebendo é que ela pode manter-se com forma. Eis porque ela sempre se prende, se agarra e de tudo procura apoderar-se. A persistência da forma depende do seu poder de conservar e de prender, procurando atrair para si tudo que for possível, cedendo contrariada cada fragmento do qual compartilha. A sua alegria está em tomar e manter, e para ela, dar é buscar a morte.

É muito fácil, sob este aspecto, compreender como se formou a noção de que o sacrifício implica sofrimento. Enquanto a vida divina estabelece seu prazer em exercer a sua atividade de dar, e quando incorporada em uma forma pouco se inquieta se a forma pereceu ao ser dada, por saber que ela é apenas a sua expressão passageira e o meio de seu crescimento em separado, a forma, ao

contrário, sentindo que suas forças vitais lhe escapam, clama de angústia e procura exercer a sua atividade, retendo a vida, resistindo assim à corrente de efusão. O sacrifício diminuiu as energias vitais que a forma reclamava como suas, ou as esgotou de tal maneira que a forma vem a perecer. No mundo inferior da forma é este o único aspecto que se compreende do sacrifício, e a forma, ao ver-se conduzida ao sacrifício, grita de medo e de agonia. Não é surpreendente, pois, que os homens, cegos pela forma, tenham identificado o sacrifício com a forma agonizante, em vez da vida livre que se entrega, exclamando com alegria: “Eis-me aqui, ó Senhor! Eu vim para cumprir a Tua vontade, e com satisfação a cumpro”.

Ainda mais, é natural que os homens, conscientes de uma natureza superior e de outra inferior, com freqüência identificando sua autoconsciência mais com a inferior do que com a superior, tenham sentido a luta da natureza inferior, a forma, com as suas lutas pessoais, e tenham sentido que eles aceitam o sofrimento em resignação a uma vontade superior, e considerando o sacrifício como esta submissa e devota aceitação da dor. Unicamente quando o homem se identifica com a vida e não com a forma, poderá eliminar do sacrifício o elemento de dor. Em um ser perfeitamente harmonizado a dor não pode estar presente, porque a forma é, então, o veículo perfeito da vida, recebendo ou entregando espontaneamente. A dor cessa quando cessa a luta. Porque o sofrimento procede das asperezas da vida, das contrariedades, dos movimentos antagônicos, e onde a Natureza inteira trabalha em perfeita harmonia, não existem as condições que dão origem à dor.

Assim, sendo a lei do sacrifício a lei de evolução da vida no universo, percebemos que cada degrau da escada é cumprido pelo sacrifício; a vida se irradia para renascer em uma forma mais alta e mais perfeita, ao passo que a forma que a continha, perece. Aqueles, cujo olhar se detém apenas nas formas perecíveis, vêem a Natureza como um imenso matadouro, mas os vêem a alma imortal libertar-se para animar novas formas, mais puras e mais elevadas, ouvem constantemente a alegre canção do nascimento em meio à vida ascendente.

No reino mineral a Mônada evolui pela ruptura de suas formas, para produção e manutenção das plantas. Os minerais são desagregados a fim de que, com seus materiais, as formas vegetais possam ser construídas. A planta retira do solo seus elementos nutritivos, ela os dissocia e os assimila em sua substância. As formas minerais perecem a fim de que as formas vegetais possam crescer, e esta lei do sacrifício, que está impressa no reino mineral, é a lei da evolução da vida e da forma. A vida avança, e a Mônada evolui para produzir o reino vegetal, sendo o perecimento da forma inferior a condição indispensável para o surgimento e manutenção da forma superior.

Este processo repete-se no reino vegetal, cujas formas são, por sua vez, sacrificadas a fim de que as formas animais possam ser produzidas e crescer. De todos os lados, ervas, grãos, árvores, perecem para manutenção dos corpos animais; os seus tecidos são desagregados para que os materiais que os compõem possam ser assimilados pelo animal para a formação de seu corpo. Ainda mais uma vez se mostra no mundo a lei do sacrifício, desta vez no reino vegetal. A sua vida evolui enquanto as formas perecem. A Mônada se expande para produzir o reino animal, enquanto que as formas vegetais são sacrificadas para que as formas animais possam ser geradas e mantidas.

Até aqui a idéia do sofrimento não está verdadeiramente associada à do sacrifício porque, como já vimos no decurso de nossos estudos, os corpos astrais das plantas não estão suficientemente organizados para darem nascimento a sensações agudas de prazer e de dor (1). Mas ao considerarmos a lei do sacrifício em sua ação no reino animal, não podemos deixar de reconhecer que a dor se associa à ruptura das formas. Pode-se dizer que a soma de dor ocasionada quando, no “estado de natureza”, um animal faz de outro sua presa, é comparativamente insignificante em cada caso particular, mas ainda alguma dor ocorre. É também verdadeiro que o homem, na sua atuação ao ajudar a evolução dos animais, tem consideravelmente aumentado esta dor, e fortificado os instintos de rapina dos animais carnívoros, em lugar de diminuí-los. Contudo, não foi ele quem implantou no animal estes instintos, embora os tenha empregado para servir aos seus desígnios; inumeráveis variedades de animais, na evolução dos quais o homem não exerceu influência direta, se entredevoram mutuamente, sacrificando as suas formas para entreter a vida de outras formas, tal como se passa nos reinos mineral e vegetal. A luta pela existência já ocorria antes que o homem aparecesse no cenário do mundo, e acelerou a evolução da vida, como também a das formas, enquanto que a dor, acompanhando a destruição das formas, começava sua interminável tarefa de imprimir na Mônada evolvente a natureza transitória de todas as formas e a diferença entre as que pereciam e a vida que persistia.

A natureza inferior do homem desenvolveu-se sob esta mesma lei do sacrifício que impera nos reinos inferiores. Mas com a efusão de Vida divina que formou a Mônada humana, produziu-se uma mudança no modo em que a lei do sacrifício operava como a lei da vida. No homem haveria de ser desenvolvida a vontade, a sua locomoção e a energia da iniciativa. A compulsão, que impelia pela força os reinos inferiores no caminho da evolução, não poderia ser empregada em seu caso, sem paralisar o crescimento deste poder novo e essencial. Não se perguntou ao mineral, à planta, nem ao animal, se aceitavam a lei do sacrifício como a lei da vida, voluntariamente escolhida. Esta lhes foi imposta do exterior, forçando-os ao crescimento por uma necessidade da qual

não podiam escapar. O homem haveria de ter liberdade de escolha, indispensável ao desenvolvimento de uma inteligência auto-consciente e com discernimento. Surgiu, então, a questão: Como se poderá deixar a liberdade de escolha a esta criatura e, no entanto, aprender a escolher o caminho da lei do sacrifício, quanto também ela é um organismo sensitivo, temendo a dor, e a dor sendo inevitável na ruptura da forma sensível?

A experiência de muitas eternidades, analisada por uma criatura de inteligência continuamente crescente, sem dúvida conduziria o homem finalmente a descoberta de que a lei do sacrifício é a lei fundamental da vida. Mas nisto, como em muitas outras coisas, ele não seria abandonado, sem auxílio em seus esforços. Instrutores Divinos estiveram ao lado do homem, na sua infância, e eles proclamaram com autoridade a lei do sacrifício, e ela foi incorporada, sob uma forma rudimentar, nas religiões pelas quais Eles treinavam a inteligência nascente do homem. Seria inútil exigir subitamente destas almas infantis um abandono sem compensação dos objetos que lhes pareciam os mais desejáveis, objetos cuja posse garantiria a sua existência formal. Foi necessário fazer-lhes seguir um caminho destinado a educá-los gradualmente, até as alturas sublimes do sacrifício voluntário. Com este fim, primeiramente se lhes ensinou que não eram unidades isoladas, mas que eram parte de um conjunto mais vasto, e que as suas vidas estavam ligadas a outras vidas, tanto superiores como inferiores. A vida física deles era mantida por vidas inferiores, pela terra, pelas plantas, que usufruíam, e ao fazê-lo, contraíam para com a Natureza uma dívida que eles deveriam saldar. Vivendo da vida sacrificada de outros seres, deviam sacrificar, em troca, alguma coisa que pudesse manter outras vidas, pois sendo alimentados, deveriam também alimentar. Ao tomar os frutos produzidos pela atividade das entidades astrais que presidem a natureza física, eles devem restabelecer as forças gastas mediante oferendas convenientes. Então surgiram os sacrifícios a tais forças, como a ciência as chama, essas inteligências que guiam a ordem física, como as religiões sempre ensinaram. À medida que o fogo desintegrava rapidamente o físico denso, rapidamente restituía as partículas etéricas das oferendas queimadas aos éteres, e assim as partículas astrais eram facilmente liberadas para que fossem assimiladas pelas entidades astrais relacionadas com a fertilidade da terra e com o crescimento das plantas. Assim, o movimento cíclico da produção era conservado, e o homem aprendia que estava contraindo, continuamente, para com a Natureza, dívidas que devia saldar constantemente. Assim, o sentimento de gratidão era implantado e alimentado em sua mente, e em seu pensamento ficava impressa a obrigação de que devia para com o todo, para com a Mãe Natureza nutridora. É verdade que este sentimento de obrigação aliava-se estreitamente à idéia de que a execução do sacrifício era necessário ao seu bem-estar, e que o desejo de continuar a prosperar o impelia a pagar sua dívida. Ele era apenas uma alma infantil aprendendo as sua

primeiras lições, e esta lição da interdependência das vidas, a vida de cada um dependendo do sacrifício de outros, era de importância capital para o seu desenvolvimento. Ainda não podia experimentar a divina alegria de dar; a relutância da forma em abandonar o que, de qualquer maneira, o nutria, devia antes de tudo ser dominada, e o sacrifício identificou-se com esta entrega de algo valioso, uma entrega provocada pelo sentimento de obrigação e pelo desejo de continuar próspero.

A lição seguinte deslocou a recompensa do sacrifício para uma região situada além do mundo físico. Primeiramente, o sacrifício de bens materiais asseguraria o bem-estar material. Em seguida, o sacrifício de bens materiais traria felicidade no céu, no outro lado da morte. A recompensa do sacrificador era de uma natureza mais elevada, e ele aprendia que o que era relativamente permanente podia ser assegurado pelo sacrifício daquilo que era relativamente transitório, uma lição que era importante porque conduz ao discernimento. O apego da forma aos objetos físicos era trocado por um apego às alegrias celestes. Em todas as religiões exotéricas, vemos este processo educativo empregado pelos sábios, sábios o bastante para quererem impor a almas infantis a virtude de um heroísmo sem recompensa, e contentes, com uma sublime paciência, em persuadir lentamente seus tutelados inconstantes ao longo de uma senda espinhosa e difícil para a natureza inferior. Gradualmente os homens eram levados a subjugar o corpo, a vencer a sua inércia pela execução metódica e diária dos rituais religiosos, de um caráter muitas vezes excessivamente difícil de suportar, e a regular suas atividades, dirigindo-as para canais úteis. Eles eram treinados para vencer a forma e a mantê-la submissa à Vida e acostumar o corpo a entregar-se a obras de bondade e de caridade, em obediência às exigências da mente, mesmo quando esta mente era principalmente estimulada pelo desejo de desfrutar uma recompensa nos céus. Podemos ver entre os hindus, persas, chineses, como os indivíduos eram ensinados a reconhecer as suas múltiplas obrigações, e fazer o corpo prestar devidos sacrifícios de obediência e de reverência para com os antepassados, os pais, e para com os velhos; exercer a caridade para com todos. Pouco a pouco, eles eram levados a desenvolver, no mais alto grau, tanto o heroísmo como a abnegação, como testemunham os mártires que entregavam com alegria os seus corpos às torturas e à morte, em vez de negarem suas crenças ou serem falsos em seu credo. Esperavam, é verdade, uma “coroa de glória” nos céus como recompensa pelo sacrifício da forma física, mas já era uma superação ter vencido o apego àquela forma física e considerado o mundo invisível tão real a ponto dele prevalecer sobre o visível.

A etapa seguinte foi alcançada quando o senso de dever estava firmemente estabelecido, quando o sacrifício do inferior ao superior era considerado como sendo correto, independentemente de qualquer preocupação

de recompensa a ser recebida em um outro mundo, quando a obrigação da parte para com o todo era reconhecida, e quando a entrega ao serviço pela forma, que ocorria para o serviço aos outros, era sentida tão somente como sendo devida, sem qualquer reclamo de recompensas por isso. O homem começou, então, a perceber a lei do sacrifício como lei da vida, e a associar-se voluntariamente a ela, passando a aprender a separar-se, em pensamento, da forma em que habitava e identificar-se com a vida que evolui. Isto o levou gradualmente a sentir uma certa indiferença para com todas as atividades da forma, salvo para aquelas que constituem “deveres a cumprir”, e a considerá-las todas como simples instrumentos para utilização das atividades vitais devidas ao mundo, e não como atividades realizadas por ele com qualquer desejo pelos seus resultados. Assim ele alcançou o ponto já referido em que o carma que o atrai para os três mundos cessou de ser gerado, e ele faz girar a roda da existência porque ela deve ser girada e não porque o seu movimento lhe traz qualquer objeto desejável.

O pleno reconhecimento da lei do sacrifício, entretanto, eleva o homem além do plano mental, onde o dever é considerado como dever, isto é, como o que deve ser feito porque isto é o que se deve fazer. Ele é transportado para aquele plano mais elevado, o Búdico, onde todos os seres são sentidos como um só, e onde todas as atividades se difundem para o uso de todos e não para o proveito de um “eu” separado. Somente nesse plano é a lei do sacrifício sentida como um alegre privilégio, em vez de ser reconhecida apenas pelo intelecto como verdadeira e justa. No plano búdico o homem vê claramente que a vida é uma, que se verte perpetuamente como a livre efusão do amor do Logos, e que toda a vida, ao se manter separada, é pobre e mesquinha, para não dizer infecunda. Naquele plano, o coração lança-se inteiramente para o Logos, em poderoso transporte de amor e de adoração, entregando-se em alegre renúncia, a fim de ser um canal de Sua vida e amor para o mundo. Ser um portador de Sua luz, um mensageiro de Sua compaixão, um trabalhador no Seu reino, é o que se mostra como a única vida digna de ser vivida. Apressar a evolução humana, servir à Boa Lei, aliviar uma parte do fardo pesado do mundo, parece ser a exclusiva alegria do próprio Senhor.

Somente deste plano o homem pode agir como um dos Salvadores do mundo porque nesse plano ele é uno com todos os seres. Identificado com a humanidade onde ela é uma, sua força, seu amor, sua vida podem fluir sobre qualquer ser separado ou sobre todos eles. Tornou-se assim uma força espiritual e a energia espiritual disponível no sistema do mundo é ampliada porque nela ele verte a sua vida. As forças que ele costumava gastar no mundo físico, astral e mental, na busca de coisas para o seu eu separado, são agora congregadas para um ato único de sacrifício, e transformadas, deste modo, em energia espiritual, difundem-se pelo mundo inteiro como vida espiritual. Esta

transmutação é efetuada pelo mesmo motivo que determina o plano no qual a energia é posta em liberdade. Se a motivação do homem é conseguir objetos físicos, a energia liberada opera somente sobre o plano físico. Se deseja objetos astrais, a energia entra em ação no plano astral. Se procura alegrias mentais, a sua energia funciona no plano mental. Porém, se ele se sacrifica para ser um canal de vida do Logos, libera energia no plano espiritual, e ela opera em todos os lugares com o poder e a sutileza de uma força espiritual.

Para um homem assim, a ação e a inação são iguais, porque ele faz tudo quando nada faz, e não faz coisa alguma quando faz todas as coisas. Para ele, o superior e o inferior, o grande e o pequeno são iguais, ele atende qualquer lugar que necessita atendimento, semelhante ao Logos em cada lugar e em cada ação. Pode influir em todas as formas, pode agir em todas as direções e não mais faz escolhas ou estabelece diferenças. Sua vida, pelo sacrifício, fez-se uma com a vida do Logos; vê Deus em tudo e tudo em Deus. Como pode, então, o lugar ou a forma representar para ele qualquer diferença? Ele não mais se identifica com a forma, mas é a Vida auto-consciente. “Nada possuindo, ele possui todas as coisas”; nada pedindo, tudo flui para ele. Sua vida é bemaventurança, porque ele é uno com o seu Senhor que é bemaventurança, e utilizando a forma para o serviço sem apegar-se a ela, “ele põe fim à dor.”

Aqueles que começam a compreender as possibilidades maravilhosas que se abrem diante de nós, quando voluntariamente nos associamos com a lei do sacrifício, desejarão começar esta associação voluntária muito antes de poderem elevar-se às alturas que aqui estão vagamente esboçadas. Como outras profundas verdades espirituais, ela é eminentemente prática em sua aplicação à vida diária, e quem compreende a sua beleza, pode começar a trabalhar com ela sem hesitação. Uma vez tomada a resolução de começar a prática do sacrifício, o homem se exercitará em começar cada dia com um ato de sacrifício, oferecendo-se ele próprio, antes de começar o trabalho diário, Àquele a quem sua vida é consagrada. Seu primeiro pensamento será, ao levantar-se, esta dedicação de todas as suas forças ao seu Senhor. Depois, cada pensamento, cada palavra, cada ação na vida diária será feita como sacrifício, não pelo seu fruto, nem mesmo como um dever, mas como sendo o modo, naquele momento, pelo qual o seu Senhor pode ser servido. Tudo o que acontecer será aceito como a expressão de Sua Vontade, alegrias, sofrimentos, preocupações, vitórias, derrotas, tudo será bem-vindo, como a indicar à alma o seu caminho de serviço. Recebe com alegria todas as coisas que lhe acontecem e as oferece como sacrifício; e tudo que perde, perde com alegria, pois a sua perda mostra que o seu Senhor não mais necessita aquilo. Todas as energias de que dispõe, ele as usa com alegria ao serviço, e quando elas lhe faltam, aceita a sua privação com uma feliz equanimidade. Mesmo o sofrimento que surge de causas passadas, ainda não dissipadas, pode ser transformado

em um sacrifício voluntário ao aceitá-lo com boa vontade; aceitando-o assim, pode oferecê-lo como uma dádiva, transformando-o por este motivo em uma força espiritual. Cada vida humana oferece inumeráveis oportunidades para esta prática da lei do sacrifício e cada uma delas torna-se um poder, à medida que estas ocasiões são aproveitadas e utilizadas. Sem nenhuma expansão de sua consciência de vigília, o homem pode tornar-se assim um trabalhador nos planos espirituais, porque, ao liberar energia nesses planos, elas se difundem nos mundos inferiores.

Sua auto-entrega na consciência inferior, aprisionada como está no corpo, desperta como resposta vibrações de vida no aspecto búdico da Mônada, que é seu verdadeiro Ser, e apressa o momento em que esta Mônada se tornará o Ego Espiritual agindo por sua própria iniciativa e senhor de todos os seus veículos, empregando, à vontade, qualquer um deles, conforme a obra a executar o exija.

Nenhum outro método assegura um progresso tão rápido e uma tão pronta manifestação de todos os poderes latentes na Mônada, do que a compreensão e a prática da lei do sacrifício. Eis por que ela foi chamada por um Mestre: “A lei da evolução para o homem”. Ela comporta, na verdade, aspectos ainda mais profundos e mais místicos do que os aqui apresentados, mas esses aspectos se revelarão silenciosamente para o coração paciente e amoroso, cuja vida é toda uma oferta sacrificial. Há coisas que apenas são percebidas na calma interior, e há ensinamentos que somente a “Voz do Silêncio” pode proferir. Entre estes ensinamentos se encontram as verdades profundas, radicadas na lei do sacrifício.

CAPÍTULO XI

A ASCENÇÃO HUMANA

Tão formidável é a ascensão que alguns já conseguiram efetuar, e que outros estão efetuando, que, quando procuramos sondá-la por um esforço de imaginação, tendemos a retroceder, esgotados em pensamento apenas ao visualizar esta longa viagem. Da alma embrionária do homem primitivo até a alma espiritual e perfeita do homem divino, liberada e triunfante, é difícil acreditar que uma contém em si tudo o que está manifestado na outra e que a diferença seja apenas na evolução, estando um apenas no princípio e o outro no final da ascensão humana. Abaixo de um se estendem longas filas sub-humanas, os animais, vegetais, minerais, a essência elemental; e acima do outro estendem-se as gradações infinitas de super-humanos, os Chohans, Manus, Budas, Construtores, Lipikas, quem pode indicar ou quantificar

as hostes dos poderosos Seres? Vistos assim, como um estágio em uma vida ainda mais vasta, os muitos degraus dentro do reino humano reduzem-se a um âmbito mais estreito, e a ascensão humana será apenas um grau evolutivo nas vidas encadeadas que se estendem, desde a essência elemental até o Deus manifestado.

Já acompanhamos a ascensão do homem, do nascimento da alma embrionária até o estado de espiritualidade avançada, ao longo dos estágios de desenvolvimento da consciência, desde a vida de sensação até a vida de pensamento. Vimos o homem percorrendo repetidamente o ciclo de nascimentos e mortes nos três mundos, colhendo em cada um a sua colheita, e oferecendo-lhe oportunidades de progresso. Podemos agora acompanhá-lo através dos estágios finais da evolução humana, estágios que estão no futuro para a maior parte de nossa humanidade, mas já transpostos pelos mais velhos dos seus filhos, e que estão sendo agora percorridos por um número restrito de homens e mulheres.

Esses estágios foram subdivididos em duas categorias, a primeira constituindo o chamado caminho ou senda de provação, enquanto que os últimos compõem o caminho propriamente dito, ou o caminho ou senda do dissipulado. Nós os estudaremos em sua ordem natural.

À medida que a natureza intelectual, moral e espiritual do homem se desenvolve, ele se torna cada vez mais consciente da finalidade da vida, e cada vez mais ansioso de realizar em si mesmo essa finalidade. A persistente sede de prazeres terrenos, seguida pela plena posse e pela conseqüente lassidão ensinaram-lhe a natureza efêmera e insatisfatória das melhores dádivas da terra. Tantas vezes ele lutou por isso, ganhou, desfrutou, se satisfez e finalmente se enjuou, que ele se afasta, descontente e insatisfeito com tudo que a terra possa oferecer-lhe. “Para que serve tudo isto”, suspira a alma cansada. “Tudo é vaidade e aborrecimento. Centenas, na verdade, milhares de vezes possuí e mesmo na posse achei o desapontamento. Estas alegrias são ilusões, semelhantes a bolhas de ar vagando ao sabor da corrente, bolhas de cores feéricas com tonalidades de arco-íris, mas que se rompem ao menor contato. Tenho sede da realidade, estou farto de sombras, eu anseio pelo eterno e verdadeiro, por libertar-me das limitações que me enclausuram, que me conservam prisioneiro em meio a estas exterioridade mutáveis”.

Este primeiro grito da alma pela liberação é o resultado da constatação de que, fosse esta terra tudo o que os poetas sonharam dela, que todo mal fosse eliminado, a cada tristeza posto um fim, cada alegria intensificada, cada beleza ampliada, tudo levado ao seu ponto de perfeição, ainda assim ele se sentiria fatigado dela, dela se afastaria, vazio de desejo. Ela se tornou para ele uma prisão e, por mais embelezada que possa ser, ele anseia pelo espaço livre

e ilimitado, além de suas muralhas confinantes. O próprio céu não o atrai mais do que a terra, e mesmo daquele também está cansado; suas alegrias perderam todo o seu atrativo e mesmo seus encantos intelectuais e emocionais não mais o satisfazem. Eles também surgem e vão, impermanentes como os contatos dos sentidos; eles são limitados e passageiros, insatisfatórios. Ele está cansado de tudo que muda; em meio à saturação, clama pela liberdade.

Algumas vezes esta percepção da vacuidade das coisas terrestres e celestes é, de início, apenas um relâmpago na consciência, e de novo os mundos exteriores reafirmam o seu império, e o encanto envolvente de suas alegrias ilusórias embalam a alma no contentamento. Algumas vidas mesmo podem transcorrer, cheias de nobres trabalhos e realizações inegoístas, de pensamentos puros e ações sublimes, antes que esta percepção da vacuidade de tudo que é fenomênico se torne a atitude permanente da alma. Mas, enfim, cedo ou tarde, a alma decide-se a romper com o céu e a terra de uma vez por todas, sentindo-os insuficientes para satisfazerem suas necessidades, e este afastamento definitivo em relação ao transitório, esta vontade definida de atingir o eterno, é o portal para o caminho probatório. A alma afasta-se da estrada larga e fácil da evolução normal, para enfrentar a encosta penosa que conduz ao topo da montanha, resolvida a escapar da servidão das vidas terrestres ou celestes, para atingir a livre atmosfera do eterno.

A tarefa a que se impõe o homem neste caminho da provação é inteiramente mental e moral. Deve preparar-se gradualmente para “encontrar o seu Mestre face a face”, mas a própria expressão “seu Mestre” necessita ser explicada. Existem alguns grandes seres pertencentes à nossa raça, que completaram a sua evolução humana, aos quais já fizemos alusão como constituindo uma Fraternidade que guia e estimula a evolução humana. Estes grandes Seres, os Mestres, continuam a encarnar-se voluntariamente em corpos humanos, a fim de constituir o elo entre a nossa humanidade e os seres super-humanos. Eles permitem àqueles que cumpriram certas condições, de tornarem-se seus discípulos, com o objetivo de apressar a evolução deles e assim qualificá-los para entrarem na grande Fraternidade e participar do Seu glorioso e benéfico trabalho em prol da humanidade.

Os Mestres sempre observam a humanidade e observam todos aqueles que, pela prática das virtudes, por um trabalho desinteressado ou esforço intelectual consagrado ao serviço dos seres humanos, pela devoção sincera, piedade e pureza, destacam-se do conjunto de seus semelhantes e se tornam capazes de receber uma assistência espiritual mais do que a recebida pela humanidade em geral. Antes de receber um auxílio especial, o indivíduo deve mostrar uma receptividade especial, porque os Mestres são os distribuidores das energias espirituais, que auxiliam a evolução global da humanidade, e a

utilização destas energias para o crescimento rápido de uma determinada alma só é permitida quando essa alma é realmente capaz de um progresso rápido e pode, então, se tornar em breve, um dos servidores da raça e devolvendo aos seus semelhantes o auxílio que lhe foi prestado. Quando um homem, por seus próprios esforços, utilizando amplamente o auxílio que lhe veio por intermédio da religião e da filosofia, esforçou-se por se colocar à frente da vaga humana que evolui, e dá provas de uma natureza amorável, desinteressada, compassiva, torna-se objeto de uma atenção toda particular da parte dos Guardiães da raça, sempre vigilantes, e em seu caminho são colocadas oportunidades com o fim de experimentar sua força e despertar a sua intuição. E quanto mais aproveitar estas ocasiões, mais será ajudado, e lampejos da verdadeira vida são lhe proporcionados até que a natureza insatisfatória e irreal da existência mundana pressiona crescentemente a alma, com o resultado já mencionado, a saturação que o faz ansiar pela liberdade e o leva até o portal da senda probatória.

Sua entrada nesta Senda torna-o um discípulo, ou chela, em provação, e um dos Mestres o toma sob sua guarda, vendo-o como um homem que abandonou o caminho normal da evolução, para procurar o Instrutor que guiará seus passos ao longo do caminho estreito e árduo que leva à liberação. Este Instrutor o espera no limiar da Senda, e mesmo que o neófito não conheça o seu Instrutor, Ele o conhece, observa seus esforços, guia seus passos, coloca-o em condições favoráveis de progresso, e sobre ele vela com a terna solicitude de uma mãe e com a sabedoria nascida da intuição perfeita. A estrada pode parecer deserta e sombria e o jovem discípulo pode imaginar-se desamparado, mas “um amigo mais íntimo que um irmão” está sempre próximo, e o auxílio que os sentidos não percebem é dado à alma.

Há quatro qualidades nitidamente determinadas que o discípulo em prova deve esforçar-se em atingir, e que a Grande Fraternidade, em sua sabedoria, estabeleceu como condições de um pleno discipulado. Não é ainda necessário que estas qualidades sejam desenvolvidas em toda a sua perfeição, mas o discípulo deve trabalhar por alcançá-las, possuindo-as em parte, antes que a Iniciação lhe seja outorgada. A primeira destas é o discernimento entre o real e o irreal, que já despontou na mente do discípulo e que o levou à Senda onde se encontra agora. Essa percepção torna-se clara e nitidamente definida em sua mente, e consegue gradualmente libertá-lo dos entraves que o prendem, porque a segunda qualidade, a indiferença às coisas externas é consequência natural do discernimento, da clara percepção da insignificância daquelas coisas. O neófito compreende que a saturação que lhe tirou todo o sabor da existência era devida às decepções constantes, provenientes de sua busca de satisfação no irreal, quando que somente o real pode contentar a alma. Compreende então que todas as formas são ilusórias e sem estabilidade,

que se transformam incessantemente sob os estímulos da Vida, e que nada é real, senão a Vida Una, que buscamos e amamos inconscientemente sob os seus múltiplos véus. O desenvolvimento do discernimento, fortemente estimulado pela seqüência de circunstâncias bruscamente mutáveis no meio das quais um discípulo é geralmente lançado, tem a finalidade de fazê-lo sentir, mais vivamente, a instabilidade das coisas exteriores. As vidas de um discípulo são geralmente vidas agitadas e tempestuosas, para que as qualidades que no homem comum se desenvolvem através de uma longa sucessão de vidas nos três mundos, apareçam cedo no discípulo e sejam conduzidas à perfeição por um crescimento rápido. À força de passar bruscamente da alegria à tristeza, da calma à tormenta, do repouso ao trabalho, o discípulo aprende a ver nestas vicissitudes as formas irrealis, e sentir por meio delas o fluxo constante de uma Vida inalterável. Torna-se indiferente à presença ou à ausência de coisas instáveis, e seu olhar se fixa cada vez mais firme na imutável e sempre presente realidade.

Enquanto ele cultiva assim a intuição e a firmeza, trabalha também no desenvolvimento da terceira das qualidades, um conjunto de seis atributos mentais que dele se exige antes de ser admitido na Senda propriamente dita. Ele não necessita possuí-los todos com perfeição, mas deve ter todos, pelo menos parcialmente, antes que lhe seja permitido ir mais longe. Em primeiro lugar, deve possuir o domínio sobre os seus pensamentos, produzidos por uma mente agitada e incontrolável, “tão difícil de domar como vento” (1). A prática contínua e diária na meditação e na concentração já começara a trazer esta mente rebelde sob domínio antes que ele entrasse na Senda de provação, e o discípulo trabalha agora com uma energia concentrada para completar a tarefa, pois sabe que o grande acréscimo de poder mental, que acompanhará seu rápido crescimento, constituirá um perigo para seus semelhantes e para si mesmo, a menos que esta força esteja inteiramente sob o seu controle. Confiar os poderes criadores do pensamento em mãos de um egoísta ou ambicioso, seria o mesmo que colocar dinamite, como se fosse um brinquedo, nas mãos de uma criança.

Em segundo lugar, o chela noviço deve juntar ao domínio interior o domínio exterior, deve governar suas palavras e ações, tão firmemente como domina seus pensamentos. Assim como a mente obedece à alma, também a natureza inferior deve obedecer à mente, como esta obedece à alma. A utilidade dos discípulos no mundo exterior depende tanto do exemplo puro e nobre que se reflete em sua vida exterior, quanto a sua utilidade no mundo interior depende da estabilidade e da força dos seus pensamentos. Com freqüência um bom trabalho é prejudicado pelo descuido nesta parte inferior da atividade humana. Assim, o aspirante deve esforçar-se por ter um ideal perfeito, sob todos os pontos de vista, senão poderá tropeçar mais tarde na Senda,

dando motivos para que se levantem contra ele as blasfêmias do inimigo. Como já dissemos, nesta fase ainda não se exige a perfeição em tudo, mas o aspirante prudente se esforça em sua direção, porque sabe que, por mais que se esforce, está ainda muito aquém do seu ideal.

Em terceiro lugar, o candidato ao discipulado pleno procura estabelecer firmemente em si a sublime e abrangente virtude da tolerância, a tranqüila aceitação de cada pessoa, de cada forma de vida, tais como são, sem a pretensão de que fossem diferentes, modelados conforme o seu gosto particular. Ao começar a compreender que a Vida Una reveste-se de incontáveis limitações, cada uma certa em seu lugar e época, ele aceita cada expressão limitada da Vida, sem procurar transformá-la em qualquer outra coisa. Aprende a reverenciar a Sabedoria que concebeu o plano deste universo e que o dirige, e considera com serenidade as partes imperfeitas à medida que as suas vidas parciais transcorrem. O bêbado, ao aprender o alfabeto do sofrimento, causado pela dominação da natureza inferior, está tirando proveito de seu estágio, tanto quanto o santo do seu, ao completar a sua última lição na escola da terra, e seria injustiça exigir, tanto de um como de outro, mais do que podem realizar. Um está no estágio do jardim de infância da vida, aprendendo por meio de lições práticas, enquanto que o outro está se graduando, prestes a deixar a universidade. Ambos agem como convém às suas respectivas idades e situações, e devem receber auxílio e simpatia nas suas respectivas situações. Esta é uma das lições do que se conhece em ocultismo como tolerância.

Em quarto lugar, o aspirante deve desenvolver a perseverança, que tudo suporta sem se ressentir de coisa alguma, caminhando firmemente para diante, sem se desviar do objetivo. Nada pode lhe acontecer senão em virtude da Lei, e ele sabe que a Lei é boa. Compreende que o caminho pedregoso que conduz diretamente ao vértice da montanha não pode ser tão agradável aos seus pés como a estrada sinuosa e bem batida. Ele compreende que deve resgatar em poucas vidas todas as obrigações cármicas, acumuladas em seu passado, e que os pagamentos devem ser correspondentemente pesados. As próprias lutas nas quais se vê envolto desenvolvem nele o quinto atributo, a fé, fé em seu Mestre e em si mesmo, uma confiança serena e forte que nada pode abalar. Aprende a confiar na sabedoria, no amor, no poder do seu Mestre, e para ele a Divindade em seu coração começa a se tornar uma realidade e não mais algo em que ele crê, a qual é capaz de abranger em Si mesma todas as coisas. O último requisito mental, o equilíbrio, se desenvolve até certo ponto sem necessitar de um esforço consciente, enquanto o aspirante trabalha para conseguir os outros cinco anteriores. A própria determinação da vontade para seguir o caminho mostra que a natureza superior começa a desabrochar e que o mundo exterior está definitivamente relegado a um plano inferior. Os contínuos esforços para seguir a vida de discipulado desprendem a alma de

quaisquer laços remanescentes que possam prendê-la à vida sensorial porque a retirada de sua atenção dos objetos inferiores dissolve a atração que estes objetos exercem sobre ela. “Diante da abstinência do morador que reside no corpo eles afastam-se” (1), impotentes, e em breve perdem todo o poder de perturbar este equilíbrio. Ele aprende, assim, a mover-se, serenamente impassível, entre os objetos dos sentidos, não tendo por nenhum deles desejo ou aversão. Ele desenvolve também o equilíbrio entre as preocupações intelectuais de toda espécie, entre as alternâncias de alegrias e sofrimentos, e a compreensão deste equilíbrio se acelera pelas rápidas mudanças de que já falamos, através das quais a sua vida é guiada pelo cuidado sempre vigilante de seu Instrutor.

Estes seis atributos mentais, uma vez adquiridos em certa medida pelo chela em provação, apenas lhe ficará faltando a quarta das qualidades requeridas, o anseio profundo e intenso de libertar-se, este anseio da alma pela união com a divindade que traz consigo a promessa de sua própria realização. É isto que deixa o aspirante pronto a entrar no estado de verdadeiro discípulo, porque, uma vez este anseio definitivamente afirmado, jamais poderá ser destruído, e a alma que o sentiu não poderá nunca mais aplacar sua sede nos mananciais terrestres porque as suas águas lhe parecerão sempre insípidas, e ela se voltará com uma sede cada vez mais intensa pela verdadeira água da vida. Neste ponto ele é o “homem pronto para a iniciação”, prestes a “entrar definitivamente na corrente” que o isola para sempre dos interesses da vida terrestre, a não ser daquilo que possa servir ao seu Mestre, ajudando na evolução da raça. Daí por diante sua vida não é mais a da separatividade; ela deve ser oferecida no altar da humanidade, em um jubiloso sacrifício de tudo que ele é, para ser utilizado em prol do bem comum.

Certamente o estudante apreciará conhecer os nomes técnicos destas qualidades em sânscrito e pali, de modo que possa acompanhá-los em livros mais avançados: (1).

Sânscrito (usado pelos hindus)

Pali (usado pelos budistas)

1. Viveka	:discernimento entre o real e o	1. Manodvara-	:a abertura das portas da
	irreal	varjana	mente, a convicção da
			impermanência do que é
			mundano.
2. Vairagya	:indiferença ao que é irreal, o	2. Pari-kam-ma	preparação para a ação,
	transitório.		indiferença aos frutos da
	Sama: controle do pensamento.		ação.
	Dama : controle da conduta.		
3. Shat-sampatti	:Uparati : tolerância.	3. Upacharo	:atenção ou conduta; as
	Titiksha : capacidade de		designações são as mesmas dos hindus.
	suportar.		
	Sraddha : fé		
	Samadhana : equilíbrio.		
4. Mumuk-shatwa	: Desejo de libertar-se	4. Anuloma	:ordem direta ou sucessão, o seu atingimento depois das outras três.
	O homem é, então, o Adhikarin, o aspirante que está bem preparado para a iniciação.		O homem é, então, o Gotrabhu, aquele que está disposto a entrar no caminho

Durante os anos empregados em atingir as quatro qualidades, o chela probacionário terá avançado em muitos outros aspectos. Terá recebido de seu Mestre muitos ensinamentos, instruções dadas habitualmente durante o sono profundo do corpo. A alma revestida de seu corpo astral bem organizado, gradualmente acostumado a utilizar este corpo como veículo de sua consciência, terá sido atraída freqüentemente para seu Mestre, recebendo dele lições e iluminação espiritual. Além disso, exercitou-se na meditação, e esta prática efetiva, fora do corpo físico, terá apressado e ativado muitos dos poderes superiores. Durante essa meditação, o discípulo terá atingido regiões mais elevadas do ser, aprendendo melhor a conhecer a vida do plano mental. Terá aprendido a empregar, no serviço à humanidade, seus crescentes poderes, e durante grande parte das horas de sono do corpo físico, ele estará trabalhando diligentemente no plano astral, auxiliando as almas lançadas naquele mundo pela morte, tranqüilizando as vítimas de acidentes, ensinando os menos instruídos que ele e ajudando, de muitas maneiras, todos que têm necessidade de auxílio. Assim, a alma, de modo modesto, colabora no beneficente trabalho dos Mestres, associando-se, na medida dos seus esforços, com a obra da sublime Fraternidade de que eles são membros.

Enquanto está no caminho probacionário, ou em época posterior, o chela recebe o oferecimento de executar um daqueles atos de renúncia, que assinalam a ascensão mais rápida do homem. A ele é permitido “renunciar ao Devachan”, isto é, após deixar o corpo físico, renunciar à gloriosa vida celeste que, em seu caso, se passaria na maior parte na região média do mundo sem forma, em companhia dos Mestres e em meio às sublimes alegrias da mais pura sabedoria e amor. Se ele abandona esta recompensa de uma vida nobre e devotada, as forças espirituais que utilizaria no Devachan são liberadas para o serviço geral do mundo, e ele permanece no plano astral, esperando um renascimento quase imediato na terra. Neste caso seu Mestre escolhe e coordena o seu renascimento, guiando-o para nascer em meio às condições adequadas à sua utilidade no mundo, ao seu progresso futuro e ao trabalho que lhe caberá fazer. Atingiu um ponto em que todos os interesses individuais são subordinados à obra divina, e onde a sua vontade se liga imutavelmente ao serviço, sem se preocupar jamais com o lugar em que tenha de servir, nem com o gênero de trabalho que lhe destinem. Assim se abandona alegremente em quem ele confia, aceitando de boa vontade e com alegria o lugar onde melhor possa prestar serviço ao mundo e representar seu papel, na obra gloriosa daqueles que dirigem a evolução humana. Feliz a família em que nasce uma criança em decorrência de uma alma como essa. Um ser que traz consigo a benção do Mestre que sobre ele vela, guiando-o constantemente, dando-lhe toda a assistência possível para que possa atingir prontamente o domínio dos seus veículos inferiores. Muitas vezes acontece, embora raramente, que um chela se reencarna em um corpo que já atravessou o período da infância e da

adolescência, corpo físico de um Ego menos desenvolvido. Quando um Ego vem à terra para um breve período de existência, por exemplo, quinze ou vinte anos de vida, estará deixando o corpo prestes a se tornar adulto, após ter passado pelos trabalhos da primeira formação, e quando está já em via de ser um veículo verdadeiramente útil para a alma. Se um corpo como esse for muito bom, e algum chela esteja aguardando uma reencarnação conveniente, o mesmo será objeto de cuidados durante a sua ocupação pelo Ego a quem era destinado, atendendo à sua possível utilização, quando for abandonado. Quando o período de vida física daquele Ego termina, ele desencarna para passar ao Kamaloka e depois ao Devachan, e o chela que deseja reencarnar-se apodera-se daquele corpo físico, o qual aparentemente morto, revive sob a ação do novo habitante. Tais casos, embora raros, não são desconhecidos dos ocultistas, e podemos encontrar em obras de ocultismo passagens que se referem a esses casos.

Não importa que a sua reencarnação seja ou não normal, o progresso da alma do discípulo continua, e chegará o momento a que já nos referimos, em que ele está “pronto para a Iniciação”, e pela porta da Iniciação ele entra na Senda como um discípulo definitivamente aceito. Esta Senda tem quatro estágios distintos, e a entrada em cada estágio é marcada por uma Iniciação. Cada Iniciação é seguida de uma expansão de consciência, que confere o que é chamado “a chave do conhecimento pertencente ao estágio correspondente, e ela também dá, ao mesmo tempo, uma chave de poder, porque em todos os reinos da Natureza, conhecer é poder. Quando o discípulo entra na Senda, ele torna-se “o homem que não mais possui casa” (1), porque não considera mais a terra como sua habitação (2), não tem mais moradia ali, para ele todos os lugares são bem-vindos onde possa servir ao seu Mestre. Neste estágio da Senda três obstáculos se antepõem ao seu progresso, chamados tecnicamente “grilhões”, dos quais precisa se desvencilhar, e agora que marcha a grandes passos para a perfeição, precisa eliminar radicalmente os defeitos do caráter, realizando completamente a tarefa que lhe cabe em sua condição. Os três grilhões que o discípulo deve fazer desaparecer, antes de ser admitido na segunda Iniciação, são: a ilusão do eu pessoal, a dúvida e a superstição. O eu pessoal deve ser conscientemente sentido como uma ilusão, e deve perder para sempre o poder de se impor à alma como uma realidade. O discípulo deve sentir-se uno com todos, todos os seres devem viver e respirar nele, como ele respira e vive em todos. A dúvida deve ser dissolvida, mas por meio do conhecimento e não apenas pela extirpação. Deve conhecer a reencarnação, o carma, a existência dos Mestres como fatos, não os aceitando como intelectualmente necessários, mas conhecendo-os como fatos da Natureza por ele mesmo verificados, de modo que dúvida alguma sobre estas questões possa jamais surgir de novo em sua mente. Finalmente, a superstição cai por si mesma, à medida que o homem se eleva ao conhecimento das realidades, e

compreende a função adequada dos rituais e cerimônias na economia da Natureza, aprendendo a utilizar quaisquer meios sem ficar ligado a nenhum deles.

Quando o discípulo se liberta destes três grilhões, uma tarefa que, às vezes, exige várias encarnações, e em alguns casos, apenas parte de uma única vida, ele vê a segunda Iniciação abrir-se para ele, com sua nova “chave de conhecimento” e seu horizonte mais vasto. O discípulo sente diminuir rapidamente o período de existência obrigatória que o espera ainda na terra, porque, chegado a este ponto, transporá a terceira e a quarta Iniciações em sua atual encarnação ou na seguinte (1).

Neste estágio o discípulo deve desenvolver e tornar plenamente ativas as faculdades interiores, que pertencem aos corpos sutis, porque ele necessita delas para seu serviço nos níveis superiores do ser. Se ele as desenvolveu anteriormente, este estágio pode ser muito breve, mas ele pode precisar passar, mais uma vez, pelo portal da morte, antes que esteja pronto para receber a sua terceira Iniciação, que o torna o “Cisne”, o ser que eleva-se ao céu da bemaventurança, à maneira do maravilhoso Pássaro da Vida, do qual se contam tantas lendas (2). Neste terceiro estágio da Senda, o discípulo livra-se do quarto e do quinto grilhão, o desejo e a aversão. Em tudo deve ver o Único Ser, e o véu exterior, seja agradável ou repelente, não pode mais cegá-lo. Considera igualmente a todos os seres; o botão precioso da tolerância, já cultivada na Senda probatória, floresce agora em um amor onibarcante que a tudo envolve em um terno amplexo. O discípulo é “o amigo de todas as criaturas”, ele “ama tudo que tem vida” neste mundo em que todas as coisas são vivas. Como uma corporificação viva de amor divino, ele aproxima-se rapidamente da quarta Iniciação, que o admite no último estágio da Senda, onde ele se situa “além da individualidade”,

como o digno, o venerável (3). Neste estágio, o discípulo fica o tempo que desejar, desvencilhando-se dos últimos cinco grilhões que ainda o envolvem, embora de modo fraco, e que impedem a sua libertação. Livra-se de todo o apego à existência com forma, e em seguida, também de todo o apego à existência sem forma, pois ambas o aprisionam, e ele deve estar livre. Ele pode transitar pelos três mundos, mas coisa alguma própria dos mesmos deve ter poder sobre ele. Os esplendores do “mundo sem forma” devem ser tão incapazes de seduzi-lo como as belezas concretas dos mundos da forma. Depois, na mais difícil de todas as conquistas, ele abandona o último grilhão da separatividade, a faculdade geradora do eu, (4) que se mostra e se mantém na separatividade em relação aos outros, porque ele já permanece no plano da Unidade em sua consciência de vigília, no plano búdico onde o Ser de todos é

conhecido e sentido como uno. Essa faculdade nasceu com a alma, é a essência da individualidade, e persiste até que tudo de valioso nela seja assimilado na Mônada, e ela possa ser abandonada no limiar da libertação, deixando para a Mônada o seu inestimável resultado, aquele senso de identidade individual que, por ser tão puro e refinado, não obscurece a percepção da unidade. Então, com facilidade, o discípulo desvencilha-se totalmente de tudo que poderia responder a contatos perturbadores, e ele se acha envolto naquela vestimenta gloriosa de uma paz imutável que nada pode alterar. Então o abandono daquela faculdade geradora do eu remove da visão espiritual as últimas nuvens que pudessem obscurecer a sua penetrante visão, e na percepção da unidade a ignorância (1), a limitação que dá nascimento a toda separatividade desaparece, e assim o homem se torna perfeito, está livre.

Eis chegado o fim do caminho, e o fim do caminho é o limiar do Nirvana. O chela, no estágio final da Senda, já travara conhecimento com este maravilhoso estado de consciência que lhe fora acessível durante o sono do corpo físico. Agora, transposto o limiar, a consciência nirvânica torna-se seu estado normal de consciência porque o Nirvana é a morada do ser liberto (2).

Assim ele completou a ascensão humana, atingindo o limite da humanidade. Acima dele se estendem as hostes de seres poderosos, mas eles são superhumanos. A crucificação na carne terminou, a hora da libertação acaba de soar, e o grito de triunfo, “tudo está consumado!”, sai dos lábios do vencedor. Veja!, ele cruzou o limiar, desaparece na Luz nirvânica, mais um dos filhos da Terra venceu a morte. Nós não sabemos que mistérios esta luz nos oculta; sentimos vagamente que aí se encontra o Ser Supremo, que aquele que ama e o Amado são unos. A longa busca terminou, a sede do coração é satisfeita para sempre, ele entrou na alegria do seu Senhor.

Mas, perdeu a terra seu filho? Fica a humanidade abandonada por seu filho triunfante? Não. Ei-lo que sai do seio da luz e reaparece no limiar do Nirvana, como encarnação viva da Luz suprema, revestido de uma glória indescritível, Filho de Deus manifestado. Mas agora seu rosto volta-se para a terra, os seus olhos irradiam uma compaixão infinita sobre os filhos errantes dos homens, seus irmãos na carne. Não pode deixá-los desassistidos, dispersos como ovelhas sem pastor. Revestido da majestade de uma poderosa renúncia, irradiando a força que dá a sabedoria perfeita e “o poder da vida eterna”, ele retorna à terra para abençoar e guiar a humanidade como detentor da Sabedoria, régio Instrutor e Homem Divino.

Retornando à terra, o Mestre dedica-se ao serviço da humanidade com forças mais pujantes do que as que empregou quando seguia o caminho do discipulado. Não tem outra preocupação senão ajudar os seres humanos, e

todos os poderes sublimes de que dispõe são empregados no apressamento da evolução do mundo. Ele paga aos que se aproximam da Senda a dívida que contraiu nos dias de seu discipulado, proporcionando-lhes a orientação, o auxílio e a instrução, da mesma maneira como sucedeu a ele.

Estes são os estágios da ascensão humana, desde o último dos selvagens até o Homem Divino. Para este objetivo eleva-se a humanidade, esta é a glória que a raça humana atingirá.

CAPÍTULO XII

A CONSTRUÇÃO DE UM COSMO

No atual estágio de nossa evolução, apenas é possível indicar sumariamente alguns pontos da formação deste grandioso plano cósmico, no qual nosso globo representa sua pequena parte. Entendemos por um cosmo um sistema que, sob o nosso ponto de vista, parece formar um todo completo, procedendo de um Logos único e alimentado por Sua vida. Assim é o nosso sistema solar, e o sol físico pode ser considerado como a mais inferior manifestação do Logos agindo no ponto central do Seu cosmo. Na realidade, cada forma é uma das Suas manifestações concretas, mas o sol é a Sua manifestação mais inferior como poder central, fonte de vida sustentadora que a tudo permeia, controla, regula e coordena.

Um comentário oculto diz: “Surya (o sol), em sua imagem visível, representa a primeira e mais inferior manifestação do sétimo e mais elevado estado da Presença universal, o mais puro dentre todos, o primeiro Alento manifestado do eternamente não manifestado Sat (Seidade). Todos os Sóis centrais físicos ou objetivos são, em sua substância, o estado mais inferior do primeiro Princípio do Alento” [\(1\)](#). Em resumo, cada sol é o aspecto inferior do Corpo Físico do Logos correspondente.

Todas as forças e energias físicas são apenas transformações da vida emitida pelo sol, o Senhor e Fonte de toda a vida em Seu sistema. Em decorrência disso, em muitas religiões antigas, o Sol era considerado o símbolo do Deus Supremo, símbolo que, a verdade, era o menos passível de ser mal-interpretado pelo ignorante.

O Sr. Sinnett diz com razão:

“O sistema solar é, na realidade, uma área da Natureza cuja abrangência somente os mais elevados seres que a nossa humanidade possa desenvolver estão em condições de investigar. Teoricamente, podemos estar convencidos, quando contemplamos os céus à noite, de que todo o sistema solar em si é apenas uma gota no oceano do cosmo, mas que essa gota é, por sua vez, um oceano, do ponto de vista da consciência de seres parcialmente desenvolvidos, como nós que ali habitamos e apenas podemos esperar alcançar hoje uma vaga e obscura concepção de sua origem e constituição. Mas, por mais obscura que ela possa ser, esta concepção nos permite atribuir ao sistema planetário no qual ocorre a nossa evolução, a sua posição específica no conjunto de que faz parte, ou conseguir, pelo menos, uma idéia geral da magnitude correspondente de todo o sistema planetário de nossa cadeia planetária, do globo no qual atualmente vivemos, e dos respectivos períodos de evolução dos quais participamos como seres humanos”.

Porque, na verdade, não podemos conceber intelectualmente a nossa própria posição sem ter uma certa idéia, por mais vaga que possa ser, de nossa relação com o conjunto. Enquanto alguns estudantes se satisfazem em trabalhar em sua esfera pessoal do dever, e deixam de lado os horizontes mais amplos da vida até que sejam chamados a atuar neles, outros sentem a necessidade de um esquema mais abrangente no qual eles tenham o seu lugar e experimentem uma satisfação intelectual ao se situarem nesse nível elevado para obter uma visão de conjunto de todo o campo da evolução. Esta necessidade foi reconhecida e satisfeita pelos guardiães espirituais da humanidade no magnífico esboço do cosmo, elaborado sob o ponto de vista oculto, pela Sua discípula e mensageira, H.P. Blavatsky, na “A Doutrina Secreta”, na qual os estudantes da Sabedoria Antiga encontrarão ensinamentos cada vez mais luminosos, à medida que por si mesmos explorem as regiões inferiores do nosso mundo em evolução e delas fiquem senhores.

Aprendemos que o aparecimento do Logos é o anúncio do nascimento do nosso cosmo.

“Quando Ele aparece, tudo aparece após Ele; pela sua manifestação, este Todo se torna manifesto” [\(1\)](#).

Ele traz consigo os resultados de um cosmo anterior, as Inteligências altamente espirituais que serão seus auxiliares e agentes para o universo a ser então construído. Os mais elevados dentre eles são “os Sete”, aos quais se dá geralmente o nome de Logoi, porque cada um em Seu lugar é o centro de uma região distinta do cosmo, assim como o Logos é o centro de todo o conjunto. O

comentário oculto já anteriormente citado diz: “Os sete Seres no Sol são os Sete Seres Sagrados, espontaneamente emanados do poder inerente à matriz da substância-Mater...A energia da qual eles surgem para a existência consciente em cada Sol, é o que muitos chamam Vishnu, que é o Alento do Absoluto. Nós a chamamos a Vida Una manifestada, que é em si um reflexo do Absoluto”. (2).

Esta “Vida una manifestada” é o Logos, o Deus manifestado.

É desta divisão primordial que nosso cosmo toma seu caráter sétuplo, e todas as subdivisões seguintes, em sua ordem decrescente, reproduzem esta escala de sete tonalidades. Subordinadas a cada um destes sete Logoi secundários, agrupam-se as hierarquias descendentes de Inteligências que formam o corpo governante de Seu reino. Aprendemos que entre elas estão os Lipikas, que são os Registradores do carma daquele reino e de todas as suas entidades, os Maharajas ou Devarajas, que dirigem a execução da lei do carma, e também as vastas hostes dos Construtores, que modelam e organizam todas as formas, de acordo com os Modelos existentes no tesouro do Logos, na Mente Universal. Estes modelos ou arquétipos são por Ele transmitidos aos Sete, e cada um destes traça o plano do Seu reino, sob aquela direção suprema e dentro daquela vida oninspiradora, impregnando-o, ao mesmo tempo, com o Seu colorido individual. H.P. Blavatsky chama a estes sete reinos, que formam o sistema solar, os sete centros Laya. Diz ela:

“Os sete centros Laya são os sete pontos Zero, empregando este termo zero no mesmo sentido em que os químicos o empregam, para indicar no Esoterismo um ponto a partir do qual a escala da diferenciação cósmica começa. A partir destes centros, diante dos quais a filosofia esotérica nos permite perceber os vagos contornos metafísicos dos “Sete Filhos” da Vida e da Luz, os sete Logoi da filosofia Hermética e de todas as outras filosofias, começa a diferenciação dos elementos que entram na constituição do nosso sistema solar”. (3).

Este é o cenário de uma evolução planetária de um caráter extraordinário, o campo onde se desenrolam e passam as diversas fases de uma vida, da qual um planeta físico, como Vênus, é apenas uma corporificação passageira. A fim de evitar confusão, podemos chamar de Logos planetário o Ser que governa e faz evoluir cada um destes reinos. Ele, o Logos, retira da matéria do sistema solar produzida pela atividade do Logos central os materiais brutos de que necessita, e os elabora por meio de Suas energias vitais. Assim, cada Logos planetário especializa para Seu reino a matéria retirada de uma fonte comum.

[\(1\)](#).

O estado atômico de cada um dos sete planos de Seu reino, sendo idêntico à matéria de um subplano do sistema solar inteiro, a continuidade fica assim estabelecida através do conjunto. Como observa H.P. Blavatsky, os átomos mudam “seus equivalentes de combinação em cada planeta”, sendo os átomos em si mesmos idênticos, mas formando combinações diferentes. Em seguida ela diz:

“Não somente os átomos do nosso planeta, mas mesmo os de todos os seus irmãos no sistema solar, diferem tanto uns dos outros, em suas combinações, como diferem dos elementos cósmicos que estão além dos nossos limites solares...Aprendemos que cada átomo tem sete planos de ser ou de existência”. Aqui H.P.B. está se referindo aos subplanos, como os estamos denominando, de cada um dos grandes planos.

Nos três planos inferiores do Seu reino evolutivo, o Logos planetário estabelece sete globos ou mundos, que para facilitar, e de acordo com a nomenclatura aceita, nós os chamaremos os globos A, B, C, D, E, F e G.

Eles são as “sete pequenas rodas postas em movimento, dando cada uma nascimento a outra”, como diz a estância VI do Livro de Dzyan. “Ele as criou à semelhança de rodas mais antigas, fixando as suas posições em centros imperecíveis” [\(1\)](#).

Imperecíveis porque cada roda não somente dá nascimento à sua sucessora, mas, como veremos, se reproduz no mesmo centro.

Pode-se representar estes globos estando dispostos em três pares num arco de elipse, o globo do meio ocupando o ponto mediano inferior. Em geral, os globos A e G, o primeiro e o sétimo, estão nos níveis arupa do plano mental; os globos B e F, o segundo e o sexto, estão nos níveis rupa; os globos C e E, o terceiro e o quinto, estão no plano astral; e o globo D, o quarto, no plano físico. H.P. Blavatsky, referindo-se a estes globos, diz que “eles formam uma gradação nos quatro planos inferiores do Mundo da Formação”, [\(2\)](#) isto é, os planos físico e astral, e as duas subdivisões, rupa e arupa, do plano mental. Isto pode ser representado pelo esquema seguinte: [\(3\)](#)

Esta é a disposição típica, porém modificável em certos períodos da evolução. Estes sete globos formam um anel ou cadeia planetária, que se a

considerarmos como um todo único, como uma entidade, uma vida individual planetária, ele passa por sete períodos distintos em sua evolução. Os sete globos formam seu corpo planetário, o qual se desagrega e se recompõe sete vezes enquanto dura a vida planetária. A cadeia planetária tem, portanto, sete encarnações, e os resultados de cada uma delas são transferidos para a seguinte.

“Cada uma destas cadeias de mundos é o resultado de uma outra cadeia inferior e já morta, ou seja, a sua reencarnação” (4).

Estas sete encarnações (1) constituem “a evolução planetária”, o campo de ação de um Logos planetário. Como há sete Logoi planetários, pode-se ver que sete destas evoluções planetárias, distintas entre si, constituem o sistema solar (2). Este surgimento dos sete Logoi, proveniente do Uno e das sete cadeias sucessivas, cada uma com sete globos, é assim descrito em um comentário oculto;

“De uma Luz, sete luzes; de cada uma das sete, sete vezes sete” (3).

Com relação às encarnações da cadeia, ou seja os manvântaras, aprendemos que estes se subdividem também em sete períodos. Uma onda de vida, provenientes do Logos planetário, percorre toda a cadeia e sete destas grandes ondas de vida sucessivas, cada uma delas denominada ronda, constituem um manvântara. Assim, durante um manvântara, cada globo tem sete períodos de atividade, em cada um dos quais se torna, por sua vez, o campo de evolução da vida.

Se considerarmos agora um só globo, veremos que durante o período de sua atividade, sete raças-raízes de uma humanidade evoluem nele, juntamente com seis outros reinos não humanos, em mútua dependência uns dos outros. Como estes sete reinos contêm formas em todos os estágios de evolução, e diante de todos elas se estende a perspectiva de um desenvolvimento superior, as formas em evolução de um globo passam para outro, prosseguindo em seu crescimento quando o período de atividade do globo anterior cessa, e assim por todos os globos até o fim daquela ronda. Depois prosseguem em seu curso ronda após ronda, até o término de sete rondas, ou um manvântara. Mais uma vez continuam a subir, de manvântara em manvântara, até o final das reencarnações da sua cadeia planetária quando, então, os resultados daquela evolução planetária são reunidos pelo Logos planetário. É evidente que quase nada sabemos desta evolução, unicamente alguns pontos mais salientes deste conjunto prodigioso nos foram indicados pelos Instrutores.

Mesmo em relação à evolução planetária da qual o nosso mundo é um estágio, nada sabemos dos processos pelos quais os seus sete globos evoluíram durante os seus dois primeiros manvântaras. Quanto ao seu terceiro manvântara, sabemos apenas que o globo que atualmente é a nossa lua, foi o globo D daquela cadeia planetária. Este fato, contudo, pode nos ajudar a compreender melhor o que significam estas reencarnações sucessivas de uma cadeia planetária. Os sete globos que formavam a cadeia lunar já terminaram sua sétupla evolução. Sete vezes a onda de vida, o Alento do Logos planetário faz a volta da cadeia, despertando à vida cada globo, um após outro. Tudo se passa como se o Logos, ao guiar seu reino, dirigisse sua atenção primeiramente ao globo A, fazendo vir à existência as inúmeras formas cujo conjunto constitui um mundo. Depois, quando a evolução no globo A foi levada até um certo ponto, Ele volta sua atenção para o globo B,

e o globo A cai lentamente em um sono plácido. Assim é levada a onda de vida, de globo em globo, até que uma ronda do círculo tenha se completado no globo G, terminando sua evolução. Depois ocorre um período de repouso (1), durante o qual a evolução externa cessa. No fim deste período a atividade exterior recomeça, iniciando-se a segunda ronda, que começa, como antes, no globo A. Seis vezes se repete este processo, mas na sétima ronda, ou última ronda, surge uma mudança. O globo A, tendo terminado seu sétuplo período de vida, se desagrega gradualmente, e o imperecível estado de centro Laya (2) se impõe. Na aurora do manvântara seguinte, um novo globo A se desenvolve, tal como um corpo novo, no qual “os princípios” do planeta A precedente voltam a habitar. Mas isto foi apenas descrito para dar uma idéia da relação que existe entre o globo A do primeiro manvântara e o globo A do segundo, permanecendo oculta a natureza desta relação.

Conhecemos um pouco melhor a relação que existe entre o globo D do manvântara lunar, nossa lua, e o globo D do manvântara terrestre, nossa terra, e o Sr. Sinnett deu-nos um bom resumo dos reduzidos dados de que dispomos em seu texto “O Sistema ao qual pertencemos”.

Diz ele:

“A nova nebulosa terrestre desenvolveu-se em torno de um núcleo que tinha em grande parte a mesma relação com o planeta morto que os núcleos da Terra e da Lua têm entre si atualmente. Mas, no estado nebuloso, este agregado de matéria ocupava um volume extraordinariamente maior do que o ocupado atualmente pela matéria sólida da Terra. Estendia-se em todos os sentidos até envolver o antigo planeta em seu amplexo ígneo. A temperatura de uma nebulosa nova parece ser consideravelmente mais elevada do que todas

as que conhecemos, e deste modo, o antigo planeta foi novamente aquecido superficialmente, a tal ponto que toda a sua atmosfera, água e matéria volatizáveis foram transformadas em gases, e assim se incorporaram no novo centro de atração estabelecido para a nova nebulosa. Assim, a atmosfera e os oceanos do antigo planeta vieram a fazer parte do novo globo, e é esta a razão por que a Lua, no seu estado atual, é uma massa árida, seca, lúzida, sem nuvens e inabitável, não sendo mais necessária para a habitação de quaisquer seres vivos. Quando o presente manvântara chegar ao seu fim, durante a sétima ronda, a desagregação da Lua se completará, e a matéria que ainda se mantém coesa, se transformará em poeira meteórica”.

No terceiro volume de A Doutrina Secreta, onde foram publicados alguns ensinamentos orais que H.P. Blavatsky deu aos seus discípulos mais adiantados, lê-se o seguinte:

“No início da evolução do nosso globo, a Lua estava muito mais próxima da Terra e era muito maior que atualmente. Ela afastou-se de nós, e o seu tamanho ficou reduzido. (A Lua deu todos seus princípios à Terra)... Durante a sétima ronda uma nova lua surgirá, e a nossa se desagregará e acabará por desaparecer.” [\(1\)](#)

A evolução durante o manvântara lunar produziu sete classes de seres chamados, na terminologia esotérica, de Pais ou Pitris, porque foram eles que geraram os seres do manvântara terrestre. São mencionados na A Doutrina Secreta sob o nome de Pitris Lunares. Além destes, havia duas outras classes de seres, mais desenvolvidos, denominados variadamente como Pitris Solares, Homens, Dhyanis inferiores, muito adiantados para entrarem na evolução terrestre em seus primeiros estágios, mas que tinham necessidade, para seu desenvolvimento futuro, do auxílio de condições físicas posteriores. A mais elevada destas duas categorias consistia de seres já individualizados, semelhantes exteriormente a animais, criaturas com almas embrionárias, isto é, já tinham desenvolvido o corpo causal, e a segunda categoria, já estava se aproximando desse ponto. Os Pitris lunares, a primeira classe, estava começando a mostrar o surgimento da mentalidade, ao passo que a segunda e a terceira classes tinham desenvolvido apenas o princípio kâmico. Estas sete classes de Pitris lunares eram resultantes da cadeia lunar e que, atendendo a um desenvolvimento posterior, foram transferidas para a cadeia terrestre, a quarta reencarnação da cadeia planetária. Como Mônadas, com o princípio mental presente na primeira classe, o princípio kâmico desenvolvido na segunda e na terceira classes, e este princípio em germe na quarta, em preparação na Quinta, ainda menos desenvolvidas, e imperceptível na sexta e na sétima, estas entidades entraram na cadeia terrestre para dar uma alma à essência elemental e às formas modeladas pelos Construtores [\(2\)](#).

A nomenclatura adotada por mim é a da “A Doutrina Secreta”. No valioso texto de autoria dos Srs. Sinnett e Scott-Elliot, sob o título “Os Pitris Lunares”, os Dhyanis Inferiores a que alude H.P.B., e que encarnaram na terceira e quarta rondas, são considerados como sendo a primeira e segunda classes dos Pitris Lunares; para esses autores, a terceira classe é, portanto, a primeira a que se refere H.P.B., a quarta deles é a segunda dela, e assim por diante. Não há diferença na exposição dos fatos, apenas na nomenclatura, mas esta diferença de colocação pode confundir o estudante se não for explicada. Como estou usando a nomenclatura de H.P.B., os meus amigos estudantes da Loja de Londres e os leitores das atas da Loja precisam lembrar que a primeira classe de Pitris a que me refiro é a terceira deles e assim seqüencialmente.

Sob esta denominação de “Construtores” agrupam-se inumeráveis Inteligências, hierarquias de seres de uma diversidade de consciência e poder, os quais, em cada plano, desenvolvem a construção efetiva das formas. Os mais elevados dentre eles dirigem e controlam, enquanto os inferiores modelam as formas segundo os modelos dados. Agora a função dos globos sucessivos da cadeia planetária torna-se patente. O globo A é o mundo arquetípico, no qual são construídos os modelos das formas que serão elaboradas durante toda a ronda. Os mais elevados dentre os Construtores tomam da mente do Logos planetário as idéias arquetípicas e guiam os Construtores nos níveis arupa, à medida que eles modelam as formas arquetípicas para a ronda. No globo B estas formas são reproduzidas em diversas configurações na matéria mental por uma ordem inferior de Construtores, e vão lentamente evoluindo sob diversas condições até que estejam prontas para receber uma infiltração de matéria mais densa. Então, os Construtores em matéria astral assumem a tarefa e no globo C, modelam as formas astrais, com mais detalhamento. Quando as formas tenham se desenvolvido tanto quanto permitem as condições do mundo astral, os Construtores do globo D iniciam o trabalho da moldagem nas formas no plano físico. Assim, as modalidades mais inferiores de matéria são modeladas em tipos apropriados e as formas atingem suas condições mais densas e mais completas.

A partir deste ponto médio, a natureza da evolução muda de certo modo. Até aqui a máxima atenção foi dirigida para a construção das formas; no arco ascendente, é dirigida essencialmente para a utilização da forma como veículo da vida evolutiva, e na segunda metade da evolução no globo D e depois nos globos E e F, a consciência se expressa, a princípio, no plano físico, e em seguida no plano astral e no plano mental inferior, por intermédio dos equivalentes das formas elaboradas no arco descendente. No arco descendente a Mônada age, na medida de seu poder, sobre as formas que evoluem, e a sua influência se manifesta vagamente sob a forma de

impressões, de intuições, etc. No arco ascendente a Mônada se expressa através das formas na condição de seu regente interno. No globo G a perfeição é atingida, com a Mônada habitando e usando como seus veículos as formas arquetípicas do globo A.

Durante todos estes estágios, os Pitris lunares agiram como as almas das formas, pairando, a princípio, sobre elas, para em seguida habitá-las. São os Pitris da primeira classe que se incumbem da tarefa mais pesada durante as três primeiras rondas. Os Pitris da segunda e terceira classes têm a missão de entrar nas formas já elaboradas pelos primeiros. Estes preparam as formas, dando-lhes alma durante algum tempo, e depois saem delas, entregando-as para os Pitris da segunda e terceira categoria. No fim da primeira ronda, as formas arquetípicas do mundo mineral surgiram nos planos inferiores, a fim de serem elaboradas através das rondas sucessivas até que atinjam o seu máximo de densidade no meio da quarta ronda. O “Fogo” é o elemento desta primeira ronda.

Na segunda ronda, os Pitris da primeira classe continuam sua evolução humana, apenas manifestando-se nos estados inferiores, como o feto humano ainda hoje os apresenta, enquanto que no fim desta ronda, os da segunda classe atingem o estágio de humanidade rudimentar. O grande trabalho desta ronda consiste em fazer manifestar as formas arquetípicas da vida vegetal, que vão atingir sua perfeição na quinta ronda. O “Ar” é o elemento da segunda ronda.

Na terceira ronda, os Pitris da primeira classe adquirem nitidamente uma forma humana. Embora os seus corpos sejam gelatinosos e gigantescos, já são bastante compactos no globo D o suficiente para começar a manter a posição vertical, apresentando, então, o aspecto simiesco e coberto de pelos rudes. Os Pitris da terceira categoria atingem o início do estágio humano. Nesta ronda, os Pitris solares da segunda classe aparecem pela primeira vez no globo D e tomam a frente da evolução humana. As formas arquetípicas dos animais surgem nos planos inferiores para serem elaboradas e atingir a sua perfeição no fim da sexta ronda. A “Água” é o elemento característico desta ronda.

A quarta ronda, a ronda mediana dentre as sete que constituem o manvântara terrestre, se distingue por trazer ao globo A as formas arquetípicas da humanidade, e é mais acentuadamente humana, como as precedentes foram respectivamente, animal, vegetal e mineral. Somente na sétima ronda estas formas serão todas plenamente desenvolvidas pela humanidade, mas as possibilidades da forma humana serão manifestadas arquetipicamente na quarta ronda. A “Terra” é o elemento desta quarta ronda, a mais densa e a mais material. Pode-se dizer que os Pitris solares da primeira classe pairaram, de

certa maneira, em torno do globo D, durante os primeiros estágios de atividade desta ronda, mas somente se encarnam definitivamente depois da terceira grande efusão de vida do Logos planetário, a qual ocorre no meio da terceira raça. A partir dessa época encarnam-se, pouco a pouco, cada vez mais numerosos, à medida que a raça progride, e encarnam-se em grande número no princípio da quarta raça.

A evolução da humanidade em nossa terra, o globo D, apresenta de uma maneira muito clara esta constante diferenciação setenária, à qual já nos referimos com freqüência. Sete raças de seres humanos já haviam surgido na terceira ronda, e na quarta esta diversidade fundamental tornou-se bem clara no globo C, onde sete raças, tendo cada uma suas sub-raças, evoluíram. No globo D, a humanidade começa pela primeira raça, geralmente chamada raça-raiz, que aparece em sete pontos diferentes: “sete vieram, cada uma em seu próprio território”. (1). Estes sete tipos, que apareceram simultaneamente e não sucessivamente, constituem a primeira raça-raiz, e cada raça-raiz tem, por sua vez, sete subdivisões ou sub-raças. Da primeira raça-raiz, criaturas gelatinosas e amorfas, surge a segunda raça-raiz, cujas formas tinham uma consistência mais definida, e desta procedeu a terceira, formada de criaturas simiescas que se transformaram em homens pesados e gigantes. No meio da evolução desta terceira raça-raiz, chamada raça lemuriana, vieram à terra, provenientes de uma outra cadeia planetária, a de Vênus, muito mais avançada em sua evolução, alguns membros de sua humanidade altamente evoluída, Seres gloriosos, chamados com freqüência de Filhos do Fogo devido à sua aparência radiante, que constituíam uma ordem elevada entre os Filhos da Mente. (2). Vieram habitar a terra como Instrutores Divinos da jovem humanidade, alguns deles atuando como canais para a terceira efusão de vida, projetando no homem animal a centelha de vida monádica que dá nascimento ao corpo causal. Foi desta maneira que os Pitris lunares das três primeiras classes se individualizaram, formando hoje a grande massa da nossa humanidade.

As duas classes de Pitris solares já individualizados, a primeira antes de deixar a cadeia lunar, a segunda mais tarde, constituem duas ordens inferiores entre os filhos da Mente. A segunda se encarna no meio da terceira raça, a primeira mais tarde, principalmente na quarta raça, a atlante. A quinta raça, a ariana, que está agora à frente da evolução humana, desenvolveu-se da quinta sub-raça atlante. As famílias que então apresentavam mais qualidades, foram isoladas na Ásia Central, e o novo tipo racial evoluiu sob a orientação direta de um Grande Ser chamado Manu. Saindo da Ásia Central, a primeira sub-raça estabeleceu-se na Índia, ao sul dos Himalaias, e com suas quatro castas, instrutores, guerreiros, comerciantes e operários, tornou-se a raça dominante na vasta península hindustânica, depois de ter subjugado povos da terceira e

quarta raças-raízes que então a habitavam.

No fim da sétima raça da sétima ronda, isto é, no fim do nosso manvântara terrestre, a nossa cadeia transmitirá à sua sucessora os frutos de sua vida. Estes frutos serão os seres humanos divinos e perfeitos, os Budas, Manus, Chohans, Mestres, prontos para assumirem a tarefa de guiar a evolução sob a direção do Logos planetário, à frente de hostes de seres humanos menos evoluídos, em todos os graus de consciência, que ainda necessitam de experiências físicas para o aperfeiçoamento de suas possibilidades divinas.

Depois do nosso manvântara, que é o quarto, virão o quinto, o sexto e o sétimo, que ainda estão no âmbito do futuro, e então o Logos planetário recolherá em Si todos os frutos da evolução e, com os Seus filhos, entrará em um período de repouso e bemaventurança. Nada poderemos dizer deste estado sublime.

Como poderíamos, neste estágio de nossa evolução, conceber esta glória inimaginável? Apenas sabemos, e muito vagamente, que os nossos espíritos felizes “entrarão na alegria do Senhor” e, descansando n’Ele, verão estender-se à sua frente horizontes infinitos de sublime vida e amor, pontos culminantes e abismos de poder e alegria, ilimitados como a Existência Una, inesgotáveis como o Uno.

PAZ A TODOS OS SERES

[\(1\)](#) *“Fossilized” no original em inglês. Lembremo-nos de que o livro foi escrito em 1897 e daquela época até o presente indubitáveis transformações ocorreram na China . (nota Ed.Brás.)*

[\(1\)](#) *“The Sacred Books of the East.; vol. X1 (Nota Ed. Ingl.)*

[\(1\)](#) *Mundakopanishad II,ii,7*

[\(2\)](#) *Shvetashvataropanishad, iii,14*

[\(3\)](#) *Ibid.,II*

[\(4\)](#) *“O éter no coração” é uma frase mística empregada para indicar o Uno que, se diz, reside no coração*

[\(1\)](#) Shvetash , i,8

[\(2\)](#) Mund , III, i,8

[\(3\)](#) Ibid, III , ii , 4

[\(4\)](#) Ibid, III , ii , 9

[\(5\)](#) Katho., vi, 14

[\(6\)](#) Eitel, *Diccionario Sânscrito – Chinês, sub você (sob a palavra-expressão seguida das palavras iniciais do verbete de uma enciclopédia ou dicionário, às quais se remete).*

[\(1\)](#) Udanavarga , XXXIII, 41(Nota Ed. Ingl.)

[\(2\)](#) Muni (Sânsc.) Santo, sábio. Literalmente: “silencioso”. Veja-se o *Glossário Teosófico*, de HPB (Nota Ed. Bras.).

[\(1\)](#) Armaiti era primitivamente a Sabedoria e a Deusa da Sabedoria; mais tarde, como Criador, foi ela identificada com a Terra e adorada como a Deusa da Terra. (Nota Ed. Ingl.)

[\(2\)](#) Na filosofia platônica, os princípios da pessoa, da inteligência e da alma (Encicl. Mirador Internacional- Nota Ed. Brás.)

[\(1\)](#) Eléia, cidade da Magna Grécia. Os filósofos da Escola de Eléia afirmavam a identidade absoluta do Ser consigo. (Encicl. Mirador Internacional. (Nota Ed. Brás.)

[\(1\)](#) Gunas: As três qualidades ou atributos da matéria primordial, ou seja: Sattva ou harmonia; Rajas ou atividade; Tamas ou Inércia. Veja-se o “Glossário Teosófico”, de HPB. –Nota Ed. Brás.)

[\(1\)](#) Ap.iv ,5

[\(2\)](#) Gen.i,26,27

[\(3\)](#) I Tess., v, 23

[\(4\)](#) Ef., ii, 22

[\(5\)](#) I Cor., iii, 16

[\(6\)](#) I Cor., vi, 19

[\(7\)](#) Mat. xi, 14

[\(8\)](#) Mat. iii, 23

[\(9\)](#) Mat. xvii, 12

[\(10\)](#) João, ix, i-13

[\(11\)](#) Ap. iii, 12

[\(1\)](#) Manas – literalmente, “a mente”, a faculdade mental que faz do homem um ser inteligente e moral.

[\(2\)](#) Buddhi – é a faculdade que está acima da mente racional, é a Razão pura que exerce a faculdade discernidora da intuição.

[\(3\)](#) Arhats – aqueles que entraram no supremo caminho, libertando-se do renascimento. (Veja-se o “Glossário Teosófico”, de HPB). (Notas da Ed. Bras.)

[\(1\)](#) Select. Works of Plotinus, traduzido por Thomas Taylor, ed. 1895, p.11 (Nota Ed. Ingl.)

[\(2\)](#) Uma boa inteligência espiritual, como o demônio de Sócrates. (idem)

[\(3\)](#) Kathopanishad, VI, 17 (idem)

[\(1\)](#) Turiya – um estado de elevada consciência espiritual. (Veja-se o “Glossário Teosófico”, de HPB)

[\(1\)](#) O termo “Loja Branca” não se refere à cor de uma raça, mas à Fraternidade ou Hierarquia de Adeptos que velam pela humanidade e a guiam em sua evolução. (Glossário Teosófico-HPB) (Nota Ed. Bras.)

(2) *Adepto – mestre na ciência da Filosofia Esotérica (idem)*

(3) *Elementais – O Glossário Teosófico oferece uma ampla explicação. (idem)*

(1) *Raíz da matéria ou matéria-raíz da Natureza (Veja-se o “Glossario Teosófico, de H. P.B). (Nota Ed. Bras.)*

(1) *Parabrahman – Nota da Ed. Ingl. (Veja-se o “Glossário Teosófico”)*

(2) *Daí ser Ele chamado “o Senhor de Maya” em algumas escrituras orientais, sendo Maya ou ilusão o princípio da forma; a forma é considerada como ilusória devido a sua natureza transitória e suas transformações incessantes; a vida que se expressa sob o véu da forma é a realidade. Nota da Ed. Ingl*

(3) *O estudante poderá compreender melhor esta concepção, se considerar os átomos do quinto plano como Atma, os do quarto como Atma envolvido na matéria de Buddhi, os do terceiro como Atma envolvido nas matérias de Buddhi e Manas; os do segundo plano como Atma envolvido nas matérias de Buddhi, Manas e Kama; os do plano mais inferior como Atma envolvido nas matérias de Buddhi, Manas, Kama e Sthula. Só o invólucro mais exterior é ativo em cada caso, mas os interiores, embora latentes, estão presentes, prontos a manifestarem-se no arco ascendente da evolução. Nota da Edic. Ingl. Veja-se o Glossário Teosófico em relação aos termos sânscritos citados na nota acima, da ed.inglesa (Nota da Ed. Bras.)*

(1) *Como Atma-Buddhi, indivisíveis em ação, denominada então como Mônada. Todas as formas têm Atma-Buddhi como vida controladora (Nota Ed. Ingl.)*

(2) *Entre os Construtores algumas são inteligências espirituais de ordem muito elevada, mas este nome se estende também aos espíritos da Natureza. Este assunto é tratado no Cap. XII. (idem)*

(1) *Quando assim especializada, esta vida recebe o nome de Prana, e torna-se o alento vital de cada criatura. Enfim, Prana é o nome para a vida universal ao ser assimilada por uma entidade e que mantém a sua vida separada (Nota Ed. Ingl.)*

(1) *No Glossário Teosófico encontramos a conceituação geral do termo Mônada (Nota. Ed. Bras.).*

(1) *Devachan, o estado feliz ou luminoso, é o nome teosófico para o céu. Kamaloka, o lugar do desejo, é o nome dado para as condições de vida intermediária no plano astral (Nota Ed. Ingl.)*

(1) *“O Plano Astral”, por C.W.Leadbeater – Edt. O Pensamento (Nota Ed. Bras.).*

(1) Chamado de Deva, ou Deus, pelos hindus. O estudante querera conhecer os nomes dos cinco Deuses dos elementos manifestados: Indra, o Senhor do Akasha, ou éter do espaço; Agni, Senhor do Fogo; Pavana, Senhor do ar; Varuna, Senhor da água; Kshiti, Senhor da terra. (nota Ed. Ingl.)

(1) Mônada, a Unidade, o Uno, porém em ocultismo significa muitas vezes a Tríada unificada. Veja-se "O Glossário Teosófico", de HPB, para vários outros detalhes (Nota Ed. Bras.)

(2) Kama-deva: literal e popularmente (Índia) o deus do Amor. (Glossário Teosófico). (Nota Ed. Bras.)

(1) Kamarupa, é o nome técnico para o corpo astral, de kama, desejo, e rupa, forma. (Nota. Ed. Ingl.).

(2) Viviseção – Colocar nota a ser redigida em Brasília.

(3) Veja o Capítulo III sobre o Kamaloka. (Nota Ed. Ingl.).

(4) A Sociedade Teosófica deve sua origem a alguns membros desta Fraternidade

(5) Os ocultistas desinteressados, exclusivamente consagrados ao cumprimento da vontade divina, ou os que trabalham para adquirir essas virtudes, são chamados "brancos". Os que são egoístas e trabalham contra o propósito divino no Universo, são chamados "negros". A abnegação que irradiam, o amor e o devotamento são as características dos primeiros; o egoísmo que se fecha, o ódio e a arrogância são as marcas dos segundos. Entre os dois existem as classes cujo motivo é misto, que ainda não compreenderam a necessidade de evoluir, ou para o Ser Uno, ou para o eu separado, e por isso lhes dei o nome de "cinzentos". Os seus membros vagam sem rumo, ou se juntam deliberadamente a um ou outro destes dois grandes grupos (Nota. Ed. Ingl.)

-Os termos "branco" e "negro" foram usados pela autora exclusivamente para indicar que, no processo da Vida, os primeiros buscam a luz da Unidade e os segundos, as trevas da separatividade (Nota. Ed. Bras.)

(1) Um chela, o discípulo aceito de um Adepto

(2) Veja Cap. VII, sobre Reencarnação. (Notas da Ed. Ingl.)

(1) O estudante reconhecerá aqui a predominância da guna tamásica, a qualidade de obscuridade e de inércia, na Natureza. (Nota Ed. Ingl.)

(2) Referência aos sete chakras ou rodas, assim chamados pela aparência de um vórtice que apresentam, como rodas de fogo vivo quando em atividade. (idem).

(1) Aqui o estudante notará a predominância da guna Rajas, a qualidade da atividade na Natureza (Nota Ed. Ingl.)

(1) Aqui predomina a guna Sattva, a qualidade de felicidade perfeita e pureza na Natureza. Siddhis são poderes superfísicos. (Nota. Ed. Ingl.)

(2) Veja Cap. IV, "O Plano Mental". (idem)

*(1) Os hindus chamam este estado de **Pretaloka**, a morada dos Pretas. Um preto é o ser humano que perdeu seu corpo físico, mas ainda não se desembaraçou da vestimenta de sua natureza animal. Não pode ir longe com este veículo, e fica preso nele até sua desagregação.*

*(2) A alma é o intelecto humano, o laço entre o Espírito Divino no homem e sua personalidade inferior. É o Ego, o indivíduo, o "eu" que se desenvolve pela evolução. Em linguagem teosófica, é **Manas**, o Pensador. A mente é a energia deste Pensador, operando através das limitações do cérebro físico, ou dos corpos astral e mental.*

(3) Estas regiões são muitas vezes enumeradas de outro modo, tomando o primeiro como o mais elevado e o sétimo como o mais inferior. Não importa de qual ponto contamos. Conto aqui de baixo para cima a fim de mantê-los de acordo com os planos e princípios. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Estas transformações resultam na formação do que é chamado pelos hindus de Yatana ou corpo de sofrimento; no caso de um indivíduo muito mau, em cujo corpo astral há preponderância da matéria mais grosseira, forma-se o Dhruvam, ou corpo forte. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Não necessariamente uma falta cometida na presente vida. A lei de causa e efeito será explicada no Cap. IX, sobre o Carma. (Nota. Ed. Ingl.)

(1) Estes trabalhadores são discípulos de alguns dos grandes Instrutores que guiam e auxiliam a humanidade e eles são empregados neste dever especial de socorrer os que têm necessidade de sua assistência. (Nota Ed. Ingl.)

(2) Veja-se Cap. VII, sobre a Reencarnação. (Nota. Ed. Ingl.)

(1) Veja-se “a selva escura”, de “O Inferno”, de Dante, canto primeiro (Nota da 1ª Edição em Português-Record).

(1) Veja Capítulo V, sobre o Devachan (Nota. Ed. Ingl.)

(1) De **manas** deriva a expressão "plano manásico", traduzido por plano mental. Podemos chamá-lo plano da mente propriamente dita, para distinguir suas atividades daquelas atuando no corpo físico. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Arupa significa "sem forma"; Rupa é forma, contorno, corpo. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Mahat, o Terceiro Logos ou a Inteligência Criadora Divina: Brahma dos hindus, Mandjusri dos budistas do Norte, o Espírito Santo dos Cristãos. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Estes Seres são os Arupa Devas e os Rupa Devas dos hindus e budistas, os Senhores dos Céus e da terra dos Zoroastrianos, os Arcanjos e Anjos dos cristãos e maometanos. (Nota. Ed. Ingl.)

(1) Apocalipse X, 1

(2) Corpo geralmente chamado Mayavi Rupa ou corpo ilusório, quando organizado para funcionar independentemente no mundo mental. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Assim o teosofista falará de Kama-Manas, significando a mente atuando dentro da natureza-desejo e cooperando com ela, influenciando e sendo influenciado pela natureza animal. Os Vedantinos classificam os dois como um só e falam do Ser como agindo no manomayakosha, a veste formada pela mente inferior, emoções e paixões. Os psicólogos europeus fazem dos “sentimentos” uma seção de sua divisão tripartite da “mente”, e incluem tanto as sensações como as emoções nos sentimentos. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Veja os Capítulos VII e VIII sobre reencarnação.

(2) Este é o Augoeides dos neoplatônicos, ou “corpo espiritual” de São Paulo.

(3) É o Ser, funcionando no Vignyanamayakosha, o envoltório do conhecimento perceptivo, segundo a classificação vedantina.

(1) O caminho positivo é o que conduz á humanidade divina, ao Adeptado, que se percorre para servir aos mundos. O caminho negativo é aquele que também conduz ao Adeptado que é usado para frustrar o progresso da evolução e é voltado para fins egoistas. (Nota Ed. Ingl.).

(1) Devasthan, a Morada dos Deuses, é o termo sânscrito equivalente. É o Svarga dos hindus, o Sukhavati dos budistas, o céu dos zoroastrianos e dos cristãos, como também para os menos materializados entre os muçulmanos. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Tecnicamente designada pelos termos Devachan Rupa e Arupa, conforme se trate das regiões Rupa (com forma) ou Arupa (sem forma) do plano mental. (Nota Ed. Ingl.)

(1) O estudante atento poderá achar aqui uma sugestão fecunda relativa ao problema da continuidade da consciência após a conclusão do ciclo do Universo. Considere Ishvara no lugar do Pensador, e as faculdades, frutos de uma existência, sejam substituídas por vidas humanas, frutos de um universo. O estudante poderá, então, perceber alguns relances do que é necessário para a consciência, durante o intervalo entre os universos. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Veja Capítulo III, sobre o Kamaloka. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Veja Cap. XI sobre "Ascensão Humana" . O iniciado sai da linha comum de evolução e caminha para a perfeição humana, por um caminho mais curto, porém mais árduo. (Nota Ed. Ingl.)

(1)Ahamkara, o princípio gerador do "eu" , que é necessário para a auto-consciência se desenvolver, mas que é transcendido quando o seu trabalho se completou (Nota Ed. Ingl.)

(2) Uma imagem usada no Bhagavad Purana (idem).

(1) Veja Capítulo VII: "A Reencarnação". (Nota Ed. Ingl.)

(1) "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança"(Gênesis, 1, 26).(Nota Ed. Ingl.)

(2) Atma, o reflexo de Paramatma.

(3) É chamado de Mônada, seja a Mônada do espírito-matéria, Atma; ou a Mônada da forma, Atma-Buddhi; ou a Mônada humana, Atma-Buddhi-Manas. Em cada caso é uma unidade e age como uma unidade, seja de um, de dois ou de três aspectos. (idem).

(4) Satchitananda é o nome abstrato de Brahman, usado nas Escrituras hindus, sendo as manifestações concretas de seus atributos representados pelas três pessoas da Trindade ou Trimurti.

(5) Logos é singular. Logoi é o plural de Logos (Nota Ed. Bras.).

(1) Que o leitor volte à introdução e releia a descrição deste estado, feita por Plotino, que diz: “Eles vêem todas as coisas igualmente...” Note as seguintes frases: “cada coisa igualmente é todas as coisas ...”, e também “em cada, entretanto, uma qualidade diferente predomina”(Nota Ed. Ingl.).

(2) É por esta razão que a felicidade do amor divino foi simbolizada em muitas escrituras sagradas pelo amor profundo entre o esposo e a esposa, como no Bhagavad Purana dos hindus, o Cântico de Salomão dos hebreus e cristãos. É ainda deste amor que falam os místicos sufis, como todos os místicos. (Nota Ed. Ingl.).

(1) É esta a Anandamayakosha, ou veste de bemaventurança dos vedantinos. É também o corpo do Sol, o corpo solar, como algumas vezes faz menção os Upanishads. (Nota Ed. Ingl.)

(1) São, também, chamados Mahatmas, grandes espíritos e Jivanmuktas, ou almas libertas, que mantêm corpos físicos a fim de ajudar o progresso da humanidade. Muitos outros grandes seres vivem igualmente no plano nirvânico. (Nota Ed. Ingl.)

(2) Livro de Dzyan. Veja-se “A Doutrina Secreta”, vol. 1 (idem)

(3) Ver Cap. XI: “A Ascensão humana”. (idem)

(1) Os leitores mais familiarizados com a classificação vedantina podem achar útil o seguinte quadro:

Corpo Búdico
Anandamayakosha

Corpo Causal
Vijnanamayakosha

Corpo Mental ü

ý
Manomayakosha

Corpo Astral ॐ

 ì Etérico
Pranamayakosha

Corpo Físico í

 î Denso (físico)
Annamayakosha

(2) *Linga Sharira* foi o nome originalmente dado ao corpo etérico e não deve ser confundido com a *Linga Sharira* da filosofia hindu. *Sthula Sharira* é o nome sânscrito para o corpo denso ou físico. (Nota da Ed. Ingl.)

(1) O Sr. Hearn enganou-se na expressão, porém não em seu entendimento interno, creio, em parte de sua exposição da conceituação budista desta doutrina, e o uso que ele faz da palavra “Ego” confundirá o leitor de seu capítulo muito interessante sobre este assunto, se a distinção entre o eu real e o ilusório não for firmemente mantida na mente. (Nota Ed. Ingl.).

(1) Thomas Henry Huxley, 1825-1895, biólogo e escritor inglês. (Nota Ed. Bras.)

(2) *Kokoro-Hints and Echoes of Japanese Inner Life*, por Lafcadio Hearn, pag. 237-239 (Londres, 1896) (Nota Ed. Ingl.)

(3) *Da condição estática à cinética, como diria um físico* (Nota Ed. Ingl.)

(4) *Sobre a evolução e sobre o grande ciclo da descida da centelha divina à matéria, através dos três reinos elementais, e de sua ascensão à sua Fonte, encontraremos desenvolvimentos completos na “Evolução da Vida e da Forma” e no “Estudo sobre a Consciência”; para outros detalhes de mais alto interesse e inteiramente novos, resultados de investigações recentemente feitas por meio da clarividência, veja a “Genealogia do Homem”, todos da mesma autora. (Nota da Ed. Bras.).*

(1) O estudante deve familiarizar-se com os estudos de Weissmann sobre a continuidade do idioplasma (Nota Ed. Ingl.). O idioplasma é o protoplasma que contém os caracteres hereditários de um indivíduo. (Nota Ed. Bras.)

(1) Ver Cap. IV, sobre o “O Plano Mental”. (Nota Ed. Ingl.)

(2) “Como em cima, é embaixo”. Instintivamente lembramo-nos dos três Logoi e dos sete “Filhos do Fogo” primordiais. No simbolismo cristão temos a Trindade e os “sete espíritos diante do trono”, ou no Zoroastrianismo, Ahura-Mazda e os sete Ameshaspentas. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Os eixos de crescimento que determinam a forma, e que se mostram nitidamente nos cristais. (Nota Ed. Ingl.)

(1) A sensação maciça é a que se estende pelo organismo inteiro e não é sentida especialmente mais em um ponto do que em outros. É a antítese da sensação aguda. (Nota Ed. Ingl.)

(2) As experiências de Cleve Backster, com um aparelho eletrônico de nominado **polígrafo**, vêm demonstrando que as plantas, além de sentirem, amam, se angustiam, desmaiam, têm medo... (Ver a revista “**Planeta**”, número 51 e 59, e o livro “A Vida Secreta das Plantas”. (Nota Ed. Bras.).

(1) A sociobiologia é uma ciência recentemente surgida, ainda em desenvolvimento e sendo contestada, procura demonstrar que não somente as formas estão sujeitas à genética, mas também o comportamento das espécies. Veja-se a revista **Time**, agosto/1977. (Nota Ed. Bras.)

(2) Eons: palavra derivada do grego, tem o sentido de eternidade, significando um período de tempo aparentemente interminável, porém apesar de tudo, tem um limite. Veja-se o Glossário Teosófico, de H.P.B. (Nota Ed. Bras.).

(3) Seu nome específico em sânscrito é Manasa-putra, traduzido literalmente por “Filhos da Mente”. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Esta e outras causas que determinam as circunstâncias externas da nova vida serão completamente explicadas no Cap. IX, sobre o Carma (Nota Ed. Ingl.)

(2) Segundo H.P.Blavatsky na “Doutrina Secreta”, eles são os Lipikas, os Conservadores dos registros cármicos, e os Maharajas que administram a aplicação prática dos decretos dos Lipikas. (idem)

(1) Um dos sinais de que isso está acontecendo é a cessação da confusa mistura de imagens fragmentárias que se estabelece durante o sono em decorrência da atividade independente do cérebro físico. Quando o cérebro começa a ficar sob

controle, esta espécie de sonho raramente acontece. (Nota Ed. Ingl.)

(1) Veja Cap. II, sobre “O Plano Astral”. (Nota Ed. Ingl.).

(2) Veja Cap. IX, sobre “A Ascensão Humana” (Nota Ed. Ingl.)

(3) Veja Cap. IV, sobre “O Plano Mental” (idem).

(1) Veja Cap. XI, sobre “A Ascensão Humana”. (Nota Ed. Ingl.).

(1) Thomaz Young (1773-1829), físico inglês que pesquisou sobre a fisiologia da percepção da cor, e suas deduções, com algumas variantes, são hoje mundialmente aceitas. A elas estão ligados os nomes de Helmholtz e Maxwell, e são conhecidas sob a denominação de teoria tricromática. (Nota Ed. Bras., cfe. Enciclopédia Mirador Internacional, Vol. 6, p. 2879).

(2) Willian Rowan Hamilton (04.08.1805 – 02.09.1865). físico e matemático irlandês. Inteligência privilegiada, aos 12 anos já lera a **Arithmetica Universalis**, de Newton, e aos 17, a **Mecânica Celeste**, de Laplace. Aos 18 anos assumiu o cargo de professor-assistente de Astronomia na Universidade de Dublin. Aos 22, sucedeu ao astrônomo John Brinkley na cadeira de astronomia do Trinity College de Dublin (Nota Ed. Bras. Cfe. Enciclopédia Mirador Internacional, vol. 11, p. 5653).

(1) John Brinkley, 1762-1835 (Nota idem...)

(2) Reencarnação, por Annie Besant. (Nota Ed. Ingl.).

(3) Idem...

(1) Epístola aos Gálatas, VI, 7 (Cfe. A Bíblia de Jerusalém) Nota Ed. Bras.

(1) O estudante conhece estas divisões sob o nome de **Prarabdha** (começado e devendo ser pago na vida atual); **Sanchita** (acumulado), manifestando-se em parte nas tendências do indivíduo; Kriyamana, em formação. (Nota Ed. Ingl.).

(1) **Chandogyopanishad**, IV, xiv, 1 (Nota Ed. Ingl.)

(2) **Carma**, por Annie Besant. (Nota Ed. Bas.)

(1) Brihadaranyakopanishad, IV, iv, 5-7 e texto (Nota Ed. Ingl.)

(1) **Carma**, por Annie Besant (Nota Ed. Bras.)

(1) O estudante deve recordar-se de que os vícios indicam o predomínio da guna tamásica e que, enquanto esta guna predominar, os homens não podem sair do mais inferior dos três estágios de sua evolução. (Nota Ed. Ingl.).

(1) Os hindus recordar-se-ão das primeiras palavras do Brihadaranyakopanishad, proclamando a alvorada universal que surge pelo sacrifício; o discípulo de Zoroastro deve lembrar-se que Ahura-Mazda procede também de um ato de sacrifício; o cristão pensará no cordeiro o símbolo do Logos, imolado na origem do mundo. (Nota Ed. Ingl.).

(2) É este o poder auto-limitador do Logos, Seu Maya, princípio da limitação, pelo qual todas as formas são geradas. Sua Vida aparece como “Espírito” e Seu Maya como “matéria” e os dois são inseparáveis enquanto durar a manifestação. (Nota idem).

(1) (**Bhagavad Gita**, VIII, 3) (Nota Ed. Ingl.)

(2) Sugerimos ao leitor que consulte o Glossário Teosófico, de H.P.B. , nos verbetes “Sat” e “Seidade” para ampliar a compreensão destas questões metafísicas. (Nota Ed. Bras.)

(1) A autora não conhecia, é natural, os resultados das pesquisas de Cleve Backster sobre a sensibilidade das plantas. Veja-se a nota de rodapé no Cap. VII, sobre Reencarnação, a respeito desse pesquisador. (Nota Ed. Bras.).

(1) Bhagavad-Gita, VI, 34 (Nota Ed. Ingl.).

(1) Bhagavad-Gita, ii, 59 (Nota Ed. Ingl.).

(1) Para maior desenvolvimento do assunto sugerimos o estudo do livro “Aos Pés do Mestre”, de J.Krishnamurti, editado pela Editora Teosófica.

(1) O hindu chama a este grau *Pari-vrajaka*, o andarilho; o budista o chama *Srotapatti*, o que já entrou na corrente. Estes nomes designam o discípulo entre a primeira e segunda Iniciação. (Nota Ed. Ingl.).

No original está “the houseless man”. Em textos budistas encontramos “homelessness”, isto é, viver sem um lar, ou seja, sem a segurança de um abrigo psicológico (Nota Ed. Bras.).

(2) A propósito, referimo-nos à frase budista “a vida é uma ponte; cruze-a, mas não

construa nela uma casa”, extraída do livro “O Budismo e o caminho da Vida”, de Christmas Humphreys, cap. 4, p. 32, Editora Cultrix. (Nota Ed. Bras.)

(1) O chela no segundo estágio da Senda é para o hindu o “Kutichaka”, aquele que constrói um abrigo, ele atingiu um lugar de paz. O budista o chama “Sakridagamin”, aquele que renascerá apenas mais uma vez. (Nota Ed. Ingl.)

(2) Em termos hindus, Hamsa é aquele que percebe como realidade a frase “Eu sou Aquilo”. Para os budistas, é o “Anagamin”, o que não renasce mais.

(3) O hindu denomina Paramahamsa aquele que está além do eu; o budista lhe dá o nome de Arhat, o venerável.

(4) Ahamkara, geralmente sob o nome de Mana, o orgulho, porque o orgulho é a manifestação mais sutil do eu em sua separatividade.

(1) Avidya, a primeira e a última das ilusões, que vê os mundos separadamente, o primeiro dos Nidanas e que se desfaz quando a libertação é atingida.

(2) Jivanmukta, a vida liberta dos hindus; o Asekha, aquele que não tem mais nada que aprender, dos budistas. (Nota da Ed. Ingl.)

(1) A Doutrina Secreta, vol. 1 (Nota Ed. Ingl.).

(1) Mundakopanishad, II, ii, 10 (Nota Ed. Ingl.)

(2) A Doutrina Secreta, vol. I (Nota Ed. Ingl.)

(3) A Doutrina Secreta, vol. I (Nota Ed. Ingl.)

(1) Veja-se no Cap. 1, “O plano Físico”, a explicação sobre a evolução da matéria. (Nota Ed. Ingl.)

(1) A Doutrina Secreta, Vol. I, (Nota Ed. Ingl.)

(2) idem

(3) idem. É importante notar que o mundo arquetípico não é o mundo como existia na mente do Logos planetário, mas o primeiro modelo elaborado.

(4) Doutrina Secreta, Vol. I

(1) *Recebem o nome de manvântaras (Nota Ed. Ingl.)*

(2) *O Sr. Sinnett chama estas de “sete esquemas de evolução” (idem)*

(3) *A Doutrina Secreta, Vol. I.*

(1) *Esse período recebe o nome de pralaya (Nota Ed. Ingl.)*

(2) *Veja-se o Glossário Teosófico, de H.P.B., no verbete Laya. (Nota Ed. Bras.)*

(1) *A Doutrina Secreta, Vol. V, “Os Escritos Esotéricos de H.P. Blavatsky. (Nota Ed. Ingl.).*

(2) *H.P. Blavatsky, em A Doutrina Secreta, Vol. I, não inclui aqueles que o Sr. Sinnett chama os Pitris de primeira e segunda categorias nas Mônadas que provêm da cadeia lunar. Considera-os à parte, como “Homens”, como Dhyan Chohans.*

(1) *As Estâncias de Dzyan, 3, 13. Doutrina Secreta, Vol II (Nota Ed. Ingl.).*

(2) *Manasaputra: uma vasta hierarquia de Inteligêncisa auto-conscientes que abrange muitas ordens (nota idem. Veja-se o Glossário Teosófico, de H.P.B. (Nota Ed. Bras.)*